

VOLUME
XXXIV BOLETIM DO
N.º 1 **ARQUIVO DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

2021

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

1 2



9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO

Maria Cristina Vieira de Freitas

CONSELHO DE REDAÇÃO

Ana Maria Bandeira (AUC - amlb@ci.uc.pt)
Gracinda Guedes (AUC - gracinda.guedes@auc.uc.pt)
Ilídio Pereira (AUC - ilidiobp@ci.uc.pt)
José Pedro Paiva (FLUC - leipaiva@fl.uc.pt)
Leontina Ventura (FLUC - leventura@sapo.pt)
Maria Cristina Vieira de Freitas (FLUC - cristina.freitas@fl.uc.pt)

COORDENAÇÃO

Gracinda Maria Ferreira Guedes

CONSELHO EXTERNO DE CONSULTORES

Abel Rodrigues (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - abel.roiz@gmail.com)
Agustín Vivas Moreno (Univ. de Extremadura, Cáceres, Espanha - avivas@alcazaba.unex.es)
Ana Célia Rodrigues (Univ. Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil - anyrodrigues@yahoo.com.br)
Ana Isabel Lopez Salazar (Univ. Complutense de Madrid, Espanha - alopezsalazar@hotmail.com)
Ana Isabel Ribeiro (Univ. Coimbra, Portugal - aribeiro@fl.uc.pt)
António Resende de Oliveira (Univ. de Coimbra, Portugal - aresendeo@gmail.com)
Bernard Vincent (EHESS, Paris, França - bernard.vincent@ehess.fr)
Bernardo Vasconcelos e Sousa (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - bvses@fcsh.unl.pt)
Caio César Boschi (Pontifícia Univ. de Belo Horizonte, Brasil - caioboschi@hotmail.com)
Carlos Alberto Ávila Araújo (Univ. Federal de Minas Gerais, Brasil - carlosaraujofmg@gmail.com)
Carlos Guardado da Silva (Univ. de Lisboa, Portugal - carlosguardadodasilva@gmail.com)
Conceição Casanova (Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Portugal - mccasanova@museus.ulisboa.pt)
Dalila Rodrigues (Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, Portugal - dalilarodes@gmail.com)
Daniel Norte Giebels (Univ. de Coimbra, Portugal - danielgiebels@gmail.com)
Daniela Fernandes Gabriel (Câmara Municipal do Porto, Portugal - danielafernandes@cm-porto.pt)
Dunia Llanes Padrón (Univ. Havana, Cuba - duniallp@yahoo.es)
Evergton Sales Souza (Univ. Federal da Bahia, Brasil - evergtons@gmail.com)
Fátima Ó Ramos (Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Lisboa, Portugal - fatima.oramos@antt.dgarq.gov.pt)
Fátima Reis (Univ. Lisboa, Portugal - fatimareis@fl.ul.pt)
Fernanda Olival (Univ. de Évora, Portugal - fernanda.olival@gmail.com)
Fernanda Ribeiro (Univ. do Porto, Portugal - fribeiro.flup@gmail.com)
Fernando Taveira da Fonseca (Univ. de Coimbra, Portugal - fertaveira@gmail.com)
Gabriel Paquette (Univ. de Oregon, EUA - paquette@uoregon.edu)
Georgina Silva dos Santos (Univ. Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil - georginasantos@uol.com.br)
Geraldo Mártires Coelho (Univ. Federal do Pará, Brasil - gmartirescoelho@gmail.com)
Giuseppe Marocchi (Univ. de Oxford, Reino Unido - giuseppe.marocchi@gmail.com)
Guilhermina Mota (Univ. de Coimbra, Portugal - guimota@mail.telepac.pt)
Heloísa Bellotto (Univ. de São Paulo, Brasil - hbellotto@yahoo.com.br)
Hugo Ribeiro da Silva (Univ. de Coimbra, Portugal - hribeirodasilva@hotmail.com)
Inês Amorim (Univ. do Porto, Portugal - inesamorimflup@gmail.com)
Isabel Drumond Braga (Univ. de Lisboa, Portugal - isabeldrumondbraga@hotmail.com)
Isabel Vargues (Univ. de Coimbra, Portugal - ivargues@fl.uc.pt)
Jacqueline Herman (Univ. Estadual do Rio de Janeiro, Brasil - jacquehermann@uol.com.br)
Jaime Gouveia (Univ. Coimbra, Portugal - jaim.ricardo@gmail.com)
Jaime Reis (Univ. de Lisboa, Portugal - jaime.reis@ics.ul.pt)
Joana Antunes (Univ. Coimbra, Portugal - joana.filipa.antunes@gmail.com)
Joana Brites (Univ. Coimbra, Portugal - joanabrites@hotmail.com)
João José Alves Dias (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - joaualvesdias@gmail.com)
João Manuel Filipe Gouveia Monteiro (Univ. Coimbra, Portugal - joao.g.monteiro@uc.pt)
João Paulo Avelãs Nunes (Univ. Coimbra, Portugal - jpavelas@fl.uc.pt)
José Luis Bonal Zazo (Univ. Extremadura, Badajoz, Espanha - jlbonal@unex.es)
José Maria Jardim (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil - josemariajardim@yahoo.com.br)
José Miguel Sardica (Univ. Católica Portuguesa, Portugal - jsardica@fch.lisboa.ucp.pt)
José Murilo de Carvalho (Professor Emérito, Univ. Federal do Rio de Janeiro, Brasil - josemurilodecarvalho@gmail.com)
José Vicente Serrão (ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal - jose.serrao@iscte-iul.pt)
Judite Gonçalves de Freitas (Univ. Fernando Pessoa, Porto, Portugal - jfreitas@ufp.edu.pt)
Karen Racine (Univ. de Guelph, Toronto, Canadá - kracine@uoguelph.ca)
Laurinda Abreu (Univ. Évora, Portugal - laurinda.abreu@mail.telepac.pt)
Luciana Duranti (Univ. of British Columbia, Vancouver, Canada - luciana.duranti@ubc.ca)
Lucília Runa (Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Lisboa, Portugal - lucilia.runa@dglab.gov.pt)
Luís Carlos Amaral (Univ. do Porto, Portugal - lamaral@letras.up.pt)
Luís de Vasconcelos e Sá (Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Lisboa, Portugal - luis.sa@dglab.gov.pt)
Mafalda Soares da Cunha (Univ. de Évora, Portugal - msc@uevora.pt)
Manuel José de Sousa Barbosa (Univ. Lisboa, Portugal - menamanuel@sapo.pt)
Manuel Loff (Univ. Porto, Portugal - mloff@letras.up.pt)
Margarida Sobral Neto (Univ. de Coimbra, Portugal - marnet95@gmail.com)
Mária Antónia Lopes (Univ. Coimbra, Portugal - mafilopes@netvisao.pt)
Mária Beatriz Marques (Univ. Coimbra, Portugal - beatrizmarques35@gmail.com)
Mária de Lurdes Rosa (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - missi@oniduo.pt)
Mária do Rosário Morujão (Univ. Coimbra, Portugal - mrbmorujao@uc.pt)
Mária Izilda Santos de Matos (Pontifícia Univ. Católica de São Paulo, Brasil - mismatos@puccsp.br)
Mária José Azevedo Santos (Univ. Coimbra, Portugal - mazevedo_santos@yahoo.com)
Mária Manuel Borges (Univ. Coimbra, Portugal - mmborges@gmail.com)
Mária Manuela Azevedo Pinto (Univ. do Porto, Portugal - mmpinto@letras.up.pt)
Mária Manuela Moro Cabero (Univ. Salamanca, Espanha - moroca@usal.es)
Marta Maria Lobo de Araújo (Univ. Minho, Portugal - martalobo@ics.uminho.pt)
Nuno Rosmaninho (Univ. Aveiro, Portugal - rosmaninho@ua.pt)
Patrícia Souza de Faria (Univ. Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil - patricia@carvano.com.br)
Paulo Batista (Univ. Évora, Portugal - pjmb@uevora.pt)
Pedro Lains (Univ. Lisboa, Portugal - pedro.lains@ics.ulisboa.pt)
Pedro López Gómez (Univ. da A Coruña, Espanha - plogo@telefonica.net)
Rui Cascão (Univ. de Coimbra, Portugal - rafcascao@gmail.com)
Rui Cunha Martins (Univ. de Coimbra, Portugal - rcmartin@ci.uc.pt)
Sandra Costa Saldanha (Univ. Coimbra, Portugal - sandrasaldanha@netcabo.pt)
Sandra Vaz Costa (Direção-Geral do Património Cultural, Portugal - cvcosta@dgpcc.pt)
Saul António Gomes (Univ. Coimbra, Portugal - sagcs@fl.uc.pt)
Tamar Herzog (Univ. Harvard, USA - therzog@jas.harvard.edu)

VOLUME
XXXIV
N.º 1

BOLETIM DO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

INFOGRAFIA

Imprensa da Universidade de Coimbra

ISSN

0872-5632

2182-7974

DOI DA REVISTA

<https://doi.org/10.14195/2182-7974>

DOI DO VOLUME

https://doi.org/10.14195/2182-7974_34_1

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA

Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra

Arquivo da Universidade de Coimbra

Rua de S. Pedro, 2, 3000-370 Coimbra, Portugal

URL: <http://www.uc.pt/auc>

Os artigos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

© Arquivo da Universidade de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra

ÍNDICES INTERNACIONAIS

WEB OF SCIENCE® Scopus® DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS MIAR



Sumário

NOTA DE APRESENTAÇÃO	7
-----------------------------------	---

INSTRUMENTOS DE PESQUISA ARQUIVÍSTICA

O arquivo de Marie-Louise Bastin: descrição do acervo	13
Anabela Costa; Liliana Isabel Esteves Gomes; Ana Luisa Santos	

ESTUDOS

Um olhar sobre o cartório medieval da câmara de Elvas (com transcrição integral do livro de receitas e despesas municipal de 1432-33)	43
Joana Sequeira; Sérgio Ferreira	

Literatura Novilatina na Recepção ao Novo Bispo de Coimbra D. Afonso Furtado de Mendonça no Colégio dos Jesuítas	85
António Guimarães Pinto	

Cartas de emigrantes: outra visão da emigração no distrito de Coimbra para o Brasil (1916)	201
Mário Jorge Martinho da Costa	

RECENSÕES CRÍTICAS

DURAN, M. R. da C. (Org.). (2012) – <i>Triunfos da Eloquência: Sermões reunidos e comentados: 1656 a 1864</i> . Niterói: Editora da UFF, 173 p. ...	245
Carlos Guardado da Silva	

Nota de Apresentação

Prof. Doutora Maria Cristina Vieira de Freitas
Diretora do Arquivo da Universidade de Coimbra

No preciso momento em que se prepara a publicação de mais um número (e volume) do Boletim do Arquivo da Universidade, dois eventos que, para nós, se revestem de grande expressão, merecem ser partilhados com o leitor e a leitora.

O primeiro, refere-se à recente divulgação de mais um *ranking* do prestigiado *Scimago Ranking Journal (SRJ)*, do qual constam, pela ordem, as 18 revistas ibero-americanas indexadas na área das *Social Sciences*, na categoria *Library & information Sciences*¹ em 2020. Neste ranking regional, cujos dados mais atualizados se reportam sempre ao ano imediatamente anterior, e pelo quarto ano consecutivo, o BAUC se faz presente. É de realçar que é a única revista científica portuguesa, classificada na área de Ciência da Informação, que aparece mencionada ao lado de outras publicações líderes, provenientes de países como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Espanha e México. Figurar neste *ranking* é, por si, um feito (coletivo). Nele permanecer, será um repto (coletivo) a enfrentar, no difícil e competitivo meio em que se converteu a indústria editorial, num território agora povoado, nas palavras de Jim Gray, pelo “quarto paradigma”.

Nas diversas áreas do saber, as revistas serão os meios imprescindíveis e privilegiados de divulgação e acesso à informação científica. Noutra oportunidade, assinalamos que a ciência contemporânea requer ferramentas que facultem a sua disseminação, para que cumpra com as suas funções de certificação e de atualização do conhecimento. De igual modo, ponderamos sobre as potencialidades do acesso aberto e sobre o papel

¹ Dados acessíveis em: <https://www.scimagojr.com/journalrank.php?category=3309&area=3300&country=IBEROAMERICA&type=j>. Na área das *Arts and Humanities*, na categoria *Conservation*, também se regista a presença do BAUC. Dados consultáveis em: <https://www.scimagojr.com/journalrank.php?category=1206&area=1200&country=IBEROAMERICA>

que desempenham as revistas científicas nesse jogo, bem como sobre a visibilidade e a qualidade, sendo estas variáveis que, em presença ou ausência, funcionam, respetivamente, como uma oportunidade ou como um entrave nessa pesada alavanca que eleva ou reduz constantemente o prestígio das publicações científicas².

A visibilidade das revistas, que de algum modo, ainda que não direto, expressa a sua qualidade, contribui para atrair públicos e pesquisadores/as, reunindo-os/as em torno de interesses e de objetivos comuns. Num tal contexto, manter os níveis e padrões de qualidade, conforme se calcula, já que nos encontramos no domínio das métricas, não é empresa de execução especialmente fácil. Porquanto, estar no prestigiado *ranking* do *Scimago Journal & Country Rannking (SJR)* acresce a responsabilidade e aumenta o desafio.

O segundo evento que a nosso parecer merece ser partilhado, pela proximidade, é a Semana Internacional dos Arquivos que, neste ano de 2021, celebrar-se-á entre os dias 7 e 11, como habitualmente, no mês de junho. O tema escolhido pelo Conselho Internacional dos Arquivos (CIA/ICA) para o presente ano (2021) – “*Empowering Archives*”³ – vem no seguimento do ano anterior (2020). Ainda, sob o impacto da COVID-19 e tendo como repto o Plano Estratégico 2021-2024 do CIA/ICA, pretende-se refletir sobre as diferentes formas de “empoderar” os Arquivos na sociedade, bem como as suas consequências.

Se os arquivos são essas lentes “poderosas” que nos permitem olhar para o passado e para o presente das nossas sociedades, cumpre-nos o dever de lhes proporcionar as condições para que ampliem o seu alcance, a sua expressão e a sua visibilidade na sociedade. “Empoderar” os Arquivos será, por outras palavras, conceder-lhes a devida autonomia no desempenho das suas missões (porque sem a autonomia e a liberdade não pode haver o “empoderamento”) e a justa oportunidade, para que possam trabalhar com os meios e os recursos adequados e assim produzir os resultados esperados pela sociedade (e pelas comunidades que se encontram no seu raio de inserção).

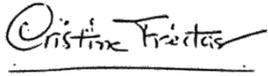
O “empoderamento” dos Arquivos passa pelo seu devido reconhecimento na – e pela – sociedade. Num tal sentido, se há um elo que une o tema da Semana Internacional dos Arquivos de 2021 e a presença do

² Texto em acesso aberto, disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/36482>

³ Consultável em: <https://www.ica.org/en/events-and-resources/international-archives-week-7-11-june-2021>

BAUC no Ranking SRJ de 2020, será precisamente esse: visibilidade. Tornar visível será, nesta lógica, uma forma de “empoderar”. “Empoderar” será uma conquista.

Com esta ideia, publica-se, no mês de junho, o mesmo em que se celebra mundialmente a Semana Internacional dos Arquivos, o primeiro número (e volume) do BAUC de 2021.


Cristine Freitas

Coimbra, 24/05/2021

Instrumentos de Pesquisa Arquivística

O arquivo de Marie-Louise Bastin: descrição do acervo¹

The archive of Marie-Louise Bastin: archival description

ANABELA COSTA

Técnica Superior de Arquivo

Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Província Portuguesa

anabelarocosta@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3659-8561>

LILIANA ISABEL ESTEVES GOMES

Professora Auxiliar Convidada

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

liliana.gomes@fl.uc.pt

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3786-2942>

ANA LUÍSA SANTOS

Professora Auxiliar com Agregação

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

alsantos@antrop.uc.pt

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6073-1532>

¹ A descrição arquivística é o resultado da organização e representação da informação (SILVA, 2006: 157), concretizada no âmbito do estudo científico deste arquivo, realizado por Anabela Costa como dissertação no Mestrado em Ciência da Informação; orientada pela Professora Doutora Liliana Isabel Esteves Gomes e coorientada pela Professora Doutora Ana Luísa Santos; apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O artigo que aqui se apresenta é uma versão mais focada e apresentada de modo funcional para os investigadores. A seleção do “Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra” foi a escolha óbvia pela importância da publicação e do seu contributo na divulgação dos acervos da Universidade de Coimbra. Para além destes aspetos, a descrição arquivística foi revista e atualizada.

Artigo entregue em: 8 de março de 2020
Artigo aprovado em: 13 de janeiro de 2021

RESUMO

Este artigo tem por objetivo dar a conhecer o arquivo de Marie-Louise Bastin (MLB), atualmente custodiado pelo Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e pelo Museu da Ciência da mesma universidade.

A prossecução do objetivo enunciado concretiza-se através de metodologia qualitativa, assente na revisão da literatura e num estudo de caso.

Sendo o arquivo um dos componentes deste Sistema de Informação, constituído também pela biblioteca e pela coleção etnográfica, apresenta-se como resultado a sua descrição arquivística normalizada. Conclui-se que o arquivo é o reflexo da atividade profissional de MLB, ao longo de mais de três décadas, enquanto docente e investigadora, nos domínios da História da Arte, Antropologia, Etnografia e, em particular, da arte e cultura Cokwe.

PALAVRAS-CHAVE: Marie-Louise Bastin; Sistema de Informação; Arquivo; Descrição Arquivística.

ABSTRACT

This article aims to present the Marie-Louise Bastin (MLB) archive, currently held by the Department of Life Sciences of the Faculty of Sciences and Technology of the University of Coimbra and by the Science Museum of the same university.

The stated objective is achieved through a qualitative methodology, based on a literature review and a case study.

Since the archive is one of the components of this Information System, which also integrates the library and the ethnographic collection, the respective standard archival description is presented as a result.

It is concluded that the archive results from the professional activity of MLB, for over three decades, as a teacher and researcher in the fields of Art History, Anthropology, Ethnography and, in particularly, Cokwe art and culture.

KEYWORDS: Marie-Louise Bastin; Information System; Archive; Archival Description.

Introdução

O estudo científico dos arquivos (SILVA *et al.*, 1999) é condição essencial para a sua organização e representação, sendo também determinante para o seu acesso, preservação e divulgação.

A investigação sobre arquivos pessoais é uma temática de particular interesse em Arquivística. O seu estudo científico e tratamento técnico permite conhecer aspetos relevantes da vida e atividade profissional dos seus produtores, nomeadamente a forma de pensar, de organizar e gerir informação/conhecimento. No que diz respeito aos arquivos de académicos, estes são também fontes de estudo, designadamente se disponibilizados aos investigadores.

Em Portugal, a prática de doação de arquivos de académicos a instituições de ensino é pontual; não existe nem uma política legislativa obrigatória nem uma tradição de incorporação de arquivos pessoais em instituições arquivísticas (RODRIGUES, 2018: 35). Mais escassa é na área da Antropologia, sendo apenas conhecidos o de Jill Dias (SILVA, 2011) e o de Marie-Louise Bastin (MLB), que aqui se apresenta.

MLB teve um percurso científico ímpar, sendo uma autora incontornável no estudo da arte africana, nomeadamente de arte *Cokwe* (Angola). O arquivo foi doado pela própria à Universidade de Coimbra (COSTA, 2019).

Atualmente o Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (DCV/FCTUC) e o Museu da Ciência (MCUC) são os responsáveis pela custódia e preservação daquele Sistema de Informação (SI). Os seus componentes tiveram um tratamento técnico diferenciado:

- i. O estudo, organização/representação e a disponibilização da biblioteca e da coleção etnográfica² à comunidade, foram contemporâneos à doação³;

² No “Relatório de auto-avaliação da licenciatura em Antropologia” (1998), uma nota refere a entrada de 27 «objectos etnográficos» (SANTOS *et al.*, 1998: 66).

³ “Composta por 1124 monografias e 115 publicações periódicas, a coleção bibliográfica de MLB foi integrada na Biblioteca do referido MLA/DAUC, estando acessível à comunidade científica e académica desde dezembro de 1996, data do catálogo impresso” que pode ser consultado na Biblioteca do DCV/FCTUC, “embora os seus dados tenham sido informatizados e disponibilizados no Sistema Integrado de Informação Bibliográfica da Universidade de Coimbra (SIIB/UC). De igual forma, os “27 objectos etnográficos” (SANTOS *et al.*, 1998: 66) foram integrados no MLA/DAUC, inventariados e musealizados no biénio de 1995-1996”, estando atualmente na reserva do MCUC, “tendo também os dados do seu inventário sido informatizados e disponibilizados (...)” (COSTA, GOMES & SANTOS, 2019: 205).

- ii. O estudo científico do arquivo foi iniciado no final do ano 2017 e concluído em 2019.

Este trabalho tem como objetivo contribuir para a divulgação do arquivo de MLB, cujo conteúdo informativo respeita à sua vida académica/científica, pelo que é fundamental apresentar a sua descrição arquivística normalizada.

Marie-Louise Bastin: a docente e investigadora

MLB nasceu em 1918, em Etterbeek (Bélgica), e faleceu no ano 2000, no Porto (Portugal). Foi docente, historiadora da arte e investigadora, especialista em arte e cultura *Cokwe*⁴.

O seu interesse pela arte africana (ARAÚJO, 1999: 209), germinou cedo, nas aulas e seminários que frequentou no Instituto Superior de Arquitetura e de Artes Visuais de La Cambre, Bruxelas, onde se diplomou em 1940 (UP-FL, 2000: 25).

Segundo Heusch (2003: 9), a “paixão” de MLB pela arte e cultura dos povos *Cokwe*⁵ surgiu influenciada e incentivada por Frans M. Olbrechts (1899-1958) quando este, em 1948, a convida para colaborar com o Museu Real da África Central, localizado em Tervuren (Bélgica).

Em 1956, MLB viajou para a região do Dundo (Angola) para estudar *in loco* a história e cultura dos povos *Cokwe* (PORTO, 2015: 140-141). O estágio realizado no Museu do Dundo culminou com a publicação, em 1961, da obra “Art Décoratif Tshokwe”, cuja edição portuguesa data de 2010 (AREIA, 2010: 3).

Doutorou-se em História da Arte e Arqueologia na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Livre de Bruxelas, em 1973, com a tese “La sculpture Tshokwe: essai iconographique et stylistique”. Foi investigadora de arte africana nessa instituição (1969-1972), assistente do Professor Luc de Heusch⁶ e aí fez a sua carreira académica (1969-1989).

⁴ Neste artigo usa-se a grafia contemporânea, *Cokwe*, em detrimento das ditas “coloniais”, *Quioco* e *Tshokwe*, ou da proposta pela Trienal de Luanda (dezembro de 2006 – março de 2007), *Tchokwé* (PORTO, 2015: 140).

⁵ “Os *Cokwe* são povos de tradição matrilinear que se impuseram como guerreiros e comerciantes, sobretudo de marfim, na região nordeste de Angola, de onde se deslocaram para leste, fixando-se em territórios da atual República Democrática do Congo e da Zâmbia, e para sul, entre a região do Cunene e do Cuanhama em Angola, aquando do avanço colonizador português e belga. Para um conhecimento mais aprofundado da história e cultura destes povos veja-se Dias (2003) e Bastin (2010)” (COSTA, 2019: 28).

⁶ Antropólogo, cineasta e escritor (1927-2012).

Realizou, nas décadas de 1960 a 1980⁷, pesquisa sobre arte *Cokwe*, nomeadamente no Museu do Dundo, em museus europeus e americanos, e em coleções etnográficas – Lisboa, Porto e Coimbra.

Após a aposentação da carreira académica, em 1989, MLB continuou a participar em eventos científicos, a publicar trabalhos e a “comissariar exposições, como a que esteve patente no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa (...), por ocasião da iniciativa “Lisboa, Capital Europeia da Cultura”, entre 3 de março e 30 de setembro de 1994” (COSTA, 2019: 32).

No que respeita ao SI (SILVA, 2006), a intenção inicial de MLB era fazer a sua doação a uma entidade angolana:

“(…) claramente impulsionada por aquilo que Viegas designou, citando Robert Leopold (2008), devolução do trabalho do antropólogo aos seus interlocutores «[...] o que pode significar em muitos casos [...] o interesse de native researchers consultarem esses materiais para fins diversos, que vão das suas próprias teses académicas ao papel que certo tipo de material etnográfico pode desempenhar na defesa legítima de direitos sociais» (2016, p. 112), dada a instabilidade política a social que Angola atravessava à época, em 1995, MLB optou por fazer a doação ao MLA/DAUC, manifestando interesse para que aquele fosse disponibilizado, sobretudo, à comunidade académica e científica de origem angolana” (COSTA, 2019: 34).

Ora, em 1995, MLB concretizou a doação do seu SI, constituído por informação arquivística, biblioteconómica e museológica (GOMES, 2016), ao Museu e Laboratório Antropológico/Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (MLA/DAUC):

“Après vous légué toutes mes archives personnelles [...] concernant mes recherches ethnographiques et muséographiques, entreprises dès 1956 sur les arts, les coutumes et l’histoire des populations d’Angola [...], j’ai l’intention de léguer à ce même Instituto de Antropologia, de l’Université de Coimbra, toute ma bibliothèque (livres spécialisés, livres d’art et revues), datant de débuts des

⁷ “Entre 1961 e 1971, MLB consolida a sua posição de historiadora e investigadora especializada em História e Cultura *Cokwe*, estudando os objetos das coleções etnográficas de alguns dos maiores museus do mundo, assim como de inúmeras coleções privadas.” Para informação detalhada sobre as instituições e coleções estudadas ver Costa (2019: 30-31).

recherches anthropologiques et esthétiques, relatives à l'Afrique noire en générale.

Cette bibliothèque, - commencée en 1948, - s'est enrichie régulièrement jusqu'à nos jours [...]” (Cópia da carta enviada por MLB ao diretor do MLA/DAUC, Arquivo MLB).

Como referido, o estudo e tratamento da biblioteca e coleção etnográfica do SI de MLB foram contemporâneos à doação. Contudo, o arquivo permaneceu acondicionado nas respetivas caixas, respeitando a vontade da sua produtora, que expressou o desejo de o tratar em conjunto com os técnicos do MLA/DAUC, como comprovam as anotações manuscritas nas unidades de instalação (COSTA, 2019: 36).

Não tendo sido possível a MLB concretizar a sua intenção, o estudo científico do seu arquivo ficou concluído em 2019, apresentando-se, seguidamente, a sua descrição arquivística normalizada, de acordo com a *ISAD (G): Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística* (CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 2002) e as *ODA – Orientações para a descrição arquivística* (DIREÇÃO GERAL DE ARQUIVOS, 2007).

Descrição arquivística: inventário

F: Marie-Louise Bastin

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB

Datas: 1940-1990

Nível de descrição: Fundo

Dimensão e suporte: c. 920 u. i.; papel, papel fotográfico, papel vegetal, papel de jornal, película fotográfica, discos compactos, discos de vinil.

Zona do contexto

Nome do produtor: Marie-Louise Bastin

História biográfica: Marie-Louise Bastin (MLB) nasceu a 30 de novembro de 1918, em Etterbeek, Bélgica, e faleceu a 20 de março de 2000, no Porto, Portugal.

Em 1940, obtém o diploma do Instituto Superior de Arquitetura e de Artes Visuais de La Cambre, Bruxelas, Bélgica.

Entre 1948 e 1973 foi funcionária e/ou colaboradora científica no Museu Real da África Central, Tervuren, Bélgica e, de 27 de abril a 4 de outubro de 1956 realizou um estágio no Museu do Dundo, Angola, com o propósito de estudar a arte *Cokwe* da coleção de etnografia.

Em 1961 publica a obra “Art Décoratif Tshokwe”. Nesse mesmo ano e até 1971 estuda as obras de arte *Cokwe* em vários museus e instituições públicas e privadas de todo o mundo.

No ano 1966 licencia-se em História da Arte e Arqueologia, na Subsecção de Artes Não Europeias da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Livre de Bruxelas, Bélgica. Entre 1972 e 1983 foi assistente de Luc de Heusch na referida universidade, onde, em 1973, de doutorou com a tese intitulada “La sculpture Tshokwe: essai iconographique et stylistique”.

No período compreendido entre outubro de 1978 e outubro de 1989, ano em que se aposentou da carreira académica, foi *chargé de cours* na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Livre de Bruxelas.

A 28 de junho de 1999 é agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Ao longo da sua vida, MLB foi historiadora e investigadora da Arte e Cultura *Cokwe*, colaboradora do Museu Real da África Central de Tervuren, docente na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Livre de Bruxelas, comissária de exposições de arte africana, avaliadora e especialista de arte.

História custodial e arquivística: O arquivo manteve-se na posse de MLB até 1995. Atualmente, é custodiado pelo DCV/FCTUC e MCUC.

Fonte imediata de aquisição ou transferência: Doação de MLB, em novembro de 1995, ao MLA/DAUC.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Contém, maioritariamente, documentação avulsa, originais e cópias manuscritas, dactilografadas e impressas, com informação sobre História, Arte, Antropologia e Etnologia, centrada na cultura africana e, em particular na cultura *Cokwe*.

Apresenta notas e apontamentos de pesquisa, assim como análise e crítica de publicações de diversos autores, nomeadamente: Alexander Lopasic, Beatrix Heintze, Bruno Piçon, Carlos Estermann, Carlos Lopes Cardoso, Daniel Barreteau, Ezio Bassani, Gerhard Kubik, Guy Atkins, João de Almeida Santos, John Donne, Louis Jadin, Max Bucher, Manuel Viegas Guerreiro, Mulinda Habi Buganza, Paul Borchard, Roma Mildner-Spindler, Zdenka Volacka, entre outros.

Inclui correspondência trocada com alguns dos referidos autores, assim como com várias instituições, das quais se destacam: as casas leiloeiras

Christie's (Reino Unido) e Sotheby's (EUA), o Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (Portugal), o Museu Britânico, Londres (Reino Unido), o Museu do Congo Belga, Tervuren (Bélgica), o Museu Field, Chicago (EUA) e a Sociedade de Geografia de Lisboa (Portugal).

Compreende cópias e rascunhos de artigos de MLB, destacando-se "Tshibinda Ilunga: à propos d'une statuette de chasseur ramenée par Otto H. Schütt en 1880" (1965), "L'art de Afrique noire et la Belgique" (1980), "Quelques oeuvres Tshokwe: une perspective historique" (1981) e "Musical Instruments, Songs and Dances of the Cokwe" (1992).

Agrega material compilado, a saber: correspondência, listas e fichas bibliográficas, notas e apontamentos de pesquisa e fotografias, utilizados na obra "Art Décoratif Tshokwe" (1961), assim como no doutoramento, onde se inclui a respetiva tese, "La sculpture Tshokwe: essai iconographique et stylistique" (1973).

Reúne o material utilizado por MLB em diversos congressos, seminários e colóquios, nomeadamente: o "Congres International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques" que teve lugar em Bruxelas (Bélgica) em 1947, o seminário "Povos e Culturas de África" realizado no Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (Portugal) de 11 a 18 de maio de 1989, o "1.er. Colloque Européen sur les Arts d'Afrique Noire: de L'Art Nègre à l'Art Africain: l'Évolution de la Connaissance de l'Art Africain des Années Trente à Aujourd'hui" realizado no Museu Nacional das Artes Africanas e Oceânicas, Paris (França), nos dias 10 e 11 de março de 1990.

Integra material compilado e utilizado na preparação e organização de exposições comissariadas por MLB, onde sobressaem: a "Escultura em Angola" patente, de 3 de março a 30 de setembro de 1994, no Museu Nacional de Etnologia, Lisboa (Portugal), no âmbito da iniciativa "Lisboa, Capital Europeia da Cultura" – exposição que migrou até ao Museu de Etnografia de Antuérpia (Bélgica) onde permaneceu entre 29 de abril e 14 de agosto de 1995 – e a exposição "Trésors cachés du Musée de Tervuren", ali patente de 11 de maio a 26 de novembro de 1995.

Guarda iconografia, entre fotografia, negativos fotográficos, diapositivos e postais ilustrados, cerca de 10000 itens reunidos por MLB enquanto especialista e investigadora da História e Cultura Cokwe, assim como fichas museológicas, material que lhe servia de apoio e ao qual recorria frequentemente para fundamentar e ilustrar publicações, exposições e avaliações de obras de arte.

Sistema de organização: Elaboração de Quadro de Classificação. A organização do fundo obedeceu à natureza dos documentos, agrupados em

5 secções: Avaliação de obras de arte, Comissariado de exposições, Estudo/ investigação, Participação em eventos científicos e Publicações. Dentro destas, as séries encontram-se ordenadas alfabeticamente, tendo-se mantido a organização temática, originariamente dada por MLB, no que às unidades de instalação diz respeito.

Zona das condições de acesso e utilização

Condições de acesso: Documentação sujeita a autorização para consulta.

Condições de reprodução: Reprodução sujeita a autorização e avaliação do tipo de documento, seu estado de conservação e fim a que se destina a reprodução do mesmo.

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português, espanhol, italiano, norueguês(?), *cokwe* e caracteres chineses.

Caraterísticas físicas e requisitos técnicos: A documentação encontra-se, globalmente, em razoável estado de conservação. Apresenta informação registada em discos compactos e de vinil, passíveis de leitura através de leitores de discos compactos e de discos de vinil de 45 rotações, respetivamente.

Instrumentos de descrição: Foi elaborado o recenseamento da documentação (disponível em ficheiro Excel no DCV/FCTUC), o quadro de classificação, guia e inventário (COSTA, 2019).

Zona da documentação associada

Unidades de descrição relacionadas:

(relação complementar): Portugal, Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Arquivo Diamang.

Nota de publicação:

BASTIN, Marie-Louise – Art décoratif Tshokwe. Lisboa: Publicações culturais da DIAMANG, n.º 55, 1961. 2 vol.

Arte decorativa Cokwe. [s.l.]: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, Secção de Antropologia do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra, 2010. 2 vol.

Introduction aux Arts d’Afrique Noire. Arnouville: Ed. Arts d’Afrique Noire, 1984.

Escultura Angolana. Memorial de culturas. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Lisboa’94 Capital Europeia da Cultura, 1994.

La Sculpture Anglaise. Mémorial de cultures. Tradução de António Enes Ramos. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Lisboa’94 Capital Europeia da Cultura, 1994.

De Sculpture van Angola. Tradução de Hilde Pauwels. Antuérpia: Etnografisch Museum, Electa, 1995.

La Sculpture Tshokwe. Meudon. Meudon: [s. n], 1982.

Statuette Tshokwe du héros civilisateur "Tshibinda Ilunga". Arnouville: Collection Arts d'Áfrique noire, 1978.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação "datas": o intervalo de tempo apresentado corresponde às datas de produção e acumulação da documentação. A informação contida nos documentos respeita aos séculos XIX e XX.

Nota ao elemento de informação "unidades de descrição relacionadas": indicam-se somente as unidades de descrição diretamente relacionadas com a presente unidade, embora se considere que todas as instituições com as quais MLB colaborou e contactou se possam constituir como possíveis unidades de descrição relacionadas, todavia, não é, por enquanto, possível elencá-las.

Nota ao elemento de informação "nota de publicação": das publicações que se baseiam na utilização da unidade de descrição, são somente indicadas as da autoria de MLB, e elencam-se apenas as monografias de autoria individual. Para informações mais detalhadas sobre outras publicações, que se baseiam na utilização da unidade de descrição, veja-se: JORGE, Vítor de Oliveira – Homenagem a Marie-Louise Bastin. Trabalhos de antropologia e etnologia: revista inter e transdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X. 38: 3-4 (1998), 13-19.

Zona do controlo da descrição

Nota do arquivista: Descrição elaborada por Anabela Costa.

No que diz respeito aos elementos de informação "História biográfica" e "Âmbito e conteúdo", para além da análise da documentação foram consultadas as seguintes obras:

ARAÚJO, Henrique Gomes – Marie-Louise, «Uma Tshokwe que se ignora»? Educação, sociedade & cultura. Porto: Edições Afrontamento, 1999. ISSN: 0872-7643. 12, 205-211.

UNIVERSIDADE DO PORTO. Faculdade de Letras (Ed.) – Doutoramento Honoris Causa da Prof.^a Doutora Marie-Louise Bastin. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000. ISBN: 972-9350-45-0.

Regras ou convenções:

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS; TRAD. GRUPO DE TRABALHO PARA A NORMALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO EM ARQUIVO – ISAD(G): Norma Geral

Internacional de Descrição Arquivística: adoptada pelo Comité de Normas de Descrição, Estocolmo: Suécia, 19-22 de Setembro de 1999. 2.^a ed. Lisboa: IAN/TT, 2002.

DIREÇÃO GERAL DE ARQUIVOS; PROGRAMA DE NORMALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO EM ARQUIVO; GRUPO DE TRABALHO DE NORMALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO EM ARQUIVO – Orientações para a descrição arquivística. 2.^a v. Lisboa: DGARQ, 2007.

NP 405-1. 1994, Informação e Documentação – Referências bibliográficas: documentos impressos. Lisboa: IPQ; CT7.

Data da descrição: maio de 2018, revista em maio de 2019, atualizada em novembro 2020.

SC: AVALIAÇÃO DE OBRAS DE ARTE

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/A

Datas: 1940-1990

Nível de descrição: Secção

Dimensão e suporte: c. 36 u. i. (34 cap., 1 liv., 1 pt.); papel, papel fotográfico.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Contém documentação/informação produzida e recebida por MLB enquanto avaliadora e especialista em arte africana, concretamente em arte *Cokwe*.

Sistema de organização: A secção é constituída pela série “Correspondência”.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: CORRESPONDÊNCIA

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/A/01

Datas: 1940-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 36 u. i. (34 cap., 1 liv., 1 pt.); papel, papel fotográfico.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Correspondência enviada a MLB por diversas entidades, das quais se destacam, a Christie's e a Grosvenor House, sediadas em Londres (Reino Unido), a Sotheby Parke & Co. e Sotheby's, ambas sediadas em Nova Iorque (EUA). Apresenta, entre outras tipologias documentais, cartas e bilhetes, aos quais, na maioria das vezes, se encontram anexados catálogos, fotografias, preçários de obras de arte, desdobráveis e panfletos de divulgação de leilões e feiras de arte.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação "título": título atribuído.

SC: COMISSARIADO DE EXPOSIÇÕES

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/B

Datas: 1960-1990

Nível de descrição: Secção

Dimensão e suporte: c. 30 u. i. (15 doc., 6 pt., 4 doss., 3 env., 1 liv., 1 mç.); papel, papel fotográfico, película fotográfica.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Contém documentação/informação produzida e recebida por MLB enquanto comissária de exposições de arte africana, maioritariamente arte *Cokwe*.

Sistema de organização: A secção é constituída pela série "Preparação e organização".

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: PREPARAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/B/01

Datas: 1960-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 30 u. i. (15 doc., 6 pt., 4 doss., 3 env., 1 liv., 1 mc.); papel, papel fotográfico, película fotográfica.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Documentação relativa à exposição “Escultura em Angola” realizada, de 3 de março a 30 de setembro de 1994, no Museu Nacional de Etnologia, Lisboa (Portugal) no âmbito da iniciativa “Lisboa, Capital Europeia da Cultura”. Esta exposição esteve também patente no Museu de Etnografia de Antuérpia (Bélgica), entre 29 de abril e 14 de agosto de 1995. Documentação relativa à exposição “Trésors cachés do Musée de Tervuren” que teve lugar, entre 11 de maio e 26 de novembro de 1995, no Museu Real da África Central, Tervuren (Bélgica).

Reúne originais e cópias de obras e artigos de vários autores, nomeadamente, Alexandre Lopasic, John W. Weeks, Manuel Viegas Guerreiro, Max Bucher, Mulinda Habi Buganza, René Devisch, Rik Ceyskens, Roma Mildner-Spindler, muitas vezes acompanhadas por notas, apontamentos de pesquisa e a análise crítica de MLB.

Compreende correspondência trocada entre MLB e alguns dos referidos autores, assim como com várias instituições, das quais se destacam a Embaixada de Portugal na Bélgica, o Museu do Congo Belga, Tervuren (Bélgica), o Museu e Laboratório Antropológico/Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (Portugal) e o Museu Field, Chicago (EUA), assim como com as comissões organizadoras das respetivas exposições.

Integra fotografias e negativos fotográficos, fotocópias de fichas museológicas, listas bibliográficas e catálogos de publicações, inventários e listas de objetos selecionados relativas a objetos pertencentes às coleções da Casa Museu Teixeira Lopes, Vila Nova de Gaia (Portugal), do Museu do Congo Belga, Tervuren (Bélgica), do Museu do Dundo (Angola), do Museu de Etnologia, Lisboa (Portugal), do Museu Field, Chicago (EUA), do Museu e Laboratório

Antropológico da Universidade de Coimbra (Portugal), do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (Portugal), do Museu Real da África Central, Tervuren (Bélgica), entre outros.

Contém originais e cópias de partes de publicações periódicas noticiando as referidas exposições.

Comporta fotografias de objetos de arte africana selecionados para integrarem uma exposição sobre os Ovimbundo, que não se chegou a realizar.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação "título": título atribuído.

SC: ESTUDO/INVESTIGAÇÃO

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C

Datas: 1940-1990

Nível de descrição: Secção

Dimensão e suporte: c. 693 u. i. (415 cap., 125 cx., 43 pt., 29 doss., 25 disc. comp., 22 env., 20 gav., 3 liv., 3 mic., 2 cad., 2 doc., 1 fragm., 1 mç., 1 rol.); papel, papel fotográfico, película fotográfica, cartão, discos compactos.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Contém documentação/informação produzida e recebida por MLB enquanto investigadora da História, Arte e Cultura africana, mais concretamente da cultura *Cokwe*.

Sistema de organização: A secção é constituída por 7 séries, a saber: Análise e crítica de publicações, Correspondência, Doutoramento, Fichas bibliográficas, Fichas museológicas, Iconografia e Notas e apontamentos de pesquisa, ordenadas alfabeticamente.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português, espanhol, *cokwe*, italiano, jugoslavo(?), polaco(?), caracteres chineses.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: ANÁLISE E CRÍTICA DE PUBLICAÇÕES

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C/01

Datas: 1940-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 116 u. i. (99 cap., 7 pt., 3 cx., 1 cad., 1 doc., 1 doss., 1 fragm., 1 liv., 1 mic.); papel, papel fotográfico, película fotográfica, discos de vinil.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Originais e cópias de publicações de diversos autores, nomeadamente: Alfred Havenstein, Alphonse-Marie Mbwaki, André Cogulentes, Angelika Rumpf, B. Holas, E. H. Gombrich, Eduardo dos Santos, F. Allen Roberts, Jan Vansina, Jean Lacroix, Jorge Dias, Luc de Heusch, Margot Dias, P. Standley Yoder, Paolo Toshi, Paul André Vridagh, Pierre Ollivier, Rachel Freetz-Yoder.

Compreende notas, resumos e resenhas críticas das referidas publicações, assim como de catálogos e monografias gerais, das quais se destacam: “Breve Notícia do Museu do Dundo, Catálogo da Exposição de Miniaturas Angolanas” e o catálogo da exposição e leilão “Sculptures et Objets d’Art: Afrique – Océanie – Amérique”.

Integra fragmentos de publicações periódicas com artigos e notícias sobre Arte, História, Antropologia e Cultura africanas, com especial incidência para o jornal “Le Monde”, mas também os jornais “Expresso” e “The Times” e a revista “Telémoustique”.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português, espanhol, *cokwe*.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

Nota ao elemento de informação “datas”: apresenta informação desde finais do século XIX.

SR: CORRESPONDÊNCIA

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C/02

Datas: 1940-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 217 u. i. (188 cap., 27 pt., 1 cx., 1 mic.); papel, papel fotográfico, película fotográfica.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Originais e cópias de correspondência trocada com várias entidades e indivíduos, nomeadamente: André Vrydagh; Allain Chaffin; Carol Kaufmann; Companhia de Diamantes de Angola; Centro de Arte de De Moines (EUA); David Bernardino; Embaixada de Angola em Bruxelas (Bélgica); Ernesto Veiga de Oliveira; Galeria Majestic, Paris (França); Hildegard Klein; Instituto de Altos Estudos da Bélgica; Instituto Smithsonian, Washington (EUA); Louis Strycher; Maria das Dores Cruz; Mins Dich; Monique Lévi-Stauss; Muaceto Elias; Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris (França); Museu de Arte de Nova Orleães (EUA); Museu de Arte Primitiva de Nova Iorque (EUA); Museu Atlante, Auckland (Nova Zelândia); Museu de Belas Artes de São Francisco (EUA); Museu Barbier-Muller, Genebra (Suíça); Museu da Civilização, Québec (Canadá); Museu do Dundo (Angola), Museu Etnográfico de Zagreb (Jugoslávia); Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque (EUA); Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz (Portugal); Museu Nacional de Estocolmo (Suécia); Nange Kudita; Museu Nacional do Zaire; Phyllis Platter; Real Instituto Antropológico da Grã-Bretanha e da Irlanda, Londres (Reino Unido); Roma Mildner-Spindler; Secretaria de Estado da Cultura de Angola; Sociedade de Geografia de Lisboa (Portugal); Universidade de Oslo (Noruega).

Compreende fotografias, diapositivos, negativos fotográficos, publicações e fragmentos de publicações periódicas anexas à referida correspondência.

Integra panfletos e convites para várias atividades entre as quais, a apresentação da obra de Nadine Orloff "Les Peintures Préhistoriques du Tassili n'Ajjer"; a sessão de abertura da exposição "Staffs of Life: Rods, Staffs, Scepters and Wans from the Coudron Collection of African Art" patente, entre 7 de maio e 3 de setembro de 1995, no Museu de Arte de Birmingham (Reino Unido) e a exposição "Le Grand Héritage" patente, entre 17 de novembro e 10 de dezembro de 1994, na Galeria Amrouche Bohbot Keeser, Paris (França).

Reúne cartões de visita e contactos de várias personalidades ligadas à Antropologia, Arte, História e Etnologia, entre as quais se destacam, André

Vrydagh, Beatrix Heintze, Bruno Bernard, Jean Pierre Leemans, Phillippe Guimiot, Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia e Maria Emília Madeira Santos Henriques dos Santos.

Apresenta correspondência trocada com a Universidade Livre de Bruxelas (Bélgica), assim como documentação anexa, sobre o processo de nomeação definitiva de MLB enquanto docente daquela instituição.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português, espanhol, italiano, jugoslavo(?), polaco(?).

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: DOUTORAMENTO

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C/03

Datas: 1950-1970

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 43 u. i. (16 doss., 14 env., 6 cx., 2 liv., 2 pt., 1 cap., 1 doc., 1 mic.); papel, papel fotográfico, película fotográfica.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Documentação/informação relativa aos procedimentos administrativos, assim como de investigação e recolha de informação e material realizados por MLB para o seu doutoramento em História da Arte e Arqueologia na Subsecção de Artes Não Europeias da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Livre de Bruxelas (Bélgica).

Compreende notas e apontamentos de pesquisa, resumos e resenhas críticas, fichas e listas bibliográficas, fichas museológicas, assim como fotografias e negativos fotográficos, maioritariamente de arte *Cokwe*.

Apresenta originais e cópias de artigos de diversos autores como “Fonctions Sociologiques des Hamba dans l’Art Sculptural des Tshokwe” de Mesquitela Lima.

Integra correspondência com inúmeras individualidades das áreas da Arte, História, Antropologia e Etnologia, entre as quais Amos Segala, Françoise Chaffin e Maria Teresa Vergani de Andrade Armitage, assim como com

diversas instituições, nomeadamente: o Museu de Arte Sacra de Seattle (EUA) e a Companhia de Diamantes de Angola.

Contém a tese de doutoramento de Marie-Louise Bastin “La sculpture Tshokwe: essai iconographique e stylistique” orientada por Luc de Heusch.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, inglês, alemão, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: FICHAS BIBLIOGRÁFICAS

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C/04

Datas: 1950-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 65 u. i. (51 cap., 13 gav., 1 cad.); papel, papel fotográfico.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Fichas bibliográficas manuscritas que reúnem informação sobre publicações, maioritariamente, das áreas da Arte, Antropologia, História e Etnologia africanas. Associam à informação geral sobre a respetiva publicação como o seu autor, título e ano de edição, informação mais específica como citações feitas pelo autor e a existência, ou não, de iconografia.

Apresenta informação sobre publicações de diversos autores, dos quais se destacam, a título de exemplo, Alfred Schachtzabel, Albert Maesen, Anitra Nettleton, Esther A. Dagan, Henry W. Nevinson, Honoré Vicch, José Redinha, Luc de Heusch, Nogizaka Gyarari e Paolo Toschi.

Sistema de organização: Organização original. A documentação da unidade de instalação “gavetas” apresenta-se ordenada alfabeticamente.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: FICHAS MUSEOLÓGICAS

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C/05

Datas: 1950-1960

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 20 u. i. (8 doss., 7 gav., 4 env., 1 mç.); cartão, papel, papel fotográfico, película fotográfica.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Fichas museológicas manuscritas que associam informação específica sobre determinada peça de arte africana, nomeadamente: indivíduo ou instituição detentora, origem, título, autor, tipologia, dimensões, material, técnica, características específicas, entre outra informação, fotografias, a preto e branco, na maioria dos casos, gerais e de pormenor, da peça referenciada. Apresenta a classificação da coleção etnográfica do Museu do Dundo (Angola).

Sistema de organização: Organização original. A maioria da documentação apresenta uma ordenação alfabética por indivíduo ou instituição possuidora da peça referenciada.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: ICONOGRAFIA

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C/06

Datas: 1950-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 166 u.i. (114 cx., 25 disc. comp., 13 cap., 5 pt., 4 doss., 4 env., 1 rol.); papel fotográfico, película fotográfica, papel, cartão, discos compactos.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Fotografias, negativos fotográficos e diapositivos, maioritariamente, a preto e branco, de peças de arte africana. Apresenta foto-

grafias de peças das coleções de vários indivíduos e instituições, nomeadamente: Coleção Célia Durblan, Londres (Reino Unido); Museu de África, Amesterdão(?) (Holanda); Museu da Azambuja (Portugal); Museu Britânico, Londres (Reino Unido); Museu de Brooklyn, Nova Iorque (EUA); Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra (Portugal); Museu Real da África Central, Tervuren (Bélgica); Portugal dos Pequenitos, Coimbra (Portugal); Sociedade de Geografia de Lisboa (Portugal); Universidade de Berkeley, Califórnia (EUA).

Compreende reproduções das fotografias da coleção etnográfica do Museu do Dundo (Angola) oferecidas ao Centro Internacional para o Estudo da Arte Africana, Tervuren (Bélgica).

Reúne cópia de gravuras e postais ilustrados, como a cópia das gravuras que ilustram a publicação “Histoire de la Force Publique du Congo Belge” e a coleção de postais ilustrados com as peças mais significativas da coleção da Casa Museu Teixeira Lopes, Vila Nova de Gaia (Portugal).

Integra tipologias documentais associadas onde se destacam, notas e apontamentos de pesquisa, correspondência e fichas museológicas.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português, caracteres chineses.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

Nota ao elemento de informação “datas”: existe documentação com informação que remonta às décadas de 20 e 30 do século XX.

Nota ao elemento de informação “âmbito e conteúdo”: reúne 25 discos compactos com reproduções digitais de obras de arte africana cuja proveniência não foi ainda possível aferir.

SR: NOTAS E APONTAMENTOS DE PESQUISA

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/C/07

Datas: 1940-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 66 u. i. (63 cap., 2 pt., 1 cx.); papel, papel fotográfico.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Notas e apontamentos manuscritos e dactilografados sobre Arte, História, Antropologia e Etnologia africanas, com especial incidência para as culturas *Cokwe*, Lunda, Luba e Ovimbundo.

Reúne várias tipologias documentais anexadas às referidas notas e apontamentos, nomeadamente: boletins, catálogos, publicações periódicas, fotografias e fichas bibliográficas.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, alemão, português, *cokwe*.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SC: PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/D

Datas: 1947-1948/1962/1976/1985/1990/1993

Nível de descrição: Secção

Dimensão e suporte: c. 6 u. i. (5 cap., 1 cx.); papel, papel de jornal.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Contém documentação/informação produzida e recebida por MLB enquanto palestrante, conferencista e participante em colóquios, seminários, congressos e outros eventos científicos similares.

Sistema de organização: A secção é constituída pela série “Preparação e participação em congressos, seminários e colóquios”.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SR: PREPARAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS E COLÓQUIOS

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/D/01

Datas: 1947-1948/1962/1976/1985/1990/1993

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 6 u. i. (5 cap., 1 cx.); papel, papel de jornal.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Contém programas, fichas de inscrição, desdobráveis de divulgação, entre outras tipologias documentais, referentes aos seguintes eventos em que MLB participou: “Congress International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques” que teve lugar em Bruxelas (Bélgica) no ano de 1947; colóquio “Les Fondements du Symbolisme à la lumière de plusieurs disciplines” que teve lugar no Palácio dos Congressos, Bruxelas (Bélgica), nos dias 24 e 25 de novembro de 1962; primeiro congresso nacional “L’Áfrique et l’Université” que teve lugar em Avrug(?) nos dias 10 e 11 de março de 1976; atividades do Museu Nacional de Etnologia, Lisboa (Portugal), para o mês de dezembro de 1985, onde MLB proferiu a conferência “Arts de Cours an África Noires” no dia 6 de dezembro; seminário “Povos e Culturas de África” que teve lugar no Museu Antropológico da Universidade de Coimbra de 11 a 18 de maio de 1989; “1.er. Colloque Européen sur les Arts d’Áfrique Noire: de L’Art Nègre à l’Art Africain: L’Évolution de la Connaissance de l’Art Africain des Annés Trente à Aujourd’Hui” que teve lugar no Museu Nacional das Artes Africanas e Oceânicas, Paris (França), nos dias 10 e 11 de março de 1990, onde Marie-Louise Bastin proferiu a comunicação “Arts Majeurs de l’Angola” no dia 10 de março; e seminário internacional “Rites et Ritualisation” que teve lugar nos dias 13 e 14 de setembro de 1993.

Compreende notas e apontamentos de pesquisa para e sobre os referidos eventos científicos. Integra fragmentos de publicações periódicas com notícias sobre os ditos eventos.

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, neerlandês/holandês, inglês, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

SC: PUBLICAÇÕES

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/E

Datas: 1950-1990

Nível de descrição: Secção

Dimensão e suporte: c. 40 u. i. (15 pt., 9 cx., 8 cap., 6 doc., 2 mic.); papel, papel fotográfico, película fotográfica.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Contém documentação/informação relativa ao processo de organização intelectual de MLB para a produção de obras e artigos científicos, nomeadamente artigos e obras de vários autores de referência nas áreas da Arte, História, Antropologia, Etnologia, Linguística e Geografia.

Apresenta originais e cópias de correspondência trocada entre MLB e vários indivíduos e instituições, solicitando o envio de bibliografia e fotografias, assim como cartas e bilhetes de agradecimento de MLB pelo envio de obras e artigos de sua autoria.

Sistema de organização: A secção é constituída por 2 Séries, a saber: Artigos científicos e Correspondência.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, inglês, alemão, português, latim.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído. Nota ao elemento de informação “datas”: apresenta informação desde finais do século XIX.

SR: ARTIGOS CIENTÍFICOS

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/E/01

Datas: 1950-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 28 u. i. (11 pt., 6 doc., 5 cx., 4 cap., 2 mic.); papel, papel fotográfico, película fotográfica.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Originais e cópias de obras e artigos de diversos autores, nomeadamente: Adolphe Basler, Adriano Vasco Rodrigues, Benjamim Enes Pereira, Bruno Piçon, Daniel Barretau, Guy Atkins, Hermann Baumann, João de Almeida Santos, Lewwa Gwete, Louis Jadin, Paul Borchand, René Palissier e Zdenka Volacka, entre outros, autores utilizados como referência por MLB na escrita de obras e artigos científicos.

Compreende material usado para a obra “Art décoratif Tshokwe”: correspondência, minutas com indicação de peças a fotografar, listas bibliográficas, fotografias, entre outro.

Apresenta cópias e rascunhos de artigos de MLB, dos quais se destacam: “Tshibinda Ilunga: à propos d’une statuette de chasseur ramenée par Otto H. Schütt en 1880” (1965), “L’art de Afrique noire et la Belgique (1980), Quelques oeuvres Tshokwe: une perspective historique”(1981) e “Musical Instruments, Songs and Dances of the Cokwe” (1992).

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, inglês, alemão, português, latim.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação “título”: título atribuído.

Nota ao elemento de informação “datas”: apresenta informação desde finais do século XIX.

SR: CORRESPONDÊNCIA

Zona de identificação

Código de referência: PT/FCTUC-DCV/MLB/E/02

Datas: 1950-1990

Nível de descrição: Série

Dimensão e suporte: c. 12 u. i. (4 cap., 4 cx., 4 pt.); papel, papel fotográfico.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Correspondência trocada entre MLB e vários indivíduos e instituições, nomeadamente: Boris Kegel-Konietzko, a Companhia de Diamantes de Angola, o Departamento de Antropologia da Universidade

de Coimbra (Portugal), Jean Jacques S'Jongres, o Museu de Arte Primitiva de Nova Iorque (EUA) e a Sociedade de Geografia de Lisboa (Portugal).

Integra a lista de pessoas singulares e coletivas às quais foi oferecida e enviada a obra "Art Décoratif Tshokwe".

Sistema de organização: Organização temática original.

Zona das condições de acesso e utilização

Idioma/escrita: Francês, português.

Zona das notas

Notas: Nota ao elemento de informação "título": título atribuído.

Considerações Finais

O arquivo de MLB compreende documentação/informação relativa a cerca de quarenta anos da sua atividade profissional, constituindo um acervo único no contexto nacional e internacional do estudo e investigação do património cultural dos *Cokwe*. É, ainda, particularmente relevante, tendo em conta a escassez de arquivos pessoais com informação na área da Antropologia sob a custódia de instituições portuguesas.

A riqueza informacional deste arquivo permite estudos em áreas tão abrangentes como a História da Arte, a Antropologia, a Etnografia e o Património Cultural. A sua disponibilização sem restrições à comunidade científica está, de momento, condicionada pela conclusão de tarefas de desinfestação, higienização e reacondicionamento de documentação.

A preservação e divulgação do SI de MLB (arquivo, biblioteca e coleção etnográfica) permite, por um lado, conhecer melhor a historiadora da arte e investigadora, assim como todo o trabalho de investigação e de construção do conhecimento científico e, por outro, tendo em conta a especificidade da pesquisa a que aquela se dedicou, permitirá, igualmente, estudos e leituras multidisciplinares acerca do património cultural e artístico dos *Cokwe*.

Agradecimentos

Ao DCV/FCTUC e ao MCUC por terem permitido e apoiado este estudo. Ao Professor Doutor Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia, à Dra. Maria

do Rosário Martins, à Dra. Carla Coimbra Alves e à Sra. Adelina Gomes Santos pela partilha de conhecimento na concretização deste trabalho.

Fontes

Portugal, Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Ciências da Vida, Marie-Louise Bastin (F).

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Henrique Gomes de (1999) – Marie-Louise, «Uma Tshokwe que se ignora»? *Educação, sociedade & cultura*, 12, p. 205-221.
- AREIA, Manuel Laranjeira Rodrigues de (2010) – Recordando Marie-Louise Bastin. In Bastin, M. L., *Arte decorativa Cokwe* (p. [3-5]). S.l.: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Secção de Antropologia do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra e do Museu do Dundo.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS; TRAD. GRUPO DE TRABALHO PARA A NORMALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO EM ARQUIVO (2002) – *ISAD (G): Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística: adotada pelo Comité de Normas de Descrição, Estocolmo: Suécia, 19-22 de Setembro de 1999*. 2.ª ed. Lisboa: IAN/TT, 2002. Disponível em <http://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/10/isadg.pdf> (acedido em 2/11/2019).
- COSTA, Anabela (2019) – *O arquivo de Marie-Louise Bastin: estudo científico e proposta de divulgação*. Coimbra: [s. n.] (dissertação de mestrado em Ciência da Informação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
- COSTA, Anabela; GOMES, Liliana Esteves; SANTOS, Ana Luísa (2019) – O acesso à informação nos arquivos pessoais: o caso do arquivo de Marie-Louise Bastin. In MARQUES, Maria; GOMES, Liliana (Coord. e Org.), *IX Seminário Internacional de Saberes Arquivísticos: atas*. p. 202-214. Disponível em <http://www.ufpb.br/evento/index.php/ixsesa/ixsesa/paper/view/4648> (acedido em 20/11/2019).
- DIRECÇÃO GERAL DE ARQUIVOS. PROGRAMA DE NORMALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO EM ARQUIVO; GRUPO DE TRABALHO DE NORMALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO EM ARQUIVO (2007) – *Orientações para a descrição arquivística*. 2.ª v. Lisboa: DGARQ. Disponível em <http://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/10/oda1-2-3.pdf> (acedido em 1/11/2019).
- GOMES, Liliana Isabel Esteves (2016) – *Gestão da informação, holística e sistémica, no campo da Ciência da Informação: estudo de aplicação para a construção do conhecimento na Universidade de Coimbra*. Corunha: [s. n.] (Tese de doutoramento em Ciência da Informação apresentada à Universidade da Corunha). Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/43201> (acedido em 12/09/2019).
- HEUSCH, Luc de (2003) – Pour Marie-Louise Bastin. In *A antropologia dos Tshokwe e povos aparentados: colóquio em homenagem a Marie-Louise Bastin, Porto, 1999* (p. 9-15). [Porto]: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- PORTO, Nuno (2015) – Arte e etnografia Cokwe: antes e depois de Marie-Louise Bastin. *Etnográfica*, 19, 1, p. 139-168. Disponível em <http://etnografica.revues.org/3941> (acedido em 11/07/2019).
- RODRIGUES, Abel (2018) – Os arquivos pessoais e familiares em Portugal: uma reflexão crítica dos últimos vinte anos. In *Actas I Encontro da Fundación Olga Gallego: Arquivos privados de persoas e familias. Unha ollada á Fundación Penzol*. Galiza: FOG, p. 31-50.
- SANTOS, Ana Luísa, et al. (Coord.) (1998) – *Relatório de auto-avaliação da licenciatura em Antropologia, ano lectivo 1996-1997*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- SILVA, Armando Malheiro da (2006) – *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento e CETAC.COM.
- SILVA, Armando Malheiro da, et al. (1999) – *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento.
- SILVA, Maria Cardeira da (coord.) (2011) – *Cadernos de Jill Dias: inventário de um arquivo*. sl: Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

Estudos

Um olhar sobre o cartório medieval da câmara de Elvas (com transcrição integral do livro de receitas e despesas municipal de 1432-33)

An insight on the medieval municipal archive of Elvas (with the complete transcription of the municipal account book from 1432-33)

JOANA SEQUEIRA¹

CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

sequeira.joana@gmail.com

ORCID: 0000-0001-6112-5761

SÉRGIO FERREIRA

CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

sergmmf@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0392-1297

¹ Joana Sequeira é investigadora doutorada de nível inicial, contratada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na Unidade de Investigação CITCEM (contrato financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ref.ª DL57/2016/CP1367/CT0005).

Gostaríamos de agradecer ao Professor Doutor Luís Miguel Duarte que, há vários anos, nos chamou a atenção para a importância desta fonte e nos animou a estudá-la. Agradecemos também os comentários e sugestões dos revisores anónimos, bem como as palavras de encorajamento da Professora Doutora Maria Helena da Cruz Coelho e a ajuda preciosa do Dr. Pedro Pinto. Por fim, agradecemos a reprodução documental de alguns fólios ao Arquivo Histórico Municipal de Elvas, que tutela o livro de receitas e despesas da Câmara Municipal de Elvas, de 1432-33.

Artigo entregue em: 1 de agosto de 2020

Artigo aprovado em: 16 de fevereiro de 2021

RESUMO

Este artigo centra-se no estudo de um inventário de documentação do cartório da vila de Elvas realizado em 1432, que se encontra inserido no único livro de receitas e despesas medieval do concelho que sobreviveu até aos nossos dias. É igualmente apresentada, em Apêndice, a transcrição integral deste livro de contas. No estudo, começa-se por discutir as circunstâncias e os objetivos da elaboração deste rol de documentos, passando-se depois à análise dos descritores documentais e propondo-se uma classificação estatística por tipo de assunto versado. Por fim, confronta-se o inventário quatrocentista com o atual inventário do arquivo, na tentativa de identificar alguns dos documentos referidos no inventário medieval e aferir a percentagem dos documentos sobreviventes.

PALAVRAS-CHAVE: arquivos; documentos; Idade Média; cultura escrita; poder municipal.

ABSTRACT

This article examines an inventory of documents of the municipal archive of Elvas (Portugal) made in 1432 and that was included in the sole surviving medieval account book of the town. It also provides, in Appendix, the full transcription of this account book. The study starts by discussing the circumstances of production of this inventory and its objectives, followed by an analysis of the description of the documents, namely its subjects. Finally, this inventory is confronted with a contemporary inventory of the municipal archive, in an attempt to identify some of the documents referred to in the medieval inventory and to determine the "survival rate" of the medieval documents.

KEYWORDS: archives; documents; Middle Ages; written culture; municipal power.

Introdução

Nos finais do século XVIII, João Pedro Ribeiro constatava a exiguidade dos acervos documentais dos municípios relativos à época medieval e

manifestava a sua estupefação perante o estado de “deterioração dos cartórios” em Portugal². São várias as explicações que aduz para o fenómeno: saída não registada dos documentos; falta de cuidado no seu manuseamento; más condições físicas dos locais de armazenamento; ausência de inventários; incompetência e incúria dos funcionários responsáveis; desastres (guerras, terramotos, inundações, etc.) e, claro, “o interesse particular em suprimir certos documentos”³. Com efeito, os cartórios dos municípios foram, talvez como nenhuns outros em Portugal, vítimas particulares de delapidação ao longo dos séculos. O estudo de inventários de documentação realizados durante a Idade Média assume assim especial importância porque permite ter conhecimento da existência de documentos entretanto desaparecidos, colocando em evidência o nível de obliteração a que os acervos foram sujeitos.

No quadro da historiografia portuguesa, registaram-se alguns estudos recentes com base em inventários de cartórios municipais medievais. É o caso da tese de doutoramento de Filipa Roldão, na qual a autora faz um estudo minucioso do inventário do arquivo municipal de Évora realizado nos inícios do século XV (c. 1415)⁴. Maria Helena da Cruz Coelho dedica também um artigo aos contextos da escrita nos centros urbanos medievais, abordando em particular as questões de arquivagem documental⁵. Não menos importantes são as abordagens que nos chegam da área da Ciência da Informação, destacando-se as reflexões sobre os instrumentos de descrição arquivística feitas por Fernanda Ribeiro e nas quais se incluem, naturalmente, os róis medievais⁶.

O renovado interesse pela história dos arquivos inscreve-se numa tendência historiográfica que concede o estatuto de fonte histórica ao arquivo em si mesmo, enquanto instituição. Neste sentido, “o estudo sobre um arquivo alcança um significado maior, possibilitando entrever indícios da construção de uma identidade e de uma memória, pertencentes aos indivíduos ou aos poderes que os promoveram”⁷.

² RIBEIRO, 1798: 1-58.

³ RIBEIRO, 1798: 1-58.

⁴ ROLDÃO, 2017: 19-61. A versão digital da obra de Filipa Roldão, disponibilizada pelo CIDEHUS/ Universidade de Évora, não se encontra paginada, pelo que se optou aqui por utilizar a paginação tal como indicada no documento em formato Adobe PDF.

⁵ COELHO, 2015: 24-26.

⁶ RIBEIRO, 2003: 222-264.

⁷ ROLDÃO, 2017: 8.

A análise que aqui se apresenta insere-se também nesta corrente historiográfica e centra-se no estudo do cartório da câmara da vila de Elvas no século XV através de um rol de escrituras realizado em 1432⁸. A importância deste documento reside, desde logo, no facto de se conhecerem muito poucos inventários de cartórios municipais portugueses da Idade Média. Para além do registo elvense, temos conhecimento da existência de inventários para as localidades de Loulé (1381)⁹, Lousã (1382)¹⁰, Évora (c. 1415)¹¹ e Montemor-o-Novo (1443)¹².

O inventário quatrocentista do cartório de Elvas encontra-se inserido no único livro de receitas e despesas medieval do concelho que sobreviveu até aos nossos dias e que aqui transcrevemos integralmente (ver Documento 1, no Apêndice documental)¹³. Ressalve-se, no entanto, que a secção deste livro de contas respeitante ao inventário de documentos foi já transcrita e publicada por Eurico Gama nos anos 60 do século XX¹⁴. Maria Helena da Cruz Coelho dedicou especial atenção ao inventário das escrituras no já citado estudo sobre escrita urbana, no qual apresenta uma descrição geral dos documentos e avança com uma perspetiva interpretativa sobre o sistema de arquivagem adotado pela edilidade elvense¹⁵. No estudo que agora apresentamos, propomos uma revisitação deste mesmo inventário, privilegiando uma análise do seu contexto e condições de produção, que a transcrição integral do livro de contas ajuda a sustentar. Debruçamo-nos depois com detalhe sobre os descritores utilizados, propondo de seguida uma análise estatística dos documentos de acordo com o assunto versado. Interessamo-nos igualmente perceber que percentagem desta documentação arrolada no século XV se preservou ao longo dos séculos e chegou até aos nossos dias e, por isso, empreendemos também um exercício de confrontação com

⁸ Arquivo Histórico Municipal de Elvas, *Câmara Municipal, Serviços Financeiros*, 1072/82.

⁹ IRIA, 1988: 86-87.

¹⁰ Arquivo Municipal da Lousã, *Pergaminho 40*, fls. 10v-11v. Agradecemos a indicação da existência deste documento ao Dr. Pedro Pinto, investigador do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

¹¹ Estudado em detalhe por Filipa Roldão (ROLDÃO, 2017: 19-61). Apesar de vários historiadores terem considerado 1392 como o ano de redação do inventário de Évora, investigações mais recentes permitiram aferir que o mesmo teria sido elaborado por volta do ano de 1415 (ROLDÃO, 2017: 24-25). Cf. Fernanda RIBEIRO, 2003: 245.

¹² FONSECA, 1998: 109-110.

¹³ A análise da gestão contabilística da Câmara de Elvas em 1432-1433 foi já publicada num anterior estudo da nossa autoria (SEQUEIRA & FERREIRA, 2019).

¹⁴ GAMA, 1963: 5-8.

¹⁵ COELHO, 2015: 24-26.

o atual inventário do arquivo, numa tentativa de identificar alguns dos documentos sobreviventes e melhor apreender o seu conteúdo.

Antes de avançarmos com o estudo, convém que tracemos um breve perfil da localidade a que se reporta este inventário. Elvas, localizada na atual região do Alto Alentejo, assumiu desde cedo um carácter fronteiriço, inicialmente entre muçulmanos e cristãos e depois entre Portugal e Castela. Após um longo período de ocupação islâmica, deu-se a conquista cristã em 1229-1230 e, pouco depois, o rei D. Sancho II atribuiu foral à vila¹⁶. Devido à sua condição raiana, o concelho de Elvas teve, desde o início, um acentuado perfil militar, materializado na figura do alcaide, que atuava como delegado do poder central¹⁷. Não obstante, parece também ter desenvolvido uma importante atividade mercantil, de resto também ela beneficiária de um espaço de fronteira e, como tal, de contacto¹⁸. Até aos finais da Idade Média, conviveram comunidades de cristãos, judeus e muçulmanos no território concelhio. Com cerca de 5000 habitantes no século XV, a vila encontrava-se então numa fase de pressão imobiliária e de renovação e expansão urbanísticas¹⁹. Em 1512, recebia novo foral, pelo rei D. Manuel I, e era elevada à categoria de cidade no ano seguinte²⁰.

Um inventário de documentos num livro de contas

Como já foi referido, o inventário quatrocentista do cartório de Elvas surge no único livro de receitas e despesas medieval do concelho que se conserva até hoje (ver Apêndice Documental). Este livro de finanças reporta ao ano camarário de 1432-33²¹ e consiste num caderno, em papel, composto por 23 fólios, escrito em letra gótica cursiva bastarda, pela mão de Lopo Vasques, escrivão da câmara (ver Figuras 1, 2 e 3, no Apêndice Documental). Inclui secções relativas às deliberações sobre a arrematação das rendas do concelho, ao inventário de escrituras e objetos da câmara, às receitas, às despesas e ao balanço final e aprovação das contas. A secção relativa ao inventário ocupa os fólios 3v.º a 5v.º.

¹⁶ CORREIA, 2014: 141.

¹⁷ CORREIA, 2013: 142.

¹⁸ CORREIA, 2013: 141-42.

¹⁹ CORREIA, 2013: 125-198, 260-313, 322.

²⁰ FONSECA, 2009.

²¹ Em Elvas, o ano camarário começava a 29 de junho, dia de S. Pedro (SEQUEIRA & FERREIRA, 2019: 58).

Aparentemente, pode parecer estranho que um inventário de documentos tenha sido registado num livro de contas, mas faz mais sentido se atentarmos ao facto de que o mesmo corresponde a um rol do espólio camarário que o procurador do ano anterior entregou ao procurador do ano em exercício, numa clara prática de passagem de testemunho. Reconhecia-se assim que o documento escrito era, simultaneamente, um instrumento de poder e um instrumento prático de gestão municipal. Por outro lado, o facto de esta listagem surgir num livro de receitas e despesas demonstra que os oficiais concelhios consideravam os documentos como parte integrante do património material concelhio. É também bastante elucidativa a nota que o escrivão Lopo Vasques inscreveu no verso da capa de pergaminho: “He despesa he estam aqui scritos quantos capitulos e priviilegios tem esta vyla”²². Isto significa que, para o próprio escrivão, aquele caderno era mais do que um simples livro de contas: era uma prova dos documentos possuídos pela Câmara que legitimavam o seu poder e que atestavam os seus privilégios. Esta espécie de “catalogação” feita pelo escrivão pode, aliás, explicar o facto de este livro ter sido conservado ao longo dos tempos em detrimento de outros.

No caso de Montemor-o-Novo, o inventário de escrituras de 1443 surge num livro de vereação, obedecendo assim ao mesmo tipo de lógica²³. Já o inventário de Évora foi realizado na sequência da visita do corregedor João Mendes de Góis, que ordenou a elaboração de um inventário de todas as escrituras que pertenciam à câmara de Évora, estabelecendo ainda limitações à saída de documentos²⁴.

A constituição de cartórios municipais está diretamente relacionada com o fenómeno, observado a partir do século XIV, de uma:

“organização concelhia consubstanciada, entre outros aspectos, na existência de edifícios próprios, as Câmaras, onde, a partir de então, passa a reunir a assembleia dos homens bons e começam a formar-se todos os elementos indispensáveis à boa e autónoma gestão municipal (actas, registos, livros, selos, arquivo, chancelaria)”²⁵.

²² Considerando que a transcrição do documento acompanha este artigo e que o inventário das escrituras se encontra entre os fólhos 3v.º a 5v.º, escusamo-nos aqui a repetir as remissões para o documento.

²³ FONSECA, 2009: 109-110.

²⁴ ROLDÃO, 2017: 22.

²⁵ SANTOS, 2014: 120-121.

A regulamentação sobre a organização e conservação dos acervos documentais dos municípios ganha contornos nítidos ao longo do século XV. Nas *Ordenações Afonsinas*, uma lei, datável de 1431, regulamentava o ofício dos escrivães da câmara, determinando a obrigação de se fazer, em todos os municípios, um livro de pergaminho, no qual se deveriam registar todos os documentos pré-existentes e futuros, por ordem cronológica e com indicação da respetiva data²⁶. Ora, o inventário de Elvas realizou-se no ano subsequente ao desta lei, mas a listagem realizada não indica datas e tão pouco parece seguir qualquer ordem cronológica. A verdade é que, não obstante se observarem algumas práticas de inventariação documental dos municípios nos séculos XIV e XV, só em 1498 surgiria aquele que “tem sido considerado como o primeiro fundamento legal dos arquivos municipais”: o capítulo 39 das Cortes de Lisboa²⁷.

A arca e os documentos

Como já foi referido, a listagem não é limitada aos documentos escritos, incluindo outros objetos móveis. Na verdade, o primeiro objeto a ser listado é uma arca grande com duas fechaduras e uma chave. Embora o documento não o refira, é bastante provável que as escrituras e objetos arrolados estivessem conservados nessa arca, tal como era prática noutros municípios. Em Évora, o corregedor determinava que as escrituras fossem colocadas numa

²⁶ Trata-se do Título XXVIII, N.º 3 (*Ordenações Afonsinas*, 2.ª ed. facsím., Livro IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999). A datação que aqui apresentamos é baseada na investigação realizada por Pedro Pinto, do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, que teve a amabilidade de nos enviar um estudo seu, que se encontra no prelo (PINTO, Pedro – *Sobre tombos concelhios medievais e modernos portugueses: contributo para um inventário*, a publicar aquando da edição do Tombo Medieval de Sesimbra em 2022) e que passamos a transcrever: «Esta lei tem sido ora datada de 1393 ora de 1447, mas a análise mais detida do escatocolo comprova que é de 1431. O diploma foi emitido em 11 de Maio de 1431, em Santarém, subscrito pelo desembargador Fernando Afonso. Ora, a regra de subtracção de 38 anos a um documento datado da “Era de x” não deve ser aplicada cegamente, sobretudo tratando-se de um registo copiado. É que uma análise do itinerário régio de D. João I comprova que era em Maio de 1431 e não em Maio de 1393 que o rei estanciava em Santarém. D. João I esteve na vila escalabitana durante os primeiros cinco meses de 1431, antes de partir para Lisboa, onde está documentado desde 1 de Junho, mas em 1393, o rei esteve em Lisboa desde o mês de Janeiro ao mês de Julho. Também, a subscrição do diploma esteve a cargo do desembargador Fernando Afonso, cuja carreira no Desembargo se restringe ao período de 1419-1432, corroborando também a datação do diploma do ano de 1431». As referências bibliográficas utilizadas pelo autor para sustentar as suas afirmações são as seguintes: DOMINGUES, 2014: 7; RIBEIRO, 2003: 228; MORENO, 1990: 262-264, 377; HOMEM, 1990: 298-299.

²⁷ RIBEIRO, 2003: 229.

arca com duas chaves, que deviam ficar na posse do procurador e do vereador²⁸. Idêntica diretiva já se achava no *Regimento dos Corregedores*, de 1361, onde se menciona a obrigação de se guardarem os livros das Inquirições numa arca, também com duas chaves, que deviam ser entregues a um dos juízes e a um tabelião²⁹. No inventário de 1443, de Montemor-o-Novo, é arrolada uma “arca nova”, indicando-se precisamente que as escrituras se encontravam aí conservadas³⁰. No Porto, durante o século XIV, as escrituras eram guardadas na “hucha da vereação”, mas, nos inícios do século XV, face ao aumento considerável do número e tipo de documentos, foi necessário “acrescentar um armário grande, com três prateleiras e duas portas”³¹.

Logo depois, no inventário elvense, arrola-se uma pequena arca na qual estavam guardados os pelouros, isto é, as pequenas bolas que continham os nomes dos indivíduos elegíveis para o desempenho dos cargos municipais e que se apuravam por sorteio³². Seguidamente, lista-se um total de 106 documentos, distribuídos ao longo de 76 itens³³, e o inventário termina com alguns objetos que pertenciam ao concelho: um grilhão para “levar presos”, uma fateixa de ferro, uma bandeira velha de cendal e ainda uma corrente utilizada para prender um certo livro, ao qual nos referiremos mais adiante.

Entre os 106 documentos listados, contam-se cartas régias, privilégios, cartas de particulares, cartas de outras vilas e cidades da região, cadernos de contas, entre outros. Em termos numéricos, o espólio documental de Elvas tinha uma dimensão bastante razoável, atendendo ao perfil e dimensão do concelho. Em termos comparativos, Évora, que era uma das mais importantes cidades do reino, contava com 176 documentos no seu cartório por volta de 1415³⁴. Na arca do concelho de Montemor-o-Novo, encontravam-se 149 documentos, em 1443³⁵.

Dos 106 documentos listados, 80 são simples e 26 compostos³⁶. A listagem não obedece a uma ordenação cronológica ou tipológica e tão pouco parece evidenciar uma hierarquia entre os diferentes documentos. Os

²⁸ ROLDÃO, 2017: 20.

²⁹ DOMINGUES, 2007: 49.

³⁰ FONSECA, 2009: 109.

³¹ REAL, 1996: 12.

³² MARQUES, 1987: 200.

³³ Alguns documentos são agrupados sob um mesmo item. Cf. COELHO, 2015: 24.

³⁴ ROLDÃO, 2017: 27.

³⁵ FONSECA, 2009: 109-110.

³⁶ Por documentos compostos entendemos livros ou cadernos.

níveis de descrição são também bastante sumários, resultando numa informação incompleta. A identificação dos documentos não segue critérios homogéneos, nem uma determinada fórmula, recorrendo-se antes à utilização de dois ou três descritores aleatórios para cada documento, entre os quais a tipologia, a proveniência, o emissor, as características físicas (cor, suporte, selo), a língua ou o assunto³⁷. O único descritor utilizado constantemente na classificação de todos os documentos é o da tipologia do ato escrito³⁸: 73 documentos são classificados como cartas, 24 como livros/cadernos, três como instrumentos, dois como livros, dois como capítulos, um como privilégio e outro como testamento. Pelo menos três documentos estavam redigidos em latim e dois apresentavam selo. Refere-se o papel como suporte da escrita de duas cartas, mas é possível que vários dos 24 livros e cadernos dos procuradores anteriores tivessem igualmente o papel como suporte da escrita, à semelhança do livro de receitas e despesas no qual o próprio inventário se encontra registado.

As referências à proveniência de alguns dos documentos revelam-nos a esfera das relações institucionais do município elvense. Como já observou Maria Helena Coelho, uma boa parte dos documentos procedia da Coroa, mas alguns eram provenientes das chancelarias de concelhos vizinhos, como Monforte, Vila Viçosa, Beja ou também de particulares³⁹. Outros foram produzidos no município, como uma certa “carta de privilégio que o concelho deu a Mafomedes” ou os livros e cadernos dos procuradores anteriores⁴⁰. Aliás, a constituição do arquivo não pode ser dissociada da chancelaria da Câmara. Como afirma Saúl António Gomes, era com o arquivo que se fechava:

“todo o ciclo de toda a produção documental de uma qualquer chancelaria, a qual se estruturava num ritmo consubstanciado ao acto jurídico, na sua conscrição, autenticação e arquivamento permanente”⁴¹.

A utilização dos descritores no inventário é aleatória e nem sempre é contemplado o teor do documento e, mesmo quando este surge, é descrito

³⁷ O inventário eborense também não evidencia qualquer ordem de listagem, mas apresenta uma fórmula relativamente homogénea de descrição documental (ROLDÃO, 2017: 26-27).

³⁸ Tipologia esta definida segundo critérios coevos, naturalmente.

³⁹ COELHO, 2015: 24-25.

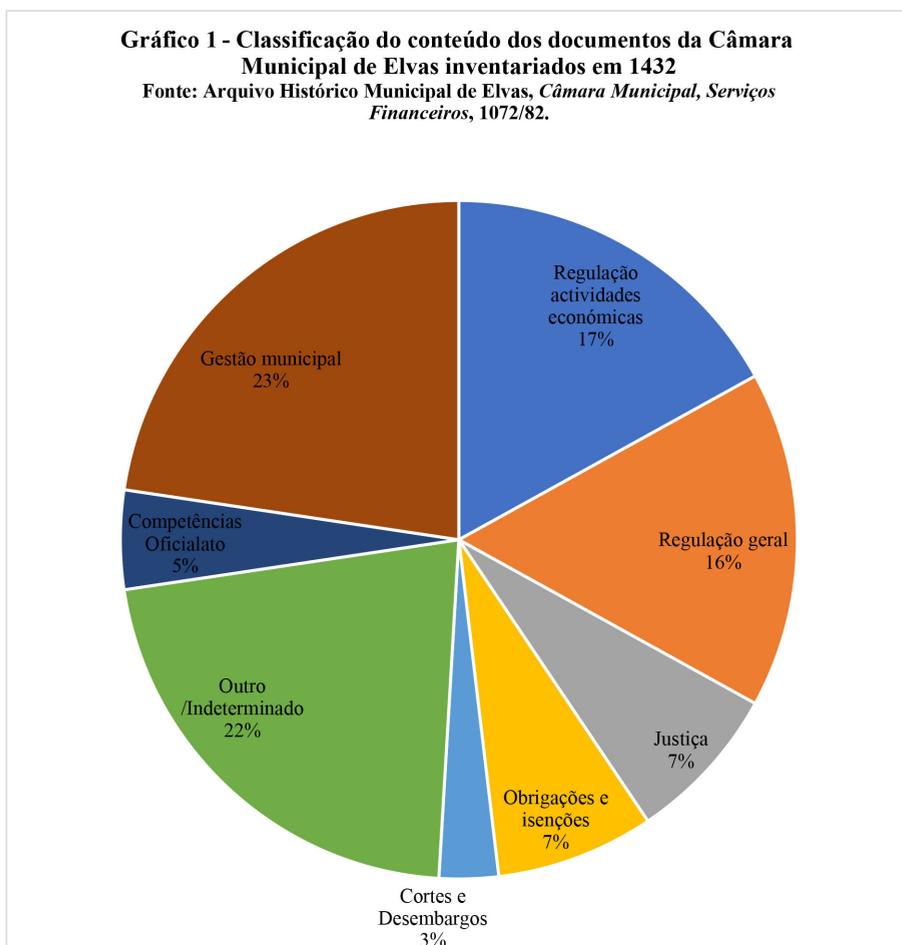
⁴⁰ Por uma questão de fluidez do discurso, optámos por atualizar a grafia dos excertos documentais referidos.

⁴¹ GOMES, 2007: 269.

de forma extremamente resumida e nem sempre clara. Apenas foi possível estabelecer a classificação dos conteúdos de 78% dos documentos com recurso à sua descrição sumária. Assim, inspirando-nos na tipologia proposta pela investigadora Filipa Roldão⁴², com as necessárias adaptações, os documentos podem classificar-se, quanto ao seu conteúdo, de acordo com as seguintes categorias (Gráfico 1): gestão municipal (23%), regulação das atividades económicas (17%), regulação geral (16%), justiça (7%), obrigações e isenções por inerência de cargos, funções ou condições sociais (7%), competências do oficialato (5%) e Cortes e Desembargos régios (3%).

Gráfico 1 - Classificação do conteúdo dos documentos da Câmara Municipal de Elvas inventariados em 1432

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Elvas, *Câmara Municipal, Serviços Financeiros*, 1072/82.



⁴² ROLDÃO, 2017: 32-33.

Na categoria de gestão municipal, que abarca praticamente um quarto do total da documentação concelhia, incluem-se os documentos diretamente relacionados com a gestão do concelho, nomeadamente as finanças e que, neste caso, correspondem ao conjunto dos já referidos 24 cadernos e livros dos procuradores anteriores, que possivelmente seriam livros de vereação e livros de receita e despesa. Registe-se que esta referência comprova, por si mesma, a existência de livros de contas e atas de vereação para épocas precedentes, muito embora os mesmos não tenham chegado até nós⁴³. No inventário de Montemor-o-Novo incluíam-se também 14 livros de receita e despesa e 13 livros de vereação⁴⁴.

A categoria de regulação de atividades económicas é a segunda mais significativa e diz respeito a:

“atos escritos que procuraram regular práticas de natureza económica, como a transação comercial de bens (móveis, imóveis e semoventes), o uso da terra e das suas matérias-primas, a criação de gado, as manufaturas, o pagamento de taxas e impostos e o valor da moeda”⁴⁵,

bem como determinações sobre pesos e medidas e regulações várias dos mercados. Incluem-se nesta categoria cartas como aquela que determina “que façam treze canadas no almude do vinho”, a do “privilégio dos feitos de almotaçaria”, a da obrigação de os mercadores apresentarem os alvarás dos panos, entre outras.

Na categoria de regulação geral, inserem-se os documentos “respeitantes a leis gerais ou legislação de alcance mais específico com interesse para a vila”, tratando-se de “atos escritos portadores de definições jurídicas para a cidade de âmbito global”⁴⁶. Entre os documentos agrupados sob esta categoria, contam-se a “carta que não sejam nenhuma terras coutadas sem carta d’el-Rei”, a “carta que nom pousem na cerca velha” ou o “livro de capítulos e privilégios da terra d’el Rei Dom Afonso”⁴⁷.

⁴³ É bastante reduzido o número de livros de vereação medievais de municípios portugueses que sobreviveram até aos nossos dias (MACHADO & DUARTE, 1985: 9-10). Os registos de contabilidade são igualmente muito limitados (DUARTE, 2003: 238-239).

⁴⁴ FONSECA, 2009: 110.

⁴⁵ ROLDÃO, 2017: 33-34.

⁴⁶ ROLDÃO, 2017: 34.

⁴⁷ Provavelmente Afonso IV, como veremos mais adiante, no confronto com o inventário realizado no século XX.

Mais de metade da documentação conservada consistia, portanto, em instrumentos de governação do município, atinentes à gestão e à regulação. Como afirma Maria José Azevedo Santos:

“Governar é dirigir, guiar; mas é, também, e, sobretudo, regular, o mesmo é dizer, estabelecer normas, impor regras, ditar leis, medir receitas e despesas, acções, todas, só possíveis através de “pôr o preto no branco”⁴⁸.

Sob o título de “Justiça” agrupam-se os documentos “que procuram repor a legalidade em atos de delito e de crime”⁴⁹ ou determinações gerais sobre o funcionamento dos órgãos de justiça, que contemplam, por exemplo uma carta de sentença do Condestável (D. Nuno Álvares Pereira) ou uma “carta que o juiz dos resíduos não faça a audiência onde fazem os gerais”. O agrupamento designado por “obrigações ou isenções por inerência de cargos, funções ou condições sociais” é autoexplicativo e nele se incluem atos escritos como a “carta que os vassallos velhos tenham os ofícios ainda que não tenham cavalos”, a “carta que os cavaleiros e fidalgos falem nas audiências” ou a “carta que os clérigos tragam armas”⁵⁰.

As “competências do oficialato” constituem o teor de 5% do total dos documentos, correspondendo a “determinações sobre a natureza, os atributos e a área de exercício dos ofícios de atuação concelhia, quer se trate de oficiais dependentes do poder do rei, quer de oficiais eleitos pelas magistraturas concelhias”⁵¹. Cartas como aquela que determina que o alcaide do castelo “há de dar três homens para cada um deles ser alcaide” ou a carta pela qual se estabelece que o corregedor não permaneça na vila mais de oito dias incluem-se neste grupo.

Por fim, os documentos relativos a “Cortes e Desembargos Régios” são apenas três, que dizem respeito a petições apresentadas em Cortes (“Capítulos que Gonçalo Rodrigues e Rui Gil trouxeram quando foram às

⁴⁸ SANTOS, 2005: 26

⁴⁹ ROLDÃO, 2017: 35.

⁵⁰ Naturalmente, alguns dos documentos que inscrevemos nesta categoria consistem certamente em leis ou ordenações gerais, mas entendemos isolá-las nesta categoria por se aplicarem a tipos específicos de pessoas. Esta “carta que os clérigos tragam armas” poderá corresponder a uma lei de 1325-1357 acerca “dos clérigos casados e dos outros que trazem cuitelos grandes e outras armas”, referida em DOMINGUES, 2014: 538.

⁵¹ ROLDÃO, 2017: 34.

Cortes”) ou noutros momentos (“Capítulos que foram enviados ao Infante”; “Carta velha de capítulos”).

Há ainda um conjunto significativo de documentos que não se encaixam em nenhuma das categorias apresentadas ou cuja descrição não é suficiente para se perceber o seu conteúdo. É o caso do item descrito como “o livro boracho”⁵², que não era certamente apenas mais um livro, pois surge designado com um artigo definido (“o”) e devia assumir particular importância, uma vez que se encontrava preso por uma cadeia de ferro, que surge também arrolada no conjunto de bens entregue⁵³. A menção à cadeia de ferro, bem como o relativo cuidado na descrição dos objetos e dos documentos evidencia uma certa preocupação com a preservação dos mesmos. Esta preocupação com a conservação e o temor pela desaparecimento de certas escrituras eram sentimentos transversais à generalidade das bibliotecas e cartórios. Segundo Maria José Azevedo Santos, é no século XV “que se intensificam os testemunhos do uso das cadeias nos livros”, enquanto estratégia ativa de combate ao desaparecimento dos mesmos⁵⁴. A simples enunciação dos assuntos dos diplomas, sobretudo daqueles com carácter legislativo, denota igualmente a consciência da importância dos direitos atinentes ao município e, conseqüentemente, da necessidade da sua conservação.

O inventário dos documentos e escrituras de Elvas não foi realizado com o objetivo de agilizar o acesso à informação ou de introduzir organização no cartório municipal, mas não deixa de cumprir, ainda que parcialmente, esses mesmos objetivos porquanto não se limita a fazer uma contagem dos escritos existentes, providenciando antes pequenos sumários que permitiam individualizar e identificar os documentos, revelando assim a “maturidade de uma chancelaria municipal de Quatrocentos”⁵⁵.

O espólio documental da Câmara de Elvas na Idade Média: ontem e hoje

Dos 106 documentos inventariados em 1432, muito poucos sobreviveram até aos dias de hoje. Compulsando o catálogo dos pergaminhos do Arquivo de Elvas, realizado por Eurico Gama em 1963, identificámos apenas 27 docu-

⁵² Borracho deriva do latim *burru*, que significa vermelho, podendo, portanto, reportar à cor da capa do livro.

⁵³ COELHO, 2015: 25.

⁵⁴ SANTOS, 2001: 238-239.

⁵⁵ COELHO, 2015: 24.

mentos anteriores a 1432⁵⁶, o que equivale a uma “taxa de sobrevivência” muito reduzida, de cerca de 25%. Desses 27, 10 são datados do século XIV e os outros são já do século XV. Num exercício de comparação, é possível avançar com algumas correspondências entre os documentos sumariados em 1432 e aqueles catalogados atualmente no arquivo⁵⁷. Vejamos alguns exemplos. O primeiro documento arrolado em 1432 é um tal de “testamento do Pernica”, que existe ainda hoje no arquivo, com o n.º 70, e que consiste no testamento de Estêvão Anes Pernica, clérigo elvense⁵⁸. O pergaminho n.º 82, sumariado por Eurico Gama, consiste num caderno incompleto com cópias de vários documentos datados entre 1325 e 1331, nomeadamente várias cartas do rei D. Afonso IV (r. 1325-1357)⁵⁹. Este caderno poderá corresponder àquele que, em 1432, era sumariado como “livro de capítulos e privilégios da terra d’el Rei Dom Afonso com um selo de chumbo”. A “carta de sentença do Condestável” mencionada na centúria de Quatrocentos será provavelmente o atual pergaminho n.º 63 relativo a uma:

“sentença dada pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira absolvendo o concelho de Elvas no pleito que a este moviam alguns castelhanos que os almogávares aprisionaram no termo de Mérida nas vésperas de serem assinadas as tréguas de 1387”⁶⁰.

É também verosímil que a “carta contra o concelho de Arronches que possamos cortar lenha” seja o pergaminho n.º 59 correspondente a uma carta de D. João I, de 1421, enviada ao Corregedor de Elvas Gonçalo Mendes, na qual punha fim ao pleito entre Arronches e Elvas, estabelecendo que se seguissem compromissos anteriores, que permitiam o usufruto comum de lenha, carvão e madeira entre os concelhos de Monforte, Arronches e Elvas⁶¹. Já a “carta dos que lavrom em Badalhouce” poderá corresponder ao perga-

⁵⁶ GAMA, 1963: *passim*. Há ainda dois documentos do século XIV em traslados do século XVII e do século XVI. São, respetivamente, os documentos n.º 4 e n.º 5, inventariados por Eurico Gama (GAMA, 1963: 29-32).

⁵⁷ Todos os pergaminhos inventariados por Eurico Gama, incluindo aqueles que o autor assinalou como ausentes em 1963, encontram-se hoje disponíveis no Arquivo Histórico Municipal de Elvas, com a mesma numeração. No Documento 1, no Apêndice documental, anotamos em nota de rodapé as possíveis correspondências com os documentos catalogados por Eurico Gama.

⁵⁸ GAMA, 1963: 114-115.

⁵⁹ GAMA, 1963: 25-29.

⁶⁰ GAMA, 1963: 100.

⁶¹ GAMA, 1963: 97.

minho n.º 80: uma carta de D. João I, de 1398, relativa às dívidas dos moradores de Elvas que serviam em Badajoz⁶². Uma tal “carta de Vila Viçosa” poderá ser a carta de compromisso entre Elvas e Vila Viçosa relativa a boa vizinhança, de 1341 (pergaminho n.º 51)⁶³.

Embora só três documentos inventariados no século XV sejam claramente identificados como “capítulos” ou “capítulos de Cortes”, atualmente o arquivo possui cerca de oito documentos relativos a Cortes anteriores a 1432⁶⁴. Esta discrepância pode explicar-se pelo facto de esses documentos relacionados com Cortes terem sido arrolados no inventário quatrocentista com outros descritores que não nos permitem identificá-los como tal. Seja como for, o que aqui importa reter é que uma parte significativa dos documentos que a edilidade fez questão de preservar e manter a salvo ao longo de séculos estava relacionada com capítulos de Cortes (e as respetivas repostas): diplomas que garantiam os direitos da vila, por terem valor probatório e jurídico.

Conclusão

O inventário do arquivo municipal de Elvas de 1432 foi realizado numa época durante a qual se estavam ainda a empreender os primeiros esforços legislativos relativos à organização dos cartórios concelhios. A informação que este rol nos fornece é, como tal, incompleta, porquanto não são adotados critérios de classificação homogéneos, nem tão pouco é fornecida a datação dos documentos. Realizado com o propósito de garantir uma correta passagem de testemunho entre procuradores, desresponsabilizando o procurador cessante de eventuais omissões ao espólio camarário, este inventário demonstra-nos que os oficiais concelhios consideravam os documentos como parte integrante dos bens do concelho, que interessava preservar e controlar.

Apesar de os sumários serem particularmente curtos e nem sempre permitirem perceber cabalmente o conteúdo dos documentos enunciados, foi possível estabelecer tipologias de assuntos e aferir a sua representatividade. Os temas relacionados com a gestão interna do concelho e a regulação das atividades económicas são os que mais sobressaem, demonstrando um certo desenvolvimento da chancelaria do município e corroborando a vitalidade

⁶² GAMA, 1963: 124.

⁶³ GAMA, 1963: 91.

⁶⁴ São os pergaminhos n.º 15, n.º 16, n.º 22, n.º 52, n.º 58, n.º 64, n.º 67, n.º 76 (GAMA, 1963: 42-44; 58; 91-92; 96-97; 109; 112-113; 120-121).

económica da vila, já evidenciada noutros estudos⁶⁵. As referências à proveniência de alguns documentos, ainda que muito reduzidas, permitem-nos também detetar uma circulação substancial de documentação entre a Coroa e o município, entre os quais se destacam diplomas com leis gerais ou capítulos de Cortes. A existência de cartas provenientes de chancelarias de concelhos vizinhos atesta igualmente esta circulação do ato escrito, atinente, no caso, sobretudo a questões de delimitações de direitos e/ou gestão de bens comuns.

A confrontação do inventário quatrocentista com um inventário atual revelou-nos que apenas cerca de ¼ da documentação anterior a 1432 sobreviveu, o que de resto está em linha com a realidade que João Pedro Ribeiro já tinha observado para a generalidade dos cartórios concelhios do reino no século XVIII. O estudo do inventário e a disponibilização da sua transcrição, no contexto em que o mesmo foi registado, adquire assim especial significado, já que revela um nível de cultura escrita superior ao que o atual espólio permitira adivinhar, ao mesmo tempo que permite expandir um pouco mais a memória das gentes e do município de Elvas em tempos medievais.

Fontes

Arquivo Histórico Municipal de Elvas, *Câmara Municipal, Serviços Financeiros*, 1072/82.
Arquivo Municipal da Lousã, *Pergaminho 40*, fls. 10v-11v.

Bibliografia

- COELHO, Maria Helena da Cruz (2015) – *A escrita no mundo urbano. História (São Paulo)*. 34, 1, p. 16-34 [consultado a 21 de julho de 2019]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v34n1/0101-9074-his-34-01-00016.pdf>
- CORREIA, Fernando Branco (2013) – *Elvas na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri/CIDEHUS-Universidade de Évora.
- COSTA, Avelino de Jesus (1993) – *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3ª edição muito melhorada. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Paleografia e Diplomática.
- DOMINGUES, José (2007) – *As Ordenações Afonsinas: três séculos de Direito medieval (1211-1512)*. Sintra: Zéfiro.
- DOMINGUES, José (2014) – *Ordenações portuguesas desaparecidas e duvidosas. e-Legal History Review*. 17, p. 1-56.

⁶⁵ Cf. CORREIA, 2013: *passim* e SEQUEIRA & FERREIRA, 2019.

- DUARTE, Luís Miguel (2003) – *A fiscalidade municipal portuguesa (estado da questão)*. In CLARAMUNT RODRÍGUEZ, Salvador (ed.) – *El món urbà a la Corona d'Aragó del 1137 als decrets de Nova Planta*, vol. 3. Barcelona: Universidade de Barcelona, p. 231-244.
- FONSECA, Jorge (1998) – *Montemor-o-Novo no século XV*. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal.
- FONSECA, Jorge (2009) – *O Foral de Elvas de 1512. Introdução, estudo e transcrição*. Elvas: Câmara Municipal de Elvas.
- GAMA, Eurico (1963) – *Catálogo dos pergaminhos do Arquivo Municipal de Elvas*. Elvas: Arquivo Municipal.
- GOMES, Saúl António (2007) – *A Chancelaria de um Íncrito Infante Português de Quatrocentos: D. Fernando (f. 1443)*. *Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, 8-9, p. 249-291.
- HOMEM, Armando Carvalho (1990) – *O Desembargo Régio (1320-1433)*. Lisboa: INIC.
- IRIA, Alberto (1988) – *Descobrimientos Portugueses. O Algarve e os Descobrimientos*, vol. II, tomo II. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MACHADO, José Pedro & DUARTE, Luís Miguel (1985) – *Introdução*. In MACHADO, José Pedro & DUARTE, Luís Miguel (eds.) – «Vereações» 1432-1432, Livro 1. Porto: Arquivo Histórico, Câmara Municipal do Porto, p. 9-16.
- MARQUES, António H. de Oliveira (1987) – *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença.
- MORENO, Humberto Baquero (1988) – *Os itinerários de el-rei Dom João I : 1384-1433*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- PINTO, Pedro (no prelo) – *Sobre tombos concelhios medievais e modernos portugueses: contributo para um inventário*.
- RIBEIRO, Fernanda (2003) – *O acesso à informação nos arquivos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, João Pedro (1798) – *Observação I. Sobre o estado actual dos Cartorios do Reino, e necessidade de acautelar pelos meios oportunos a sua total ruina*. In *Observações históricas e críticas para servirem de memorias ao systema da diplomatica portugueza*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, p. 1–58.
- REAL, Manuel Luís (1996) – *Arquivos Municipais em Portugal: Porto. O sistema de arquivos da Câmara Municipal do Porto*. Braga: Arquivo Distrital de Braga/ Universidade do Minho.
- ROLDÃO, Filipa (2017) – *A memória da cidade: escrita e poder em Évora (1415-1536)*. Évora: Publicações do CIDEHUS. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.3158>.
- SANTOS, Maria José Azevedo (2001) – *As condições de conservação dos documentos e dos livros em Portugal (séculos XII-XV)*. In COELHO, Maria Helena et al. (eds.) – *Estudos de Diplomática Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, p. 233-256.
- SANTOS, Maria José Azevedo (2005) – *O valor da escrita em tempos de Inês de Castro*. Montemor-o-Velho: Câmara Municipal de Montemor-o-Velho.
- SANTOS, Maria José Azevedo (2014) – *Escrivães e pregoeiros dos concelhos (séculos XIV-XVI)*. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 14, p. 119-132.
- SEQUEIRA, Joana & FERREIRA, Sérgio (2019) – *Gerir uma vila alentejana no século XV: as finanças municipais de Elvas de 1432-1433*. *Fragmenta Historica*, 7, p. 55-69.

Figura 2 – Imagem do fólio 7 do Livro de Receitas e Despesas da Câmara Municipal de Elvas de 1432-1433, no qual se encontram registados alguns itens da receita municipal (Arquivo Histórico Municipal de Elvas, Câmara Municipal, Serviços Financeiros, 1072/82).

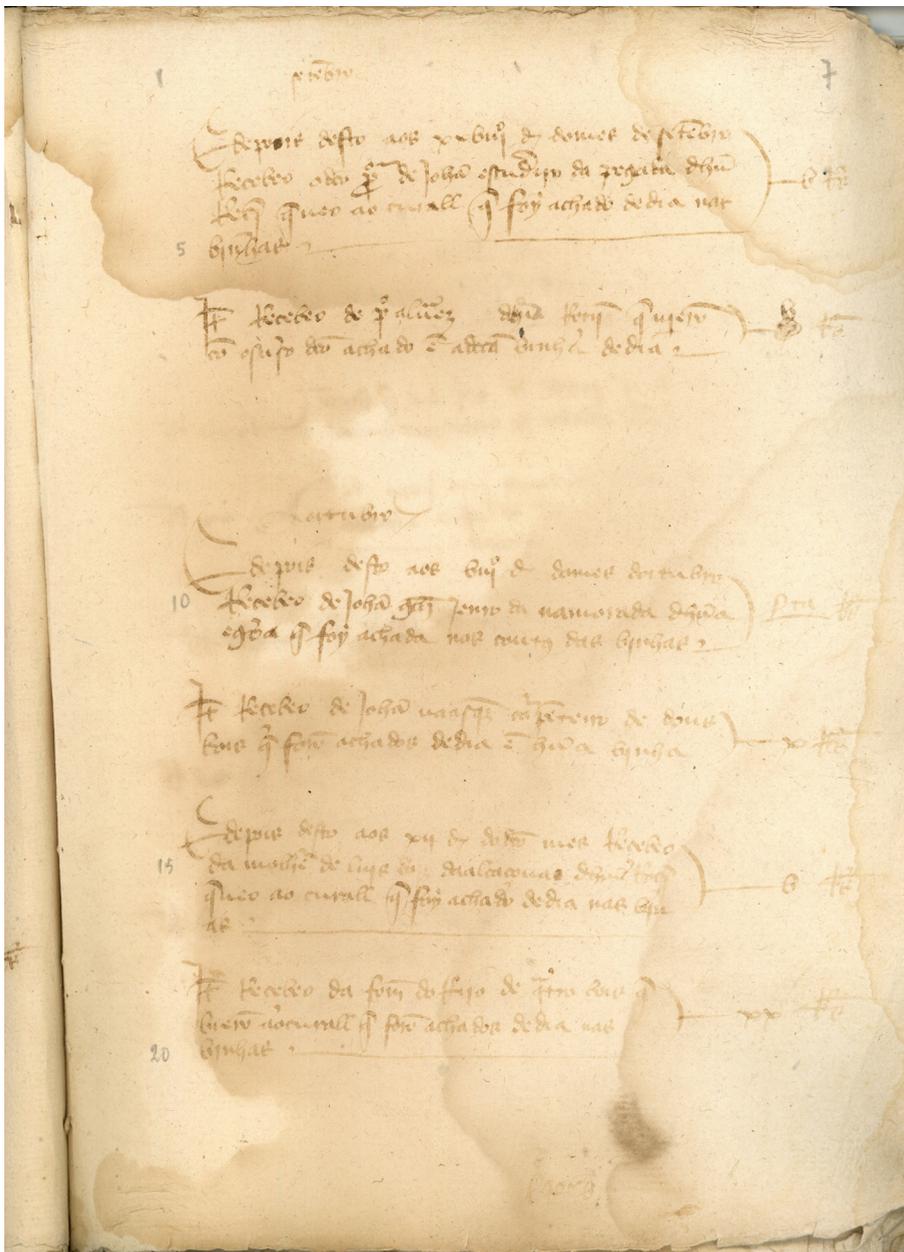
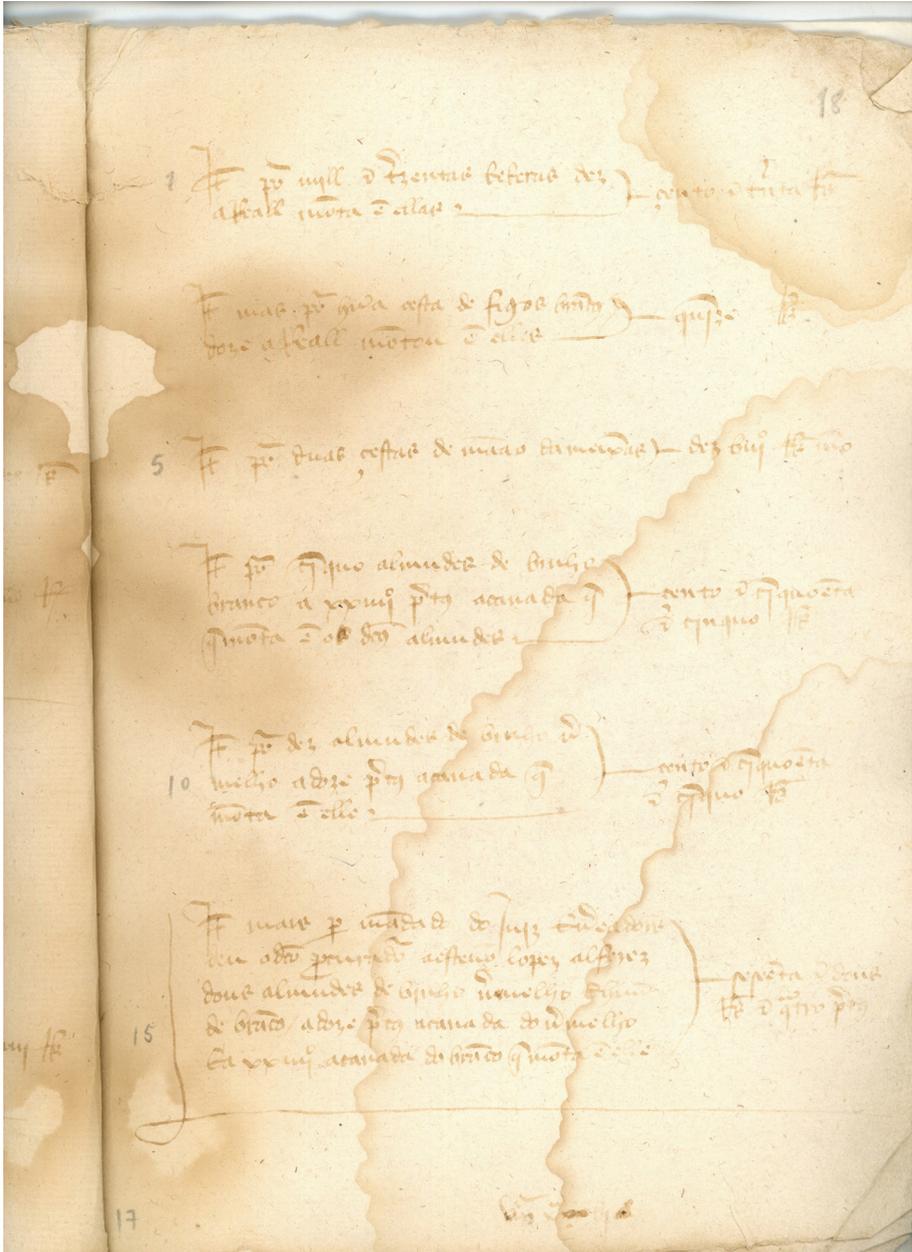


Figura 3 – Imagem do fôlio 18 do Livro de Receitas e Despesas da Câmara Municipal de Elvas de 1432-1433, no qual se encontram registados alguns itens da despesa municipal relacionada com a festa de São João Baptista (Arquivo Histórico Municipal de Elvas, *Câmara Municipal, Serviços Financeiros*, 1072/82).



Documento 1 - Transcrição integral do Livro de Receitas e Despesas da Câmara Municipal de Elvas de 1432-33

Descrição: Caderno em papel, com capa em pergaminho, composto por 23 fólios, com cerca de 29 cm de altura e 22 cm de largura. Mau estado de conservação, com vários fólios manchados e alguns rasgos. Letra gótica cursiva bastarda.

Estrutura: Nos fólios 1 a 3 são anotadas as deliberações sobre a arrematação das rendas do concelho. Entre os fólios 3 v.º e 5 v.º encontra-se o inventário das escrituras e objetos da Câmara que o procurador do ano anterior entregou ao novo procurador; a discriminação das receitas surge nos fólios 6 a 12. Os fólios 12 v.º a 16 v.º foram deixados em branco. Segue-se depois a lista de despesas nos fólios 17 a 20 v.º. Nos fólios 21 e 22 fazem-se acertos e somas gerais de receitas e despesas e o livro termina depois com o balanço final e a aprovação das contas por parte do corregedor.

Cota do documento original: Arquivo Histórico Municipal de Elvas, *Câmara Municipal, Serviços Financeiros*, 1072/82.

CrITÉRIOS de transcrição

Foram observadas as normas de transcrição paleográfica da autoria do Padre Avelino da Costa, com algumas adaptações¹. Os critérios específicos adotados foram os seguintes:

- Todas as abreviaturas foram desdobradas;
- Utilizaram-se maiúsculas no início de frases, em nomes próprios (incluindo alcunhas), nomes de santos e topónimos; foi generalizado o uso de minúsculas nos títulos nobiliárquicos e nos cargos;
- Atualizou-se a grafia do *i* caudato, bem como das letras *u* e *v*, de acordo com a sua utilização enquanto vogal ou consoante. Manteve-se a utilização do *y* e do *ç*;
- Utilizaram-se sempre maiúsculas na numeração romana e substituiu-se o *b* por *V* e o *ç* por *C*, por uma questão de inteligibilidade; utilizou-se

¹ COSTA, Avelino de Jesus da (1993) – *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3ª edição muito melhorada. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Paleografia e Diplomática.

- a letra c em expoente para indicar os múltiplos das centenas e utilizou-se um traço para indicar os múltiplos dos milhares (exemplo: \bar{I});
- Mantiveram-se as consoantes duplas e as vogais duplas em todas as circunstâncias;
- Introduziu-se alguma pontuação no texto, reduzida ao mínimo indispensável para a correta compreensão do mesmo;
- Separaram-se palavras indevidamente unidas e uniram-se aquelas indevidamente separadas. Separaram-se por apóstrofe as palavras aglutinadas;
- As letras ou palavras entrelinhadas, ou colocadas à margem, foram colocadas entre <>;
- Sempre que a leitura suscitou dúvidas, assinalou-se com (?);
- Os erros ou repetições foram seguidos de [sic];
- As palavras ou frases impossíveis de ler ou de difícil leitura foram seguidas de [...]; sempre que foi possível reconstituir a palavra, utilizaram-se também os parêntesis retos com as respetivas reconstituições;
- Utilizou-se um traço – para representar a chaveta que separa a rubrica do montante;

Livro de Receitas e Despesas da Câmara Municipal de Elvas de 1432-1433²

[Capa]

[em letra posterior³]

Receita e Despesa do anno de quatrocentos e dezanove

Receita e Despesa do anno de 1419?

Aliás, de 1432 a 1435.

[verso da capa]

He despesa he estam aqui scritos quantos capitulos e privilegios tem esta vyla.

[fl.1]

² A análise da gestão financeira do município foi já realizada e publicada por nós (SEQUEIRA, Joana & FERREIRA, Sérgio (2019) – *Gerir uma vila alentejana no século XV: as finanças municipais de Elvas de 1432-1433. Fragmenta Historica*, 7, p. 55-69).

³ Na capa, encontram-se letras de duas mãos diferentes, uma possivelmente do século XVIII e outra do século XX. Todo o restante texto do caderno é escrito pela mão de Lopo Vasques, escrivão da câmara de Elvas em 1432-33, salvo pequenas anotações em letra diferente, que são devidamente assinaladas. O livro foi foliado posteriormente, com numeração árabe, que aqui seguimos.

Livro da receita e despesa d’Afomso Lourenço mer[...]⁴ procurador do concelho.

Era do nascimento de nosso senhor Jhesus Christo de mill e III^c e XXXII anos⁵ XXIX dias do mes de junho por dia de Sam Pedro em a billa d’Elvas dentro da casa da audiência estando hi Rui Gomez galego tabeliam ouvidor por Joham Vaasquez de Pedroso juiz por el rei em a dicta billa e Airas Gomez de Goes e Joham Gonçalvez o Louro e Fernam Rodriguez de Campo Maior e Rodrigo Anes das Cabras vereadores e Afomso Lourenço procurador do concelho e Rodrigo Estevez tabeliam e Vasco Perega e Gill Gonçalvez e Vaasco Gomes e Afomso Dominguez e Joham Lourenço e Fernam Nunez alcaide pequeno e outros muitos escudeiros e omeens boos veendo como se rematavam as rendas do concelho que andavam em pregam pera se rematarem a quem per ellas mais desse as quaes foram rematadas a estes que se adelante segue.

[fl. 1v.]

<Renda⁶> Perante os suso dictos pareceo Joham Gonçalvez Boralho porteiro e pregoeiro do concelho e deu fe que elle trouve as rendas do concelho des o dia de sam Joham ataa o suso dicto <dia> de sam Pedro em pregam e que nom achou quem lhe polla renda das binhas e coutos mais desse que Joham Afomso jenro do Gazmaneto e Martim Cotrim que lhe em ella poserom cinco mill reaes brancos e huum touro boom e recebondo de dar e de tomar todo em salvvo pera o concelho e o dicto ouvidor e vereadores e procurador bista sua fe mandarom que lha rematase com as condicoes acostumbradas de enader e minguar como sempre foy huso e custume e o dicto pregoeiro lha rematou com as ditas condicoes e mandarom ao dicto procurador que tomase do dicto rendeiro tall fiança per que o dicto concelho seja seguro e mandarom a mim Lopo Vaasquez escrivam da camara que o escrevese assy – \bar{V} reaes.

Da quall renda ficou por fiador e principall pagador ao todo quanto pertence aa parte de Martim Cotrim Lourenço Martinz filho de Martim Dominguez da Rua da Feyra o quall se obrigou por fiador aa dicta renda segundo dicto he. Testemunhas Afomso Vaasquez Busaranho e Martim Dominguez⁷ sobrinho de Steve Anes Boreiro e eu Lopo Vaasquez escrivam que esto escrevi.

⁴ O fólio encontra-se rasgado nesta parte, pelo que não foi possível completar a palavra.

⁵ Segue-se, riscado: “XXX dias de”.

⁶ Alinhado à esquerda.

⁷ Segue-se, riscado: “Pedro”.

Outrosi o dicto Joham Afomso deu por fiadores aa sua parte Gomez Roiz alcoutino e Joane Anes sobrinho de Lourenço Manso os quaes se obrigaram aa dicta renda. Testemunhas o dicto Afomso Vaasquez e Esteve Anes e Fernamd' Afomso e Martim Dominguez e outros.

[fl. 2]

<Renda⁸> Item a renda da almotaçaria foy remata[da] a Joham Fernandez Toribo per XIII mil reaes brancos e huum touro boom e reçoebondo com as dictas condições acostumadas – XIII mil reaes.

<Fiança⁹> Da quall renda deu por fiador Afomso Diniz o quall se obrigou por fiador e prinçipall pagador ao todo a dicta renda testemunhas Rui Gomez tabeliam e Fernam Gonçallvez e Rodrigo Afomso Garro e Joham Lourenço e Rui Vaasquez Sisam e eu Lopo Vaasquez escrivam da camara que esto escrevi.

<Renda¹⁰> Item a renda do azinhall foy rema[ta]da a Joham Caro e a Gonçalo Vaasquez rendeiros que foram ho ano pasado ante do dicto dia de Sam Pedro com acordo do juiz e vereadores e omes boos com tall condiçam que os dictos rendeiros desem d'antemaaom $\bar{\text{II}}$ reaes pera a festa do Corpo de Deus e de Sam Joham os quaes foram entregues ao procurador do ano pasado a quall foy rematada por <IV¹¹> mill <VII^C> e¹² reaes brancos e huum touro boom e reçoebondo com as condições acostumadas e ficam asi em reçoeta sobre o dicto Afomso Lourenço procurador – $\bar{\text{IIII}}$ VII^C .

<Fiança¹³> Da quall renda deu Joham Caro por fiadores a sua parte Martim Caro e Gonçalo Lourenço Crimente os quaes se obrigaram por fiadores e prinçipaaes pagadores ao todo.

[fl. 2 v]

<Renda¹⁴> Item a renda das medidas <e pesos> foy rematada a Joham Afomso criado de Tareija Fernandez com o suso dicto acordo por tres mill e quinhentos reaes por que deu d'ant[e]maaom pera as dictas festas mill e V^C os quaes reçoebou o procurador do ano pasado e ficam em reçoeta sobre Afomso Lourenço procurador $\bar{\text{II}}$ reaes e huum touro boom e reçoebondo de

8 Alinhado à esquerda.

9 Alinhado à esquerda.

10 Alinhado à esquerda.

11 Rasurado.

12 Segue-se, riscado: "quinhentos".

13 Alinhado à esquerda.

14 Alinhado à esquerda.

dar e tomar. A quall renda elle recebeo em si com as condições acostumadas – $\bar{\text{II}}$ reaes.

<Fiança¹⁵> Da quall renda deu por fiador Alvaro Gonçallvez de Biseu o quall se obrigou por fiador e principall pagador ao todo. Testemunhas Pero Gonçallvez mercador e Rui Vaasquez Sisam e Lopo Garçia e Lourenço Martinz <Pam> e Augua e Pero Anes Frausto e outros e eu Lopo Vaasquez escrivam da camara que esto escrevi.

Das quaes rendas o dicto procurador recebeo a hũa parte do conçelho que vem a ella – $\bar{\text{VIII}}$ V^{C} LX e sete reaes.

<Renda> Item a renda do curall foy rematada a Bento Margalho por trezentos e XX reaes brancos em paz e em salvo pera o conçelho. Testemunhas Joham Afomso de Borba e Joham Afomso Braçinhos e esto per mandado de Rui Gomez Galego ouvidor e porquanto nom achou quem por ella mais desse que o dito Bento Margalho segundo deu fe Joham Gonçallvez porteiro do conçelho e eu Lopo Vaasquez escrivam da camara que esto escrevi – III^{C} XX reaes.

$\bar{\text{VIII}}$ VIII^{C} LXX<X> VII reaes

[fl. 3]

E depois desto aos XXIII dias do mes de novembro na praça da porta de Santiago foy rematada a barca do porto d’Odiana em Bento Perez Cavaleirinho por duzentos reaes brancos porquanto nom acharom quem por ella mais dar segundo deu fe Joham Gonçallvez Boralho porteiro do conçelho que a trouve em pregam e que nom achou quem por ella mais desse que o dicto Bento Perez que della deu os dictos II^{C} reaes dos quaes dinheiros he a meatade do conçelho d’Olivença e lhe foy rematada com as condições acostumadas em presença de mim Lopo Vaasquez escrivam da camara – çem reaes.

Item recebeo mais o dicto procurador de Gill Vaasquez Andainho procurador que foy ho ano pasado estas escrituras e cousas adeante escritas primeiramente:

Item hũa arca grande com duas fechaduras e hũa chave.

Item recebeo outra arca pequena com duas fechaduras e hũa chave em a quall andam os pelouros dos officiaes.

[fl. 3v.]

Item recebeo o testamento de Pernica¹⁶.

¹⁵ Alinhado à esquerda.

¹⁶ Este documento corresponde, provavelmente, ao atual pergaminho n.º 70 (GAMA, Eurico (1963) – *Catálogo dos pergaminhos do Arquivo Municipal de Elvas*. Elvas: Arquivo Municipal, pp. 114-115).

Item recebeo hũa carta d'el Rey em que manda que nom paguem em pedidos.

Item outra carta de capitollos que he dos feitos da almotaçaria.

Item outra carta que o corregedor da comarca nom traga consigo almotacees.

Item outra carta que nem huum nom aja ofiçio se nom tener cavallo.

Item outra carta de privilegio que o conçelho fez a Mafomede.

Item outra carta de privilegio escrita em latim.

Item outra carta escrita em latim com huum seello vermelho.

Item outra carta de capitollos dos mancebos de soldada.

Item outra carta de sentença do Condeestabre¹⁷.

Item os capitollos que Gonçallo Roiz e Rui Gill trouverom quando foram aas Cortes.

Item huum livro de capitollos e privilegios da terra d'el rey Dom Afomso com huum seello de chumbo¹⁸.

Item outra do Infante per que manda que dos dinheiros das duas partes dem V^C reaes ao alferes.

[fl. 4]

Item outra carta que os vasallos velhos ajam os offiços ainda que nom tenham cavallos.

Item recebeo huuns capitolos que forom enviados ao Infante.

Item outra carta que o alcaide do castello ha de dar tres omeens pera cada huum delles seer alcaide pequeno.

Item outra carta das coutadas.

Item outra carta dos mercadores que mostrem alvaraes dos panos.

Item outra carta per que possam tomar homeens bragantes per alvaraes.

Item outra carta que o alcaide nom solte os omeens que o juiz mandar aa cadea¹⁹.

Item outra carta que nom sejam nenhũas terras coutadas sem carta d'el Rey.

¹⁷ Este documento corresponde, provavelmente, ao atual pergaminho n.º 63 (GAMA, 1963: 100).

¹⁸ Este documento corresponde, provavelmente, ao atual pergaminho n.º 82 (GAMA, 1963: 25-29).

¹⁹ Embora os conteúdos pareçam ser contraditórios entre si, é possível que este documento tenha alguma relação com o atual pergaminho n.º 44 (Cf. GAMA, 1963: 80).

Item outra carta que o juiz dos resiidoos²⁰ façom as audiências onde os jeeraes²¹.

Item outra carta que nom sejam açaquaes se nom de XV pera fundo e de L^{ta} pera cima.

Item outra carta dos juramentos d’el Rey.

Item outra carta velha de capitollos.

Item outra carta que se livrem os fectos na terra.

[fl. 4 v.]

Item outra carta dos que lavrom em Badalhouçe²².

Item outra carta que os cavaleiros e fidalgos falem nas audiências.

Item outra carta que falla das enjureas de cavrom(?).

Item outra carta do conçelho de Beja da quita do pam.

Item outra carta dos mançebos que os meyrinho [sic] nom tenham de veerem com eles.

Item outra carta que nom pousem na çerca velha.

Item outra carta que dem as carregas em Setuveell.

Item outra carta de privilegio dos fectos da almotaçaria.

Item outra carta que falla de medidas de pam e azeite.

Item outra carta que nom dem homens pera velar no castello.

Item outra carta que façom treze canadas no almude do binho.

Item outra carta que se mantenham as ordenaçoens sobre fecto dos mancebos.

Item huum estromento sobre o carvam d’Aronches e de Monforte.

Item hũa carta que os clerigos trouvesem armas.

Item outra carta que obriga se tome conta dos beens dos finados.

[fl. 5]

Item outra carta contra o conçelho d’Aronches que posamos cortar lenha²³.

Item huum privilegio escrito em latim.

Item outra carta que lavrem em Castella.

Item huum estromento sobre fecto dos mancebos.

²⁰ Segue-se, aparentemente riscado: “nom”.

²¹ Este documento corresponde, provavelmente, ao atual pergaminho n.º 43 (GAMA, 1963: 79-80).

²² Este documento corresponde, provavelmente, ao atual pergaminho n.º 80 (GAMA, 1963: 124).

²³ Este documento corresponde, provavelmente, ao atual pergaminho n.º 59 (GAMA, 1963: 97).

Item outra carta per que dem amenistraçam da capella²⁴ a Gonçalo Brandam.

Item outra carta per que se lavrasem os alqueves que tiinhom factos em Castella e mais nom.

Item outra carta per que Fernam Martinz foy fora de juiz.

Item hum estromento sobre fecto da barca d’Odiana.

Item outra carta que nom ande a medida do azeite pella billa.

Item outra carta sobre a lavrança do Rancam.

Item duas cartas d’el rey em papel hũa sobre fecto da coutaria.

Item outra carta sobre fecto d’almotaçaria.

Item outra carta sobre fecto das egoas.

Item outra carta de Joham Gonçallvez Caldellas.

Item outra carta que os juizes dos resiidoos nom levem dinheiro.

Item hũa carta d’espaco dos que estavom em Badalhouçe.

Item outra carta dos beesteiros que nom vendam outras caiças com as suas.

Item outra carta de Monforte.

Item outra carta de Billa Biçosa²⁵.

Item outra carta d’el rey que vezinhem com os [...]²⁶.

[fl. 5 v]

Item outra carta dos que jaziam cativos em Castella.

Item outra carta que o anadall dos beesteiros.

Item outra que os cavaleiros posam falar pollos seus em audiências.

Item outra carta que os bispos nom tomem conhecimento dos factos leigaaes.

Item outra carta que o corregedor nom este em esta billa mais de VIII dias.

Item outra carta que nom este mais que XV dias.

Item outra que el Rei confirmou todos los privilegios e cartas.

Item outra carta que os rendeiros das sisas tomem juizes a sua vontade.

Item outra carta que os que trazem algumas erdades sejam demandados aqui na terra.

Item hũa carta que falla do almoxarife de Estremoz.

Item hũa carta de Gonçalo Rodriguez d’Avreu.

Item seis cartas de Martim Afonso de Mello.

Item duas de bulilho(?) carvo(?).

²⁴ Segue-se uma letra riscada.

²⁵ Este documento poderá, eventualmente, corresponder ao atual pergaminho n.º 51 (GAMA, 1963: 91).

²⁶ Fólio manchado, impedindo a leitura das palavras que se seguem.

Item XXVIII livros e cadernos dos procuradores que foram.
Item o livro boracho.
Item hũa fechadura grande com hũa chave.
Item hũa fateixa de ferro.
Item hum grillo de levar pressos.
Hũa cadea delgada de ferro pera estar preso o livro boracho.
Item hũa bandeira velha de çendall.

[fl. 6]

T[*itulo*] das cooimas e penas que o dicto procurador reçoebio primeiramente

<julho²⁷> Item domingo seis dias do mes de julho reçoebio o dicto procurador de Vasco Afomso filho d’Afomso <Anes> Ronbeiro de dous asnos²⁸ que vierom ao curall que foram achados de dia nas binhas – X reaes.

E depois desto aos dez dias do dicto mes reçoebio de Joan’Afom[so] Braçoinhos d’huum asno que veo ao curall que foy achado de dia nas binhas – V reaes.

Item reçoebio de Joham d’Elvas d’huum asno que lhe trouverom ao curall que foy achado de dia em as dictas binhas – V reaes.

E depois desto aos XIII dias do dicto mes reçoebio o dicto procurador de Mafomede mercador d’huum roçoim que veo ao curall que foy achado de noite nos paaens – dez reaes.

E depois desto aos XXV dias do dicto mes reçoebio d’Alvaro Gonçoalvez Rabello almocreve d’huum roçoim que veo ao curall que foy achado de noite nas binhas – X reaes.

[fl. 6v]

agosto

E depois desto aos quatro dias do mes de agosto recebeo o dicto procurador de Bento Lourenço filho de Lourenço Perez beato d’huum roçoim que veo ao curall que foy achado de dia nas binhas – V reaes.

Item reçoebio d’Afomso Giralldez d’huum muu que veo ao curall e foy trazido per Afomso Dominguez binheiro que o achou nas binhas de dia – V reaes

<estas foram de livres per hũa sentença aqui cosida²⁹> E depois desto aos dez dias do dicto mes os rendeiros das binhas aseentaron seseenta colmeas do Gordo mouro e d’Azmede seu filho as quaes estavom dentro nos coutos das binhas e per bem da ordenaçam som perdidas a meatade

²⁷ Alinhado à esquerda.

²⁸ Segue-se, riscado: “de”.

²⁹ Alinhado à esquerda.

pera o conçelho. Eu escrivam requeri ao dicto procurador que recadase a parte do conçelho – XXX colmea³⁰s.

E depois desto aos³¹ doze dias do dicto mes reçoeeo o dicto procurador d'Alvargo judeu de duzentas cabras que foram achadas nos coutos das binhas e olivães das quaes montava a parte do conçelho L reaes e porquanto lançou hũa prenda alhea a penhor da dicta cooima a quall jazia por XV reaes e o dicto judeu fugiio antes que a tirassem mandou o conçelho que desem a prenda a seu dono e que paguase os XV reaes por que jazia e mais nom – XV reaes.

<colmeas³²> Item reçoeeo mais de Martinhanes jenro de Sabores çinquo colmeas polla parte do conçelho de dez que foram jugadas [sic] porquanto estavom dentro nos coutos das binhas ou aquello que valerem a dez reaes cada hũa – L^{ta}³³

LXXV

[fl. 7]

setembro

E depo³⁴is desto aos XXVIII dias do mes de setembro recebeo o dicto procurador de Joham escudeiro da pegada d'huum roçim que veo ao curall que foy achado de dia nas binhas – V reaes.

Item reçoeeo de Pero Alvarez d'huum³⁵ roçim que vierom com o suso dicto achado em a dicta binha de dia – V³⁶ reaes.

outubro

E depois desto aos VIII dias do mes de outubro reçoeeo de Joham Gonçallvez jenro da Namorada d'hũa egoa que foy achada nos coutos das binhas – L^{ta} reaes.

Item reçoeeo de Joham Vaasquez carpenteiro de dous bois que foram achados de dia em hũa binha – X reaes.

E depois desto aos XII dias do dicto mes reçoeeo da molher de Luis Dominguez da Alçaçova d'huum roçim que veo ao curall que foy achado de dia nas binhas – V reaes.

30 Seguem-se algumas letras riscadas.

31 Segue-se, riscado: "XV".

32 Alinhado à esquerda.

33 Segue-se, riscado: "XXV".

34 Segue-se uma letra riscada.

35 A palavra é emendada de "dous".

36 O número é emendido de "X".

Item rezebeo d’Afomso do Riio de quatro bois que bierom ao curall que foram achados de dia nas binhas – XX reaes.

[fl. 7 v.]

Item rezebeo d’Airas Perez mercador de dous bois que foram achados com estes – XX reaes.

<esta cooima foy asoluta³⁷ na vereaçam porquanto se o dicto mouro obrigou ao conzelho a lhe dar IIIIC [...]³⁸ por seus dinheiros³⁹>

Item rezebeo de Gonçallo Sabores de VIII bois que bierom ao curall que foram achados de noite nas binhas – LXXX reaes.

Item rezebeo de Martinh[o] Anes seu jenro de dous bons bois que bierom com estes achados de noite em as dictas binhas – XX reaes.

Item rezebeo de Pam e Augua de dez bestas que lhe foram achadas de <dia>⁴⁰ nas binhas – L^{ta} reaes.

Item recebeo d’Afomso Fernandez jenro de Pero Affomso da Durana de tres bestas que bierom ao curall que foram achadas de dia nos coutos – XV reaes.

<Nuno Martinz⁴¹> E depois desto aos XVIII dias do dicto mes rezebeo Nuno Martinz procurador em logo do dicto Afomso Afomso [sic] Lourenço d’hũa egoa com hũa potranca de Fernam d’Airas – L reaes.

Esta coima suso escrita foy livre e desembargada na vereaçam pello juiz e vereadores e procurador porquanto se provou que derom os lobos neelas e as fezerom fugir e bierom aos coutos onde foram achadas.

CLXXXV reaes⁴²

[fl. 8]

E depois desto aos XIX dias do dicto mes rezebeo Isaque della Linda d’huum asno que veo ao curall que foy achado de dia nos coutos – V reaes.

Item rezebeo de Bento Pereira d’huum asno que veo ao curall que foy achado de dia em os dictos coutos – V reaes.

Item rezebeo de Fernam Dominguez da Alcaçova d’huum asno que foy achado de dia nas binhas – V reaes.

³⁷ Segue-se uma palavra riscada.

³⁸ Palavra ilegível.

³⁹ Alinhado à esquerda. Segue-se, riscado: “Item rezebeo de Mafomede mercador de duas egoas que bierom ao curall que foram achadas nas binhas de dia — C reaes”.

⁴⁰ Segue-se, riscado: “noite”.

⁴¹ Alinhado à esquerda.

⁴² Segue-se, riscado: “CLXXX reaes”.

E depois desto aos XXIII dias do dicto mes recebeu de Jacob d'Albuquerque d'huum asno que veo ao curall que foy achado de dia nas binhas – V reaes.

E depois desto aos XXVII dias do dicto mes recebeu Afonso Lourenço procurador de Garçia Lourenço da Alcaçova de V bois que vierom ao curall que foram achados de dia nos olivae de papullos – XXV reaes.

dezembro

E depois desto aos dous dias de dezembro recebeu o dicto procurador de Joham Estevez hirmaao de Rodrigo Estevez de seis bois que foram achados de noite nos olivae – LX reaes.

CV

[fl. 8 v.]

Item recebeu de Pero Alvarez Palra Biada de dous bois que vierom com os suso dictos achados de noite em os dictos olivae – XX reaes.

Item recebeu de Martim Coelho de dous bois que foram achados com estes de noite – XX reaes.

E depois desto aos VII dias do dicto mes recebeu de Gomez Eanes filho de Joham de Ribadoiro de dous bois que bierom ao curall que foram achados de noite⁴³ nos olivae – XX reaes.

Item recebeu de Joham Lourenço Torrujo d'huum boi que veo ao curall que foy achado nos olivae de dia – V reaes.

Item recebeu de Lopo Gill d'hum <boi> que veo ao curall achado de dia nos olivae – V reaes.

E depois desto aos dez dias do mes de dezembro recebeu de Nuno Martinz de quatro bois que bierom ao curall que foram achados de noite nos olivae peados – R⁴⁴ reaes.

Item recebeu de Jaco d'Albuquerque d'huum asno que veo ao curall que foy achado de dia nas binhas – V reaes.

CXV

[fl. 9]

Item recebeu de Lopo Gill filho de Gil Eanes de dous bois que vierom ao curall que foram achados de noite nos olivae – XX reaes.

Item recebeu de Bertolomeu Sanchez d'huum boi⁴⁵ que foy achado com estes de noite – X reaes.

⁴³ Segue-se, riscado: "de".

⁴⁴ R tem o valor de 40.

⁴⁵ Segue-se a letra "s" riscada.

Item reço deo d'Esteve Anes criado de Rodrigo Estevez d'uum boi que veo ao curall que foy achado de noite nos olivae – X reaes.

Item reço deo de Joham Affomso jenro de Joham Mouro de tres bois que que [sic] bierom ao curall que foram achados de noite nos olivae – XXX reaes.

Item saiom dous bois que jaziam com estes per alvara de Gonçalo Anes tabeliam os quae erom de Luis Eanes – XX reaes.

Item saio mais huum roçim de Rui Vaasquez d'Aavreu.

E depois desto aos XVIII dias do dicto mes reço deo de Rui Vaasquez Sisam de dous bois que vierom ao curall que foram achados de dia nos olivae – X reaes.

CV

[fl. 9 v.]

Item com estes bierom ao curall dous bois de Joham Canellas Deus ho curaleiro per mandado do juiz – XX reaes.

E depois desto aos XX dias do dicto mes reço deo de sete bois que o meirinho do corregedor trouve ao ao [sic] curall que foram achados de noite nos olivae e mandou o juiz que ouvese o conçelho a meatade da cooima – ⁴⁶trinta e çinquo.

Item reço de Luise Anes filho de Joham d'Elvas de dous bois que vierom ao curall que foram achados de noite nos olivae – X⁴⁷ reaes.

Item no dicto dia reço deo de Joham Affomso e de Martim Cotrim rendeiros das binhas polla parte das cooimas que o conçelho avia em a dicta renda das binhas a quall lhe foy rematada pello juiz e vereadores em a camara da vereaçam por – VI^C reaes.

janeiro

E depois desto aos tres dias do mes de janeiro reço deo per Joham Gonçallvez Boralho porteiro do conçelho d'Alvaro Affomso vasou por que contra a hordenaçam caçou nas oliveiras alheas foy julgado per sertenças [sic] – C reaes⁴⁸.

[fl. 10]

E depois desto aos dez dias do dicto mes reço deo do rendeiro do curall de seis bois que vierom ao curall que foram achados em huum trigo de noite trazidos per o dono do pam – seseenta reaes.

⁴⁶ Antecedido pelo seguinte número, riscado: “XXXV”.

⁴⁷ Parece tratar-se de um X aspado, com o valor de 40, mas por analogia com outras coimas cobradas deveria ser XX.

⁴⁸ No fundo do fólio, na margem direita, surge um número riscado (ilegível).

E depois desto aos XXVI dias do dicto mes rezebeo de Brita Filhos de huum roçim que veo ao curall que foy achado em hũa çevada de Rodrigo Estevez trazido ao curall per Joham Canellas que esta casado com sua enteada – çinquo reaes.

<estes dinheiros som aseentados no titollo das rendas⁴⁹>

Item rezebeo de Joane Anes filho de Joane Anes carniçeiro porque foy contra a ordenaçom em trazer huum açaquall nom seendo das pessoas que o aviam de trazer mandou o juiz e vereadores que paguase a pena que he contheuda em a dicta ordenaçom – duzentos reaes.

Esta cooima foy asoluta em vereaçom por que prov [sic] que [e⁵⁰]ra cinquo meses que o nom trazia salvvo pera sua ca[s⁵¹]a.

[fl. 10 v.]

Item rezebeo mais o dicto procurador mill e quinhentas telhas de certas fornadas que se cozerom no forno do conçelho a quall telha foy vendida a XIII reaes o çento que monta em a dicta telha – duzentos e dez reaes.

Item rezebeo de Gomez Fernandez Castelaao d’huum boy que veo ao curall achado de noyte nas binhas – dez reaes.

Item rezebeo de Nuno Tristam de dous bois que vierom ao cull [sic] que foram achados de noite em dano – biinte reaes.

Item rezebeo⁵² d’huum manço de Fernam Gill de Quaiolla servidor do lagar do azeyte de Joham Cordeiro porque nom jurou segundo manda a ordenaçom – çem reaes.

Item rezebeo mais o dicto procurador do meestre do lagar de⁵³ Joham⁵⁴ escudeiro por que passou a ordenaçom em nom jurar – çem reaes.

[fl. 11]

Item rezebeo d’Afomso Anes meestre do lagar de Martim Gomez porque nom jurou segundo a ordenaçom e mais porque moeo maa azeytone e foy penado por a dicta razom em C reaes e çento da jura que he per todo – duzentos reaes.

⁴⁹ Alinhado à esquerda. Segue-se, riscado, o seguinte item: “Item rezebeo de Bento Perez filho do Cavaleirinho da barca d’Odiana que lhe foy rematada por II^C reaes dos quaes dinheiros ouve o conçelho d’Oliveença cento e fica a este conçelho outros çento – çem reaes”.

⁵⁰ Fólio manchado.

⁵¹ Fólio manchado.

⁵² Segue-se, riscado: “de”.

⁵³ Seguem-se algumas letras riscadas.

⁵⁴ Seguem-se algumas letras riscadas.

Item rezebeo de Bertollameu meestre do lagar de Joham Cordeiro porque encorreo em pena de nom jurar – L^{ta} reaes.

Item rezebeo mais de Gomez Vicente porque encorreo em a dicta pena – çem reaes.

Item rezebeo de foros de casas que o conzelho tem aforadas a alguuas pessoas em os quaes monta – çento⁵⁵ <trinta III reaes>.

Item çebeo [sic] d’Affomso de Cordova de hum roçim que lhe trouverom ao curall que foy achado de dia em hũa binha – V reaes.

Item rezebeo de Nuno Tristam de quatro bois que bierom ao curall que foram achados nas binhas de dia – quarenta reaes.

Item rezebeo de Joham Afomso binagreiro de hum <roçim> que veo ao curall achado de dia em hũa binha – X reaes.

[fl. 11v.]

Item se mostra que recebeo mais o dicto procurador de Joham Fernandez Toribo rendeiro da almotaçaria dos dinheiros das duas partes que erom apartados pera as obras – dous mill e novecentos e L^{ta} reaes brancos.

Item rezebeo mais do dicto Joham Fernandez duzentos e LXXXVIII reaes brancos – duzentos e LXXXVIII reaes.

Item se mostra que rezebeo mais o dicto procurador de Joham Caro e de Gonçalo Vaasquez rendeiros do azinhall em parte de pago dos dinheiros que aviam do pagar aas duas partes que erom apartados pera as obras – mill e çem reaes.

<este foi livre em vereação⁵⁶>

Item do comendador da espada de hum muu que veo ao curall que foy achado de dia em hũa binha – X reaes.

Item se mostra que rezebeo mais ho procurador de Joham Fernandez Toribo rendeiro da Almotaçaria ho ano presente – Ī V^c LXII reaes.

<[...]⁵⁷> Estes foram dados pera o cambio do Ifante dom Pedro e portanto nom som levados em recepta nem em despesa e estes [...]⁵⁸ em este livro⁵⁹.

⁵⁵ Segue-se, riscado: “seseenta”.

⁵⁶ Alinhado à esquerda. Segue-se, no corpo central, riscado, o seguinte item: “Item rezebeo mais de Joane Anes amo de Ruy Gomez de duas bestas grandes que bierom ao curall que foram achadas em hũa binha de dia — XX reaes”.

⁵⁷ Texto ilegível alinhado à esquerda. O fólio manchado impede a sua leitura.

⁵⁸ Palavra ilegível.

⁵⁹ Segue-se, riscado, o seguinte número: “V̄ II^c X reaes”.

LII R^{ta} VIII IIII⁶⁰

[fl. 12]

151894

despesa 1562

deve

28689

recepta – XVII IIII^C LV

[fls. 12v. ao 16v. foram deixados em branco]

[fl. 17]

Item deu por hũa mea duzia de sobradais pera o asentamento do trono – XX IIII reaes.

Item a duas molheres que amasarom o pam – doze reaes.

Item por duas carregas de lenha per fazerem de comer – dez reaes.

Item por XXXI aratees de vaca a VIII pretos ho arateell que monta em eles – biite [sic] e IIII reaes e VIII pretos.

Item por tres carneiros que pesarom tres arrovas que som noventa VI aratees a doze pretos ho arateell que monta em as dictas tres arrovas – çento e XV reaes e quatro pretos.

Item por hum pedaço de touçinho – cinco reaes.

Item por seis galinhas a dez reaes cada hũa que monta em ellas – seseenta reaes.

Item por duas carregas d'augua – dous reaes.

Item por ovos pera o desfeito – seis reaes.

Item por espeçias acafram e cravos e canella e pimenta – quinze reaes.

Item por hum cobanejo d'ameixeas – trinta reaes.

Item huum çesto de pepinos – biinte reaes.

Item por <mea duzea de> sobradais a Lopo Garçia – XVI reaes.

Item por duas onças de cardamilho a V reaes e⁶¹ <tres> d'alvayade a IIII reaes que monta – XXII reaes.

III^C LXII

[fl. 17v.]

Item por binagre e çebollas – dous reaes.

Item por çereijas – seis reaes.

Item por dous asados pera pera [sic] fazerem de comer – quatorze reaes.

Item por dous almudes e meo de binho branco a dous reaes a canada monta em elle – seseenta e çinquo reaes.

Item por sete almudes de binho vermelho a reall a canada monta em elle – noventa e huum reaes.

⁶⁰ Estes números aparecem separados no fundo do fólio. Parecem ser anotações.

⁶¹ Segue-se, riscado: "duas".

CLXXVI reaes

Esta he a despesa que se fez em dia de Sam Joham Bautista per acordo do juiz e vereadores primeiramente em fruta e binho.

Item por hũa mea canastra de peras – trinta reaes.

Item por VIII^C pepinos sete a reall que monta em elles – çento e XIII reaes e meo.

III^C XX II meo

[fl. 18]

Item por mill e trezentas beberas dez a reall monta em ellas – çento e trinta reaes.

Item mas por hũa cesta de figos brancos doze a reall montou em elles – quinze reaes.

Item por duas çestas de maaõ d’ameixas – dez VIII reaes meo.

Item por cinco almudes de binho branco a XXVIII pretos a canada que que [sic] monta em os dictos almudes – çento e cinquenta e cinco reaes.

Item por dez almudes de binho vermelho a doze pretos a canada que monta em elle – çento e cinquenta e cinco reaes.

Item mais per mandado do juiz e vereadores deu o dicto procurador a Estevom Lopez alferez dous almudes de binho vermelho e huum de branco a doze pretos a canada do vermelho e a XXVIII a canada do branco que monta em elle – seseenta e dous reaes e quatro pretos.

v^C X’⁶² v⁶³

[fl. 18 v.]

Item mandarom dar mais ao dicto alferez pera fruta – cinquenta reaes.

Item mandarom aos beesteiros de garrucha e aos beesteiros do conto quatro almudes de binho vermelho que custou a canada a doze pretos monta em elle – sesenta e dous reaes e quatro pretos.

Item mais mandarom dar aos dictos beesteiros pera fruta – cinquenta reaes.

Item por oito cantaras pera teer ho binho e augua a dous reaes e meo cada huum que monta em eles – biite [sic] reaes.

Item por oito quartas pera lançarem o binho com ellas a reall e meo cada hũa que monta em ellas – doze reaes.

CLR⁶⁴ IIIII meo

[fl. 19]

62 Trata-se de um X aspada, que tem o valor de 40, mas segue-se, riscado: “XX”.

63 Segue-se um número riscado.

64 R tem o valor de 40.

Item deu por nove carregas d'augua pera auguarem a casa da audien-
cia e da vereaçam – nove reaes.

Item por duas chaves e pregos per a arca onde jazem os pellouros deu
– dez reaes.

Item deu per mandado do juiz e vereadores a VIII homens que alinpa-
rom o poço de Caucan a dez reaes a cada huum e mais V reaes pera binho
que monta per todo – LXXXV reaes. <Caucan⁶⁵>

Item se mostra que o dicto procurador deu per alvara asiinado pello
juiz e vereadores feito por mim escrivam aos XXII dias de junho pello quall
mandarom dar a mim Lopo Vaasquez escrivam da camara setecentos reaes
brancos que me erom devidos do mantiimento que avia d'aver do conçelho
do ano que Gill Vaasquez foy procurador – setecentos reaes brancos.

VIII^c IIII

[fl. 19 v.]

Item deu mais o dicto procurador per mandado do juiz e vereadores a
Joane Anes beesteiro meestre do relógio em parte de pago de mill reaes
que que [sic] ha d'aver do conçelho com o dicto ofiçio – çem reaes brancos.

Item se mostra que o dicto procurador deu per alvara asiinado pello
juiz e vereadores feito por mim escrivam pello quall me mandarom dar em
começo de pago de dous mill reaes que ey d'aver do conçelho de meu man-
tiimento com o dicto ofiçio – mill reaes brancos.

Item se mostra que deu mais o dicto procurador per alvara asiinado
pellos vereadores facto per mim escrivam aos d[...]⁶⁶ do mes de janeiro pollo
quall mandarom dar a mim dicto escrivam em parte de pago do dicto man-
tiimento – quatroçentos reaes brancos.

Item se mostra que deu mais o dicto procurado [sic] per alvara do juiz
e vereadores facto per mim escrivam aos X dias do mes de janeiro pello quall
mandarom dar a mim dicto escrivam em comprimento de pago do dicto
mantiimento do dicto ano – seisçentos reaes brancos.

II e C

[fl. 20]

Item se mostra que deu mais o dicto procurador per alvara asiinado
pellos vereadores facto per mim escrivam aos XXI dias do mes d'abrill pello
quall mandarom dar a mim dicto escrivam em comprimento do pago de mill

⁶⁵ Anotação na margem direita com letra posterior.

⁶⁶ Palavra ilegível devido a mancha no fólio.

reaes que me erom devidos do ano pasado do quall Gill Vaasquez foy procurador – trezentos reaes brancos.

Item se mostra que deu mais o dicto procurador per alvara asiinado pello juiz e vereadores facto per mim escrivam aos XXVI dias de fevereiro pello quall mandaram dar a Bertolameu ferreiro meestre do relógio em parte de pago do mantiimento que ha do conçelho com o dicto ofiço – duzentos reaes brancos.

Item se mostra que deu mais o dicto procurador per alvara asiinado pello dicto juiz e vereadores facto per mim escrivam aos XXVIII dias de mayo pello quall mandaram dar a Fernamd'Eanes III^C reaes brancos que lhe som postos de teença em cada huum ano deste conçelho – trezentos reaes brancos.

VIII^C

[fl. 20 v.]

Item⁶⁷ se mostra que deu mais o dicto procurador per huum alvara de Johane Meendez corregedor em esta comarca d'Antre Tejo e Odiana pello quall mandou dar a Lourenço Anes Obras de Deus porteiro do conçelho III^C reaes brancos e VIII allas de pardo que avia d'aver de sua soldada do ano pasado – seiscentos reaes⁶⁸.

Item se mostra que deu mais o dicto procurador a Fernam Vaasquez per bem de hũa sentença que Fernam Martinz Pestana tem contra o conçelho de dous mill VI^C reaes dos quaes o dicto procurador deve ao dicto Fernam Vaasquez em parte de pago de quinhentos reaes – V^C reaes.

I e C reaes

[fl. 21]

Item deu o dicto procurador de mill e quinhentas telhas que foram vendidas a XIII^{II} reaes o cento que montou de sisa aa parte do conçelho – dez reaes.

juiz

Item se mostra que deu mais o dicto procurador a Joham Vaasquez de Pedroso juiz em a dicta villa per huum alvara asiinado per sua maa facto nom sey per quem facto ao postumeiro dia do mes d'oitubro da Era de XXXII anos os quaes dinheiros regebeo per os rendeiros das binhas do dicto ano seis^C [sic] reaes que som dados a hũa parte do conçelho – seis^C [sic] reaes.

⁶⁷ Este item é precedido de outro, riscado: “Item se mostra que deu mais o dicto procurador per alvara asiinado pellos vereadores facto per mim escrivam aos dez dias do mes de janeiro pello quall mandaram”.

⁶⁸ Segue-se número riscado (ilegível) e item riscado: “Este pano lhe foy pagado primeiro segundo se mostrou em seu livro em seu titollo”.

Item se mostra que deu mais o dicto procurador ao dito Joham Vaasquez juiz per huum alvara asiinado de seu nome e escrito per sua maa segundo em elle fazia mençam pello qual conhoço e confesou que reço beo dos dictos rendeiros das binhas trezentos reaes – III^C reaes.

<Lopo Fernandez Chacim⁶⁹> Outrosy se mostra que recebeo mais o dicto juiz dos dictos rendeiros das binhas per outro alvara asiinado pello dicto juiz feito per Lopo Fernandez Chacim aos XV dias de dezembro trezentos reaes – III^C reaes.

Outrosy se mostra per outro alvara siinado per o dicto juiz escrito aos XIX de mayo da Era de XXXIII anos pello quall conhoço e confesou que reço beo dos dictos rendeiros das binhas trezentos e seseenta reaes – III^C LX reaes.

Ī V^C LXX

[fl. 21 v.]

Outrosy se mostra per outro alvara siinado per o dicto juiz facto per Joham Fernandez procurador do numero aos seis dias de março da dicta Era de XXXIII anos pello quall o dicto juiz conhoço e confesou que reço beo dos dictos rendeiros das binhas trezentos reaes – III^C reaes.

Outrosy se mostra per outro alvara siinado per o dicto juiz e escrito per sua maa segundo em elle fazia mençam escrito ao⁷⁰ postumeiro dia de dezembro Era de III [sic] anos pello quall conhoço e confesou que recebeo dos dictos rendeiros das binhas trezentos reaes – III^C reaes.

Outrosy se mostra mais per outro alvara siinado per o dicto juiz escrito aos XXII dias d’abrill da dicta Era de XXXIII pello quall o dicto juiz conhoço e confesou que recebeo dos dictos rendeiros das binhas seiscentos reaes – VI^C reaes.

Outrosy se mostra mais per outro alvara siinado per o dicto juiz e escrito per sua maa segundo em elle pareçia e escrito a XX dias de janeiro da dicta Era de⁷¹ pello quall o dicto juiz conhoço e confesou que reço beo dos dictos rendeiros das binhas trezentos reaes – III^C reaes.

Ī e V^C reaes

[fl. 22]

E depois desta conta reço çada deu o dicto procurador por binho e fruta – dez reaes.

X reaes

69 Anotação à margem esquerda, em letra posterior, possivelmente do século XX.

70 Segue-se a letra “s” riscada.

71 Segue-se, riscado: “XXXIII”.

Esta he a despesa de quatro touros que o dicto procurador rezebeo primeiramente:

Item disse o dicto procurador que dia do Corpo de Deus corerom dous – II

Item que ao dia de sam Joham correrom huum – I

Item e huum foy dado ao filho de Maria Franca em preço de V^C reaes que lhe avia de dar de mill que lhe erom postos de teença deste conzelho por leer de gramatica aos desta billa.

[fl. 22 v.]

Conta que foy tomada a Afomso Lourenço procurador contheudo em este livro:

Item se mostra que fazem sobre elle as rendas do conzelho quanto aa hũa parte – VIII^{V^C} e LX VII reaes.

Item se mostra que rezebeo do curall que foy rendado – III^C XX reaes

Item se mostra que rezebeo da barca que foy arrendada – çem reaes.

Item se mostra mais que rezebeo das rendas das duas partes que lhe mandarom rezeber e despender – IIII^C III^C XXX VIII reaes.

Item se mostra que rezebeo mais de coimas e penas – II^{V^C} LXIX reaes.

Soma de toda esta rezepta – XV^{VIII^C} LR IIII reaes.

Item se mostra que despendero – XIII^{VIII^C} VI^C LR IIII reaes.

este

[fl. 23]

E tirada a despesa da rezepta fica por entregar o procurador ao dicto conzelho por – I^C II^C [reaes]

Os quaes⁷² mill e duzentos reaes o dicto Affomso Lourenço logo entregou a Joham escudeiro procurador que servia ho ano da feytura da dicta conta que se delles de por entregue eu Lopo Vaasquez escripvam esto escrepvi.

Aos dez dias do mes de julho da Era de mill e III^C XXXV anos per Bento Dominguez corregedor por el rey em esta comarca d'Antre Tejo e Odiana foy tomada conta a Affomso Lourenço procurador contheudo em este livro seendo a elle presentes Fernam Gonçallvez e Joham Lourenço e Fernam Gill e Nuno Martinz vereadores do presente do ano desta conta per a quall se mostrou o dicto procurador rezeber pollo dicto conzelho per toda recepta quinze mill e oytocentos e noventa e quatro reaes e mostrou se outros[y] que despendero polla parte do dicto conzelho quatorze mill e seisçentos e noventa e quatro reaes e tirada a despesa da rezepta mostrou se per ver-

⁷² Segue-se, riscado: "logo".

dadeira conta que o dicto procurador fica pera entregar [ao] dicto conzelho mill e duzentos reaes os quaes mill e du[zentos] o dicto Afomso Lourenço logo entregou a Joham escudeiro [...]73 conzelho que servia ho ano de presente conta que se deo [...]74 por entregue o quall corregedor e ofiçiaes disserom [que o dicto Afomso]75 Lourenço procurador deu boa conta e recado do que assy rezebeo [...]76 pollo dicto conzelho e lhe mandarom assy dello dar h[...]77 e mandado eu Lopo Vaasquez suso dicto escripvam [...]78

BALASCUS

Esta bem79

73 Fólho rasgado, impedindo a leitura.

74 Fólho rasgado, impedindo a leitura.

75 Fólho rasgado, impedindo a leitura.

76 Fólho rasgado, impedindo a leitura.

77 Fólho rasgado, impedindo a leitura.

78 Fólho rasgado, impedindo a leitura.

79 Em letra diferente.

Literatura Novilatina na Recepção ao Novo Bispo de Coimbra D. Afonso Furtado de Mendonça no Colégio dos Jesuítas

Jesuit *Novilatine* literature in XVIIth's century Coimbra connected with ecclesiastic events

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

Professor Titular de Línguas Clássicas
da Universidade Federal do Amazonas (Brasil)

aguimaraesp@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7580-2372

Artigo entregue em: 30 de dezembro de 2020

Artigo aprovado em: 24 de fevereiro de 2021

RESUMO

Neste artigo transcrevem-se e traduzem-se as composições literárias em latim, escritas, pelos professores titulares dos cursos de humanidades do Colégio dos Jesuítas de Coimbra, para homenagear a visita que ao mesmo fez o recém-empossado bispo de Coimbra, D. Afonso Furtado de Mendonça, em novembro de 1616. Na introdução e notas procurou contextualizar-se e valorizar-se uma amostra de literatura novilatina portuguesa, de entre as muitas que continuam por explorar e se mantêm manuscritas em diversos e valiosos códices, como é o caso do 994 da BGUC, donde se extraíram os textos que aqui se recuperam.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura novilatina portuguesa; pedagogia jesuítica; receções aos bispos.

ABSTRACT

This article provides the transcription and translation of Latin literary compositions, written by the professors of humanities courses of the Colégio dos Jesuítas de Coimbra, to honor the visit made by the newly installed Bishop of Coimbra, D. Afonso Furtado de Mendonça, in November 1616. In the introduction and notes, it sought to contextualize and value a sample of portuguese *novilatine* literature, among the many that remain to be explored and still persist handwritten in several and precious codices, such as the case of BGUC 994, from which the texts that are recovered were extracted.

KEYWORDS: Portuguese Humanistic literature; Jesuit pedagogy; receptions of Bishops.

1. Os códices escolásticos jesuítas. Sua importância e caracterização

Foi norma dos principais colégios da Companhia de Jesus registrar em livro especial a produção literária escolar, sobretudo latina, tanto de mestres como de alunos, que por seus superiores atributos, quer de conteúdo quer de linguagem, tivesse sido considerada merecedora dessa espécie de sobrevivência. No dilatado âmbito da ação pedagógica dos inicianos em Portugal e seus domínios, do século XVI a 1759, data da sua expulsão, foram numerosos os repositórios manuscritos em que se consignou este importante acervo literário, o qual, infelizmente, em parte não despendianda, é de presumir que para sempre se tenha perdido, mercê não só dos avatares da própria história nacional, com suas sequelas de humano desleixo, criminosa sonegação¹ e sanha ideológica, como também das próprias contingências da natureza, entre as quais se devem salientar o Terramoto de 1755 e as agressões e inclemências próprias dos climas tropicais, de deletéria ação sobre o papel e a tinta.

Como facilmente se conjectura, o grosso dessa produção escolástica coube às academias de Évora e Coimbra, nas quais o grande número de alunos e a distinção dos mestres fazem supor uma maior probabilidade de

¹ Como se sabe, abundam em coleções privadas e bibliotecas públicas de países estrangeiros códices e documentos procedentes dos colégios e casas da Companhia de Jesus, vendidos ou oferecidos ao desbarato pelas autoridades públicas portuguesas incumbidas da guarda dos bens arrecadados aos jesuítas após a expulsão. Como exemplo, baste dizer que só a Hispanic Society, de Nova Iorque, possui uma coleção de esplêndidos códices, imprescindíveis para o conhecimento do teatro jesuítico em Portugal.

qualidade na execução literária. Quanto ao pecúlio manuscrito desta espécie originário da academia eborense, uma parte relativamente abundante logrou salvar-se graças aos desvelos do arcebispo D. frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, fazendo hoje parte dos fundos da Biblioteca Pública de Évora, embora necessite urgentemente de uma criteriosa catalogação, a ser necessariamente feita com a cooperação de latinistas competentes, e que, por um lado, complete o perfunctório, mas mesmo assim assaz meritório, trabalho de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, publicado em quatro volumes, entre 1850 e 1871,² e, por outro, ponha um definitivo termo à desorientação de que o incauto leitor pode ser vítima ao consultar de boa fé obras de académicos pouco probos.³

No que tange a uma parcela significativa da “nata e fina flor” da produção literária circunstancial e de menores dimensões que foi sendo produzida por ocasião dos vários eventos e efemérides que se embutiam no ritmo ordinário da vida académica do Colégio de Coimbra da Companhia,⁴ desde 1555 até quase o final do século XVII, supomos que foi reunida em seis ponderosos códices, de que hoje conhecemos quatro, subordinados ao título genérico de: *Rerum scholasticarum quae a patribus huius Conimbricensis Collegii scriptae sunt. Tomus*, ou seja, [nº ordinal correspondente] *volume das composições escolares que os padres e irmãos deste Colégio de Coimbra escreveram*. Os tomos terceiro e quarto desapareceram e, em relação ao tomo que no início vem numerado como *Tomus quintus*, conjetura-se, com a máxima probabilidade, que tem a sua continuação no códice nº 1963 da Livraria do ANTT. Quanto à cronologia das peças literárias que compõem cada códice, determina-se de acordo com as seguintes balizas correspondentes a cada tomo: 1555-1571 *Tomus primus*;⁵ 1568-1579 *Tomus secundus*;⁶

² Para os textos literários em latim de autores jesuítas é sobretudo importante o tomo II deste *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, saído dos prelos da Imprensa Nacional, em Lisboa, no ano de 1869.

³ Como é o caso notório de um professor inglês, cuja monomania, caracterizada pelo desejo de glorificar a todo o custo o nome de André de Resende, o levou à acintosa falsificação de referências e atribuições de autoria, constantes de textos manuscritos de códices quinhentistas existentes em Évora e alhures.

⁴ Com esta expressão se englobam o Colégio de Jesus, ou propriamente da Companhia, e o Colégio das Artes, regido desde 1555 pelos jesuítas, mas aberto, como curso preparatório, a todos quantos pretendiam ingressar em alguma das diferentes faculdades que integravam a Universidade.

⁵ Códice 3308 da BNP. Para a descrição externa e relação de autores e composições deste códice veja-se BARBOSA, 1995: 401-421.

⁶ Códice 993 da BGUC. Descrição externa e relação de autores e composições em BARBOSA, 1996: 405-423.

1611-1629 *Tomus quintus* (1ª parte);⁷ 1631- penúltima década do século XVII *Tomus quintus* (2ª parte).⁸

Os núcleos temáticos em torno dos quais girou a conceção da imensa maioria das composições, em prosa e verso, que integram estes códices conimbricenses, encontram-se sobretudo relacionados com:

- 1) a calendarização da vida académica (por exemplo: falas na concessão de graus académicos, orações de sapiência, louvores das ciências, discursos de início do ano académico);
- 2) a religiosidade, nas suas feições quer especificamente jesuítica (por exemplo: louvores de Santo Inácio e de S. Francisco Xavier), quer regional (panegírico da Rainha Santa Isabel, o tema indiscutivelmente mais glosado);
- 3) a gratidão corporativa (panegírico do rei D. João III, o grande protetor da Companhia);
- 4) as injunções decorrentes da importância da Companhia de Jesus e dos seus Colégios na Academia e sociedade coimbrã dos séculos XVI e XVII (recepção a visitantes ilustres);
- 5) o aspeto lúdico na pedagogia jesuítica (composição e interpretação de inscrições, descrições e enigmas; representações cénicas, sobretudo nas cerimónias de entrega de prémios).

2. O códice 994 da BGUC. Breve descrição

Tendo-nos já ocupado, em artigos e livros, de inúmeros autores e composições que integram os tomos 1º e 2º deste vasto espicilégio escolástico, ou seja, os códices 3308 da BNL e o 993 da BGUC, afoitamo-nos agora à primeira parte do *Tomus quintus* desta série, ou seja, o códice que, no catálogo de manuscritos da BGUC, tem o nº 994. Trata-se de um códice miscelâneo de poesia e prosa latinas, com um total de 287 fólios e cujas composições se encontram datadas entre o ano de 1611 e o de 1629.

Os autores identificados são em número de vinte e quatro (24), acrescido de dois anónimos estudantes, responsáveis por dois breves epigramas, que irão ler-se mais à frente, e de, pelo menos, mais um autor, cujo nome foi deliberada e violentamente expungido através de riscos de tinta, e que

⁷ Códice 994 da BGUC.

⁸ Vd. PINHO, 2005: 351-382.

fará parte dos cinco que foram objeto do presente estudo. É a seguinte a lista dos autores cujas composições, em prosa e verso, foram selecionadas pelo juízo crítico dos seus confrades para comporem este códice conimbricense: Gonçalo de Abreu, Apolinar de Almeida, Luís Álvares, Cristóvão do Amaral, Jerónimo Botelho, Manuel de Escovar, João Freire, Paulo Gomes, Bento de Gouveia, Manuel de Gouveia, Gaspar Luís, Francisco Machado, Sebastião da Maia, Francisco Manso, André Palmeiro, Lucas Pereira, João da Rocha, Pedro Rocha, Diogo Seco, Francisco de Távora, Domingos Teixeira, Francisco Valente, Pedro Vasconcelos e Lucas Veloso.

Quanto à predominância dos temas, podemos estabelecer, com relativo rigor, a seguinte distribuição: Rainha Santa (13 composições); Santo Inácio (10); atos relacionados com a rotina e calendário da vida académica (9); atividade lúdica, sobretudo sob a forma de representações cénicas (6); recepção a personagem ilustre, no caso o bispo-conde recém-empossado na diocese de Coimbra, D. Afonso Furtado de Mendonça, na visita por este efetuada, em novembro de 1616, ao Colégio da Companhia: cinco (5) conjuntos de composições, da autoria de cinco autores diferentes. A esta última série temática será consagrado o presente estudo, mediante o qual almejamos, mais uma vez, resgatar do esquecimento alguns notáveis cultores do latim como língua literária no Portugal dos primórdios do século XVII e, de alguma maneira, ampliar ou matizar o nosso conhecimento da vida cultural, social e religiosa da Lusa Atenas nessa mesma quadra histórica, o seu tanto esquecida ou unilateralmente avaliada.

3. Breve esboço biográfico de D. Afonso Furtado de Mendonça

Ainda que o nosso escopo seja sobretudo histórico-cultural, e mais especificamente literário, cumprirá, no entanto, fazermos brevíssima incursão nos domínios da história eclesiástica a fim de contextualizarmos as composições literárias que iremos traduzir e transcrever. Ser-nos-á útil, portanto, uma referência ao percurso biográfico de D. Afonso Furtado de Mendonça, principalmente na medida em que possa ajudar à perfeita inteligência dos textos aqui apresentados, e às circunstâncias da sua entrada em Coimbra como novo bispo.

D. Afonso Furtado de Mendonça nasceu em 1561, no seio de uma família nobre, fortemente implantada no Baixo Alentejo. Era filho de Jorge Furtado de Mendonça, comendador de Entradas, Padrões e Represa, da Ordem do Santiago, lugares situados nos chamados Campos de Ourique e

hoje compreendidos no concelho de Castro Verde. Barbosa Machado, no artigo que lhe dedica na *Biblioteca Lusitana*, aponta a divergência dos autores em relação à terra em que viu a luz da vida, uma vez que “querem uns que nasceu em Lisboa”, e “escrevem outros” que em Montemor-o-Novo. No entanto, ainda que se trate de questão de cutiliquê, e tendo presente que o local de nascimento é muitas vezes obra do acaso,⁹ pendemos para esta última opinião, que tem o respaldo de alguém como D. Rodrigo da Cunha, que manteve trato pessoal, se não de amizade, com D. Afonso, e não é de presumir que avançasse do modo assertivo, como o faz, essa naturalidade, caso sentisse qualquer dúvida sobre esse ponto.¹⁰ De acordo com este último biógrafo, a sua infância decorreu em casa de seus pais, nas Entradas. Fez os estudos superiores na Universidade de Coimbra, em cuja faculdade de cânones se doutorou, tendo sido também admitido como colegial do Colégio de S. Pedro em 1592, aqui vivendo durante alguns anos, entregue ao estudo, sobretudo da história, segundo escreve o ilustre Cunha. Em 1597 o rei D. Filipe I de Portugal escolheu-o para Reitor da Universidade, entre vários nomes que esta lhe propôs, cargo que ocupou até 1605, uma vez que em janeiro deste ano o rei D. Filipe II de Portugal o elege para integrar o Conselho de Estado de Portugal, a funcionar junto da corte, que por então se achava em Valhadolide. Pouco tempo se conservou neste cargo, pois vêmo-lo em 1608 na presidência do tribunal da Mesa da Consciência e Ordens, em Lisboa. Em agosto de 1609 é nomeado bispo da Guarda, vasta diocese que então abrangia a totalidade da hoje chamada Beira Interior, de que toma posse em fevereiro de 1610 e à frente da qual permanece por quase seis anos. Com efeito, por bula de Paulo V, de 5 de dezembro de 1615, é nomeado bispo de Coimbra, dignidade que pessoalmente assume no dia 7 de novembro de 1616. Por pouco tempo permanece à frente do bispado conimbricense, porquanto, a 12 de novembro de 1618, é eleito para a então mais alta dignidade da igreja lusitana, como arcebispo de Braga e primaz das Espanhas, entrando em maio do ano seguinte a governar no espiritual e temporal a mui ilustre capital do Minho. O ano de 1616 assistiu à dupla glorificação de uma vida consagrada à Igreja e à coisa pública, sob a forma da sua eleição para arcebispo de Lisboa e para governador do reino: exerceu esta altíssima magistratura política até abril de 1630 e a de pastor

⁹ Acode sempre à memória, para este tipo de “acidentes” biográficos, o caso do Eça de Queirós, cuja ligação familiar ou vital à Póvoa de Varzim era simplesmente nula.

¹⁰ CUNHA, 1635: 451. A nota biográfica sobre D. Afonso, predecessor de D. Rodrigo na primacial sé bracarense, ocupa as pp. 451-465.

da grei lisbonense até à data da sua morte, que se verificou a 2 de junho deste mesmo ano.

Como se vê deste breve conspecto, D. Afonso Furtado de Mendonça protagonizou uma carreira brilhantíssima, a que apenas faltou a consagração derradeira que significaria a púrpura cardinalícia, para a qual aliás acenam, com evidente propósito de lisonja, algumas das composições que mais à frente irão ler-se. No entanto, D. Afonso correu neste aspeto a mesma sorte de todos os seus colegas da igreja portuguesa durante o período da dinastia Áustria, a qual, com notória falta de senso político, não criou nenhum cardeal português durante os sessenta anos da sua soberania, ligeireza e arrogante descaso que, de resto, não terão sido dos fatores menos despiçados entre os que contribuíram para o seu expedito termo em solo lusitano,¹¹ no 1º de Dezembro de 1640.

Vejamos agora o período restrito da vida deste prelado que se prende com os textos que estão na origem deste trabalho.

4. Entrada de D. Afonso Furtado de Mendonça em Coimbra

Pela morte de D. Afonso de Castel-Branco, em 12 de maio de 1615, e conforme acima dissemos, D. Filipe II de Portugal escolheu para substituí-lo como bispo-conde de Coimbra o então bispo da Guarda, D. Afonso Furtado de Mendonça, estando datadas de 5 de dezembro daquele ano as *letras apostólicas* mediante as quais o papa Paulo V o nomeava para a diocese conimbricense. Recorrendo ao livro dos *acordos* do cabido da mesma, verificamos que este, reunindo-se aos 8 de fevereiro de 1616, decidiu que lhe cumpria visitar e saudar o seu novo prelado, que se encontrava então em Castelo Branco, tradicional residência de inverno dos bispos egitanenses, aos quais as inclemências da invernia obrigavam a abandonar durante a estação fria a sede do bispado.

Continua o livro dos *acordos* registando, com data de 7 de novembro de 1616, que o capelão do bispo apresentou perante o cabido procuração do mesmo, pela qual lhe dava os poderes para poder tomar posse, tendo-lha dado por virtude da dita procuração. Descreve-se depois todo o simbólico ritual da tomada de posse feita pelo referido procurador, a que se segue o registo da protocolar troca de mensagens entre o cabido e o novo prelado, que se encon-

¹¹ Nunca é demais lembrar o importantíssimo papel que na rejeição da soberania da Casa de Áustria sobre Portugal desempenhou a figura de D. Rodrigo de Cunha, que, em nossa opinião, até hoje ainda não foi sublinhado na sua verdadeira dimensão e peso.

trava no mosteiro de S. Francisco, da banda de lá do rio, através das quais D. Afonso pedia que o corpo capitular o acompanhasse desde a sé até à sua casa,¹² como alternativa ao trajeto determinado pelo cerimonial, que os cônegos asseveraram ser impraticável,¹³ chegando-se a um compromisso, cujo resultado final as palavras da ata capitular consignam da forma seguinte:

“E assentou o cabido que o Senhor chantre e o Senhor mestre escola fossem ao mosteiro de S. Francisco da Ponte, aonde estava aposentado o Senhor bispo, e de parte do cabido lhe significassem como o cabido o queria acompanhar como sua Senhoria pedia na forma e com as condições acima referidas (...) e os ditos Senhores dignidades foram a S. Francisco e falaram com ele em particular dando-lhe a reposta do cabido. E depois tornaram ao cabido ambos e disseram nele que o Senhor bispo festejava muito e mostrava muito gosto de o cabido o acompanhar. E que ele gotoso para andar a pé e assi forraria ao cabido o trabalho. (...)”¹⁴ E logo à tarde foi o cabido esperar o Senhor bispo à porta da cidade que é na Portagem, antes da porta da ponte, com sua cruz indo com o cabido os mais priores e beneficiados da cidade. E aí veio o Senhor bispo debaixo do pálio que trouxeram dos cidadãos mais honrados da cidade e veio à sé, aonde fez os ofícios e cerimónias costumados. (...) E depois o cabido foi acompanhar o Senhor bispo levando a cruz diante do cabido e o Senhor bispo vinha no cabo entre o Senhor deão e o Senhor chantre. E subiu o cabido a sala aonde o Senhor bispo disse ao cabido que aquela mercê (...) ele a estimava muito.”¹⁵

É interessante conhecer também o modo como a Universidade de Coimbra, por iniciativa do então Reitor, D. João Coutinho, se empenhou em participar

¹² Entendo que o texto se refere à casa do cabido, anexa à sé.

¹³ “caminhos montuosos e de lamas e água e concorrência de gente.”

¹⁴ Se bem entendemos esta linguagem pouco escorreita, pretende dizer-se que, uma vez que o cabido não iria acompanhar o bispo desde a sé até ao paço, devido às dificuldades do trajeto, protocolarmente o bispo alegou que tão-pouco daria forma solene ou processional a essa deslocação, a qual, devido a problemas de gota, faria a cavalo, e trocou-se esse acompanhamento pelo que realmente se fez, desde a sé até à casa do cabido.

¹⁵ ALMEIDA, 1973: 205 e 211-213. Ao Professor José Pedro Paiva agradecemos a referência a estes documentos. Ao Dr. Arlindo Correia penhoradamente agradecemos a solícita e amiga prontidão com que nos enviou cópia dos mesmos. A ambos o sincero bem-haja de quem, por dificuldades logísticas insuperáveis, em parte não pequena depende da boa vontade de colegas e amigos para levar a bom termo o seu trabalho.

nas solenidades da entrada do novo bispo na cidade que, quase doze anos atrás, abandonara, depois de ter estado à cabeça da sua Academia durante cerca de oito anos.¹⁶ Conforme reza a ata do conselho universitário reunido em claustro em 5 de novembro de 1616, este colegiado, tendo em consideração, além de outras razões, a circunstância a que acabámos de aludir, anuiu em que “a Universidade devia fazer com ele alguma demonstração”, para o que:

“se assentou que o fossem esperar a S. Francisco e o Reitor com o lente mais antigo de Teologia o trouxessem no meio e o acompanhassem até à Porta da Ponte, aonde o cabido e cidade o estavam esperando para o acompanharem a pé, indo ele debaixo do pátio, e que atrás podia ir o Reitor juntamente com a cidade, mas no primeiro lugar.”¹⁷

5. Tipologia das receções dos colégios jesuítas aos novos bispos diocesanos

Nas cidades cabeça de diocese onde os jesuítas possuíam colégios era costume acolherem com especiais mostras festivas a visita que também era de uso os novos prelados fazerem a estes centros de ensino, pouco depois de tomarem posse. Possuímos, em um livro impresso onze anos depois da investidura em Coimbra de D. Afonso Furtado de Mendonça, e referente à sé primaz de Braga,¹⁸ um importante testemunho referente às demonstrações de respeito em que o colégio jesuíta da capital minhota se empenhou quando o arcebispo D. Rodrigo da Cunha assumiu o senhorio temporal e espiritual da velha urbe bracarense, como sucessor deste mesmo D. Afonso Furtado de Mendonça, que fora transferido para Lisboa. Para o nosso presente escopo respigámos os passos seguintes,¹⁹ de forma forçosamente muito sumária,

¹⁶ Sobre a importância histórico-sociológica do estudo das entradas dos bispos no Portugal do Antigo Regime leiam-se as palavras de PAIVA, 1993, no início deste seu inovador artigo. Veja-se também, do mesmo Autor, o artigo em que, sobre o mesmo tema, e com alusão ao episódio de que aqui nos ocupamos, versou com a costumada proficiência: “Ceremonial eclesiástico en el Portugal del siglo XVII” (PAIVA, 2001). – Aqui publicamente consignámos o nosso agradecimento pela amabilidade mais uma vez demonstrada pelo Autor rapidamente nos enviando cópias destes artigos.

¹⁷ FIGUEIROA, 1937: 128-129.

¹⁸ Trata-se da RELAÇÃO, 1627.

¹⁹ As pp. 48vº a 77vº, embora oferecendo um pecúlio de textos latinos incomparavelmente inferior, em quantidade, ao fornecido pelo códice 994 que aqui se traduz, em contrapartida apre-

que se aplicam *grosso modo*, com uma ou outra modificação decorrente de alguma diferença de circunstâncias, ao que se teria passado, pouco mais de dois lustros antes, na cidade do Mondego:

“Costumam os prelados desta primazia visitar aqueles estudos, que estão à conta dos padres da Companhia, e quando neles entram de novo lhes fazem os padres algum recebimento literário. (...) Havendo pois sua ilustríssima de visitar aqueles seus estudos, determinaram os cinco padres lentes de humanidades de lhe fazer cada um seu recebimento, e para isso não quiseram trazer matéria de outra parte nem argumentos estrangeiros, mas (com bom conselho) ordenaram que fossem caseiros, nascidos e familiares das portas adentro. (...) E porquanto nestes estudos (deixando à parte as ciências maiores) se professa retórica, humanidades, poesia, história e gramática, tomaram os cinco lentes à sua conta cada faculdade destas, ficando a retórica à conta da suprema classe, as humanidades da segunda, a poesia da terceira, aonde se ensina a cantidade das sílabas, a história da quarta, na qual se começa a ler autor, e a quinta ficou com a gramática, que é própria de sua profissão; e, conforme a isso, a retórica havia de festejar a sua ilustríssima com os tropos e figuras daquela arte, vestindo e falando conforme o pede a natureza de cada ua; as humanidades haviam de sair com virtudes e empresas tocantes a sua profissão; a poesia com a diversidade de poemas: heróico, trágico, lírico e outros, com insígnias próprias de cada um; na história havia de entrar a europeia, asiática, africana e outras, dando cada ua razão dos feitos ilustres que em suas terras fizeram os Cunhas e outros de que sua ilustríssima procede. À conta da gramática ficou buscar traça pera com suas declinações e conjugações acrescentar a festa.”²⁰

6. A receção do Colégio de Coimbra ao bispo em novembro de 1616

Em conformidade com a praxe mais ou menos geral que acabámos de ver praticada em Braga, o Colégio dos Jesuítas de Coimbra convidou

sentam o detalhado enquadramento e a viva descrição da situação concreta em que as composições são apresentadas pelos mestres e alunos e até acolhidas pelo Senhor arcebispo.

²⁰ O. c., ff. 61vº-63rº.

o novo antístite para uma visita às suas instalações, sendo as boas vindas e itinerário pelos diferentes espaços de docência solenizados mediante várias manifestações de carácter sobretudo literário, nas quais tomavam vulto primordial as componentes oratória, lírica e dramática, esta sob a forma de breves representações cénicas de pendor mais ou menos alegórico. Conforme se sabe, como preparação para o estudo de mais remontados saberes, o ensino das letras humanas ministrado, sempre em latim, no Colégio jesuítico, repartia-se por cinco níveis ou classes inferiores, suscetível cada nível de repartir-se por mais de uma classe, de acordo com as necessidades e grau de assimilação dos discentes. Segundo uma escala ascendente, era a seguinte a designação destas classes: gramática inferior, gramática média, gramática superior, humanidades e retórica. O escopo primordial era a aquisição do conhecimento completo da gramática e o domínio perfeito da eloquência, com a mira posta não apenas na utilidade do discurso, mas também na sua elegância, tendo em consideração que a eloquência compreende duas matérias fundamentais: a oratória e a poética.²¹

Como prova da proficiência, primor e quilates na poesia e eloquência latinas dos mestres (e também de dois anónimos alunos) do Colégio jesuíta de Coimbra, de tão gloriosas tradições, iria o nobre prelado alentejano escutar e ver os frutos das minervas daqueles cinco membros da corporação inaciana, que, considerando as cadeiras que ministravam, certamente levariam vantagem aos seus confrades no cultivo em latim dos diferentes géneros da arte literária com que pretenderam honrar o ilustre visitante, naquele dia de novembro, de seguro não muito posterior a 7 de setembro, mas que com precisão não lográmos apurar qual fosse. Embora não conheçamos qualquer descrição da decoração e adereços que é indubitável rodearam e abrilhantaram este evento, algumas alusões contidas nos textos fazem-nos supor que, além de pinturas com o brasão de família do bispo e figurações da Serra da Estrela e da Guarda, é muito verosímil que os esboços dramáticos, em que se puseram em cenas personagens alegóricas ou simbólicas, não deixariam de utilizar recursos visuais e sonoros de forte dinamismo: temos inclusive a indicação de que, em certo momento, se esparzem sobre o chão flores, embora se estivesse em novembro.

²¹ Neste período quase nos limitámos à transcrição do que determina a *Ratio studiorum*, sobretudo nas *Regulae professoris Rhetoricae*, *Regulae professoris humanitatis* e *Regulae professoris supremae classis grammaticae*, que podem consultar-se, na edição bilingue preparada por MIRANDA, 2009, respetivamente: 199, 219 e 225.

7. Síntese dos conteúdos

7. 1. O discurso de recepção, pronunciado com grande probabilidade na aula magna das instalações escolares, ficou a cargo do mais ilustre, a todos os títulos, dos cinco autores escolhidos para contribuir para esta solenidade: o lisboeta padre Apolinar de Almeida, professor de retórica, conceituado latinista e destinado a receber a láurea do martírio pela fé católica em terras da Etiópia. A *oratio* inicia-se com uma engenhosa aproximação entre o bispo, que acaba de chegar, e o seu próximo parente André Furtado de Mendonça,²² o célebre herói da gesta lusitana no oriente, e ambos com tão grande semelhança física que o orador os confunde,²³ referindo-se à estrondosa vitória alcançada por André sobre o façanhoso corsário indiano Cunhale. Aparece então pela primeira vez um vezo, que será um *leitmotiv* presente em todos os autores desta série, com frequência obsessiva e, para a sensibilidade atual, pisando as raias do mau gosto: o fácil jogo de palavras, a que de facto se prestava, e ainda hoje presta, o primeiro sobrenome do homenageado. Nesta primeira aparição, Almeida confessa que, a André, não será necessário *Furtá-lo* aos céus, porque ele ali está, sob a forma de Afonso...

Recorrendo depois ao sempre pródigo e manuseado arsenal que a mitologia pagã punha à disposição dos humanistas, mesmo os de mais acendrada piedade católica, o padre Apolinar acode, seguramente com a mais cândida inocência, à (para nós) escabrosa história do rapto de Ganímedes pela águia de Júpiter, para estabelecer um símile com o *furto* que Coimbra, de visão mais penetrante do que a águia, perpetrou ao arrebatá-lo para si o novo prelado. Com copioso alarde de autoridades literárias clássicas, assevera a procedência divina daquele desejado furto, para o qual também concorreram, com suas rogativas, os pobres, desejosos da terem junto alguém tão esmoler. Mantendo-se nos domínios mitológicos, e também no da ambiguidade semântica a que se prestava o sobrenome do antístite, o orador compara em seguida a cidade de Coimbra a Jasão, porque se atreveu, como o herói antigo, a furtar tão opulento velo de oiro e pastor, cujo resplendor não resulta de vaidade, mas se derrama pelas peles das suas ovelhas. Nele

²² Se não nos enganámos nas nossas pesquisas genealógicas seriam primos em segundo grau, uma vez que, ao que supomos, o pai do herói da Índia (também chamado Afonso Furtado de Mendonça, como o sobrinho bispo), seria irmão do avô paterno de D. Afonso, chamado António Furtado Mendonça. Recorde-se que o antigo governador da Índia falecera cinco anos atrás, em abril de 1611.

²³ Pelo que pode coligir-se pela iconografia que existe relativa a ambos os parentes essa parecença é evidente: notória escassez de carnes, rosto afilado, tez marcadamente morena e nariz avultado.

e em suas virtudes (bondade, generosidade, rigor comedido, pureza de costumes e discrição) encontrariam bem azado motivo para seus eloquentes discursos os mais conhecidos oradores dos poemas homéricos: Menelau, Ulisses e Nestor.

Como se fazia mister naquele ensejo, o autor enumera, nos termos mais laudatórios, o indubitavelmente brilhante *cursus honorum* que o convidado poderia exibir até àquele momento da sua vida: sucessivamente, reitor da Universidade de Coimbra, membro do Conselho de Estado de Portugal, presidente do tribunal da Mesa de Consciência e Ordens e, finalmente, bispo da Guarda, cidade onde permanecera à espera que Coimbra o furtasse. Ora, confidencia o padre Apolinar, como justificar o roubo efetuado a alguém que se encontra na posse legítima de um bem? E eis que o mestre de retórica se metamorfoseia em arguto patrono da cidade de Coimbra, alegando a situação irregular em que a Guarda se encontra, como amiga do alheio: no caso, a Serra da Estrela, que a antiga Egítânia, como o nome português indica, mantém sob a sua indevida custódia. Outro argumento adiantado funda-se no reconhecimento que a Guarda faz da sua falta de qualificação para ter consigo uma personagem tão grada como D. Afonso, uma vez que, por força da inclemência da invernia que nela se faz sentir, obriga o seu bispo a passar metade do ano na mais aprazível Castelo Branco. Acresce que a Guarda, ao invés de lastimar-se, mais deve regozijar-se por ter sido vencida por Coimbra, a cidade fundada por Hércules, o mítico herói que em remotas eras vencera e separara os Geriões, monstruosos reis das Espanhas.

O discurso de defesa tingem-se de certos laivos irónicos ao assinalar que o nome de Guarda fora conferido à cidade serrana em conformidade com a figura de linguagem que se designa por antífrase, porquanto, sem embargo do nome e do brasão, em que figura um castelo torreado, foi remissa e frouxa na custódia e defesa do seu tesouro, que poderia ciosamente ter acautelado em alguma das muitas grutas e cavernas em que o seu território abunda. É certo, porém, que contra a vetusta urbe *fria, farta e forte* militavam razões de peso, que justificam que Coimbra tenha *Furtado* com bom sucesso. É o que se conclui da pergunta retórica que o padre Apolinar formula nestes termos: *Sed, quid potest ciuitas abscondi supra montem et quidem stelliferum lampasque solis aemula inuidiose obtego quin transluceat ac radios tam doctrinae quam sanctimoniae clarissimos liberaliter spargat?* [“Como pode esconder-se uma cidade no cimo de um monte, e para mais estrelado, e ciosamente ocultar-se uma tocha, émula do sol, por forma a não se refletir nem a esparzir generosamente os mui luzentes raios tanto da doutrina como da santidade?”]

Depois de aplaudir Coimbra pelo bom êxito que coroou a sua ação furtadora, para que a qualificavam os seus dotes de astúcia e manha que a superiorizam entre as restantes cidades portuguesas, e ciente também de que por modéstia será lacónica na apresentação dos altos merecimentos que a qualificavam para uma empresa que não pode ser qualificada como injusta, o orador decide continuar a patrocinar os interesses da Lusa Atenas e interpela diretamente D. Afonso, perguntando-lhe pelas razões que o moveriam a recusar governá-la espiritualmente. Deste modo abre-se-lhe ensejo para apresentar os motivos da vinculação e obrigação moral e afetiva que unem a Coimbra o recém-empossado bispo. Coimbra é de facto a sua ama de leite: aqui estudou, aqui viveu, aqui esteve à frente, como Reitor, tanto do Colégio de S. Pedro como da própria Universidade, e, finalmente, evoca em tom marcial o laço, “mais duradouro do que o bronze”, em virtude do qual se estreitaram essas relações, quando o Reitor D. Afonso Furtado de Mendonça, fiel ao exemplo dos seus maiores, heroicamente organizou e se colocou à testa do batalhão académico com que se dispôs a rechazar os piratas ingleses que, em 1602, atrevidamente desembarcaram e assolaram a vila de Buarcos.

Retomando, depois, a lendária história do velo de oiro, Almeida refere-se à usança sua contemporânea da transumância dos rebanhos da Serra da Estrela para as regiões dos Campos de Ourique, durante a época dos frios serranos. Deste modo intenta estabelecer, de modo o seu quê forçado para o nosso gosto, uma associação entre o “cordeiro do velo de oiro”, que é o próprio bispo, a região donde este procede e a vitória que ali mesmo obteve D. Afonso Henriques contra a mourisma, da qual participaram também nobres avoengos do prelado. O “cordeiro”, prossegue o futuro mártir da fé, teve de regressar na devida sazão aos sáfaros frague-dos beirões e seus frios rigores, suscitando as mais veementes saudades em Coimbra, que se desata em prantos e solta aos ventos o seu chamamento. Tão sentidos são os apelos que só uma inerte rocha a eles não seria sensível, razão pela qual D. Afonso acede em, à imitação e seguindo o percurso do Mondego, descer das serranias e vir com a sua presença alegrar Coimbra e fertilizar as mimosas veigas de seu alfoz. Enfim, e para concluir, o orador profetiza que em Coimbra terá doravante tranquilo e duradouro pouso, desde as alturas do seu paço regendo com justiça e firmeza as suas ovelhas, até que chegue o longínquo dia em que um santo decesso o arrebate e leve para as estrelas da eternidade pessoal, com um fim mais glorioso do que o do Mondego, que acaba anónimo entre as salsugens do oceano.

7.2. A honra de dar as boas vindas ao ilustre visitante ficou depois por conta de Gaspar Luís, varão que deveria orçar então pelos trinta anos de idade, mestre da 1ª classe de latim, recentemente ordenado padre e que, menos de dois anos depois, zarparia de Lisboa para as missões jesuíticas do extremo oriente, onde decorreria, por quase mais trinta anos, o restante da sua existência. Ao referirmo-nos à sua intervenção temos em consideração sobretudo a autoria dos textos, uma vez que, tal como sucederá de resto com as outras três séries, ou conjuntos estruturais, atribuídos no códice aos autores que aqui irão seguir-se, a apresentação pública destes textos (que supomos também ir-se dando, pelo menos a partir de certo momento, ao ritmo que o bispo ia avançando na visita, nas diferentes salas de aula correspondentes à classe da responsabilidade de cada autor), caberia não apenas ao autor, que recitava primeiro os textos introdutórios, mas em seguida ficaria a cargo de alunos, nas partes que, pela sua estrutura dialogada, apresentam um teor tendencialmente dramático.

Assim, num prólogo poético, constituído por treze dísticos elegíacos, o padre Gaspar, em nome da retórica, oferece ao novo prelado um ramo de flores, colhidas nas campinas do próprio bispo, e entrelaçadas com amor e pudor. Protocolarmente, lamenta a pobreza da dádiva, que lastima não estar em conformidade com a grandeza do destinatário e da altura dos cargos que antes desempenhara. Segue-se uma alocução preliminar, em prosa, que gira em grande parte em torno de célebre passagem da *Eneida* (6. 143-144), na qual se fala do “ramo de ouro” de certo carvalho, que, depois de cortado, imediatamente produzia outro com iguais características. Assim, aplicando o episódio épico ao novo bispo, o orador lembra que, tendo sido arrebatado pela morte o “ramo de ouro” D. Afonso de Castel-Branco, logo surdiu em seu lugar, como novo áureo rebento, outro Afonso. Depois de um laudatório excursão em que compara o bago episcopal com o caduceu de Mercúrio e o cetro de Assuero, retoma o símile do ramo de árvore, para associar agora o bispo ao pomo, também de ouro, que Hércules, ou seja, Coimbra, *furtou* no Jardim das Hespérides, que mais não é que a Guarda.

Ainda lhe serve a mesma comparação extraída do reino vegetal para asseverar que, com o seu “ramo de ouro”, o bispo dava maior lustre à árvore da sua linhagem, que até então era mais conhecida pela sua identificação com outro metal: o ferro das armas. E, por derradeiro, o “ramo de ouro” significa por igual a sabedoria, na qual sobressai D. Afonso e foi a causa de ter sido escolhido para o desempenho dos cargos públicos e académicos em que luzira, sendo por conseguinte justo que Coimbra o recuperasse, para tê-lo agora, não como Reitor, mas como um segundo Ambrósio no Ateneu

das letras lusas. É de esperar que aquele ramo, implantado no solo coimbrão, experimente várias mutações, e se transforme também em: *uictoriae laurus, seu poeticae facultatis hedera, seu iustitiae palma, seu nobilitatis cupressus, seu pacis et eleemosynae olea, seu diuturnitatis cedrus*. [“louro da vitória, hera do talento poético, palmeira da justiça, cipreste da nobreza, oliveira da paz e da esmola, cedro da longa vida.”]

À intervenção oratória do padre Gaspar Luís segue-se uma cena dialogada, em 127 versos, cujas falas se repartem por três personagens alegóricas: Coimbra, a Guarda e a Sabedoria. Dado o carácter breve, e por vezes entrecortado, das falas, só se torna possível uma síntese muito perfunctória dos conteúdos das mesmas, que se cifram em: Coimbra manifestar o grande júbilo que sente com o regresso de alguém cuja aplicação ao estudo ela testemunhara por longos anos; a Guarda prantear a perda de um prelado tão virtuoso, conquanto se mostre resignada perante as determinações da vontade divina, sobretudo ao ter em consideração que parte da glória futura de D. Afonso redundará também em proveito seu: *nostris summum decus addite rebus*. [“lustre mais alto ajuntará à nossa terra”]; e a Sabedoria em afirmar que os méritos que sobressaem no antístite têm a sua origem nela mesma, que nele tornou real tudo quanto os poetas inventaram sobre os dotes intelectuais das personagens que glorificaram. Finaliza esta série com dois epigramas, de dois dísticos cada um, da autoria de anónimos alunos da turma, e nos quais um inegável engenho se demonstra às custas, mais uma vez, das nugas e jogos a que se presta o sobrenome Furtado.

7.3. Segue-se, na festiva receção oferecida pelo Colégio jesuíta de Coimbra ao novo bispo diocesano D. Afonso Furtado de Mendonça, a intervenção a cargo da 2ª classe de retórica, cujo texto, todo ele em verso e pensado em termos de representação cénica, é da autoria do docente dessa turma, o lisboeta João da Rocha, que em 1623 embarcaria para Goa. Nos 25 versos hendecassílabos recitados pelo Prólogo, o poeta supõe de novo vindos à terra os tempos em que os deuses por ela andavam e em que o próprio Júpiter não se pejava de tomar humildes manjares oferecidos pelos camponeses: motivo pelo qual se roga ao bispo que não receba de má catadura a pobre acolhida que lhe dará a 2ª turma de retórica. Segue-se a conversa travada em verso, por três moços, acerca da recentíssima entrada do bispo na cidade. Na primeira, designada “Poema trágico”, em virtude do metro iâmbico utilizado, refere-se a grande alegria que inundou a cidade pela chegada do bispo, que a vem ressarcir da imensa pena que sentiu quando dali o levaram para Espanha, alguns anos atrás. Relatam-se as mani-

festações de júbilo com que a população o acolheu na banda de lá do rio, o seu aspeto afável e risonho, ao avançar debaixo de pátio. Os seus modos cativantes sugerem ao autor a comparação com o ímã. Faz-se depois referência a alguém que o 2º e 3º moços na véspera tinham encontrado, e que, após escrever, com as letras do nome do bispo, um anagrama, como tomado de poderes divinatórios, e dirigindo-se ao bispo, como se ele estivesse presente, proferiu um poema de tom panegírico, que o primeiro moço, que não assistira à cena, roga aos seus companheiros que lhe repitam, e que de facto irá constituir o “Poema heróico”, assim intitulado em razão dos hexâmetros em que foi composto.

Nos 58 versos por que se derrama esta parte estrutural, o vate, aqui tomado no seu sentido próprio de visionário ou profeta, começa por apresentar a situação anterior de Coimbra, como a de um rebanho triste, que erra choroso após a perda do pastor, até que o júbilo se apossa dele com a vinda do novo prelado. Dessa alegria deverá participar a própria natureza, incitando-se o rio, as veigas e os cumes a pularem e correrem em demonstração do júbilo que sentem. Apoiando-se no anagrama que formara com o nome do bispo, e cuja primeira palavra era *Alfa*, desenvolve o vate as qualidades e virtudes que essa letra, e o seu fértil valor conotativo, com relativa facilidade poderiam sugerir: D. Afonso é o primeiro na contenção e na falta de ambição, como abundantemente demonstrara no decurso da sua prelatura em terras da Guarda, onde guardara valentemente as suas ovelhas contra os lobos rapaces, buscando e carregando aos ombros as que se tresmalhavam; esmoler com os pobres, chegava a passar estreitezas domésticas para aliviá-los nas suas necessidades; imune ao vício do nepotismo e clientelismo. De tudo isto é testemunha a Guarda e tudo isto o profeta afiança que há de suceder nos tempos vindouros em Coimbra.

A participação literária de João da Rocha encerra-se com uma composição poética breve, em doze elegantes dísticos elegíacos, nos quais se afirma que no novo bispo de Coimbra surgem redivivas as qualidades, méritos e virtudes de cinco antigos Padres da Igreja: Agostinho, Ambrósio, Jerónimo e Gregório o Grande, motivo para desejar-lhe uma vida de tantos anos quantos somam juntas as dos quatro.

7.4. De exclusivo teor poético e na vertente teatral é a contribuição da 5ª classe, de que na entrada da sala de aulas faz a apresentação o seu autor e responsável pela docência, o irmão Jerónimo Botelho, personagem acerca do qual nos confessamos inteiramente *in albis*. Um escolar, em dois dísticos elegíacos, saúda a entrada do bispo, assinalando como especialmente ven-

turoso o dia de tão desejada visita. Irá seguir-se a representação de uma espécie de esboço dramático, que compreende 153 versos de metros variados, em que intervêm como personagens o Ano 1616, a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno.

O Ano de 1616 inicia a representação expressando a sua alegria por a ele ter cabido a sorte de ter trazido de novo para Coimbra alguém que doze anos atrás dali partira. Contra a sorte se queixa a Primavera, pois deu-se durante a sua vigência o triste sucesso do falecimento do anterior bispo, D. Afonso de Castel-Branco, infelicidade de que ela acalentara a esperança de vir a consolar-se com a entrada do novo bispo ainda durante os meses do seu domínio, o que não acontecera, tudo dando visos de que a mofina continuaria a persegui-la. No mesmo sentido, da expressão do desgosto e desgano por a vinda ter-se verificado em quadra diversa da sua, é a fala do Verão, pesaroso por não poder mimosear D. Afonso com as acolhedoras e amenas sombras que para ele aparelhava nos lugares altos, nas ribas do rio e regatos e nos bosques que refrescavam a quinta de férias dos bispos coimbrãos.

Sentimento bem diverso é o do Outono, estação que então decorria, e que exprime ufano o júbilo de se dar por então a entrada do novo prelado, a quem de bom talante oferece os sazoados frutos da época: uvas, romãs, pêsegos, marmelos, apresentados em colmados açafates. Demonstrando tal ou qual descomedimento, justificado em parte pela imensidão da alegria, ridiculariza e lança em rosto às anteriores estações a pobreza dos seus dons, que o movem à gargalhada, que apenas o respeito o coíbe de então soltar. Chega enfim a vez do Inverno, que expressivamente se descreve e inquire do bispo se dele não se recorda, uma vez que eram vizinhos, quando ele assentava seus arraiais na Serra da Estrela, bem perto do poiso invernal do prelado egitanense, que deixava no Outono a sede da diocese, e esperava em Castelo Branco o fim da sazão dos frios. Do mesmo passo que manifesta o seu desgosto pela perda da sua companhia, promete-lhe um mais numeroso rebanho e invernias menos adustas do que as que padecia na diocese que até então pastoreara.

A parte que se segue ganha alguma vivacidade dramática mercê dos sentimentos encontrados que opõem Primavera e Verão, de uma parte, e o Outono, por outra, e que resultam da altaneria e arrogância de que este último deu provas, ao ensoberbecer-se com a ventura que lhe coube de dar-se a entrada do bispo em Coimbra num dia de novembro, ou seja, um mês da sua alçada. Às queixas e apelos à razão da Primavera e Verão, o Outono mantém-se firme na sua ufanía e assaca a simples inveja as palavras dos oponentes. O Inverno acaba por intervir, manifestando a sua adesão ao

Outono, convicto de que os seus opositores estão de facto tomados de inveja. Perante o tom litigioso e agressivo que ia tomando o diálogo entre as quatro estações, o Ano 1616 decide impor a sua autoridade, cominando-lhes que cessem de brigar e proferir sandices, e incitando-as a entoar um hino de despedida ao bispo, augurando-lhe as maiores felicidades. Todas assentem com a sugestão, prometendo cada uma ao recém-empossado antístite os benefícios e prendas que em seus respetivos meses a natureza lhes concede, ou seja: felizes e sadios dias a Primavera; celeiros cheios e dias não muito calmosos o Verão; frutos sazoados e delicados e boa saúde o Outono; e, por derradeiro, o Inverno, à falta de melhor, compromete-se a manter as enfermidades bem apartadas de D. Afonso. No mesmo sentido da conservação da saúde se manifesta o Ano 1616, que reconhecendo os poucos dias que lhe restam de vida, mesmo assim proclama o seu cuidado e empenho em preservar a saúde.

7.5. Na visita que D. Afonso Furtado de Mendonça realizou ao Colégio dos jesuítas de Coimbra coube o último lugar nas públicas homenagens, prestadas sob a forma de apresentação de textos laudatórios em latim, à turma de gramática regida por um mestre, autor dos textos com que se conclui esta série, e que veio a incorrer no desagrado, para não lhe chamarmos sanha, dos seus antigos confrades, uma vez que no códice o seu nome se encontra expungido com bem vigorosos traços de tinta, de modo a inviabilizar totalmente a leitura.²⁴ A primeira parte desta série é ocupada por uma alocação preliminar na qual, depois de manifestar o regozijo por poder disfrutar durante alguns momentos da presença do bispo, que já conhecera como Reitor, o orador se interroga sobre a pertinência da sua presença, porquanto, conforme pergunta: que tem que ver a gramática com as musas? Mas na verdade, embora o seu mister lide com o passado, a mera presença de D. Afonso *furta* o anónimo latinista da consideração exclusiva do pretérito, que faz parte do seu ofício, para voltar-se para o aprazível presente.

Depois, a alusão à túnica de linho do sumo-sacerdote hebraico, que a presença do prelado lhe sugerira pelo seu poder de atrair os olhares de todos, sugere ao autor a dilatada descrição do brasão da família Mendonça, que nas suas partes constitutivas vai engenhosa e lisonjeiramente aplicando às qualidades que exornam D. Afonso. Lembra que os antigos romanos como

²⁴ Ocupámo-nos deste procedimento expedito de eliminação de autorias, conquanto conservando as produções, no capítulo intitulado “Vozes duplamente silenciadas. Vinte e três poemas latinos do códice 3308 da BNP”, que pode ler-se em PINTO, 2020: 9-59.

insígnia prestigiante aplicavam um raminho em que se entrançavam as folhas da palma, da oliveira e do loureiro, e confessa o seu propósito de mostrar como também esses símbolos se adequam à figura do homenageado e à sua linhagem, não menos do que as armas que acabara de descrever: de facto, avantajaram-se pelo sangue régio, pela intrepidez na guerra e pela singular sabedoria. Prossegue o discurso com a particularização, na pessoa do homenageado, dos primores genéticos, éticos e sócio-culturais que referira de modo geral.

E, assim, e em primeiro lugar, o novo bispo de Coimbra ajuntara em si as qualidades que fazem santos, entre as quais avulta a imensa liberalidade para com os pobres. Em segundo lugar, quem não admira nele o brio bélico? E, a este propósito, relembra-se o episódio do comando do esquadrão académico, à frente do qual acudiu a escorraçar os piratas ingleses desembarcados em Buarcos. Finalmente, e em vinculação com a simbólica folha de oliveira, a sabedoria realçava nele com tão luzentes quilates que obrigou o rei D. Filipe I de Portugal a nomeá-lo Reitor, exemplo seguido pelo seu filho, que o convidou para fazer parte, junto da corte em Castela, do Conselho de Estado de Portugal. Lisboa também pode testificar a sua prudência e saber, pois viu-o como presidente do tribunal da Mesa da Consciência e Ordens. Que prova mais cabal da sua ciência do que as *Constituições sinodais do bispado da Guarda*, que são obra exclusivamente sua? Quanto à sua presença na Guarda, ao orador só lhe ocorre aconselhar esta cidade a calar-se, uma vez que o *guardou* por mais tempo do que era justo. É que o lugar próprio para alguém como o bispo era o centro de Portugal, numa cidade como Coimbra, à qual ele era de novo restituído, e que não mais consentiria em dele se apartar, a não ser para ocupar mais dignos lugares, como seriam Braga, Lisboa e a púrpura cardinalícia, espécie de prognóstico que de facto se verificou, com a pequena mudança em relação à púrpura cardinalícia, que não obteve, mas se trocou pela correspondente profana, como detentor, de 1626 a 1630, do altíssimo cargo de membro do conselho de regência ou governador do reino, com equiparação a vice-rei.

À parte em prosa, seguiu-se uma breve representação cénica, que tem como interlocutores a Nobreza, Coimbra, a Companhia de Jesus e a Virtude, que todas à compita exaltam os merecimentos e virtudes do novo prelado, sem grandes novidades dentro do que podemos chamar “o cânone da lisonja”, aplicado a uma figura da alta jerarquia eclesiástica procedente de vetusta e gloriosa linhagem aristocrática. É de salientar, numa das falas da Companhia de Jesus, a alusão a favores e protecção que a corporação inaciana terá ficado a dever a D. Afonso, com o que certamente terá em

mente alguma intervenção especial, em circunstâncias que desconhecemos, quando do desempenho dos altos cargos políticos e judiciais a que já fizemos repetidas referências. Quase no final, e correspondendo ao desejo que a Virtude formula, almejando o impossível de novembro se volver em abril e desatar-se em violetas que o bispo pudesse pisar, verifica-se deveras a realização daquele retórico *adynaton*, e o nobre prelado, tal como a inteira assistência, vê a Nobreza juncar o chão de flores, enquanto a elas se dirige: *Vos, quibus hiberni uis temporis atra pepercit, / Pargo libens: triti melius fundetis odorem*. [“De bom grado vos esparzo, a vós que poupou o / negro e forte inverno; esmagadas melhor cheiro derramareis.”] E entre os gerais vivas destas figuras alegóricas se conclui a festiva recepção desta turma de gramática, com a qual supomos que também terminaria a visita de D. Afonso Furtado de Mendouça ao que seria então, além de noviciado jesuítico (correspondente ao Colégio de Jesus), o maior centro nacional do que, em linguagem moderna, poderíamos chamar de ensino secundário e preparatório para o superior (o Colégio das Artes).

8. Os Autores

8.1. Apolinar de Almeida nasceu em Lisboa, em 22 de julho de 1587,²⁵ entrou no noviciado da Companhia de Jesus na sua cidade natal a 5 de novembro de 1601 e concluiu esta fase do seu tirocínio religioso em Évora, aqui ensinando humanidades por seis anos. Participa, mediante composições literárias em latim, na homenagem com que a Companhia, em 6 de dezembro de 1611, saudou a entrada em Évora do novo arcebispo, D. José de Melo: a coletânea manuscrita que recolhe estas peças literárias designa-o como mestre da primeira classe.²⁶ Da capital alentejana foi enviado para o Colégio de Coimbra, onde lecionou as duas classes de retórica, matéria para a qual a natureza e o estudo especialmente o habilitavam, conforme assevera o indelével testemunho do P. Baltasar Teles, que foi seu aluno:²⁷

²⁵ Como facilmente se compreende, aqui apenas registámos os elementos biográficos pertinentes para o ponto de vista (literário, na vertente humanística) a que obedece a nossa abordagem destes autores. Uma mais completa visão do percurso humano e religioso de Apolinar de Almeida pode resultar da consulta das seguintes obras: O’ NEILL, 2001; FRANCO, 1714: 278-295; MARTÍNEZ, 2015; PENNEC, 2003; SANTOS, 2000: 63-67.

²⁶ Veja-se o códice CXIV / 1-23 da Biblioteca Pública de Évora.

²⁷ “Ó felicíssimo padre Apolinar de Almeida! Confesso que muitas vezes vos vi honrando as cadeiras das primeiras classes das duas universidades de Coimbra e de Évora.” Vd. TELES, 1660: 617.

“Na arte da eloquência e nas leis da retórica foi tão insigne que por três anos contínuos teve a oração da Rainha Santa Isabel (...) e havia muitas rezões pera ele contentar muito, porque a voz, o tom, a língua, a prática, tudo parecia de ouro. Na poesia latina foi tão sublime que bem merecia não só ser coroado com a lira vencedora, mas também podia levar a láurea de Apolo, a quem não só representava em o nome de Apolinar, mas na suavidade da eloquência.”

Passou depois ao Colégio de Santo Antão, no qual leu filosofia, donde foi promovido à cátedra de Escritura na Universidade eborense, cadeira em que obteve o grau de Doutor em Teologia a 19 de junho de 1624, prosseguindo aqui a sua carreira docente, até que em 1628 foi eleito bispo de Niceia, com a finalidade de vir a suceder, nas missões jesuítas da Etiópia, ao patriarca Afonso Mendes. Depois de sagrado bispo pelo arcebispo de Évora, dirigiu-se para Lisboa, donde, em 1629, zarpou com destino a Goa, cidade a que chegou a 21 de outubro do mesmo ano. Na capital da Índia portuguesa, que então se encontrava *sede vacante*, ainda sagrou como bispo de Hierápolis ao seu confrade, de que à frente nos ocuparemos, João Rocha, antes de embarcar, em 1630, para a Etiópia, destino que alcança ainda dentro deste ano. Após oito acidentados anos de missionação em terras da Etiópia, Apolinar de Almeida acaba por padecer, em 14 de junho de 1638, juntamente com dois outros missionários, cruel morte às mãos da população enfurecida e acirrada pelos dirigentes religiosos locais, avessos à intromissão do catolicismo romano na sua forma tradicional de cristianismo.

Durante a sua vida publicou-se, como única produção literária da sua autoria até hoje impressa, um opúsculo de 20 pp., impresso por Mateus Pinheiro, em Lisboa, no ano de 1629, intitulado

Festa e demonstração de alegria, que fez a nação francesa, residente na cidade de Lisboa, pela tomada d' Arrochella e gloriosa vitória del-rei Cristianíssimo Luís XIII, o Justo. Sermão que nela pregou o reverendíssimo Senhor D. Apolinar de Almeida, da Companhia de Jesus, bispo de Niceia, coadjutor e futuro sucessor do patriarca de Etiópia, aos 17 de Dezembro de 1628. Dedicado pola mesma nação francesa ao rei Cristianíssimo.

Depois de uma dedicatória ao rei de França, que ocupa uma página e pouco, e subscrita pelos *franceses de Lisboa*, segue-se em 16 páginas o sermão do nosso Autor, de estilo vigoroso e ágil, truculento por vezes, e com

saborosos ressaibos do vívido linguajar popular.²⁸ Em relação às três celebradas *orationes* dedicadas à Rainha Santa, que em anos sucessivos pronunciou em Coimbra e de cuja fama se faz eco Barbosa Machado no artigo consagrado ao nosso Autor, apenas conhecemos a pronunciada em 1614, a qual ocupa os fólhos 112 a 119 do mesmo códice coimbrão 994 em que se encontram as composições objeto do presente trabalho. É de facto obra notável, pela força oratória, inspiração e grande erudição histórica.²⁹ Igualmente neste códice, e ocupando os fólhos 166 a 169vº, encontra-se uma mais ou menos longa mostra do engenho poético-dramático do futuro mártir da Abíssinia: *Dialogismus ad praemia diuidenda*, destinada, como pelo título se vê, a ser posta em cena na cerimónia de distribuição dos prémios escolares de 1616.

8.2. Gaspar Luís era alentejano, de Portel, onde nasceu ao redor de 1586.³⁰ Ingressou na Companhia de Jesus em Évora, a 15 de maio de 1602, cidade onde também se ordenou de padre, depois de estudos de humanidades e de teologia, que compaginou com a docência do latim em Braga, Lisboa e Évora. Em 1616 vamos encontrá-lo *magister primarius* no Colégio de Coimbra, aqui permanecendo como docente até partir para a Índia, na nau *Santo Amaro*, saída de Lisboa em 16 de abril de 1618. De Goa é enviado para Macau, cidade onde no 1º de novembro de 1619 redige a carta ânua referente ao Japão. Em 1624 chega às missões do sul do mar da China, no território designado então por Cochinchina, onde permanece até 1638, dali escrevendo para o Geral em Roma as cartas ânuas daquela missão corres-

²⁸ Sirvam como exemplo: “Tornou-a Deus em sal, pondo-lho a todos na moleira” (f. 2); “pera como touro ser corrido, agarrochado com festa de apupadas, atabales e charamelas” (f. 2v); “e pera significar que algum lugar era rebelde e obstinado em seus males, lhe chamávamos *arrochela*” (f. 2v); “tanto que nela meteu pé a heregia e os vícios a tropel” (f. 3); “porém a la una gritam os profetas” (p. 4v); “aconteceu estarem duas crianças num leito: um acabou de pura fome, outro por não acabar de todo se enviou como cachorro aos dedos do minino defunto, e lhos comeu e roeu” (5v).

²⁹ Fizemos a tradução e a transcrição do texto latino, que, como tantos outros trabalhos nossos, fica à espera de que algum generoso hospedeiro se afoite a dar acolhida a estas velharias, que hoje não parecem interessar nem mesmo àquelas instituições a que esses esquecidos autores tanta glória deram no passado.

³⁰ Para a elaboração desta breve nota recorremos: a SCHÜTTE, 1975, sobretudo p. 1220; à entrada que MACHADO, 1752, consagra a este Autor, cuja data de falecimento erra; ao brilhante e muito bem documentado livro LOURENÇO, 2016: no que tange aos conflitos que suscitou em Macau a ação, ao que parece o seu tanto indiscreta, do Padre Gaspar Luís como comissário do Santo Ofício vejamos sobretudo 244-247, 251-262 e 265-274. – Cumpre-nos deixar aqui exarado o testemunho da mais sincera gratidão pela gentileza com que o Professor Lourenço nos enviou não apenas cópia deste seu precioso trabalho académico, mas também de material manuscrito de grande valor, como é o caso das reproduções dos originais de todas as cartas ânuas de Gaspar Luís conservadas nos arquivos romanos da Companhia de Jesus, e incrivelmente até hoje ainda não publicadas.

pondentes aos anos de 1625 a 1627, 1629 a 1631 e 1634 a 1635. Em Macau, onde se encontra desde 1638, serve os cargos de reitor do Colégio de S. Paulo, vice-provincial do Japão e de comissário do Santo Ofício, no desempenho do qual entra em violentíssimo conflito com o governador do bispado. De janeiro a junho de 1641 visita a missão de Tonquim. Em 2 de fevereiro 1642 embarca para Goa, havendo sido nomeado em final deste ano visitador das missões do Japão e da China, cargo de que não chega a tomar posse, mantendo-se na região de Goa até à sua morte, que ocorreu certamente entre novembro de 1647 e a redação do catálogo dos jesuítas do Japão de 1648 (província da qual ele era professor), uma vez que o de daquele ano e mês ainda o dá como residente em Rachol.

Algumas das cartas ânuas escritas do oriente pelo Padre Gaspar Luís viram, ainda em sua vida, a luz da publicidade, traduzidas para o italiano e, a partir deste idioma, é possível que para outros. Temos conhecimento direto: a) das duas *lettere annue di Goa, scritte dai Padri dalla Compagnia di Gesù al molto R. P. Mutio Vitelleschi Generale l' anno 1618 e 1619*, estando ambas datadas de Goa e ocupando a 1ª as pp. 94 a 109 e a 2ª as pp. 110 a 137 do volume *Lettere annue del Giappone, China, Goa et Ethiopia scritte (...) negli anni 1617, 1618, 1619. Volgarizati dal P. Lorenzo delle Pozze, Nápoles, P. Lazaro Scoriggio, 1621*; b) da carta ânuia da Cochinchina, escrita pelo Padre Gaspar Luís por incumbência do padre Visitador, datada de Macau, aos 17 de dezembro de 1621, que pode ler-se nas pp. 97-118 do livro *Lettere annue d' Etiopia, Malabar, Brasil. Dall' anno 1620 fin' al 1624*, Roma, per Francesco Corbelletti, 1627. No ARSI encontram-se os originais manuscritos, em latim a primeira e todas as outras em português, e algumas segundas vias em espanhol, de oito cartas ânuas da Cochinchina, escritas *in loco* pelo mesmo padre, relativas ao período de tempo que vai de 1625 a 1635.

8.3. Não são muito abundantes as informações impressas que os historiadores da Companhia de Jesus clássicos oferecem acerca do seu confrade João da Rocha. Lendo o capítulo que lhe consagrou o também seu confrade, mas nosso contemporâneo, Ángel Santos Hernández,³¹ que consultou os arquivos romanos da corporação, bibliografia especializada sobre as missões orientais e etiópicas e a documentação coeva, fica-se com a impressão, que de resto ele mesmo partilha, de que se trata de um silêncio intencional, *como queriendo dejarlo en plena oscuridad*. É certo que o Padre António Franco, sempre tão minudencioso e com facilidade de acesso aos arquivos nacionais

³¹ Vd. SANTOS, 2000: 59-63.

da sua congregação, consagrando escassíssimas linhas a João da Rocha, e a outros dois jesuítas que também foram bispos (Diogo Valente e Gaspar Afonso), apresenta a seguinte escusa, em boa verdade pouco convincente:

*De his tribus episcopis nihil praeter nomina uenit in manus meas. Cum tamen res sit extra dubium eos micuisse egregiis uirtutibus, cum non soleat nostra Societas ad sacras infulas nominare nisi praestantissimos. Eorum nomina huc adiungam ut excitent alios scriptores qui nouerint iterum gestas ad ipsas luci publicae commendandas. [“Em relação a estes três bispos nada mais além do nome chegou ao meu conhecimento. É todavia um facto indubitável que eles se notabilizaram pelas mais singulares virtudes, uma vez que a nossa Companhia não costuma designar para o episcopado senão os mais capazes. Colocarei aqui os seus nomes para que incitem outros escritores que conhecerem os seus feitos a entregá-los de novo à luz da publicidade.”]*³²

Com o propósito de traçar uma breve nota biográfica deste Autor, conjugaremos as informações sobretudo de Barbosa Machado com as do Padre Ángel Gonzáles. Sabe-se que João da Rocha era natural de Lisboa, tendo entrado no noviciado da Companhia de Jesus na sua cidade natal a 25 de janeiro de 1603. Prosseguiu os estudos de humanidades e teologia em Coimbra, pelo menos a partir de 1606. Em 1610 o catálogo enviado para Roma apresenta-o como professor de humanidades, situação a que também alude o de 1614, que acrescenta a sua situação de terceiranista de teologia. Como se colige do seu texto aqui traduzido, em novembro de 1616 era responsável por uma turma de retórica. Três anos depois, já com o grau de mestre em Artes, aparece como docente do primeiro curso de filosofia, mantendo-se na capital alentejana, “explicando o 4º ano como mestre de curso”. Durante este ano é nomeado como segundo bispo coadjutor, com o título de Hierápolis, do patriarca Afonso Mendes, destinado à Etiópia, não chegando porém a ser sagrado, aparentemente *quod facultas a Pontifice non peruenisset*. [“Porque a autorização do Papa não tinha chegado.”]³³ A 12 de março do ano seguinte, parte, em companhia de D. Afonso Mendes, para Goa, cidade onde, muito estranhamente, irá permanecer e onde é finalmente sagrado bispo seis anos mais tarde, quando, conforme atrás

³² FRANCO, 1720: 500.

³³ FRANCO, 1726: 237.

escrevemos, aí chega o seu confrade Apolinar de Almeida, a quem tão-pouco acompanha na sua jornada para a Etiópia, missão para a qual Rocha em Portugal fora destinado. Encontrando-se em *sede vacante* a arquidiocese de Goa, João da Rocha desempenhou funções de governador da mesma, envolvendo-se em graves conflitos com o cabido, sobre os quais existe abundante documentação nos ANTT.³⁴ Em 20 de Agosto de 1633 tomou posse como deputado da Inquisição de Goa, cidade em que morreu a 20 de julho de 1639, sendo manifesto que não são poucas as irregularidades, demasias e desobediências que, salva mais bem fundada opinião, tismaram a sua imagem de religioso a partir da sua nomeação para o episcopado, e que de sobejo justificam o silêncio a que o seu nome foi votado.

Inegável, no entanto, foi o prestígio que rodeou algumas das suas obras literárias, escritas ainda em Portugal e nas quais sobretudo avultou a sua vocação para o género dramático. A sua tragicomédia *Nabucodonor*,³⁵ em palavras de Barbosa Machado, “mereceu o aplauso de todos” e, segundo testemunho de António Franco, mais de um século depois da primeira representação, a peça de João da Rocha ainda era lida nas salas de aula: *Conimbricæ theatro induxit tragoediam, cum migrauimus ad noua gymnasia, quæ modo sunt usui nostris praeceptoribus*. [“Fez representar em Coimbra uma tragédia, quando nos mudámos para as novas escolas, de que os nossos professores ainda se servem.”]³⁶ No códice 994, além da sua intervenção nesta homenagem ao novo bispo, encontram-se um discurso consagrado à Rainha Santa (*De Elisabetha sanctissima Lusitanorum regina oratio panegyrica*, fólhos 130-135vº), uma *Ecloga cui nomen Marsyas*,³⁷ nos fólhos 170-178, e a *Tragicomedia Daniel sapiens honestatus*, que se estende pelos fólhos 180 a 207, representada em abril de 1616.³⁸ Em vida, ao que conseguimos apurar, da sua autoria saiu apenas impressa um elegante *Queixume* poético, escrito já em Goa

³⁴ Cota: Armário Jesuítico, livro 12 – Amável informação que devemos e publicamente agradecemos ao Professor Miguel Rodrigues Lourenço, da Universidade Nova de Lisboa.

³⁵ Não conhecemos o paradeiro desta peça, se de facto ela existiu com esta autoria, e não pomos de parte a possibilidade de tratar-se de confusão que MACHADO, 1752, pretendendo escrever *Tragicomedia Daniel*, fez com o título da obra desse nome, representada em Évora em 1576, diante do cardeal-infante D. Henrique, e cujo texto manuscrito, sem indicação de nome de autor, se encontra na Biblioteca Pública de Évora.

³⁶ FRANCO, 1726: 237.

³⁷ O estudioso FRÈCHES, 1964: 458-466, ocupa-se da descrição e análise deste texto dramático, que inclui na categoria das “pastorais” e caracteriza como *une pièce agréable, légère, divertissante*.

³⁸ FRÈCHES, 1964: 434-447, faz o circunstanciado resumo, interpretação e comentário desta peça de tema bíblico.

e enviado para Portugal, para figurar na homenagem poética com que os mais inspirados vates da Companhia celebraram um dos seus mais ilustres confrades, o Padre Francisco de Mendça, que inesperadamente falecera em Lyon, em junho de 1626. Esta poética consagração figura nas primeiras páginas de um livro póstumo em que se reuniram inúmeros inéditos do falecido teólogo e pregador, dado à luz da publicidade na cidade em que morrera, sob o título sugestivo de *Viridarium*, ou *Vergel*. Ali, os trinta e três dísticos elegíacos, de bem urdida fatura, do nosso Autor podem ler-se nas pp. 15v-15r. Por nós transcritos e traduzidos pode o leitor encontrá-los no final deste trabalho, como *Âpendice 2*, para de certa forma ressarcir o Autor da menos nutrida participação com que colaborou na homenagem ao bispo D. Afonso.

8.4 e 5. Em relação aos autores das duas últimas partes da homenagem literária prestada pelo Colégio jesuíta de Coimbra a D. Afonso Furtado de Mendça, e que corresponderiam às turmas menos adiantadas nos estudos humanísticos, já atrás dissemos que estamos diante de duas incógnitas, uma vez que, sobre o irmão Jerónimo Botelho nada conseguimos apurar e, em relação ao autor dos textos apresentados em último lugar, o seu nome foi expedita e impiedosamente apagado a riscos de tinta, muito provavelmente por a Companhia o ter rechaçado por motivos talvez pouco abonatórios da sua idoneidade moral.

Considerações finais

A feliz sobrevivência de estas cinco séries de composições, da autoria dos encarregados da docência dos cinco diferentes níveis ou classes inferiores que integravam os Colégios jesuítos de Coimbra, destinadas a honrar a visita do novo bispo diocesano às instalações escolares, ofereceu-nos a oportunidade de conhecer uma das formas mediante as quais a pedagogia inaciana promovia a criação literária, quer no género oratório, quer na poesia, que se apresentava muitas vezes sob a forma de peças teatrais ou, como é o caso presente, de esboços dramáticos de intriga rudimentar e finalidade sobretudo laudatória da figura do ilustre visitante. Deu-se aqui a curiosa circunstância de que três dos Autores, cujos merecimentos como homens de letras e latinistas não se revelam nada dispiciendos, vieram a ter, embora em graus diferentes, certo protagonismo na história das missões jesuítas e até da Igreja católica, com experiências vitais muito diferentes das “amenidades” beletrísticas para que os pendores naturais mais aparentemente

pareciam fadá-los: desde um Apolinar de Almeida, bispo mártir na Abissínia, a um Gaspar Luís, pioneiro das missões no Vietname, passando por um João da Rocha, envolvido em violentas intrigas e querelas com o cabido goês, vemos aqui uma pequena amostra das quase incríveis “variedades de Proteu” a que podia estar sujeita a existência de um português da época da expansão ultramarina, mesmo tratando-se de um pacato mestre de latim, afeto às musas e alistado nas fileiras imbeles de uma corporação religiosa.

Na transcrição dos textos latinos seguimos as regras filológicas correntes nesta espécie de trabalhos. Atualizámos e uniformizámos a ortografia e pontuação dos textos antigos em vernáculo, respeitando sempre as muito raras especificidades em que a fonética do português do século XVII divergia da atual. No caso especial do último sobrenome do bispo objeto das composições aqui traduzidas, respeitámos a forma sob a qual as mais das vezes aparece grafado, ou seja, *Mendoça*, sem o *n* epentético que a pronúncia popular nele veio a introduzir.

TRADUÇÕES

Código 994 da BGUC

[136]

Pronunciada pelo Padre Apolinar de Almeida

Alocução com que foi recebido o Senhor D. Afonso Furtado de Mendonça no mês de Novembro de 1616 no público auditório de Coimbra

Quando no oriente foi subjugado o crudelíssimo Cunhale, inimigo de Portugal, graças à chefia, prudência e coragem do nunca vencido general, raio da guerra, glória imorredoura da pátria, os laureados soldados cantaram, com toada harmoniosa, ao sobrenome Furtado do vitorioso capitão, um mui jubiloso hino,³⁹ não se fazendo acompanhar, frouxos e efeminados, nem pela cítara e plectro, nem pelos sistros egípcios, de quando se passou o Mar Vermelho, nem pelos feminis tamborins das moças palestinas após a morte do gigante, mas sim, e virilmente, pelas trompas, recurvas trombetas e clarins. Era o seguinte o sentido do mesmo: “A terra pediu ao céu um chefe, mas, receando uma recusa, furtou-o.” Ó dourada sentença, ó áureo cantar, ó música marcial que melodiosamente cumpre repetir-se com cadências de Alceu, com a lira de Aquiles, com a cítara de Aríon, com as vozes das musas, com a cítara de Mercúrio e com a ebúrnea lira de Apolo: e que nos apraz mais uma vez repetir: “Para que a terra não pedisse ao céu nem tivesse de suportar uma recusa, atreveu-se a furto com certa violência aos astros este chefe.”

³⁹ Referência a André Furtado de Mendonça (1558-1610), célebre herói da gesta portuguesa na Índia, primo do bispo destinatário da *oratio*, e à retumbante vitória que, em 1600, alcançou sobre o corsário Cunhale Marcá: “aquela admirável e famosa vitória que alcançastes do tirano Cunhale, cuja potência tinha assombrado este Estado, ganhando-lhe vós, Senhor, tantos fortes, tantas tranqueiras, tantos baluartes e tantas outras máquinas que se faziam impossíveis aos homens até se vos entregar e virdes triunfando dele até esta cidade”, Diogo do Couto, *Fala que fez Diogo do Couto (...) em nome da Câmara de Goa a André Furtado de Mendonça, entrando por governador da Índia, em sucessão do conde da Feira D. João Pereira*, Lisboa, Vicente Álvares, 1610, [p. 4r], não numerado. Veja-se também, sobre o mesmo celebrado caudilho luso, a notável peça oratória que nas suas exéquias solenes pronunciou frei António Gouveia, *Sermão nas exéquias de Afonso Furtado de Mendonça, governador que foi da Índia no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa anno Domini 1610*, Lisboa, por Vicente Álvares, 1611: o qual, com referência à prisão do façanhoso pirata indiano, diz o seguinte: “aquele terrível cossairo e pernicioso inimigo Cunhale Marcá, que, qual outro Golias, parece que nasceu pera castigo e afronta dos exércitos fiéis, mas esta pedra duríssima o derribou a seus pés e, posto a banco em sua galé, restituiu o crédito aos portugueses”, p. 19 do opúsculo sem paginação.

É possível que alguém, para mais o céu, se arroje a tamanha impiedade?⁴⁰ Que haja tão grande inveja nos habitantes do empíreo que não queiram, por breve prazo, para uma campanha árdua e difícil, ceder pelo menos por empréstimo o ilustre general? Avançai, esquadrões lusitanos, jovens de escol, de imediato o ataque se lança contra o céu, lançai-vos, arrebatadi e furtai, para com um tal comandante expungirdes qualquer nódoa de uma sorte avessa e abundantemente pagardes na mesma moeda. E quem é que, no próprio limiar e na própria soleira, mal havendo saudado tão ilustre hóspede, logo de seguida me arrebatando em súbito redemoinho, mais veloz que o Pégaso me transportou até aos sequiosos indianos, que longe de nós vivem no Oriente, perto dos golfos do oceano e do berço do sol, até às costas do Malabar e região de Calecute? A tempo me acudiu à memória que há um Furtado no nascente e outro no poente. Não é mister um adivinho, que se retirem os pitões e os arúspices: perante os vossos olhos e rostos encontra-se postado este Furtado. Olhai-o, contemplai-o, venerai-o: facilmente me perdoais e mui facilmente me relevareis o extemporâneo e inesperado entusiasmo oratório.

Oh roubadora Coimbra, oh cidade furtadora e ardilosa: *não foram tão pichosas as mãos de Autólico*,⁴¹ nem tão manhoso o engenho de Mercúrio, nem tão aduncas as unhas do febeu corvo, nem tão recurvas para roubar as garras do pagem de Jove. Aplicar-te-ei um novo nome, ou antes, com toda a justiça chamar-te-ei e cobrir-te-ei com nomes: acelera-te, arrebatadi os despojos, apressa-te a roubar os despojos. Para que alguém não me chame iníquo nem me acuse de caluniador, avivai um pouco a memória e ponderai com toda a justiça o peso das razões, porquanto a própria localização da vossa cidade não parece que resultou de artifício humano, mas dá visos que Deus ótimo máximo a fundou para estas generosas presas. Erguendo-se de uma banda e de outra benignamente, a toda a volta se oferece aos olhos uma ampla perspectiva e encontra-se rodeada por vales acomodados para a emboscada; não se acha longe do mar; além disso, o rio Mondego corre aos seus pés, com ligeiras chalupas para célere navegação, e nas campinas vagueiam manadas de éguas muitíssimo velozes, tais como nem o Epiro gerou nem Micenas, tais como não viu Élide no pó e carreiras dos olímpicos jogos.

⁴⁰ Cf. Virgílio, *Écloga* 9, v. 17: *Heu! Cadit in quemquam tantum scelus?*

⁴¹ Cf. Marcial, 8. 59. 4: *Non fuit Autolyxi tam piceata manus.* – A lição hoje mais corrente adota *piperata* em vez de *piceata*, que traduzimos por “pichosa”, no sentido de untado com pez, ou seja, neste contexto, “ratoneira, rapace, ladra”.

Na triste e calamitosa expedição de África o nobilíssimo D. Manuel de Meneses, egrégio bispo, morreu cumprindo gloriosamente o seu dever.⁴² Tratava-se de escolher sucessor: a quem coube em sorte esta cidade? Coube em sorte? Digo pouco: quem pediu ela? Pediu: ou antes, a quem escolheu ela? Ora, escolheu quem quis e designou, e, depois de Gaspar do Casal,⁴³ bispo de Leiria, como se dentro das fronteiras do reino nenhum lhe tivesse agradado, nenhum cabalmente satisfizesse os seus desejos, transpondo as raias de Portugal, para além do promontório da Lua, junto ao de Sagres na direção do mediterrâneo, do reino do Algarve escolheu como presa o pastor D. Afonso de Castel-Branco,⁴⁴ varão [v^o] de suma perfeição, e, depois de escolhido, venturosamente o possuiu por muito tempo. Este, ao ser transferido para melhores prémios, com que tinham jus a ser recompensados os seus merecimentos e o harmonioso conjunto das suas virtudes, deixou vazio o paço, abandonou o lar e a morada e, às próprias paredes, mergulhadas em silêncio e soltando suspiros, deixou-as chorosas devido à ausência do amo.

Mal Coimbra acabara de enxugar as lágrimas, limpa a vista, firma o seu penetrantíssimo olhar, desembaraça as mãos e, conforme o costume, prepara-as para a venturosa rapina. Os poetas disseram que a águia era servidora de Júpiter, senhor do raio, porque teve a experiência da sua lealdade no fingido rapto de Ganimedes, que teve como finalidade que este ficasse como copeiro e escanção junto às mesas e, por causa do seu ofício, provasse primeiro o néctar e a ambrosia. E, assim, voando com velozes plumas por cima de extensas nuvens, *na própria base do éter e cimo das tempestades, com as asas desfraldadas e os incessantes movimentos das penas dirigindo-se para onde lhe apraz, da cauda se servindo como de pequeno leme; em seguida, por breve trecho fica indecisa, com o voo suspenso quase no mesmo lugar, tudo esquadrinhando de longe*, arrebatou pelos ares mais rápido do que o dizê-lo, não o *imprevidente cordeiro* nem o bode que nos prados pula nem a *tímida lebre*,⁴⁵ mas o régio mocinho, que com o dardo perseguia correndo os velozes gamos da frondosa Ida.

⁴² Bispo de Coimbra de 1573 a 4 de agosto de 1578, data da sua morte, combatendo em Alcácer Quibir.

⁴³ Bispo de Coimbra de 1579 a 1584.

⁴⁴ Bispo de Coimbra de 1585 a 12 de maio de 1615, data do seu decesso.

⁴⁵ Cf. Apuleio, *Florida 2: Aquila (...) in ipso solo aetheris et fastigio hiemis (...) uelificatas alas quo libuit aduertens modico caudae gubernaculo, inde cuncta despiciens (...) indefessa remigia ac paulisper cunctabundo uolatu paene eodem loco pendula (...) uel agnum incuriosum uel leporem meticulosum.*

Apartai-vos daqui, sonhos delirantes dos vates, apartai-vos, contos de velhas, frioleiras da mentirosa Grécia, mais vãs do que a fumaça e a neblina. A vossa cidade, fundada por Hércules,⁴⁶ é mais veloz, mais forte e de visão mais penetrante do que qualquer águia: com empenho procurou um refrigério apropriado para o desolado paço, um amo digno do palácio, um patrono e pastor digno de tão grande número de vilas e gentes; agarrou o que procurava; ao que agarrou sem detença o levou para casa, rica e ufana com o afortunado lanço e o nobre furto.

“Oh aformosentadas palavras de orador!”, objetará algum lívido invejoso remordendo-se de raiva, “oh palavras arrebitadas e vãs, oh panegírico inchado de balofas frioleiras! Oh frágeis adereços de uma falsa glória! De facto, segundo parece, ou como as pérolas e aljófares que se extraem dos recessos do oceano reluzentes com seu verde manto, ou como o fino oiro que se tira das entranhas e profundas da terra, ou como vindo das selvas do Brasil e dos redolentes bosques de Ceilão que tressuam bálsamo, ou como estes áureos frutos colhidos nos jardins das Hespérides, ou como estas púrpuras originárias dos *britanos do mundo nosso inteiramente apartados*,⁴⁷ ou este oiro e prata trazido das minas de Abissínia e Sofala, este novo pastor e patrono deve ser tomado e arrancado dos *morinos, os últimos dos homens*,⁴⁸ e levado para os campos de Hércules. Depois de Meneses, de Casal e de Castel-Branco, que resta, senão que este terceiro caia trazido do céu?”

Oh maldizente e raivoso zombador, desatinado e vesânico! Oh monstro, ó fúria desatada! Só tu és capaz de com enganos te opor à justiça, só tu és capaz de sem pejo denegrir a verdade, só tu és capaz de desacreditares as minhas palavras, de excitares o ódio contra quem está a discursar e, sendo mentiroso, o acusares de mentira! Oh língua viperina que é necessário arrancar de raiz das gargantas: cala-te e fica mais mudo do que um peixe, ó tu que és *a mais vil de todas as criaturas com duas pernas*.⁴⁹ Do céu, repito-o, do céu, dos astros caiu este novo pastor, para juntar os rebanhos dispersos e desgarrados, para os apascentar e proteger. Associais-vos a mim, silêncio-

⁴⁶ Veja-se, sobre o tema da mítica fundação de Coimbra por Hércules, de Américo Costa Ramalho, a “Nótula sobre o brasão de Coimbra”, capítulo de *Para a história do Humanismo em Portugal III*, Lisboa, INCM, 1998, pp. 117-124. Para uma percepção das implicações do mito de Hércules na configuração da ideologia nacionalista, que teve em frei Bernardo de Brito o máximo corifeu, recomenda-se o artigo de José Sílvio Moreira Fernandes, “Estrutura e função do mito de Hércules na *Monarquia Lusitana* de Bernardo de Brito”, *Ágora. Estudos clássicos em debate* 9 (2007), pp. 119-150.

⁴⁷ Cf. Virgílio, *Écloga* 1. 66: *Et penitus toto diuisos orbe Britannos*.

⁴⁸ Cf. Virgílio, *Eneida* 8. 727: *Extremique hominum Morini*.

⁴⁹ Cf. Plínio o Moço, *Cartas* 1. 5. 14: *Regulus, omnium bipedum nequissimus*.

sos ouvintes; associais-vos e dais a vossa mais plena aprovação. Isso asseveraram os nobres; isso afirmam as comunidades religiosas; isso dizem todos os colégios da cidade; isso confirma este nosso, ou antes, este teu (ó bispo, que de entre milhares és o melhor); isso o confessam os plebeus; isso o proclamam os pobres: e todos juntos à porfia são unânimes em assentir à mesma opinião.

Logo que aqui se anunciou que estavas para entrar no território da nossa cidade (deixo de lado as restantes demonstrações de alegria que se fizeram), espalhou-se entre os mendigos e pobres uma voz unânime, a fim de, divididos por classes, acolherem com todas as honras fora da cidade o geral refrigério da pobreza, o remédio público das misérias e o protetor e pai comum. Por conseguinte, se o reino celeste aos pobres não foi prometido, mas dado, se [137] a indigência é engenhosa para explorar, se a pobreza tem asas ajeitadas para com elas mui facilmente voar para o empíreo: o prelado deve ser arrancado do céu não mediante cânticos mágicos, mas graças à defesa dos pobres, e deve ser pedido com as rogativas gerais e obtido com as preces de todos ou, depois de desferir-se uma arremetida, deve ser violentamente arrebatado. Os pobres, fracos e esfaimados, vivamente desejaram, obtiveram e arrebataram: de facto, as aves, que a natureza dotou de bico e garras para a rapina, tanto mais se apreciam, quanto mais esfomeadas se encontram; aos cães, que a natureza aparelhou para caçar, fê-los magros, esgalgados e descarnados, a fim de que a mesma fome e privações mais vivamente os atisçassem, a falta de comida mais velozmente os impelisse e a necessidade mais brevemente os ensinasse.

A antiguidade celebrou sem comedimento com os harmoniosos cantos dos poetas a extraordinária expedição naval dos argonautas, na qual Jasão partiu para se apoderar do velo de ouro, e fabulosamente imaginou que a própria nau Argo fazia parte do número das estrelas. Consultados acerca deste assunto, os mitólogos respondem dizendo que Jasão navegou para arrebatá-la riqueza dos citas, porque *se dizia que não longe do monte Cáucaso alguns rios nas suas águas caudalosas arrastavam ouro, que os citas costumavam recolher em tábuas furadas e em peles com lã*.⁵⁰ Tendes bem presente que certo autor mui sensatamente chamou *ricos às ovelhas, carregadas de pelo de oiro*.⁵¹ De bom grado chamarei Jasão a Coimbra, que se

⁵⁰ Cf. Natale Conti, *Mythologiae (...) libri decem*, Coloniae Allobrogum, excudebat Samuel Crispinus, 1612, p. 592: *non procul (...) excipere mos fuit*. A transcrição feita pelo orador é literal.

⁵¹ Penso que o autor teve presente o seguinte passo da tradução que Erasmo fez da *exhortatio ad artium liberalium studium*, de Galeno: *Praeclare igitur Demosthenes ac Diogenes, quorum alter diuites indoctos appellauit oues onustas aureo uellere (...)*. [“Por isso expressaram-se muito bem Demóstenes e Diógenes, o primeiro dos quais chamou *ricos ignorantes às ovelhas, carregadas de peles de oiro*.”] Erasmo, *Opera omnia*, Leyden, Petrus Vanderara, tomo I, 1703, col. 1051.

atreveu a arrebatou um tão opulento furto de velo de oiro e de pastor, pois não se afastará do alvo quem chamar ao integérrimo, sapientíssimo e generoso antístite áureo velo, que resplandece não com vaidoso brilho, mas derramando-se pelas peles das suas ovelhas. Com as tábuas furadas se recolhiam as limalhas de oiro dos rios, com as mãos furadas espalha generosamente todas as riquezas que obtém, e espalharia pelos pobres os tesouros de Creso e Dario e os montes de oiro dos Persas. E, em relação a isto, no que acima de tudo se avantajou, em minha opinião, foi em que não era preciso pedirem-lhe: isto o comprovam os que caminhavam ao longo das estradas, aos quais liberal e espontaneamente distribuía pequenas dádivas, que quase com amável violência obrigava que aceitassem.

Não era esta matéria para ser tocada com brevidade e de passagem; cumpria aqui determo-nos com mais fecunda eloquência. *Os oradores homéricos* teriam tido aqui matéria de sobejo: *Menelau, subtil no seu desembaraçado falar, e o rei de Ítaca, semelhante a uma densa saraivada, e Nestor, velho já de três idades, de eloquência trescalando mel.*⁵² A todos não faltaria espaço para se espraíarem: a saber, a profunda bondade, a constante generosidade, o rigor comedido, a pureza de costumes e a discricção, não tanto procurada, quanto ingénita e espontânea, e outros exemplos de virtude, mais evidentes que a luz do meio-dia e que a posteridade almejará seguir. Tais vivos e nítidos exemplos a Academia de Coimbra os beija,⁵³ deles dá testemunho o régio Conselho de Sua Católica Majestade,⁵⁴ deles dá certíssima prova o digníssimo Tribunal da Consciência.⁵⁵ Poderíamos referir os restantes títulos e atribuições, dos quais não foi tão grande a honra que recebeu como o dobrado prestígio que sobre eles fez recair: estes, no entanto, *seria mais respeitoso que vós os reservásseis puros e íntegros para os vossos pensamentos do que separadamente e com brevidade neles tocar, porquanto geralmente sucede que, aquilo sobre que nada se diz, se julga ser tão grande como é.*⁵⁶ Tendes sem dúvida um prelado e um pastor com experiência em todas as funções mais importantes e aprovado pelos votos

⁵² Cf. Ausónio, *Ad Gratianum gratiarum actio*, 19: *Homerici scriptores, subtilis deducta oratione Menelaus, et instar profundae grandinis ductor Ithacesius et melleo delibutus eloquio tertiae iam aetatis Nestor.*

⁵³ Alusão ao período de reitorado de D. Afonso Furtado de Mendonça, de 1597-1605.

⁵⁴ D. Afonso Furtado de Mendonça foi convidado em janeiro de 1605 a integrar o conselho de Estado do Conselho de Portugal.

⁵⁵ Desde 1608 que fazia parte da Mesa da Consciência e Ordens.

⁵⁶ Cf. Plínio o Moço, *Panegírico de Trajano* 25: *reuerentius (...) uideantur.* Transcrição literal do passo cujas primeira e últimas palavras se indicam.

de todos e, da mesma maneira que as pepitas de oiro dos rios, que se tornam mais apuradas e luzentes com a incessante agitação das águas, assim, com o passar da vida, com a experiência dos negócios, com o atrito dos trabalhos e com o suportar das contrariedades este velo de oiro ficou mais acendrado, mais brilhante e mais excelente: mais merecedor de ser colocado entre os astros do que a nau Argo e o Carneiro de Frixo. Entretanto, posto, colocado e guardado na Estrelada Serra da Guarda,⁵⁷ para que a seu devido tempo o pedisse a vossa cidade, vossa por mais fundado e antigo direito, e, não o obtendo, para intrepidamente, deitando-lhe a mão, recuperar o Furtado.

[vº] Isso parecia obstar à alegria geral e lançar alguma sombra de desdouro sobre o brilho dos conimbricenses, imprimir alguma mancha sobre a sua honra e fazer incorrer no deslustre da infâmia. É que, sendo certo que pelo direito comum de todos os povos, por mais bárbaros que sejam, se considera muito melhor a condição do possuidor, as pessoas que avaliam as coisas com imparcialidade hão de considerar um crime monstruoso esbulhar a Guarda de um tão grande prelado e reivindicá-lo para si com o único pretexto de que é do seu agrado. Sinto que os ouvidos dos presentes esperam e dou-me conta de que nos rostos de todos se revela o que as almas desejam saber: de que maneira com igual ventura irei cortar ou desatar este nó górdio, qual o nadador Délio que há de ser capaz de resolver esta dificuldade,⁵⁸ qual o Édipo capaz de decifrar estes enigmas da Esfinge, qual a pessoa capaz de fazer estes cálculos babilónios e de interpretar estes *enigmáticos ditos da Beócia*?⁵⁹

Estes argumentos não me mergulham em trevas ciméreas nem, vencido e esmagado pela grandeza da dificuldade, me reduzirei ao silêncio. Sem quaisquer ardis, como um charlatão ambulante, vou apresentar a matéria de modo mais perfeito e cabal. Todos sabem que em todo o Portugal é celebre a Serra da Estrela, possuidora de grande número de povoações, manancial de muitos cursos de água e formosamente amena quando as neves se derretem, rica em gado devido à fartura de pastos, e a que os antigos chamavam Monte Hermínio. Por que motivo tomou o nome mais ilustre de Estrela e donde e com que direito o usou e furtou, os seus naturais explicam-no de um modo pouco verosímil: diz-se que os pastores lho puse-

⁵⁷ D. Afonso Furtado de Mendouça foi nomeado como bispo para a diocese da Guarda em agosto de 1609, tendo tomado posse a 13 de fevereiro do ano seguinte.

⁵⁸ Expressão proverbial grega que supostamente surgiu em referência a um obscuro livro de Heraclito, cuja difícil interpretação só estaria ao alcance de um “nadador de Delos”.

⁵⁹ Expressão proverbial também grega, usada para encarecer a obscuridade e dificuldade de entendimento de alguma frase.

ram em razão de uma estrela figurada pela natureza no cimo de uma fraga. Nesta região fica situada Egitânia, capital da província. *Guarda* é a sua designação na linguagem corrente, que no nosso idioma significa “custódio”. Como brasão possui um castelo coroado com três torres defensivas.

Com que finalidade fui buscar tão longe estas cousas? Certamente que não sem motivo, mas para que compreendais que a questão tem a ver com mútuos furtos e que a fertilíssima cidade não pode intentar contra nós uma ação por furto. Abstenho-me de injúrias, para evitar com juvenil soberba pedir-vos elogios pelo desdouro alheio, e não censuro a inclemência do solo e do céu dela. Ela se apresenta como manifesta prova e reconhece que é indigna de um tão grande prelado, ao qual todos os anos mandava para outro lugar como desterrado e obrigava a permanecer muitos meses em Castelo Branco para que no interior dela não fosse queimado pelos frios da Eólia nem congelasse com as neves eternas e o gelo, e, à semelhança dos citas das planícies, cujas casas móveis são arrastadas em carros, com aposento semestral cansava-se vagueando de um lado para outro e cruelmente o fatigava sob aparência de compaixão e piedade, motivo pelo qual a Egitânia, por sua própria deliberação, durante metade do ano não possuía o ilustríssimo prelado, visto que não merecia vê-lo.

É a duras penas que os mortais suportam esperar que o mar ofereça o tempo favorável para navegarem: com quanto maior impaciência no centro de Portugal contam os meses, olham para os astros e esquadrinham os sinais da primavera para regressarem em segurança para os seus lares! Faz parte da natureza das aves de arribação, das cegonhas e andorinhas, em épocas fixas do ano o estarem aqui presentes e o irem-se de novo embora: chegar na primavera, estralejar com o bico, cantarolar, chilrear, conquanto com a determinação de ir-se de abalada, sem se despedir do hospedeiro, aos primeiros indícios do inverno. Motivo pelo qual a Guarda dificilmente há de defender a posse com fundamento no direito de domicílio: cumpre-lhe alegar com outras razões para defender o seu direito, se é que tem algum. Todavia será para ela não pequena consolação ser vencida pela poderosa destra de Coimbra, pois ainda se vangloria daquela coragem e intrepidez de Hércules, seu fundador, com as quais separou os Geriões, reis das Espanhas,⁶⁰ alcançou abundantes despojos e, enfeitado com triplicadas honras, se apoderou dos gados e rebanhos, as riquezas daquela época.

Zelaste mal pelos teus interesses, ó cidade da Guarda, guardaste mal o teu príncipe: com tanta propriedade tomaste em português o nome de

⁶⁰ Esta versão do mito de Gerião, que o desdobra em três reis hispânicos, é a que se lê em Justino, *Épitome* 44. 4. 16.

Guarda como *lucus*⁶¹ o tomou de ‘luz’, por antífrase, *bellum*⁶² o tomou de ‘beleza’, as ‘euménides’⁶³ o tomaram de “mansidão”. De que te serviram o brasão, o castelo e as torres defensivas? Absolutamente para nada. Tão facilmente confiavas a outros um tão precioso [138] tesoiro e permitias que se espalhasse, para não dizer que fosse banido, em todas as direções? Foi assim? Não aceito as tuas queixas, ó preguiçosa; não dou ouvidos aos teus lamentos, ó remissa; fico surdo diante dos teus gritos, ó negligente; as tuas lágrimas e suspiros de um arrependimento tardio não me abrandam nem comovem. Acrísio conservava guardada com todo o cuidado encerrada numa torre de bronze a sua filha Dânae, mas mesmo assim foi enganado; o Cérbero com três cabeças e Argos que tudo vê, foram adormecidos; a vigilante serpente das Hespérides, foi enganada: deverias ter escarmentado em cabeça alheia e aprender com o mal do próximo, e, para que não se transformasse em heróico furto dos conimbricenses, esconder e com toda a cautela ocultar o teu tesoiro em cavernas. Mas, como pode esconder-se uma cidade no cimo de um monte, e para mais estrelado, e ciosamente ocultar-se uma tocha, émula do sol, por forma a não se refletir nem a esparzir generosamente os mui luzentes raios tanto da doutrina como da santidade?

Do fundo do coração me congratulo com a vossa felicidade, caros ouvintes, congratulo-me contigo, ó Coimbra, por, a um tão extraordinário prelado, no qual resplandecem dotes da natureza, de atividade e de graça, o teres arrancado até da própria custódia da Guarda e o teres tirado das altíssimas fragas da Estrela; louvo a tua arte e esforço, louvo a tua astúcia e desvelo: ufana-te de um tal furto, entre as restantes cidades ergue mais alto a tua cabeça, uma vez que com a ponta dela tocaste os astros e a abóbada celeste. Se alguém pesar, julgar e ponderar os teus merecimentos, hás de responder de modo lacónico. Ninguém apresenta o motivo da felicidade. Todavia, para que não pareça aos ignorantes que apenas com o silêncio te defendes da injustiça e rechaças o engano, ainda que contra mim se incite o ódio, eu tomarei a tua defesa.

E por que motivo, ilustríssimo prelado, ainda que previsses muitas tempestades, te recusarias a governar Coimbra? Não te esquivarias ao labéu de ingrato se não retribuíesses à tua aleitadora com um amor igual e, uma vez que podes, não lhe mostrasses agradecimento. Ela durante muitos anos te viu, louvou e ensinou como sisudo aluno, em tal grau que depois não apenas a outros, mas

61 Em latim “bosque”.

62 Em latim “guerra”.

63 As fúrias.

até a ela tu mesmo pudesses sabiamente dar lições. Os teus nobilíssimos colegas do Colégio de S. Pedro sofriam com isto:⁶⁴ acaso consentirias que eles perecessem e morressem com saudades tuas? O mesmo única e vivamente desejava a prosperíssima Academia e já há muito esperava o seu antigo reitor, como o povo judeu a Moisés, resplandecente com a tiara e as insígnias de prelado, descendo, não dos cumes do Sinai, mas das cumeadas da Serra da Estrela, e só com a sua presença reconfortando as escolas, os liceus e as salas de aula. Estavam à tua espera cada dia com maior ansiedade os habitantes de mais alta posição, os da mais baixa, os leigos e os eclesiásticos: para dizê-lo numa só palavra, estavam à tua espera a cidade e a sua região inteiras. De facto, ainda se encontra gravado nas almas aquele imortal benefício, *mais duradoiro do que o bronze* e que tempo algum apagará, com o qual fortemente as ligaste a ti mais do que com uma cavilha de ferro e grilhões de diamante.

Estais presentes, alguns de vós, que fostes testemunhas oculares do episódio e até participastes em parte da trabalhosa empresa, quando, com a vinda de piratas ingleses – que, mediante um desembarque repentino, já tinham assolado, na orla marítima, a vila de Buarcos –, o nobre reitor da Academia, Afonso, temível só pelo seu nome, recrutou como soldados os mais escolhidos jovens, imitadores da desarmada e armada Palas, e os conduziu em linha de batalha debaixo de pendões, não de forma imprudente e com o fito em alcançar fama e os aplausos de uma vã glória (como aqueles sacerdotes que para adquirirem renome, com mofina sorte morreram pelejando), mas a fim de intrepidamente, pondo de parte os riscos para a sua pessoa, defender a segurança geral da comunidade.⁶⁵ A que não há de atrever-se o excelente pastor guindado à cadeira episcopal contra os ardis dos lobos em prol dos amados rebanhos de ovelhas? O qual, graças à sua sombra protetora e defensora, em prol dos vossos lares e terras, em prol de vossas fortunas e honra ofereceu a sua vida a todos os perigos e com deno-

⁶⁴ Quadram a este intento as palavras seguintes que o mui nobre e insigne D. Rodrigo da Cunha escreveu na nota biográfica que consagrou ao seu antecessor nas mitras bracarense e lisboense: "Estudou na mesma Universidade [Coimbra] e se graduou na ciência dos Sagrados Cânones, que professava, alcançando meritissimamente, depois dos graus inferiores, o de licenciado por exame privado, e o supremo grau de Doutor, com grande satisfação e aplauso da Universidade, sendo colegial do Colégio de S. Pedro, onde viveu alguns anos com grande recolhimento e exemplo, estudando com cuidado, não só a ciência de Cânones, que professava, mas a teologia moral, de que teve muita notícia, e também da história geral do mundo, que soube, não de qualquer maneira, mas enfiada e continuada de seus princípios, até seu tempo." CUNHA, 1635: 451-452.

⁶⁵ Episódio ocorrido em 1602 e que foi tratado com algum desenvolvimento em D. Nicolau de Santa Maria, *Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarca Santo Agostinho*, 2ª parte, Lisboa, na oficina de João da Costa, 1668, pp. 392-393: que podem ler-se transcritas *infra*, como Apêndice 1 a este artigo.

do e generosidade se arriscou à duvidosa sorte da incerta guerra! E os esquadrões dos ingleses, armados de mosquetes, não aguentaram a visão dele e, pegando precipitadamente nas mochilas, juntando as bagagens e tocando a recolher, com vergonhosa fuga subiram para os seus barcos, por forma a como triunfador vences, só com a tua presença, ou antes, só com o teu nome, os aterrorizados inimigos, da mesma maneira que o ditador César a Mitridates. [vº] Oh brilhantíssimo tirocínio do futuro prelado, que muito merece ser comparado com os méritos dos antigos cabos de guerra e com as façanhas dos mais ilustres heróis. Que ninguém se espante nem indigne se eu às claras ao generosíssimo prelado chamar saudade muitíssimo ardente e fiel, se não das colinas eternas, ao menos da *colina das chuvas*.⁶⁶

Costumam os pastores mais experientes de Portugal em certas épocas do ano mudar de pastos e, para que o frio, transformado em duro gelo no solo, não maltrate o mimoso gado, conduzir os rebanhos de ovelhas desde os montes Hermínios até às planícies de Ourique no Alentejo, devido à tepidez de um clima mais ameno e a uns ares mais temperados durante o inverno, e daqui, já depois de nascidos os cordeiros, ao chegar a primavera, regressarem aos montes Hermínios. Nos campos de Ourique se nutre sob propícias estrelas:⁶⁷ é este o cordeiro do velo de oiro, para que, logo que nasce, respire e, juntamente com o leite, sugue os régios alentos de Afonso, primeiro rei de Portugal: algo que de sobejo dá a conhecer o seu brasão de família, tomado do mouro outrora morto em batalha, a fim de que, da mesma maneira que o rei Afonso tirou as armas do reino dos mouros vencidos,⁶⁸ assim os Furtado de Mendouça, notáveis pela sua religiosidade e armas, tirassem as suas da augusta saudação angélica.⁶⁹

⁶⁶ Parece haver aqui um jogo de palavras com uma fantasiada origem do nome de Coimbra, como provindo de *Collimbrium* < *collis imbrium*: “colina das chuvas”.

⁶⁷ Ainda que usando o autor de linguagem assaz sibilina, supomos ver aqui referência à ligação familiar que D. Afonso Furtado de Mendouça (o “cordeiro do velo de oiro”) possuía, não apenas com o Alentejo de modo geral (como nascido em Montemor o Novo), mas concretamente com os Campos de Ourique, uma vez que seu pai, D. Jorge Furtado de Mendouça, era comendador de Entradas e Santa Bárbara de Padrões, povoações localizadas na região historicamente conhecida por aquele nome, e incluídas hoje no concelho de Castro Verde. Segundo o testemunho autorizado do seu contemporâneo D. Rodrigo da Cunha, D. Afonso “criou-se em casa de seus pais, nas Entradas”. Vd. D. Rodrigo da Cunha, o. c., p. 451.

⁶⁸ Referência óbvia aos sete castelos e aos cinco escudetes das armas nacionais, símbolos tradicionalmente associados à batalha de Ourique.

⁶⁹ O AVE MARIA que figura no brasão de alguns ramos da linhagem Mendouça teria passado a fazer parte do mesmo por outorga que o rei Afonso XI de Castela fez a um membro dessa família, o qual, durante a batalha do Salado (1340), matara um mouro que, por desprezo, levava, presa à cauda da sua montada, uma banda em que figurava a conhecida saudação angélica. Acerca das

Em seguida, depois dos prósperos acontecimentos, o régio cordeiro, a fim de conduzir os rebanhos, subiu para as escabrosas colinas e estrelados montes. Por isso Coimbra se encontrava com os olhos levantados para os montes Hermínios, donde esperava que haveria de vir-lhe ajuda no momento próprio. De dia e de noite, com incansável desvelo, chamava o cordeiro, dominador e pastor da terra, para que, deixando a pedra do deserto e as altíssimas cumeadas da Estrela, viesse para o monte de Sião e as colinas das chuvas. Seria pedra duríssima quem não fosse sensível a estas saudades; mais duro que fraga e coração de ferro quem não se comovesse, amaciasse e derretesse com tantas e tão grandes chamadas do mais ardente amor. Finalmente, um dia imitaste o curso do Mondego, o qual, jorrando no próprio cume da Estrela, correndo por aqui e por ali como que ao acaso, se lança arrebatadamente, com rodeios tortuosos e sinuosas voltas, e, apertado pelas abruptas fragas, se precipita veloz de um lado para o outro, até que, quebrantada a sua impetuosidade, dominada a sua violência, corre mansamente em leito mais amplo, rico e mais abundante com as suas águas e as de outros rios, quando atinge as hercúleas campinas, nas quais se detém para abundantemente as fertilizar; e ali, a fim de liberalmente pagar as atenções da hospitalidade, à vista da cidade, formando um lençol de água, passa pelos cais das margens e os terraplanos de uma e outra margem, e, engrossado, com imensa fertilidade rega os campos que o flanqueiam.

*Este será o teu seguro lar,*⁷⁰ ó ilustríssimo prelado, para que não vagueies de um lado para o outro, indeciso quanto à pousada. Aqui, do alto da episcopal atalaia irás vigiar o teu rebanho e imprimirás um ritmo seguro aos trabalhos de fortificação, ornamentando e doirando Coimbra e a nossa época com um velo estrelado e de oiro. Até aqui imitaste o curso do Mondego, todavia, com sorte final mais venturosa, não perderás como ele o teu nome glorioso e fama mudando-te em amarga salsugem no vizinho oceano, mas, devolvido às mesmas estrelas de onde para nós te escapaste e ao mesmo céu de onde caíste, por causa do legítimo combate contra a sanha dos lobos hás de ser coroado, entre os braços de Erígone⁷¹ e de Escorpião,⁷² por forma a que o ânimo incorruptível no julgar e a energia e firmeza marciais demonstradas nos perigos sempre resplandeçam, sempre diante de todos brilhem como exemplo.

armas dos Mendoças Furtados veja-se, *infra*, a detalhada interpretação apologética que delas faz o autor anónimo da última série de composições que integram este artigo e a homenagem dos jesuítas de Coimbra ao recém-empossado bispo-conde D. Afonso.

⁷⁰ Cf. Virgílio, *Eneida* 8. 39: *Hic tibi certa domus, certi (ne absiste) Penates.*

⁷¹ Filha de Ícaro, transformada na constelação de Virgem.

⁷² Alude-se ao signo de Balança.

Gaspar Luís, mestre da 1ª classe
No ano de 1616

*Na recepção do ilustríssimo Senhor D. Afonso Furtado de Mendça,
bispo de Coimbra, conde etc*

PRÓLOGO

Bispo amigo, a retórica a ti dedicou estas flores
E aprazíveis mimos, em teu campo colhidos.
Recebe este molho composto com variegada verdura
Que o pudor colheu e com amor entrelaçou e atou.
Se fosse possível dar-te mil violetas, lírios mil e sem número
De prendas como prémio justo pelo quanto vales,
Receberias abundância grande de flores da nossa safra,
Abundância generosa de elogios teus:
E um estio mais longo que o costumado não bastaria para a safra
Nem uma língua só daria conta de tantos motivos de louvor.
Lisboa, a princesa, colocar-te-ia grinaldas sobre a cabeça,
Enquanto, colocada sob teu mando, gozasse da mais alta dignidade.
A nobre Coimbra espalharia rosas e variadas flores:
Como é de razão, pois ela floriu ao receber teu senhorio.
A tua Guarda, estendendo as mãos, mostraria e proclamaria
O imenso lustre que recebeu de tuas muitas obras e virtude.
Todo Portugal apressar-se-ia em fazer subidas loas
E estariam presentes o Tejo e as loiras águas do Bétis.
Ambas as regiões ficaram cientes de que és grande,
Ambas conheceram teus tesoiros de nobreza e de piedade.
Mas nem eu poderia expor tão farta messe de encómios,
Mesmo que possuísse uma voz de oiro ou uma áurea língua,
Nem o tempo te chega para pegar e cheirar tantas mil flores
Nem podes deixar que aqui se passe o dia todo.
Por isso, pega no ramalhete dos teus louvores, e nele
Pega com a mesma boa cara com que o colhemos.

ALOCUÇÃO PRELIMINAR

Se com infantis exórdios ou derramado discurso fatigasse durante mais tempo os teus ouvidos, pareceria que, diante da mais alta dignidade, estava

a abusar da afabilidade, comedimento e paciência de um tão grande [vº] convidado. Por conseguinte, ilustríssimo prelado e conde, a fim de que, após aquelas gulodices do discurso, não te seja enfadonha uma acolhida não tão suculenta nem ataviada, rogo-te que por uns momentos ouças, não a mim, mas a Virgílio, a murmurar, mais suavemente que o agonizante cisne, do modo seguinte, na *Eneida* 6. [143-4]:

*Arrancado o primeiro, não falta outro
De ouro, e de folhas do mesmo metal se cobre o tronco.*

O mui piedoso Eneas vivamente desejava ir até aos Campos Elísios a fim de gozar da visão e conversação do seu pai Anquises. Por isso, faz saber à Sibila o seu desejo, a qual ensina ao capitão troiano que de maneira alguma pode tentar-se ou concluir-se a jornada sem o favor do ramo dourado. Ensina-lhe onde deveria ser procurado e de que forma e de acordo com que rituais era necessário que fosse cortado. E que fazia parte da natureza desta árvore a boa dita de, quando se arrancava um rebento de ouro, logo a seguir renascia outro com inesgotável fecundidade:

*Não falta outro
De ouro, e de folhas do mesmo metal se cobre o tronco.*

Por isso, não me pareceria totalmente inepta e despropositada aquela pessoa que comparasse a igreja de Coimbra com uma tão ditosa e venturosa árvore, sobretudo se essa pessoa tivesse conjecturado que tu, aqui presente, é quem se exalça às alturas da nova prelatura. Faz pouco tempo que a Afonso de Castel-Branco, objeto do afeto da nossa Companhia, bem-amado de Coimbra, benquisto pelo reino inteiro, principal protetor da comunidade das letras, defensor poderoso de todos os bons, caído do céu, a morte, ainda que imatura, em idade já propecta o chamou para junto dos santos. E eis que tu, outro áureo Afonso, com o mesmo nome, brotaste de novo no mesmo tronco, floriste de novo na mesma árvore, por maneira a não apenas não fazeres esquecer a lembrança do antecessor, mas também a mitigares as saudades, se quando vieste algumas restassem. E quando, ainda estando tu ausente, Coimbra estava à tua espera, já toda ela se prometia que o teu dourado báculo e dourado bastão há de de consolar os homens de todas as classes e de todas as idades. [Aliás,] disse pouco: *há de trazer do além* e que da tua vara se há de apregoar com verdade o que antigamente apregoaram falsamente os poetas triunfais acerca do áureo caduceu ou vara de Mercúrio.

Virgílio, na *Eneida*, 4. [242]: *Pega então na vara: com ela faz vir do Orco as almas*. Horácio, *Odes* 1. 10. [16-20]:

*Tu justas almas aos Elísios guias,
Das leves sombras o esquadrão governas
Com o caduceu doirado:
És agradável aos supremos numes,
Ou governem no Olimpo ou no Aqueronte.*⁷³

Animai-vos, varões de Coimbra! Cobrai maiores alentos! Esta áurea vara do áureo pastor não apenas vos oferecerá, como outrora o cetro de Assuero,⁷⁴ fácil acesso ao vosso prelado, mas (algo que é mais desejável) há de fazer-vos passar, após o decurso de muitos anos, do campo Bolano para os Campos Elísios e venturosos pascigos da pátria celestial. Mas já parecia que eu estava a invadir alheios domínios, quero dizer, os dos oradores, e a estender-me para fora do que me foi prescrito, ao olhar mais para a presente felicidade como futura, sob a tua prelatura, do que a prever a que há de vir. Contenho-me dentro das minhas fronteiras: a ti regresso; é que neste brilho do teu oiro, por mor da luz sobeja, muito contenta, apraz e agrada [140] devanear, ver mal e ter curta a vista:

*Não falta outro
De oiro.*

Em toda a árvore, só um ramo de oiro dava rebentos, o qual não apenas causava à sombra dos outros ramos um não pequeno brilho, mas também ataviava sedutoramente a totalidade da árvore com valorizadora beleza. E tu acrescentaste luz e formosura ao nobilíssimo tronco da igreja conimbricense, e para formosamente te mostrares na sua árvore, não somente como ramo dourado, mas como o pomo de oiro, o qual, assim como antigamente foi furtado do jardim das Hespérides, assim hoje foi Furtado do reino da Hispânia (para não dizer, tesouro [Furtado] da experimentadíssima guarda da Guarda), conquanto Hércules,⁷⁵ não esquecido da sua Coimbra, o tenha

⁷³ Versão de José Agostinho de Macedo, que não nos parece aqui de todo má: *Obras de Horácio, traduzidas em verso português por J. A. de M.*, Lisboa, na Impressão Régia, 1806, p. 17.

⁷⁴ Cf. *Est* 4. 11. ; 5. 2; 8. 4., sobretudo este último passo, que reza: “E o rei, segundo o costume, estendeu com a sua mão para ela o cetro de oiro, para lhe dar mostras de clemência.”

⁷⁵ Como se sabe, a busca dos pomos de oiro do jardim das Hespérides constitui o 11º dos trabalhos de Hércules, herói que, como estes textos fartamente exemplificam, a mitologia lusitana quinhentista associara à fundação de Coimbra.

levado mediante um melhor furto. Vê, por conseguinte, como se adequam bem a esta árvore as palavras que em premiados versos Claudiano acerca dela cantou:

*Nos sombrios bosques há também árvore mui rica
Cujos luzentes ramos se dobram com o metal de viva cor.
A ti fica consagrada. De farto Outono hás de gozar
E sempre serás rica com os loiros frutos.⁷⁶*

E com formosura não desigual, ainda que com lustre diferente, ornamentas a árvore senhorial da tua linhagem, cujas raízes lançou tão profundas aquele mui ilustre e intrepidíssimo prócer Fernando Laínez⁷⁷ que não só nenhuma inclemências do tempo as podem arrancar, como também, graças ao denodo na guerra, estenderam inúmeros férreos ramos de condes, marqueses e duques tão longe e ao largo que antanho, com imenso morticínio de mouros, abarcaram a Hispânia e a África, e no nosso tempo com temível estrondo de armas retumbam ao longo das regiões do Oriente e fazem reviver os exemplos do vigor e fortaleza portugueses,⁷⁸ que já se vão eclipsando, com grande louvor e com não menor descalabro dos bárbaros. Tu, segundo áureo ramo, de tal sorte doiras estes férreos ramos da tua linhagem com os enfeites e demais ornamentos do corpo e do espírito que, embora não percam o lustre e honra da sua ferrugem, todavia recebem incomparável formosura das tuas dignidades:

Outro de oiro.

Grande número de intérpretes pensam que com o ramo de oiro se significava a divindade, por privilégio da qual se oferecia, aos filhos dos deuses que ainda se moviam entre os vivos, fácil acesso e regresso às moradas dos infernos e aos Campos Elísios. Virgílio, na *Eneida* 6. [123; 131; 394]

⁷⁶ Claudiano, *De raptu Proserpinae* 2. 290-293. Veja-se a versão da Marquesa de Alorna: "Num bosque umbroso estende a vasta rama / Uma árvore pomposa de que pendem / Frutos d'ouro que a ti o amor consagra. / Gozarás de um Outono afortunado / Que d' áureos pomos sempre te enriqueça." *Obras poéticas da (...) Marquesa de Alorna*, tomo V, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844, p. 233.

⁷⁷ Suposto e remoto tronco da linhagem Mendoça, do qual procederia também Rodrigo Díaz de Vivar, o *Cid campeador*.

⁷⁸ Alusão evidente a André Furtado de Mendoça, de facto uma das mais brilhantes figuras da presença portuguesa no oriente.

inculca-o em três passos: *Também a minha linhagem procede do supremo Jove; Sibila: Filhos de deuses o conseguiram; Caronte: Embora de deuses filhos fossem e de invencível força.*

Outros, com cuja opinião concordo, subentendem neste ramo a sabedoria, sem cuja direção é desatino empreender-se tudo o que é árduo e trabalhoso. Oh cousa formosamente dita! Esta opinião ajusta-se à maravilha ao nosso prelado. Para ti convergiram tão grande domínio das artes liberais, resplandesces com tão numerosos atavios de ciência que, se alguma mão também de oiro colhesse e uma áurea língua primeiro provasse as áureas flores e os áureos frutos do teu áureo ramo, pareceria não tanto iluminar quanto cobrir de sombra os áureos raios da tua sabedoria. De facto, em anos anteriores, devido à tua prudência e saber, a Espanha viu-te como conselheiro régio, Lisboa admirou-te como presidente na real Mesa da Consciência, Coimbra reverenciou-te uma e outra vez como reitor, primeiro do Colégio de S. Pedro, e depois de toda a Academia Conimbricense.

[vº] E a *ínfula* não *cinge com outro nó as livres madeixas*,⁷⁹ pois era justo e lícito que a ti, de dia para dia ornado com maiores luzes de sabedoria, te tivessem sido dadas honorarias de mais subido grau. A Guarda venerou-te, amou-te e beijou-te como seu bispo. Bispo? Antes pai, antes Crisóstomo pelos ensinamentos e Gregório Magno pela beneficência para com os pobres e os atribulados. Por derradeiro, a tua Coimbra recuperou-te e, como a um segundo Ambrósio, ela, que te teve como reitor, tem-te como bispo, e ter-te-á para sempre, pois tão-pouco ficava bem que o mais letrado dos bispos fosse colocado em outro lugar senão neste Ateneu das letras lusitanas. Portanto, engana-se quem julgar que com o ramo dourado da tua sabedoria não podes entrar, não digo nos Elísios, mas nos Empíreos Campos.

Por conseguinte, nesta colina regada por incessantes chuvas⁸⁰, tu, que és ramo doirado, hás de crescer até árvore de oiro: se é que tu não preferes ser chamado louro da vitória, ou hera do talento poético, ou palmeira da justiça, ou cipreste da nobreza, ou oliveira da paz e da esmola, ou cedro da longa vida (pois o nome tão-pouco foi atribuído por Virgílio), e a todos hás de cobrir com uma aprazível sombra dourada, a todos quantos temos boas esperanças em relação ao teu viço e agoiramos uma sorte venturosa.

⁷⁹ Cf. Estácio, *Silvas* 4. 4. 93: *nunc uacuos (...) nexu.*

⁸⁰ De novo nos deparamos com o jogo de palavras *collis* (colina) e *imber* (chuva), alusivo à fantasiosa etimologia de *Coimbra*. Como é evidente, torna-se impossível a sua transposição na tradução.

CENA DIALOGADA

COIMBRA:

Acaso é este aquele a quem há muito esperavam
As herculanas campinas, de loira areia fartas, aquele
Para quem, desde a Serra da Estrela e com belos cachões,
Por entre festivos campos o meu Mondego corre, aquele
Em quem eu, jubilosa Coimbra, com toda a atenção ponho
Meus olhos: o bispo Afonso?

GUARDA:

Teu e dos teus
Único amor e esperança única, para ti se deu pressa e ei-lo presente.
Não duvides, pois é verdade o que vês: aquele pejo de um rosto
Recatado, aquele semblante de uma piedade venerável e igual
À dos bispos de épocas antigas, os quais antanho, mantendo em
Paz o mundo, consigo trouxeram douradas eras: só ele
Dá a conhecer o mui subido lustre de Afonso.

SABEDORIA:

Acaso não vês como a longa mão, a fronte régia, o doce
Sobreceño e o olhar humilde, pondo de lado ufânias,
Dão testemunho dos clarões dos grandes avoengos?

COIMBRA:

Oh que grande lustre me prometo! Oh que grande ventura
Me é lícito esperar, ao olhar com pasmo para todas as qualidades
De seu espírito e coração; apraz ver em seu rosto a imagem
De mil reis e chefes; naquele semblante se divisam os brasões
E herdados nomes de seus maiores e os magnânimos progenitores
De aparência que desprezo não merece.

[141] Como é evidente: trata-se daquele mesmo, e já não poderei duvidar,
A quem esperavam com festivo aplauso minhas praças,
A quem o meu Mondego se sorriu desde o seu vasto leito,
A quem a minha Academia com razão proclama o seu amor.

GUARDA:

Eu, venturosa Guarda, na minha terra muitas vezes a este
O senti pastor pelo báculo, assim como pela tiara o vi bispo,
Guia pela virtude e pai pelos piedosos sentimentos.

SABEDORIA:

Como é manifesto, foi a sabedoria quem lhe concedeu estes dotes,
À Lusitânia inteira a ínclita sabedoria os concedeu;
Não invento novos títulos nem a fantasia contraria a verdade:
Com aplicado empenho mereceu estas loas.
Quaisquer mentiras que alhures fantasiam os versos dos poetas,
Com total verdade a Afonso se ajustaram.

COIMBRA:

Sou testemunha de como há pouco seus verdes anos com desvelo
Ocupava e consagrava sua idade moça aos sagrados
Cânones, do quanto se entregara às artes superiores,
Do grande louvor e honrarias que seu engenho merecera.

SABEDORIA:

Por isso é que a nova fama lhe oferece outros graus e mais elevadas
Funções e a nossa Academia saúda um reitor
E as musas nele reconhecem um reitor e um mecenas.
Quando o mando lhe cabia, podia ver-se os alunos tanto de filosofia
Como de ambos os direitos mais se entusiasmarem e com todo
O ânimo colher os laboriosos frutos dos estudos.

GUARDA:

Da mesma maneira, quando com acerto me governou, meu
Respeito ganhou por cumprir os deveres de bispo e pelo amor
De pai: senti que por toda a parte as virtudes nasciam e medravam,
Que o pecado e a injustiça se afastavam p'ra longe e que o crime
Insaciável fugia e era substituído pelo amor da vera piedade.

COIMBRA:

Portanto, possa eu esperar e possuir por longos anos
As doces maravilhas de tão grandes cousas.

SABEDORIA:

Ou antes, podes esperar maiores: sempre com novas funções
Acrescentou funções imensas e uma segunda fortuna se sobrepõe
À fortuna primeira e nunca se viu o venturoso Afonso
Decrescer na vitoriosa carreira das honrarias.

[vº]

GUARDA:

Ah quantas vezes ele, agora teu, com bondosa ajuda alenta
Os pobres e desvalidos; quantas vezes por entre campos e cidades
Se derrama em prata e oiro; a violenta sede desaparece e acaba
A má-conselheira fome e a lastimável indigência se afasta
E, com generoso gasto, a mão a todos faz felizes.
Acolhe como hóspede ao próprio *Pai dos deuses e humanos...*
Para onde me deixo arrastar? A sua bem conhecida modéstia
Não me deixa continuar, aquelas mostras de pejo proibem-me
De dizer o que Portugal aplaude e por todas as vilas a fama espalha.

SABEDORIA:

Justo é crer que tudo quanto tem morada no peito de Afonso
Do céu foi enviado.

COIMBRA:

Vendo-o
A subir tão triunfalmente para as minhas alturas,
Enquanto um alvo cavalo o transporta e do mesmo passo
Representava as merecidas dignidades de bispo e de conde,
De imediato pelo seu rosto deduzi o como ao Céu era grato,
O quanto era estimado pelos homens e fácil de ser amado,
Reverenciado e guardado dentro do coração.
Ó venturosos astros de influência incessante,
Ó alegres e luminosos dias! Ó idade dourada restituída
Ao nosso mundo com juro centuplicado!
Não é possível sentir inveja do meu destino nem poderá
Em nada mudar-se a sorte; uma ventura nutre outra ventura,
Um ditoso tempo a outro nutre e vem depois de um primeiro
Afonso outro Afonso, nem menor nem em honra segundo,
Em nobreza primeiro, maior em esperança. Ó prazer
Digno de alegrar um mais amplo peito e uma alma melhor!
Apartai-vos daqui, almas vis! Apraz-nos, venturosamente
Prostradas, àqueles pés com mil abraços nos lançarmos.
Ó companheiras, com gesto e atitude suplicante, toquemos
Aqueles joelhos e não deixemos que se parta o objeto do nosso amor.

GUARDA:

Afonso, ó Afonso que um dia foste meu! Eis-me aqui,

A um dia venturosa Guarda: diante de teus olhos me coloco.
Para aqui volve, te peço, os olhos teus. De longe vê o quanto
Estás neste peito, tanto como neste brasão o nosso nome.
*Se a sorte minha me consentisse a vida guiar de acordo co' os
Meus desejos e ocupar-me de meus cuidados a meu talante,*⁸¹

[142] Eu jamais permitiria, amado bispo, que te arrancassem
Dos braços meus: ser-me-ia grato percorrer na tua companhia
A venturosa sucessão dos anos e com o exemplo da tua virtude
Merecer o Olimpo aparelhado para o bem proceder,
Mas, porque a tua vida te tinha reservado, e ainda tem, para
Bem melhores destinos, meu mais alto prazer,
Vai, rogo-te, vai e o lustre mais alto ajunta à nossa terra,
E que a tua alegria nunca se perturbe com as minhas saudades:
Vivo no desterro, congratulo-me e rogo.
Que eu possa ver teu nome entre os dos purpurados padres.

COIMBRA:

Ora, apraz-me que o bispo com tão lento passo tenha chegado
Até minhas alturas, para que viesses para nossa terra e céu
Como galardão de maior preço, ó desejado Afonso!
Vieste enfim e a tua vinda supera os pregões mensageiros da fama
E a tua presença vence os montes de oiro que tua nobreza afiançava.
Eis-te inteiramente presente e apraza-te com semblante
Afável teu coração encher de alegria e novos prazeres.
Posso de perto ver-te, conhecer-te, falar-te e tocar-te, e sempre
O poderei, com complacência dos meus, com honra e amor teus,
Enquanto durar a minha cidade e o Mondego correr, e nada
De mim te há de arrancar, a não ser o tardio desejo do céu.
Entretanto, procede ao mesmo tempo como pai comum e prelado
Do povo: a minha glória há de brotar de um tão grande bispo
E nem a feliz Lisboa, nem Braga, a primaz, nem a grande
Évora hão de vencer os públicos pregões da minha fama.

SABEDORIA:

Se a alguém é permitido rejubilar em incessante triunfo
E passar alegremente os dias e, na tua vinda, enfeitar com festivos
Ramos as praças, as portas e entradas e inundar

⁸¹ Virgílio, *Eneida* 4. 340-341.

Inteiramente o coração com não costumado regozijo:
Seja-me isto a mim permitido, contigo sempre vivo, ó Afonso,
Luzeiro imenso, imenso lustre da sabedoria! Glória singular
Do monte Piero, de cujo grande peito a áurea sapiência
Vai jorrando em golfadas que não cessam.
Portanto, avante, visita o lar modesto das musas,
Entra e acostuma-te a mais humildes moradas; com a minha
Própria mão te franqueio todas as entradas; oh, oxalá fosse possível
Eu abrir este peito e o mais íntimo do santuário do coração:
Aqui encontrarias deveras a nossa morada, mais vasta que este auditório.

[vº]

EPIGRAMA:⁸²

Feito por um aluno

Coimbra pediu emprestado às estrelas um bispo
Com o afortunado nome de Afonso de Mendouça.
Não o tendo conseguido nem com rogos nem dinheiro e as estrelas
O negando, diz-se que Furtado foi às ocultas arrebatado dos céus.

EPIGRAMA:

Feito por um aluno

Guarda acolheu-o e Coimbra o possui, o grande
Furtado, bispo dado sob auspícios grandes.
De facto, não podia a Guarda conservar mãos que não sabem
Guardar e generosas com todos os pobres.

[142 vº]

João da Rocha

*A 2ª classe de retórica acolhia o Senhor D. Afonso Furtado de Mendouça
com estas modestas mostras de hospitalidade*

PRÓLOGO HENDECASSÍLABO

Ó generoso bispo, dignas-te visitar-nos
E em algo conceituar as nossas frioleiras?
Nada melhor provará que te quadra o título

⁸² Entenda-se a palavra “epigrama” no seu sentido originário em grego, ou seja, de composição poética de breve extensão.

De conde, a ti que o és, do que quando
Mostras novas mostras de gentileza.⁸³
Engano-me, ou regressou a antiga idade de nossos
Pais, em que gozavam da companhia dos deuses?
Venturoso quem na terra divindades viu
E em conta de não menos venturoso me terei eu mesmo
Agora, em cuja casa és recebido como santo hóspede:
Assim, secundando-nos⁸⁴ com teus bons auspícios,
Farás de modo a que com nome verdadeiro se deva, entre
As demais, segunda classe chamar a esta.
Mas, no mais profundo do espírito, sofro, ai de mim!,
A mordida de graves e raladores cuidados:
Os de que sejas recebido com o aparato que mereces.
Quando Júpiter na terra tomava forma humana
E entrava na casa de um camponês, contam
Que estimava terrenos manjares.
E os que não têm arábico incenso não hesitam

[143] Em usar nos sacrifícios trigo salgado.

Não consta que se tenha tomado como cousa indevida
Que alguém aos deuses ofereça aquilo que pode.
Portanto, tu que és gémeo dos divos, assim de bom grado
Hás de perdoar a pobreza desta acolhida.

Conversa de três moços sobre a feliz entrada na cidade

POEMA TRÁGICO

Primeiro :Os aplausos que agitam a cidade, o grande júbilo
Que inunda todos os cidadãos e a grande fogosidade
Que inflama os alegres varões de Coimbra,
Arderam mais do que as tochas há pouco ateadas:
Provas não pequenas dos incêndios dos corações,
Vejo que qualquer um o vê, se não é invisual.

⁸³ O autor joga com a polissemia de “comes”, que em latim clássico significa “companheiro de séquito”, para adquirir mais tarde, na Idade Média, o sentido de “conde”, ambiguidade que se mantém no derivado abstrato “comitas”, que inicialmente tem o valor exclusivo de “afabilidade, generosidade”. Na impossibilidade de transpor essa *nuga* tão do gosto barroco recorrendo ao correspondente português desse vocábulo, improvisámos com o verbo “mostrar”, uma graçola de não dissemelhante mau gosto.

⁸⁴ Tome-se este verbo com a acepção, menos corrente, de “favorecer”: deste modo se conservará o jogo de palavras do original.

Segundo: Quem não há de ver, sentir, aperceber-se e saber
Aquilo que igualmente no íntimo de si mesmo
Ou calado experimenta ou acaba por não conseguir:
Mandar a si mesmo que não pule de alegria e deixar
De abertamente festejar a chegada do santo prelado.

Terceiro: Possa eu ousadamente assegurar tão somente
Que na cidade inteira não haverá absolutamente ninguém
Que deixe de assinalar com branca pedrinha o dia
Que ofereceu de novo o bispo que nos fora arrebatado.⁸⁵

Primeiro: Quanto foi grande a dor que no passado mergulhou esta cidade,
Ao ser arrebatado para a corte da Espanha, tanto hoje
A nossa grei rejubila impelida por viva emoção,
Ao tempo em que o pastor a nós, seu rebanho, reconhece.

Segundo: Ó chamas de amor, que ele lançava,
Quando a cidade, para fora saindo de sua morada,
Se passou para a outra margem do rio
Para daí trazer para casa um tão grande penhor.

Terceiro: Qualquer um, como podia mostrando os seus sentimentos,
Ardia por abraçá-lo no mais profundo de seu coração:
E ele como pastor e como pai se ia mostrando.

[vº]

Primeiro: Com simpático semblante olhando as alegres ovelhas,
A todos os filhos risonho se oferecia.

Segundo: Como caminhava luzido entre os nobres varões,
Que nas mãos de um lado e do outro seguravam o pálio!
Penso que então meigamente furtou nossos corações.

Terceiro: Que roubos de almas não faria para si um semblante
Que reluz perto da pacífica tropa?

Primeiro: Que coração ou que alma podem ficar frios,

⁸⁵ Faz-se alusão à partida de D. Afonso para Madrid, quando, em 1605, deixando o cargo de reitor, passou a fazer parte do Conselho de Portugal junto da corte filipina.

Quando os dois luzeiros do rosto, ao modo das estrelas,
Com suas chamas arrebatam quanto lhes sai ao caminho?

Segundo: O aço não é tão arrastado pela atração do ímã
Nem a palha procura tanto abraçar o âmbar,
Como a benigna visão do bispo atrai e arrebatava
Quer os mais humildes, quer os mais alevantados.

Terceiro: Que doravante, com este protetor, Coimbra não pense em
Nada de infausto e ruim, em nada que incuta temor.
É que, se foi profeta visionário do futuro
Aquele que ontem ao nosso encontro veio,
Este venturoso pastor há de fazer feliz o seu rebanho.

Primeiro: Rogo-vos que transmitais a meus ouvidos os oráculos
Que dele ouvistes, se não vos esqueceram.

Segundo: Contemos como sucederam de facto estas coisas.

Terceiro: Primeiro escreveu as letras deste nome:
Afonso Furtado de Mendouça.
Em seguida, alterando a ordem e sentido das palavras,
Das mesmas letras extraiu o seguinte anagrama:
Ó Alfa que levas os presentes dos guardas,
A ti se dirigindo, ó Afonso, como a alguém presente,
A quem, inspirado pela mais alta inspiração do céu,
Repete um poema cheio com os teus louvores.

Primeiro: Quero que vós os dois mo digais alternadamente.

POEMA HEROICO

[144]

Terceiro: “Assim como o rebanho, através de campos e gândaras ermas
Vagueia, depois de perdido seu pastor e guarda, e, gemendo,
Com seu lamento enche os trevosos bosques, enquanto com
Triste voz chama o pastor e aflito gira em torno da casa de seu
Dono, anojado das fontes e da grama do amado pasto:
Do mesmo modo, quando Afonso se elevou para as celestes
Alturas, Coimbra jazia coberta em escuro luto, até levantar,

Com um pastor idêntico, o ânimo atribulado pelas aflições, e,
Com um idêntico pai, um termo pôr ao caudaloso pranto.

Segundo: Por isso, sus, os cumes agitai, ó pluviosos montes,
Batendo as palmas e dançando de roda, correi pelos campos
Herculanos e, *agitando as cabeças*,⁸⁶ de alegria pulai!
Eis aqui presente Afonso, arca da divina aliança:
Detende-vos, linfas que correis da fonte da Estrela,
Detende-vos, que o pai Mondego levante a cabeça por cima
Das ondas e humilde adore o rosto do que chega de longe.
Este Afonso poderá, se não avantajá-lo àquele primeiro,
Certamente com ele emparelhar-se pelos méritos iguais.
Que, desaparecido o primeiro, o áureo segundo não deixe
De brotar renovos, luzindo com metal igual ou quiçá melhor!

Terceiro: Como *Alfa*, tem, como nobre, a primeira origem no primeiro
Sangue, a reis ligado pelos dois sobrenomes.
Se atendermos aos costumes, deverá ser chamado *Alfa*,
Para que, quem pelas virtudes a Cristo se assemelha,
Como seu próprio leve o nome de Cristo, glória que é rara.
De facto, há alguém que tenha dado maiores provas de aos pés
Ter calcado o assoberbado fausto? Alguém que, sóbrio vivendo
Entre os luxos da corte, tanto tenha refreado as rédeas da sua vida?
Ou quem, menos do que ele, foi sujeito à vã ambição?
As honras, ele as mereceu, não as comprou.

Segundo: Além disso, se algum mérito tem a zelosa guarda
Do rebanho, este sobressai entre os demais guardas tanto
Quanto a letra *Alfa* se avantajá às que a seguem.
No curral cheio, ardis e ciladas arma o gato: arma-os
O lobo, quando aquele está de sobreaviso; ainda que a má
Conselheira fome abra as goelas, ainda que mostre as unhas,
São vãos os passos que se dão à volta do curral.

[vº]

Terceiro: Se por acaso com errante rumo uma rês vagueia através
De selváticos matos e não sabe regressar ao conhecido poiso
E com choroso clamor implora a bondosa ajuda do pastor,
Ele voa atento ao perigo e nos ombros a carrega

⁸⁶ Cf. Virgílio, *Eneida* 2. 629: *Et tremefacta comam concusso uertice mutat.*

E no estábulo a repõe.
Ó pastor vigilante, discípulo do Pastor eterno,
Nenhuma das tuas ovelhas perdes, dada em presa
Aos dentes dos lobos. Alegra-te carregar às oferecidas costas
Amadas cargas, mesmo que *o suor escorra até aos artelhos*.⁸⁷

Segundo: Que direi? Os presentes que ofereces? Os pascigos que pasta
O teu rebanho? Ninguém velou melhor pelos pobres.
A quem privas por mor de teu génio esmoler? E amiúde
Teu lar atormentas com estreiteza de gastos, para que a fome
Trôpega não possa atormentar a plebe. Os oráculos divinos
Desejam um prelado assim, que não pensa no seu proveito
E, esquecido do que é seu, de seus cordeiros não se esquece.
Não te favoreces a ti nem a outros por laços de sangue a ti
Ligados. Que feliz façam o povo os favores da tua destra,
Que aligeiras de sorte tal que, no revessar oiro, os rios
Da Ibéria supera. Como testemunha te tomo, ó Guarda,
E para o vindouro tempo hás de afiançá-lo, ó Coimbra.”

Terceiro: Estas palavras com boca profética o adivinho proferiu.

EPIGRAMA

Em que se promete ao bispo uma vida muitíssimo longa

Por longo tempo vive, ó pastor, lustre dos pastores, vive,
Em quem cuido que vivem os exemplos dos primeiros padres.
Quem vê como reluz, comparado com o dos demais, o teu saber,
Diz que neste peito Agostinho revive.
Quem escuta as vozes embebidas em néctar celestial,
Diz: “A mélica língua de Ambrósio perdura.”
Quem vê o emaciado corpo, diz: “Jerónimo, como é
Justo crê-lo, revive nestes membros.”
Quem conhece os gastos que fez com os mofinos indigentes,
Diz: “Eis que ressuscitou a destra de Gregório o Grande.”
Em ti só reunidos vivem os louvores de quatro Padres.
Oh prouvera a Deus que a vida tenhas de quatro Padres!

FIM

⁸⁷ Cf. Horácio, *Sátiras* 1. 9. 10-11: *cum sudor ad imos / manaret talos*.

[145]

Pelo irmão Jerónimo Botelho

*Na vinda do ilustríssimo e reverendíssimo Senhor D. Afonso Furtado
de Mendonça, bispo de Coimbra*

Pelo quinto ginásio. Para a entrada na sala de aulas

Escolar:

Que sejas ditoso, mui ilustre bispo, ditoso
Seja este dia que para nós a ti te trouxe:
Dia venturoso e que com alva pedrinha deve ser sinalado,
Em que nos é dado gozar do semblante do desejado hóspede.

O Ano 1616; a Primavera; o Verão; o Outono; o Inverno

O Ano:

Aqui acabo de chegar, repleto de toda a sorte de frutos:
Acaso sabeis quem eu sou? Decerto que não, segundo
Cuido, mas desejais sabê-lo. Eu sou este vosso ano.
A todos vós dei alimentos de sobejo e cabonde;
Que ninguém sinta fome.
Porém, a nossa maior glória é esta, que agora me
Atribuo, por restituir a Coimbra um varão
Que em costumes e linhagem não difere de nenhum
Dos antigos. Agradecei-me e louvai-me por bom,
Ó gentes de Coimbra, chamai-me bondoso.
Ele vos fora roubado, todavia, uma vez que era
Vosso, vo-lo restituo. No passado foi reitor
Da vossa Academia e por ele chorastes,
Quando partiu da cidade, doze anos atrás.
Não pôde para aqui de novo trazê-lo qualquer
Ano passado, mas só eu pude fazê-lo voltar.
Alegrai-vos, jovens, cantai, dançai de roda
Por toda a cidade, pois à lusa terra ofereço
Quem entre os heróis não é segundo: este louvor a mim
Cabe por inteiro. Ora sus! Chegai-vos, tempos meus!
Por que para aqui vens de alegre rosto, ó primavera?

Primavera:

Infeliz de mim, a primavera, pois que Coimbra há
Algum tempo com torvo rosto e avesso olhar me ameaça,
E com razão, porquanto o seu consolo tristemente
[vº]Arrebatei (embora em provecta idade): quero dizer,
O Padre Afonso, que pelo vasto mundo a fama louva⁸⁸
E a quem a virtude por seus méritos ao céu iguala.
Para melhor poder dobrar o duro espírito de imigo povo,
Esperança tinha de a ti, ilustre pelo sangue,
De excepcionais costumes, em piedade a ninguém segundo,
Para aqui como bispo transferir-te, a fim de que, em meus
Dias, com ameno céu, a tua Coimbra alegre te acolhesse
Como hóspede, e a terra então me oferecesse, pródiga, novas
Flores e eu pudesse esparzi-las por aqui. A sorte porém
De mim sentiu inveja e roubou-me favorável ensejo.
Essa cidade nunca há de fartar-se de seu ódio contra mim
E nunca há de olhar-me com rosto prazenteiro.

Verão:

Que frondosas sombras, eu, o verão, para ti preparei
No belo vale, e entretecidas com as novas videiras.
Aqui mais suavemente ataco que nos cimos dos montes:
O meu calor tratar-te-ia mais brandamente junto das águas
Do rio Mondego, entre os salgueiros, ou entre as grutas do teu
Ameno Tíbur,⁸⁹ que o riacho rega com muitas águas
E o bosque obscurece com suas ramagens.
Conviria que então tivesses vindo: com serena nuvem, ocultaria
Então os raios do meu sol e então, alegrando-me, regaria primeiro
Com abundante chuva as empoeiradas estradas.
Como receei que te fizessem mal com sua inclemente solheira

⁸⁸ D. Afonso de Castel-Branco falecera a 12 de maio de 1615: as acusações de que a Primavera se sente alvo justificam-se portanto por a morte do prelado ter-se verificado durante a vigência da sua estação.

⁸⁹ Ou Tívoli. O topónimo italiano está aqui como sinónimo de “arrabalde aprazível, local de vilegiatura”, apontando certamente para a Quinta do Bispo, antiga residência de férias dos prelados conimbricenses, hoje ocupada pelas instalações da Escola Superior Agrária de Coimbra, em S. Martinho do Bispo.

As altíssimas cumeeiras da Serra da Guarda!
Desejava conduzir-te até às sadias colinas desta cidade,
Seus irrigados vales e limpos e temperados ares.
Oh quão grande seria a minha alegria, se, como bispo
Por todos querido, durante o meu tempo te apresentasses!

Outono:

Primavera e verão arredai, fora, pois o céu para mim
Reservou tamanhas alegrias; apartai-vos daqui, preciso
De espaço. Rejubilo, pulo de contente e alegro-me e meu
Coração não se aquieta ao transbordar de ledice.
Como me sinto feliz, eu, o outono, a quem a glória e a quem
Os elogios tamanho lustre concederam. Eis que os cidadãos
Desta cidade me cobrem de loas porque nesta quadra para aqui
Me transportei, excelentíssimo Padre: contente com tão grande
Honra, mal consigo falar e não sou capaz de com palavras mostrar
A gratidão pela mercê da desejada vinda.
Posso dar-te sazonados frutos, ofereço-te cachos pendurados
Dos altos artesoados pelo fio do tetoe

[146] Tão-pouco aqui faltam romãs. Que mais?
Pêssegos? Porventura, antes marmelos? E de bom grado
Toda a sorte de sadios frutos te ofertarei em repletos açafates.
Que te prometeu a primavera? Flores? E o seco verão?
Os riachos de correntes águas e as sombras com frondosos ramos?
Olha que promessas, que com riso devo escutar: só a tua presença
Me refreia de por mofa desatar às gargalhadas.
Se te apresentasses no tempo do verão ou da primavera, ó Padre,
A primavera acolher-te-ia com flores e o verão com ramagens.
Mas eu, agora, com frutos maduros te acolho. Vê quanto
Os meus presentes se avantajam às dádivas da primavera e verão.

Inverno:

Eu, o gélido inverno, coberto de canosa grenha, para aqui
Me dirigirei, com o corpo trémulo cabonde, porquanto
Sempre me acompanham o entorpecedor frio, os aguaceiros,
A neve, o gelo, os ventos, os trovões, o estrondo e a geada:

Mas assim mesmo para aí irei, pois é certo que não sinto pequena
Confiança na minha chegada, mui excelente Padre, pois,
Quando eu cobrava maior vigor com o duro mês de Jano,
Pelos teus merecimentos co' esta honra te ornou o rei Filipe.⁹⁰
Porventura não me conheces? No cimo da Serra da Estrela,
Próximo de Castelo Branco, aparelhei morada:
A minha casa é aqui, Portugal esta serra me ofereceu,
Para que em seu alto cimo estabelecesse a minha morada.
Aqui, eras meu vizinho; mas a vizinhança, para mim sempre
Grata, pouco o foi para ti. Em melhores pascigos apascenta
Agora maiores rebanhos, que brandamente acalentarei,
E já os meus frios menos hão de molestar-te, ó pastor.

Primavera:

Agora assiste-me o direito de queixar-me de ti,
Ó outono: por que razão tanto te ensoberbeces? Por que
Razão assim falas e arrogante avanças e com as tuas palavras
Nos indispões? Assim desprezas as minhas flores e a folhagem
Do estio, que há pouco oferecemos ao bispo
Com tão boa vontade? É esta a paga que de ti recebo
Pelos benefícios que te ofereci? Pagar-te-ei na mesma moeda.

Outono:

Que benefícios me lançaste tu em rosto, ó primavera?
Agora não faço qualquer conta dos vossos benefícios.
Dizes que eu sou soberbo? Que o sou também reconheço.
Pasma desta confiança com que te falo?
[vº] Não renego o meu atrevimento nem a minha presunção.
Por que razão assim te despraz a verdade?

Z

⁹⁰ Se bem entendemos estes versos o seu tanto enleados, pensámos que o autor pretende significar que o rei Filipe II de Portugal, III de Espanha, recebeu, e transmitiu a D. Afonso, a confirmação papal da nomeação para o cargo episcopal no mês de janeiro de 1616. Com efeito, a bula de confirmação de Paulo V tem a data de 5 de dezembro do ano anterior, sendo de supor que terá chegado a Espanha nos começos de janeiro de 1616.

Verão:

Ainda que se trate de palavras verdadeiras, mesmo assim
Penso que não devem dizer-se. Mas, dize-me: sem flores
E folhas seria alguma vez o outono cousa alguma?
Não podes ensoberbecer-te assim, ó outono,
Seria preferível que falasses com mais comedimento.

Outono:

Como a inveja corrói e atormenta as vossas almas,
Não podeis fazer-me mal. Estou ciente de que por causa
Da minha glória estais tomados pela inveja.
A mim cabe a honra desta vinda: estais assim
Mortificados porque a sorte me sorriu.

Primavera:

Quem poderá tolerar tão grande insolência?
O outono ensandeceu, está louco, a demência
Fá-lo tresvariar. As bravatas do soberbo incomodam
E de sobejo agridem os ouvidos do auditório.

Outono:

A tua presença, ó prelado, faz que aos demais
Eu pareça soberbo: é tão grande a minha alegria
Que sou julgado e tido na conta de soberbo. Eu
Não responderei mais à primavera e ao verão:
Que ladre a primavera e o verão murmure, nada eu direi.

Verão:

Cuidas, ó outono, que eu sou contrário a ti?
Enganas-te. De facto, nem os meus sentimentos
Nem a minha disposição de ânimo jamais a ti foram
Alheios, mas critico assaz a tua arrogância, com que
Desprezas os presentes que oferecíamos
A um tão grande hóspede, a um tão ilustre bispo.

Outono:

Eu fico mudo, pacientemente me calo: falai.

Inverno:

Outono, a primavera inveja-te; rogo-te que te cales.
Ainda que o verão afirme que é teu amigo,
Não o creias nem tão-pouco lhe dês ouvidos.
Deste no vinte: foi sempre a inveja quem assim
Agitou os sentimentos da primavera e verão.

Ano:

Porque fazeis perder tempo com vossos dislates?
[147] Deixai-vos de brigas ou reservai-as para outro
Dia mais adequado. Agora dirijamo-nos ao hóspede,
Que quer ir-se embora, com os usuais ritmos de um
Poema de aplauso ou com algum outro metro:
Prometei dias bem agoirados e uma saúde próspera
Para o futuro, para que daqui parta com boa disposição.

Primavera:

A todos apraz esse teu parecer.
Eu, a primavera, prometo-te ditosos tempos de primavera
E durante a minha época hás de estar sempre são.

Verão:

Afianço-te todos os anos grandes celeiros cheios de frutos
Ó bispo, e que nesta cidade o meu calor não há de causar danos.

Outono:

Atrevo-me a prometer frutos seletos e que na minha
Estação não haverá doenças que te atribulem.

Inverno:

Porque outra coisa prometer-te não posso, os meus meses
Hão de sempre manter afastadas e longe de ti as doenças.

Ano:

Enquanto não se apresenta o fim, que já está iminente,
O meu maior cuidado há de ser com a tua saúde.

ALOCUÇÃO PRELIMINAR

Do oitavo ginásio

Finalmente alvoreceu aquele ditoso e afortunado dia no qual livremente nos apossamos da grata presença (ó mui ilustre Senhor bispo-conde, a quem no passado vimos com o mais elevado empenho governar a mocidade consagrada ao estudo, e agora contemplamos, veneramos e reverenciamos resplandecente na maior dignidade), por todos assaz esperada, e muito e há longo tempo desejada, se não durante o tempo que é justo, pelo menos por um breve espaço de tempo. Mas, dizeis, a que fim, esquecido do teu ofício, a que fim visa este teu discurso? Que tem a ver o gramático com as musas mais amenas? Por que razão te arrogas o saber literário, como os presentes, uma vez que antes deverias ocupar-te do passado? Porém esse gracejo, di-lo-ei com vossa permissão, é a minha desculpa. De facto, diante de um tão grande prelado à memória escapa todo o passado, com a só presença do ilustríssimo Senhor D. Afonso, cai em perpétuo esquecimento tudo o mais e de uma certa maneira fica expungido. É que com a sua felicíssima presença de tal sorte arrebatava os olhos de todos, as almas seduz e furta os corações que com toda a propriedade lhe cabe o ilustríssimo sobrenome de *Furtado*.

Em ti, ó ilustríssimo bispo, te assenta aquela túnica de linho, [v^o] que o pontífice dos hebreus usava quando se apresentava à vista de todos, porque era de tal maneira artisticamente tecida que, devido a certas figuras ininterruptas de olhos e corações, estampadas a toda a volta, para si atraía e roubava os olhos e corações de todos. Por conseguinte, ao ver-te presente, imediatamente me acode ao espírito aquele mui nobre brasão dos teus antepassados, que possuis, ornas e abrilhantas como por direito hereditário, não sem grande lustre dos teus maiores. Ora, no escudo esquartelado em aspa⁹² apresentam-se muitas cousas dignas de admiração, as quais, se fos-

⁹¹ Nome e sobrenome do autor riscados de modo a não permitir a leitura, conquanto pareça que se encontram anteceditos das letras *fr*, abreviatura de *frater* ("irmão").

⁹² Ou *franjado*. Para boa inteligência do passo por parte do leitor pouco testo em heráldica, passamos a citar a descrição das armas dos Mendoças, com referência aos Condes de Val de Reis, tal como apresentada por Braancamp Freire, *Armaria Lusitana*, s. l., 1900, p. 320: "Franchado de verde e oiro; no verde, banda de vermelho perfilada de oiro; no oiro, a *dextra* AVE, e a *sinistra* MARIA, em letras de azul, postas em faixa e dispostas em pala." – Lembre-se que o bispo D. Afonso pertencia ao ramo dos Mendoças da Comenda das Entradas.

sem mais de espaço examinadas, pediam uma longa exposição. Todavia, tocarei em algumas com brevidade, por forma a, limitado pelas estreitezas de tempo, não deixar todos por tratar. Na parte superior do escudo estendem-se três bandas, que em português dizemos *barras*, tantas quantas na parte inferior: a que se encontra no meio de ambas é vermelha, mostrando-se de cor verde as restantes. A parte do meio do escudo nobilita-se, não tanto pelo campo de ouro por que se estende, quanto pela saudação angélica, gravada em letras azuis como em gemas indiáticas. Eis o brasão de família, que, se o tempo o permitir, poder-se-á coroar com o tríplice raminho, como era costume dos antigos. Hei de fazê-lo entrançado de palma, oliveira e loureiro: empreenderei mostrar quanto tudo isto se adegue ao meu tema, e, se não em conformidade com a sua importância, pelo menos na medida da minha fraqueza.

São três, mui nobre prelado, as cousas que sobretudo recomendam a tua família: a régia nobreza do sangue, a admirável intrepidez na guerra e o extraordinário conhecimento das ciências mais excelentes. O régio lustre do sangue, quem não o reconhece é cego, ou, tão abalado pelos seus ofuscantes raios, de tal maneira parece ficar cego que não se atreve a olhar diretamente o esplendor do sol nascente. Aqui, se as estreitezas de tempo não impedissem, enumeraria muitos condes, marqueses, duques e grandes senhores que, reluzindo com aquele régio brilho, iluminaram quase o mundo inteiro; inúmeros que assaz se assinalaram pelo denodo militar. Invoco como testemunha as regiões orientais, que hão de contar, nunca na proporção do que merecem, as conhecidas façanhas afoutamente cometidas por esta ilustríssima família. Será ignorante quem não conhecer os ilustríssimos bispos, arcebispos e cardeais que, como frondosas vergôntes, abundantemente brotaram desta régia árvore. Mas, que necessidade tenho de estar a enumerar esparsamente aquelas qualidades que em ti de forma venturosa se ajuntam?

Com efeito, *tens ajuntadas as qualidades que juntas santos fazem*,⁹³ conforme cantou Claudiano acerca do seu amigo Estilício. Quem não venera em ti o ânimo régio debuxado no campo doirado do teu brasão? Com a máxima justiça para ti reivindicas um ânimo de rei e um campo doirado, ilustríssimo prelado, ou melhor: mãos de ouro e torneadas, que, para acudir às misérias dos pobres, de tal guisa se derramaram e ofereceram que não existe ninguém que não apregoe a tua liberalidade, ninguém que não se aperceba desta régia munificência, ninguém que não admire estas mãos cheias de jacintos.

⁹³ Claudiano, *Panegírico de Estilício*, 34-35.

Por outro lado, quem não olha com pasmo para a intrepidez militar e firmeza de ânimo contra as agressivas tropas inimigas? Certamente há de olhar com pasmo quem dirigir a sua atenção para aquela jornada feita contra a vila de Buarcos. Sabeis, alguns de entre os que estais presentes, que o ilustríssimo bispo, quando desempenhava as funções de reitor, galhardamente se comportou não apenas como reitor, mas como chefe e general. Anunciou-se em Coimbra que os inimigos ingleses tinham desembarcado em Buarcos. Eis que logo o reitor se fez prestes, não para empreender a fuga, mas para com rápido voo se dirigir a toda a brida contra os acérrimos inimigos do nome cristão, como se então já afortunadamente gozasse do título, que hoje tem, de conde. Mostram esta intrepidez guerreira aquelas bandas vermelhas no seu brasão, as quais a este enaltecem com mais venturoso quinhão do que a púrpura de Tiro às régias vestes.

Ora, aquelas felicíssimas oito primeiras letras da saudação angélica, mui apropriadamente postas em campo doirado, parece-me [148] que proclamam que a tua sabedoria, não simples, mas multiplicada, trouxe muito lustre ao áureo campo da régia linhagem. Desta sabedoria, consorciada com uma admirável prudência, toma conhecimento o sereníssimo rei das Espanhas D. Filipe, segundo só no nome, o qual te nomeou reitor da Academia conimbricense; imitando o pai, o filho, terceiro do mesmo nome, levou-te daqui para Madrid, onde fizeste resplandecer o tesoiro da tua sabedoria, ao fazeres parte dos Conselhos de sua católica majestade. Iguamente o testifica Lisboa, que não apenas te recebeu como presidente da Mesa da Consciência, mas te admirou como insuperável. Testificam esta admirável sabedoria as *Constituições sinodais* que elaboraste não sem pequeno trabalho para o bispado da Guarda.⁹⁴ Mas, que dizer, em relação à diocese da Guarda? Que a Guarda fique calada e não pranteie o doce penhor para nós Furtado, que manteve em seu poder durante mais tempo do que era justo.

Venturosa Coimbra, conserva o ilustre e precioso depósito, venera-o depois de restituído. *Ó assaz ditosos* cidadãos de Coimbra *se seus bens*

⁹⁴ Foram impressas em 1621, em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, sob o nome do então bispo da Guarda D. Francisco de Castro, que no prefácio, datado de 20 de novembro daquele ano, reconhece a autoria do seu predecessor com as seguintes palavras: "O Senhor D. Afonso Furtado de Mendonça (...) fez de novo estas *Constituições* e, convocando sínodo diocesano para 29 de Junho de 1614 anos (...) foram nele publicadas e aceitadas e depois vistas e examinadas em ua junta para isso ordenada (...) com licença para se imprimirem, o que não deixou feito por sua translação deste bispado ao de Coimbra. (...) e por entendermos que estas *Constituições* estão mui conformes aos santos cânones (...) as mandamos imprimir e publicar, havendo que esta última obrigação foi a que somente nos deixou o santo zelo e fervorosa vigilância de nosso predecessor."

*conhecessem!*⁹⁵ Esta é a morada, ó ilustríssimo prelado, que propriamente te compete: a saber, no coração do reino, pois é assim que se chama a Coimbra, e não toleraremos que daqui se parta, a não ser para ocupar a sé da capital do reino ou a da primaz das Espanhas ou,⁹⁶ algo que será mais luzido, para se condecorar com a púrpura cardinalícia. Tudo isto mostram e nos mandam que esperemos, e a ti estão ditosamente vaticinando, aquelas quatro bandas de cor verde do teu brasão familiar, ó mui ilustre prelado.

A nobreza, Coimbra, a Companhia de Jesus e a virtude acolhem como hóspede o ilustríssimo bispo D. Afonso Furtado de Mendonça

A nobreza ao bispo:

Ó lustre da Hispânia e prenda dos astros caída, honra
Da cidade e amor do povo, *o homem mais justo que*
*Aspirou as éteras auras e o mais zeloso cumpridor da justiça:*⁹⁷
Oh! Que sejas propício e bom para os teus! Visita as escolas
Que livremente confessam que te estão inteiramente obrigadas.

A nobreza aos companheiros:

*Digamos palavras de bom agoiro:*⁹⁸ *ele que é da linhagem*
*Do Olimpo,*⁹⁹ ouvirá e em silêncio há de haurir nossa poesia.

A nobreza a Coimbra:

Coimbra, nunca cesses de entoar louvores ao Senhor
Que a celeste divindade te concedeu como pastor.

⁹⁵ Cf. Virgílio, *Geórgicas* 2. 458-459: *O fortunatos nimium, si sua bona norint, agricolas!*

⁹⁶ Vaticínios ambos que se cumpriram, com a acessão à primacial prelatura bracarense em 1618 e a nomeação para arcebispo de Lisboa em 1626. Quanto à púrpura cardinalícia, padeceu D. Afonso a sorte comum a todos os prelados lusos durante os sessenta anos da união ibérica, que dela sem exceção foram expeditamente arredados nas nomeações para cardeais apresentadas ao papa pelos monarcas Habsburgo.

⁹⁷ Cf. Virgílio, *Eneida* 2. 426-427: *iustissimus unus / Qui fuit in Teucris et seruantissimus aequi.*

⁹⁸ Tibulo, 2. 2. 1: *Dicamus bona uerba: uenit Natalis ad aras.*

⁹⁹ Virgílio, *Eneida* 6. 834: *tuque prior tu parce genus qui ducis Olympo.*

Coimbra ao bispo:

Se a terra mandasse oiro para a cidadela de Hércules,
Se o Indo tesoiros oferecesse nas águas misturados,
Se Roma, a soberana, desse augustas tiaras
E a alevantada corte posições de grande peso:
[vº] Eu, os bens desprezando, a todos agora poderia dizer:
Daqui se apartem tais dádivas, com um bispo assim rica serei.

A nobreza à Companhia de Jesus:

Companheiros aos quais assinala de Jesus o nome,
Ao céu dai as merecidas graças por um tão grande bispo.

A Companhia de Jesus ao bispo:

Enquanto os benfazejos astros te dão a elevada tiara
E assumes o pastoral cuidado do rebanho,
Os grão-senhores lusos e a corte regozijam-se por a teus feitos tão
Merecidamente se haver concedido esta honraria.
Nós lamentamos que esta seja inferior aos teus méritos,
Pois a terra mal seria digna de como bispo ter-te.
É que a superior virtude de tal sorte te guindou até ao céu
Que de humano só tens o poder morrer.
Testemunho deras de não pequeno amor por mim,
Quando um poder hostil atacou os meus filhos.
Na tua presença, presente estava o remédio, a gente ruim
Não se movia e, ao ver-te seguro, segura me sentia.
Acumulas agora uma dignidade maior que as antigas,
Também agora me ata um amor mais estreito que o antigo.
Para defesa deste amor meus filhos te entrego e, se pudesse
Dar mais do que os meus filhos, dá-lo-ia.
Todavia, rogo aos céus que te recompensem com prémios
Dignos e te concedam que possas viver felizes dias.

A nobreza à virtude:

Dize, virtude, em que terra ou em que mundo brilha
Um bispo que em virtude e sangue a Afonso se semelhe?

A virtude ao bispo:

Se a imagem da piedade ainda vive na terra
E o esplendor das virtudes a levar para os céus;
Se existir alguém que de tal modo segure as rédeas do poder
Que por inteiro penda e se encaminhe para o senhorio do mundo;
Se alguém merece as honras dos homens e dos santos:
Que eu morra, se esse não for o meu hóspede.

A virtude à nobreza:

Se este meu bispo se avanta em virtude e sangue,
[149] Por que razão, ó nobreza, não o presenteias com mais honrarias?

A nobreza ao bispo:

Porque estou ciente de que não correspondo a tantos méritos,
Para que não pareça que palavras te dei, isto te darei.
Reconheço que te dei pouco, mas garanto que a quem muito merece
Por algum modo hão de conceder-se honras aos seus feitos.
Enquanto para ti procuro melhor galardão, ó bispo, tempo e
Licença me concede, e hás de receber prémios dignos de teus feitos.
Mas, que prometo de proporcionado a feitos tão imensos,
Para os quais nem Roma nem o mundo serão proporcionados?
Se se ajuntarem em um só os presentes de prelados e reis,
Serás maior que o presente de prelados e reis.
Mal conhecemos, mesmo pequena, uma cidade de Portugal
Na qual não darias exemplos de virtudes.
Os estrangeiros reinos, se te vissem, ter-te-iam invejado,
E os astros de ti sentiriam inveja, se Deus não se opusesse.
Agora, avante, e, com tuas façanhas, até aos astros leva o povo
Herculano.¹⁰⁰ Planta virtudes e com a foice cerceia o mal.
Assim quero e assim ordeno. Esta sorte te concede a divindade,
Este destino te fixou e impôs o Rei dos seres celestiais.

¹⁰⁰ Cf. Virgílio, *Eneida* 3. 463: *Vade, age, et ingentem factis fer ad aethera Troiam*. – Com a expressão “herculano povo” refere-se à população de Coimbra, cidade cuja fundação a erudição humanística nacional quinhentista, como já atrás se disse e os anteriores textos mais de uma vez comprovaram, atribuía por vezes a Hércules.

Coimbra ao bispo:

Raiou o ditoso dia e que deve marcar-se com bela pedrinha
Em que se me concede contemplar o semblante do bispo.

A virtude ao bispo:

Oh se o florido Abril agora matizasse os campos
Para que o meu hóspede os pés assentasse em violetas!

A nobreza ao bispo:

De bom grado vos esparzo,¹⁰¹ a vós que poupou o negro e
Forte inverno: esmagadas melhor cheiro derramareis.

A Companhia de Jesus ao bispo:

Se pudesse oscular os santos pés, julgar-me-ia mais importante
Do que se tivesse com o dedo tocado os astros do céu.

A virtude ao bispo:

Vive por dilatado tempo, ó bispo, glória da virtude, vive,
Pois minha glória estará segura, ao ver-te seguro: vive!

[vº]

A nobreza ao bispo:

Vive, ó ditosa âncora da minha vida, vive,
Ó honra, lustre, luz e graça da nobreza: vive!

A Companhia de Jesus ao bispo:

Vive, ó nosso lustre, bispo nobilíssimo, vive,
A quem o Senhor do Alto se compraz em dilatar a vida: vive!

¹⁰¹ NOTA LATERAL DO MANUSCRITO: *Neste ponto esparzem-se [no chão] flores.*

Coimbra ao bispo:

Vive, ó pai dos pobres, única esperança da pátria, vive,
Esta palavra entoam a pátria, os pobres e os astros: vive!

A nobreza ao bispo:

Estes versos te consagramos por enquanto, ó Afonso:
Se outra vez aqui vieres, cantos melhores cantaremos.

TEXTOS LATINOS ORIGINAIS

Códice 994 da BGUC

[136]

Habita a Patre Apolinare d' Almeida

ORATIO QVA EXCEPTVS EST D. D. ALPHONSVS FVRTADO DE MENDONÇA, MENSE NOVEMBRIS 1616 IN PVBLICA AVLA CONIMBRICENSI

Debellato ad orientem Cunhalio, crudelissimo Lusitaniae hoste, auspiciis, consilio et uirtute inuictissimi imperatoris, belli fulminis, patriae immortalis gloriae, cognomento Furtadi laetissimum laureati milites paeana uictori duci concordēs cecinerunt, non ad citharam et plectrum molles et eneruati, non ad Pharia sinistra traiecto Erythraeo mari nec ad feminea Palaestinarum uirginum, gigante occiso, tympana, sed ad tubas, lituos et classica uiriliter temperatum. Cuius ea mens: "Commodatum sibi postulauit a caelo terra duces, sed uerita repulsam illum furata est." O bracteata sententiam, o auream cantilenam, o Martialem musicam Alcaei numeris, Achyllis fidibus, Arionis cithara, musarum uocibus, Mercurii testudine, lyra Apollinis, eburnea modulate referendam. Iuuat iterum repetere: "Ne terra a caelo peteret ferretque repulsam furari est hunc ausa duces uiolentior astris."

Heu! Cadit in quemquam, nedum in caelum, tantum nefas! Tanta caelitis inuidia ut nec uellent inclutum ad expeditionem arduam difficilem imperatorem, ad breue tempus saltem, commodare? Ite, Lusitanae cohortes, iuuenes lectissimi, iamdudum caelo uis infertur, inferte, rapite et furamini ut contractam qualemcumque reflantis fortunae labem tali ductore deleatis uicemque abunde rependatis! Ecquis me in ipsis carceribus, in ipso limite, uix tanto hospite salutato, e uestigio subito uertice correptum ad sitientes Indos procul a nobis ad orientem sitos, prope oceani reflexus et solis ortus, ad Malabaricam oram, ad Calecutanam regionem Pegaso uelociorem detulit? Alterum in ortu, aliud in occasu furtum mihi tempestiue reduxit in memoriam. Non opus est coniectore, facessant pythones et aruspices: ante uestros oculos et ora furtum hoc positum est. Conspicite, suspicite, ueneramini, facile mihi agnoscitis, facillime extemporarium inexpectatumque dicendi feruorem condonabitis.

O praedatricem Conimbricam, o furacem et insidiatricem urbem: *non fuerunt tam piceatae manus Autolyçi*, non tam callidum Mercurii ingenium, non tam recurui pedes Phoebæ corui nec tam unci ad harpagandum unguis

louis armigeri. Nouum tibi nomen indam, uel potius, nominibus obruam et uocabo iure optimo: accelera, spolia detrahe, festina praedari. Ne quis me iniurium dicat et calumniatorem arguat, refriccate paululum memoriam rationumque momenta iustissimi ad libram prudenter expendite, enimuero ipse urbis uestrae situs non factus humano artificio, sed a Deo optimo maximo conditus uidetur ad has generosas praedas. Hinc inde clementer assurgens liberum circumquaque oculis prospectum exhibet, uallibus fraudi accommodis circumdatur; non procul abest mare; ad radices praeter labitur Monda fluuius leuibus ad excurrendum phasellis, errant campis armenta uelocissimarum equarum, quales nec Epirus genuit aut Mycaenae, quales non uidit Elis in Olympiaco puluere et certamine.

In tristi et calamitosa Africae expeditione nobilissimus D. Emmanuel Menesius, egregius antistes, munere suo gloriose functus occubuit. De successore agebatur: quem urbs haec sortita est? Sortita? Parum dico: quem postulauit? Postulauit, immo quem elegit? Elegit autem quem uoluit et designauit, et post Gasparem Casalium, Leirinensem episcopum, quasi nullus intra regni limites arrisisset animo, nullus optatis plenissime satisfaceret, fines praetergressa Lusitaniae ultra Lunae promontorium ad Sacrum mediterraneum uersus, ex Algarbiorum regno D. Alphonsum Albi Castrensem pastorem omnibus [v^o] numeris absolutum ad praedam destinauit, destinato diu feliciter potita est. Hic ad meliora translatus praemia, quibus illius merita et suauius uirtutum concentus remuneranda erant uacuum reliquit aulam, lares ac penetralia deseruit parietesque ipsos tristi silentio et tacitis suspiriis ob domini absentiam lugentes.

Vix lacrimas Conimbrica absterserat, obtutum purificat, aciem intendit acutissimam, manus expedit et in beatam de more rapinam armat. Aquilam dixerunt poetae fulminantis louis ministrum eo quod illam in commentito Ganymedis raptu fidelem expertus fuerit, ut mensis adstaret pocillator et pincerna nectar ambrosiamque officii causa praegustaret. Itaque supra nubium tractus praepetibus pennis uolans *in ipso solo aetheris et fastigio hiemis uelificatas alas et pennarum indefessa remigia, quo libuit aduertens modico caudae gubernaculo; dein paulisper cunctabundo uolatu paene eodem loco pendula, cuncta eminus despiciens, non incuriosum agnum, non insultantem pratis haedum, non meticulosum leporem, sed regium puerum ueloces frondosae Idae ceruos iaculo cursuque fatigantem dicto citius inuolauit.*

Abite, deliramenta uatum, abite, aniles fabulae, Graeciae mendacis nugae, nebula fumoque uaniores! Vrbs uestra Herculea qualibet aquila uelocior, qualibet ualidior et perspicacior: aptum desolatae aulae solacium, dignum palatio praesidem, dignum tot oppidis patronum ac pastorem popu-

lis studiose quaesiuit; quaesitum comprehendit; comprehensum illico domum rediit, fortunato iactu, nobili furto diues et gloriosa.

“O speciosa oratoris dicta!”, obiiciet inuidus aliquis exedente uiscera liuor. “O uerba phalerata et inania, o panegyrim bullatis nugis turgidam! O fragile falsae gloriae choragium! Nam, ut apparet, uel ex oceani penetralibus glauco amictu uernantibus, uelut margaritae et uniones, aut ex terrae meditullio et uisceribus, uelut obryzum aurum, ex Brasiliae siluis opobalsama sudantibus, ex odoriferis Ceilani nemoribus, ex Hesperidum hortis haec poma aurea, ex *Britannis diuisis penitus* nostro orbe haec dibapha purpura, ex fodinis Amaricae et Sopalae hoc aurum et argentum, ab *extremis hominum Morinis* nouus hic pastor et patronus emendus et extrahendus est et in Herculeos agros importandus. Post Menesium, Casalium et Albic astrum, quid superest, nisi tertius hic excidat e caelo lato?”

O mordacem cauillatorem rabiosum, insanum et uecordem o monstrum, o furiam! Vnus tu qui iustitiae fraudulenter intercederes, unus qui ueritati impudenter detraheres: unus, qui mea dicta eleuares, peroranti inuidiam conflares et uanitatis uaniloquus argueres! O uiperiam linguam ceruicibus euellendam radicitus: obmutesce pisce taciturnior omnium bipedum nequissime. E caelo, iterum dico, e caelo, ab astris excidit nouus hic pastor, qui dispersos greges et palantes colligeret, pasceret ac defenderet. Subscribitis mihi, taciti auditores; subscribitis, calculum additis ex melioribus lapillis. Id asseuerant nobiles; id affirmant religiosae familiae; id omnia urbis collegia asserunt; id nostrum, uel potius, tuum hoc (praesul e millibus electissime!) confirmat; id plebei fatentur; id clamant pauperes: et facto agmine certatim eunt pedibus in hanc sententiam.

Vt primum hic nuntiatum est nostrae urbis te aditurum prouinciam (cetera quae manifesta sunt laetitiae signa praetermitto) inter egenos et mendicos una uox percrebuit ut commune egestatis leuamen, publicum aerumnarum remedium, communem patronum et parentem ordinibus diuisi extra urbem honorifice exciperent, quod, si pauperibus caeleste regnum non promissum, sed datum, si ingeniosa est ad explorandum [137] egestas, si felices habet alas paupertas, quibus facillime in empyreum uoletur: egenorum tutela praesul a caelo non magicis carminibus deducendus, at communibus uotis expetendis; communibus precibus impetrandus aut facto impetu uolenter rapiendus. Expetiuerunt, impetrarunt, rapuerunt tenues ac famelici pauperes, etenim aues, quas natura rostro unguibusque armauit ad rapinam, tum magis probantur cum famelicae; canes, quos ad uenatum instruxit, ut ipsa fames et miseria acrius stimularet, defectus uelocius expediret, necessitas breuius edoceret.

Insignem Argonautarum nauigationem, qua Iason ad rapiendum uellus aureum profectus est, numerosis poetarum carminibus immodice antiquitas celebravit ipsamque nauim Argo in stellarum numerum fabulose retulit. Consulti hac de re mythologi respondent Iasonem ad deripiendam Scytharum opulentiam nauigasse, eo quod *non procul a Caucaso monte aliqui torrentes aurum deferre dicerentur, quod tabulis perforatis ac lanosis pellibus Scythis excipere mos erat*. Meministis optime diuites appellasse quemdam non imprudenter, *oues aureo uellere onustas*. Conimbricam Iasonem libenter appellabo, quae tam opulentum aurei uelleris ac pastoris furtum ausa est deripere: ab scopo enim non deuiabit, qui integerrimum, sapientissimum ac munificum antistitem aureum uellus dixerit, non ad uanum splendorem emicans, sed sparsum ouium suarum pellibus. Perforatis tabulis fluuiorum ramenta excipiebantur, perfuratis manibus quidquid diuitiarum nanciscitur liberaliter effundit effunderetque in egenos Croesi et Darii opes atque aureos Persarum montes. In quo illud meo iudicio maximum praestitit, ne rogarent scilicet illi quibus opus erat: hoc per publicas uias testantur uiatores, quibus munuscula sponte largiebatur et fere ut acciperent gratissimam uim inferebat.

Non erant haec breuiter obiterque attingenda. Diutius hic immorandum lactea sermonis ubertate: amplam hic materiam habuissent *Homerici oratores subtilis libera dictione Menelaus et instar profundae grandinis ductor Ithacensis melleoque delibutus eloquio tertiae iam aetatis Nestor*. Omnibus ad excurrentium spatium non deesset, alta nempe bonitas, praesens comitas, temperata seueritas, castitas et modestia non tam affectata quam ingenita et innata aliaque uirtutis exempla, quae sequi cupiat uentura posteritas meridiana luce clariora. Quarum uiua et expressa uestigia Conimbricensis Academia osculatur, quorum fidem facit Regium Catholicae Maiestatis Concilium, quorum certissimum testimonium praefert grauissimum Conscientiae Tribunal. Possent ire per reliquias appellationes et gradus, a quibus non tam honorem accepit quam duplicato fenore refudit: haec tamen *reuerentius fuerit integra illibataque cogitationibus uestris reseruari quam carptim breuiterque perstringi: quia fere sequitur ut illa, de quibus taceas, tanta quanta sunt esse uideantur*. Habetis quidem pontificem et pastorem temptatum per omnia grauissima munera omniumque suffragiis probatum et, quemadmodum aurea fluuiorum ramenta perenni aquarum agitatione puriora ac splendiora redduntur, sic rerum decursu negotiorum experientia, officiorum peritia, laborum attritu, molestiarum patientia uellus hoc aureum purius, splendidius ac praestantius euasit: dignius Argoa nauim et Phrixeo ariete ut inter sidera locaretur. Locatum interim et depositum in stellifero monte, custoditum Aegitaniae, ut illud

opportuno tempore uestra urbs potiori iure et antiquiori peteret ac non impetrans, ut furtiuum iniecta manu animose uindicaret.

[vº] Illud communi gaudio obstare uidebatur et Conimbricensium splendori aliquam infamiae nuberculam obducere, aliquam honori labem porgere famaеque notam incurrere. Nam, cum omnium gentium, quantumuis barbararum, communi iure, possidentis condicio longe melior habeatur, aequi rerum aestimatores immane scelus reputabunt Aegitaniā tanto praesule spoliare illumque sibi uindicare uno titulo, quod placuerit. Expectare praesentium aures sentio et eminere in omnium uultu intellego quod desiderio concipitur animorum, quo pacto hos Gordianos nudos pari felicitate scindam aut soluam; quis Delius natator haec expediat; quis Aedipus hos Sphyngris griphos explicet; quis Babylonios hosce numeros enumeret et Baeotica aenigmata declaret?

Non offendunt mihi Cimberias tenebras haec argumenta nec difficultatis uictus magnitudine et oppressus redigar ad silentium. Rem plenius ac planius nullis ut circulator circumforaneus praestigiis proponam. Nemo non scit celebrem esse in tota Lusitania Stellae Montem multis oppidis frequentem, multorum fluuiorum patrem et ubi niues diffugere, amoenitate pulchrum, ob pabuli abundantiam pecorosum, Herminium ueteres appellabant. Cur illustrius ab Stella nomen traxerit, unde sibi et quo iure usurpauerit ac furatus fuerit, uix indigenae causam reddunt uerisimilem: inditum dicitur a pastoribus argumento stellae in summitate cuiusdam rupis a natura effigiatae. In hoc tractu sita est Aegitania prouinciae caput. *Guarda* uulgari nomenclatura, quae nostrate idiomate “custodiam” sonat. Pro stemmate turrem habet tribus minoribus propugnaculis coronatam.

Quorsum haec tam longe petita? Non abs re profecto; uerum ut intellegatis mutuis furtis rem agi feracissimamque urbem non facile nobis posse furti actionem intentare. Parco maledictis, ne ex aliena infamia puerili iactantia uobis laudem quaeram; nec illius soli caelique intemperiem incuso. Illa se indicio prodit manifesto fateturque indignam esse tanto praesule, quem singulis annis, alio ueluti exsulem amandabat cogebatque pluribus mensibus Albicastro subsistere, ne penetrabilius illius Aeoliae frigoribus adureretur aeternisue niuibus geluque obrigesceret et instar campestrium Scytharum, quorum domus plaustris irrequietae trahuntur, huc illuc uagum semestri hospitio fatigabat et sub clementiae pietatisque specie crudeliter enecabat, quamobrem ipsamet Aegitania iudice anni dimidio illustrissimum antistitem non possidebat, quandoquidem illum uidere non merebat.

Aegre ferunt mortales in mari idoneas ad nauigandum tempestates praestolari, quanto aegrius in media Lusitania menses computare, sidera

speculari, uerna explorare signa ut in sua tecta securi redeant. Externarum auium condicio est ciconiarum et hirundinum statis anni temporibus adesse iterumque abesse, uerno tempore accedere, rostro plausitare, cantillare, minurire, animo tamen redeundi insalutato hospite ad prima hiemis impendentis signa. Quapropter iure domicilii uix Aegitania possessionem defendet: ad alia fugiendum est ut suum ius, si quod habet, tueatur. Erit tamen illi solacium non mediocre magna Conimbricae dextera superari: adhuc enim illos fundatoris sui Herculis spiritus et uirtutem prae se fert, qua Geryones Hispaniarum reges diuisit, opima spolia comparauit, greges et armenta, illius temporis diuitias, abegit tergemini honoribus insignis.

Male rebus tuis, Aegitania, consuluisti, male custodisti tuum principem: non melius a *Custodia* Lusitanum nomen trahis quam a luce lucus per anti-phrasim, bellum a pulchritudine, a mansuetudine eumenides. Quid tibi profuerunt gentilicia, turres et propugnacula? Profecto nihil. Tam pretiosum [138] thesaurum, tam facile aliis credebas passimque discurrere, ne exulare dicam, permittebas? Itane? Tuos quaestus non admiito, ignaua tuas querelas non audio, o iners; ad tuos clamores obscurdesco, deses; non me tuae lacrimae et suspiria serae paenitentiae flectunt et emolliunt. Inclusam Danaen aenea turre diligentissime parens Acrisius asseruabat, deceptus tamen est; Cerberus triceps et oculatus Argo sopitus, peruigil Hesperidum draco elusus: debueras alieno capite experiri; alieno malo sapere. Thesaurumque tuum, ne in Conimbricensium heroicum furtum uerteretur, speluncis abdere et accuratissime abscondere. Sed, quid potest ciuitas abscondi supra montem et quidem stelliferum lampasque solis aemula inuidiose obtego quin transluceat ac radios tam doctrinae quam sanctimoniae clarissimos liberaliter spargat?

Gratulor ex animo felicitati uestrae, auditores gratulor tibi, Conimbrica, quod tam eximium praesulem in quo naturae, industriae gratiaeque dotes fulgurant uel ex ipsa Guardae custodia abstrexis et ab altissimis stellae rupibus deduxeris; laudo artem et industriam, laudo sollertiam et studium: tali gloriare furto, inter alias urbes caput altius atolles quando sublimi uertice sidera uerticemque stelliferum attigisti. Si quis tua expendat merita et ad calculos reducat aut stateram: laconice respondebis. Rationem felicitatis nemo reddit. Ne tamen apud ignaros et imperitos uno silentio iniustitiam fraudemque tueri ac protelare uidearis: mihi conflatur haec inuidia, tuas ego partes agam.

Et cur, praesul clarissime, quamuis animo multas praeuideres tempestates, Conimbricam moderari recusares? Non effugeres ingrati animi notam, si altrici tuae parem amorem non rependeres gratiasque cum posses non referres. Illa te multos annos grauius discentem uidit, laudauit et erudiit ut

non solum alios, sed illammet ipse postea sapienter erudires. Hoc ipsum nobilissimi D. Petri sodales deperibant: numquid eos prae tui desiderio contabescere emorique permitteres? Idem florentissima Academia unice cupiebat rectoremque olim suum tiara pontificisque infulis radiantem non ex Sinae culminibus, ut Moysen Hebraeorum populus, sed ex montis stelliferi uertice descendentem aspectuque solo scholas, Lycaea et atria laetissime recreantem iamdudum exspectabat. Te summi, te infimi et utriusque sortis ac conditionis incolae, ut [uno] uerbo dicam, te ciuitas et prouincia uniuersa in dies ardentem sperabat. Etenim haeret adhuc animis infixum, quod nulla delebit aetas, *aere perennius* immortale beneficium, quo illam plusquam trabali clauo et catenis adamantinis fortiter iunxisti.

Adestis qui oculis rem uidistis: immo, in partem laboris adfuestis, cum ad Anglicanorum piratarum aduentum, direpto iam repentina descensione oppido in ora maritima Buarco, generosus Academiae moderator Alphonsus solo nomine formidabilis milites euocauit, lectissimos iuuenes, inermis armataeque Palladis imitatores in acies sub signis deduxit, non imprudenter inanis gloriae auras et rumorem aucupaturus (ut sacerdotes illi qui sibi nomen facturi omine infelici proeliantes ceciderunt), uerum ut, suo posthabito periculo, communem rei publicae salutem animose defenderet. Quid ad cathedram euectus pontificalem contra luporum insidias pro caris ouium gregibus optimus pastor non audebit, qui ob tutelae ac patrocinii umbram pro uestris laribus et foris, pro uestris fortunis et honore uitam suam in omne discrimen, in ancipitem dubii Martis uicem prodigus obtulit et alacriter adduxit. Cuius nec aspectum armatae maioribus sclopiis Anglorum acies tulerunt, collectis raptim sarcinulis, uasa colligentes et receptui canentes turpi fuga naues conscenderunt, ut solo uisu, uel potius audito nomine, perterritos hostes, quemadmodum dictator Caesar Mithridatem [vº] uinceres triumphator. O praeclara futuri praesulis rudimenta cum ueteranorum ducum meritis, cum emeritorum gestis meritissimo conferenda! Miretur nemo nec succenseat si generosissimum antistitem apertissime nuncupauero, ardentissimum ac fidele desiderium, si non aeternorum collium, at saltem *collis imbrium*.

Solent peritiores Lusitaniae pastores certis anni temporibus pascua mutare et ouium greges, ne molle pecus durata glacie humo laedant frigora, ex Herminiis montibus in Oriquios ultra Tagum campos deducere ob mitioris per hiemem caeli teporem et clementiores aeres, indeque editis iam agnis appetente uere in Hermineos reducere. In Oriquiis fortunato sidere enutritur: est hic aurei uelleris agnus, ut statim regios primi Lusitaniae regis Alphonsi spiritus hauriret et una cum lacte sugeret: quod eius gentilicia stemmata ab occiso quondam in certamine Mauro rapta satis exprimunt: ut, quemadmodum

Alphonsus rex a deuictis Mauris regni stemmata, non aliter sua Furtadi Mendoncii angelica salutatione augusta ducerent pietate et armis insignes.

In difficiles dein colles et stelliferos montes post rerum prosperos successus regius agnus greges ducturus ascendit. Sublatis ideo in Herminios oculis Conimbrica, unde sibi in articulo uenturum auxilium sperabat. Agnum dominatorem terrae ac pastorem ex deserti petra, ex altissimis stellae culminibus ad Sionis montem, ad imbrium colles diu noctuque indefesso studio sollicita euocabat. Lapis foret durissimus, qui haec desideria non sentiret; Marpaesia rupes ferrea silex, qui tot tantisque amoris ardentissimi flammis non flecteretur, molliretur et liquesceret. Tandem, aliquando imitatus es Mondae cursum, qui in ipso Stellae uertice scaturiens, huc illuc uelut temere discurrens, tortuosis flexibus flexuosisque ambagibus rapitur et tollentibus sese hinc inde rupibus arctatus praeeptus labitur, donec fracto impetu, domita uiolentia, suis aliorumque fluuiorum aquis diues et copiosior pleniori alueo leniter fluit, ubi Herculeas planities contingit, quibus ad fecunditatem largus hospitatur; ibique, ut hospitii merita munifice remuneret, ante conspectum urbis riparum crepidines ac positos utrimque aggeres restagnans praetergreditur tumidusque circumiectos rigat agros fertilitate incredibili.

Hic tibi certa domus, praesul illustrissime, ne incertus hospitii causa euageris. Hic ex pontificia specula gregibus inuigilabis figesque in munitione gradum stabilem: Conimbricam ac nostra tempora aureo et stellato uellere inaurans et exornans. Hucusque aemulatus es Mondae cursum, feliciori tamen exitu non ut ille proximo in oceano in amaram salsuginem uersus gloriosum nomen ac famam amittes, sed eisdem, unde nobis effluxisti stellis, eidem, unde excidisti caelo redditus ob legitimum aduersus luporum rabiem certamen coronaberis, inter Erigonem et Scorpionis brachia, ut incorruptus in iudicando animus Martiusque in periculis uigor et constantia semper fulgeat, semper omnibus praeluceat ad exemplum.

L. Gaspar Luís, magister primarius,
Anno 1616

*Excipiendo Illustrissimo Domino D. Alphonso Furtado de Mendonça,
Conimbricensi episcopo, comiti etc*

PROLOGVS

Hos tibi rhetorice flores et amoena dicauit
Munera de campo, praesul amice, tuo.
Excipe compositum uario de gramine fascem,
Quem legit et mixto nectit amore pudor
5 Soluere si laudem uiolas, si mille tuarum
Lilia, tam multas si licuisset opes.
Larga tibi florum nostra de messe ueniret
Copia, de titulis copia larga tuis:
Nec satis ad messem solito prolixior aestas,
10 Lingua tot in laudes nec foret una satis.
Mitteret impositas princeps Olisippo corollas,
Praeside te summus dum frueretur honos.
Spargeret alta rosas uariosque Conimbrica flores:
Scilicet, arbitriis floruit illa tuis.
15 Panderet innumeros operum et uirtutis honores,
Diceret effusas et tua Guarda manus.
Omnis in egregias properaret Lysia laudes
Et Tagus et flaua Baetis adesset aqua.
Vtraque te magnum didicit prouincia, sensit
20 Vtraque tam generis quam pietatis opes.
Sed neque tot rerum cumulos euoluere possem,
Aurea si mihi uox, aurea lingua foret,
Nec tibi per tempus tot millia carpere florum,
Nec licet hic solidum praeteriisse diem.
25 Ergo, tuis cape fasciculum de laudibus et quo,
Hosce tibi flores legimus, ore lege.

PRAELECTIO

Puerilibus anteloquiis aut sermone prolixo tuas aures si diutius onerarem, tanti [v^o] hospitis affabilitate, modestia patientiaque per summam dignitatem abuti uideremur, pontifex et comes illustrissime. Igitur, ne tibi fastidium post orationis cuppedias illas, non ita lautum et ornatum pariat hospitium, non me, sed Maronem te, quaeso, paulisper audi quolibet moriente cycno suauius mussitantem; sic ille, *Aeneidos* 6:

*Primo auulso, non deficit alter
Aureus et simili frondescit uirga metallo.*

Elysios campos adire ut parentis Anchisae conspectu et colloquio fruere, pientissimus Aeneas cupiebat. Ergo, Sibyllam desierio suo participat. Illa Troianum imperatorem monet, uiam sine aurei rami priuilegio temptari uel confici nullo modo posse. Docet unde petendus esset et quo ritu quae religione praecidendus. Arboris eam esse felicitatem ut, aureo germine auulso uno, alterum mox inexhausta fecunditate regerminet:

*Non deficit alter
Aureus et simili frondescit uirga metallo.*

Vnde mihi non ineptus omnino et absurdus ille uideretur, qui ecclesiam Conimbricensem cum tam beata et tam felici arbore compararet, si maxime is te praesentem nouique pontificatus fastigia conscendentem suspixisset. Nuper Alphonsum Albic astrum, Societatis nostrae delicias, Conimbricae amorem, totius regni amoenitatem, primum rei publicae litterariae praesidium, bonorum omnium grande patrocinium, caelo delapsus, ad superos, longa iam in aetate, mors, tamen immatura, reuocauit. En aureus alter eodem nomine Alphonsus eodem in stipite repullulasti, in eadem refluisti arbore ut et praecedentis memoriam non obliterares et, si qua tuo superesset in aduentu, desideria releuares. Id uero iam cum te absentem praestolaretur, sibi tota Conimbrica pollicebatur fore ut aureus baculus tuus et aurea uirga omnis ordinis, omnis aetatis homines consolaretur. Parum dixi: ab inferis excitaret ac de tua uero praedicaretur, quod olim de aurea Mercurii uirga seu caduceo triumphales poetae falso praedicarunt. Virgilius, *Aeneidos* 4: *Tum uirgam capit: hac animas ille euocat Orco*; Horatius, *Odarum* primo, decima:

*Tu pias laetis animas reponis
Sedibus uirgaque leuem coerces
Aurea turbam, superis deorum
Gratus et imis.*

Erigite animos, uiri Conimbricenses! Sumite spiritus maiores! Haec aurei pastoris, aurea uirga non tantum uobis ut Assueri quondam illa faciles uestri pontificis aditus praestabit, sed (quod optabilius est) Bolano ex agro uos post multorum annorum curricula in Elysios caelestis patriae campos et felicia pascua traducet. At ego iam in alienos, hoc est, oratorios fines irrue- re uidebar et extra praescriptum euagari, dum futuram, te praesule, felicitatem praesentem potius intueor quam praesentio uenturam. Intra meos me limites contineo: ad te redeo, arridet enim, placet, iuuat in hoc auri tui splendore prae nimia luce [140] hallucinari, caligare, caecutire:

*Non deficit alter
Aureus.*

Tota in arbore ramus aureus fruticabat unus, qui et ceterorum opacitati ramorum non mediocrem afferebat splendorem et arborem uniuersam quaestuosa pulchritudine mangonizabat. Tu uero Conimbricensis ecclesiae trunco nobilissimo lucem ac uenustatem addidisti, non tantum ut aureus ramus, sed aureum pomum teque ut in arbore sua formosius appareres, sicut olim ex Hesperidum pomario furatum, ita nunc ex Hispaniae regno Furtadum (ne dicam experientissima Guardae custodia thesaurum), meliore tamen furto, sui non oblitus Conimbricensis Hercules reportauit. Vide igitur quam bene in hanc arborem conueniant, quae laureatis carminibus de illa cecinit Claudianus:

*Est etiam lucis arbor praediues opacis,
Fulgentes uiridi ramos curuata metallo.
Haec tibi sacra datur. Fortunatumque tenebis
Autumnum et fuluis semper ditabere pomis.*

Nec uero impari uenustate, licet absimili splendore, imperatoriam tuae generis arborem exornas, cuius radices praeclarissimus ille strenuissimusque princeps Fernandus Laynius tam altas egit ut non solum auelli nulla temporis procella possint, sed etiam plures comitum, marchionum ac ducum ramos bellica uirtute ferreos ita longe lateque porrexerint ut Hispaniam et Africam olim cum ingenti Maurorum caede complecterentur, aetate uero nostra per

orientales plagas armorum metuendo fragore tonent et Lusitani roboris ac fortitudinis iam obsolescentis exempla, magna cum laude nec minori barbarorum clade repraesentent. Ferreos hos tuae prosapiae ramos, tu aureus alter ramus ita infulis ceterisque corporis et animi ornamentis inauras ut, cum ferruginis suae decus ac decorem non amittant, incomparabilem tamen a tuis honoribus pulchritudinem mutuentur:

Alter aureus.

Interpres nonnulli putant aureo ramo significari diuinitatem, cuius praerogativa agentibus ad inferiorum sedes et Elysios Campos facilis patebat aditus ac reditus. Trifariam Virgilius inculcat in 6 *Aeneas*: *Et mi genus ab loue summo; Sybilla: dis geniti potuere; Charon: Dis quamquam geniti atque inuicti uiribus essent.*

Alii, quibus adhaereo, sapientiam subaudiunt, sine cuius praesidio temere laboriosa et ardua quaeque subeuntur. O dictum belle! Graphice quadrat haec in pontificem nostrum sententiae. Tot in te bonarum artium momenta confluerunt, tot scientiarum fulges ornamentis ut aurei rami tui flores aureos et aurea poma, si qua manus etiam aurea legeret et aurea lingua praegustaret, aureos tuae sapientiae radios non tam illuminare uideretur quam adumbrare. Nempe, superioribus annis tuae prudentiae ac doctrinae causa regium te consiliarium uidit Hispania, praesidem in regio Conscientiae Tribunali suspexit Olisippo, semel iterumque rectorem, primo Diui Petri sodalium, deinde totius Conimbricensis Academiae Conimbrica uenerata est.

[v^o] Nec *uecuos crines alio subit infula nexu*, ius enim fasque erat ut maioribus te in dies sapientiae luminibus decorum, altiores honorum gradus exceperent. Te suum Guarda episcopum coluit, amauit, exosculata est. Episcopum? Immo parentem, immo doctrina Chrysostomum et in pauperes afflictosque beneficentia Magnum Gregorium. Tandem, tua te Conimbrica recuperauit et uelut alterum Ambrosium, quae rectorem tenuit, episcopum tenet aeternumque tenebit, neque enim decebat litteratissimum praesulem alibi, quam in hoc Lusitanarum litterarum Athenaeo collocari. Ergo, falsus ille qui, non dico Elysios, sed empyrios campos aureo sapientiae tuae ramo penetrare te non posse iudicabit.

Hoc igitur in *colle imbribus* assiduis irriguo, qui ramus aureus es, arborem in auream adolesces: seu tu uictoriae laurus, seu poeticae facultatis hedera, seu iustitiae palma, seu nobilitatis cupressus, seu pacis et eleemosynae olea, seu diurnitatis cedrus malis appellari (neque enim a Virgilio nomen inditum est) et aurea omnes amoenitate opacabis, quotquot de tua uiriditate bene speramus ac de felicitate bona ominamur.

DIALOGISMVS

CONIMBRICA:

- Hiccine, quem flaua pridem cumulatus arena
Herculeus sperabat ager, cui gurgite pulchro
Siderio de colle meus per ouantia rura
Monda fluit, toto quem fausta Conimbrica uultu
5 Intuor, Alphonsus praesul?

EGITANIA:

- Tuus ille tuorumque
Vnus amor, spes una, tibi properauit adestque:
Ne dubita, nam uera uides: pudor ille modestae
Frontis et augustae facies pietatis et instar
Pontificum ueteris saeculi quibus aurea quondam
10 Tempora pacatum fluxere tenentibus orbem,
Non nisi sidereos Alphonsi ostentat honores.

SAPIENTIA:

Nonne uides ut larga manus, frons regia, frontis
Dulce supercilium positoque iacentia fastu
Lumina, magnorum radios testentur auorum?

CONIMBRICA:

- 15 O quantum mihi polliceor decus! O mihi quantam
Fortunam sperare licet, dum mentis et omnes
Pectoris admiror dotes: iuuat ore tueri
Mille ducum et regum species; spectantur in illo
Stemmata maiorum proauitaque nomina uultu
20 Formaue magnanimos non dedignata parentes.
[141] Scilicet, hic ille est nec iam dubitare licebit,
Quem mea festiuo sperabant compita plausu,
Cui mea iure suos Academia dicit amores.

EGITANIA:

- Hunc ego saepe mea felix Egitania tractu
25 Pastorem baculo sensi pariterque tiara
Pontificem, uirtute ducem, pietate parentem.

SAPIENTIA:

- Scilicet, has illi tribuit sapientia dotes
Inclyta Lysiadum toto sapientia regno:
Non titulos affingo nouos nec fabula ueris
30 Officit: has meruit studioso pectore laudes.
Quaeque alibi uatum mendacia carmina fingunt,
Omnia in Alphonso proprium tenere decorem.

CONIMBRICA:

- Testis ego, uirides nuper cum sedulus annos
Duceret ac sacro iuuenilia tempora iuri
35 Dederet, egregias quantum incubisset in artes
Ingenii laudem quantam et meruisset honores.

SAPIENTIA:

- Inde alios noua fama gradus maioraque praestat
Munia rectoremque Academia nostra salutat,
Musae, rectorem Maecenatemque fatentur.
40 Hoc duce tam sophiae, gemini quam iuris alumnos
Sumere maiores animos totoque uideres
Pectore frugiferos studiorum haurire labores.

EGITANIA:

- Non aliter cum rite meas tenuisset habenas,
Praesulis officio uenerandus, amore parentis:
45 Surgere uirtutes passim atque adolescere sensi,
Ire procul scelus, ire nefas et auara fugari
Crimina, substitui uerae pietatis amores.

CONIMBRICA:

Ergo, mihi longos sperare et habere per annos
Dulcia tantarum liceat miracula rerum.

SAPIENTIA:

50 Immo, licet maiora: nouis ingentia semper
Munera muneribus cumulauit et altera primam
Fortunam, fortuna premit, decrescere numquam
Visus ab emerito felix Alphonsus honore.

[vº]

EGITANIA:

Ah quotiens tuus ille inopes miserosque benigno
55 Suscitatur auxilio, quotiens per rura, per urbes
Argento fluit atque auro: sitis aspera ponit
Et malesuada fames perit et miseranda recedit
Pauperies largoque manus beat omnia sumptu.
Ipsam etiam hospitio diuumque hominumque parentem...
60 Effari pudor ille uetat quae Lysia toto
Concelebrat regno sparsitque per oppida rumor.

SAPIENTIA:

Quidquid in Alphonsi generoso pectore sedem
Possidet, e caelo missum fas credere.

CONIMBRICA:

Tanto
Scandentem adspiciens fastigia nostra triumpho,
65 Dum niueo ueheretur equo comitisque simulque
Pontificis meritis representaret honores,
Illicet e uultu didici quam gratus Olympo,
Quam foret humano generi dilectus, amari
Pronus et ore coli medioque in corde teneri.
70 O mea perpetuo felicia sidera cursu,

O hilares niueasque dies! O saecula nostro
Aurea centuplici cum fenore reddita mundo!
Non licet inuidiae mea uertere fata, licebit
Fortunae uariare nihil: sors altera sortem,
75 Successum successus alit sequiturque priorem,
Non minor Alphonsum Alphonsus nec honore secundus,
Nobilitate prior, maior spe. O digna uoluptas
Pectore maiori atque animo meliore foueri?
Degeneres procul ite animi! Iuuat illa beato
80 Mille per amplexus ruere ad uestigia lapsu,
O sociae, genua illa habituque et supplice uultu
Tangere, delicias nec praetermittere nostras.

EGITANIA:

Alphonse, o Alphonse olim meus! En tua quondam
Ante tuos oculos felix Egitania sisto.
85 Huc geminas, age, flecte acies: procul adspice quam sis
Pectore in hoc nostrum uelut hoc in stemmate nomen.
*Me si fata meis paterentur ducere uitam
Auspiciis et sponte mea componere curas,*
[142] Non ego te sinerem amplexu diuellier umquam,
90 Praesul amate, meo: tecum mihi dulce beatam
Ire per annorum seriem meritisque paratum
Exemplo meruisse tuae uirtutis Olympum,
Sed, quoniam tua te satis melioribus aetas
Sperabatque et sperat adhuc, mea summa uoluptas,
95 I, precor, i nostris summum decus addite rebus,
Et desiderii liceat tua gaudia numquam
Sollicitare meis: exsulo, gratulor, oro.
Inter purpureos uideam tua nomina patres.

CONIMBRICA:

Nempe, libet mea tam lento fastigia praesul
100 Ascendisse gradu, maiori ut munere, nostro
Exspectate solo caeloque Alphonse uenires!
Venisti tandem et praeconia nuntia famae
Aduentus superat tuus et praesentia uincit

- Quos tua nobilitas auri spondebat aceruos.
105 Totus ades iuuat et magno praecordia uultu
Deliciisque beare nouis. Prope nosse tueri,
Affari, tetigisse licet semperque meorum
Obsequiis et honore tuo et pietate licebit,
Urbs mea dum stabit, fluet et dum Monda: mihique
110 Te nihil eripiet, caeli nisi tarda cupido.
Interea, gere communem populique parentem
Pontificemque simul: tanto mea praeside surget
Gloria nec felix Olysipo, Brachara princeps,
Eboram magnam meae uincunt praecordia famae.

SAPIENTIA:

- 115 Si cui perpetuo licet exsultare triumpho
Et laetos agitare dies et compita festis
Te ueniente, fores et limina cingere ramis
Totoque non solito praecordia fundere risu:
Hoc mihi te semper uiuo licet, o iubar ingens
120 Alphonse, o ingens sophiae decus! Vnica montis
Gloria Pieri, cuius de pectore magno
Aurea continuis manat sapientia riuus.
Ergo, age, Musarum tenues inuise penates,
Ingredere et tectis assuesce minoribus; omnes
125 Ipsa manu tibi pando fores; aperire liceret
O utinam latus hoc penetrique sacrarii cordis:
Hic tibi uel nostra sedes foret amplior aula.

[v°]

EPIGRAMMA

Pontificem petiit Conimbrica mutuum ab astris
Alphonsum fausto nomine Mendocium.
Cum prece nec pretio exorasset et astra negarent
Furtadum a superis clam rapuisse ferunt.
Discipulus faciebat

EPIGRAMMA

Acceptit quem Guarda, tenet Conimbrica magnum
Furtadum, egregio sidere pontificem.
Seruando nempe ignaras miserisque benignas
Omnibus haud poterat Guarda tenere manus.
Discipulus faciebat

[142 vº]

*2ª classis Rhetoricae classis parabili hoc hospitio Dominum D.
Alphonsum Furtadum e Mendoza excipiebat*

Joannes da Rocha

PROLOGVS HENDECASYLLABVS

- Tu nos uisere, praesul o benigne,
Ac nostras aliquid putare nugas
Dignaris? Melius nihil probabit
Te comem comitis decere nomen
5 Quam cum fers noua signa comitatis.
Fallor, uel rediit uetus parentum
Aetas, hospitio fruens deorum?
Felix qui superos in orbe uidit
Nec felix minus ipse nunc habebor
10 Apud quem sacer hospes hospitaris:
Sic nos auspiciis tuis secundans
Vero ut nomine debeat uocari
Haec, inter reliquas, secunda classis.
At morsus animo graues sub imo
15 Curis heu patior petitus altis:
Vt digno excipiaris apparatu.
Virum et pauperis ostium coloni
In terris ubi Iuppiter subibat,
Terrestrem perhibent amasse cenam.
20 Et turis quibus est nihil Sabaei,
[143] Salsa non dubitant litare fruge
Haud cuiquam uitio fuisse constat
Diuis, quod ualeat, parare munus.
Ergo, te superis dabis gemellum,
25 Si rebus uenias libens egenis.

Adolescentium trium colloquium de felici in urbem ingressu
CARMEN TRAGICVM

- Primus: Qui plausus urbem concitet, quantum fluat
Ciues in omnes gaudium et quanto uiri
Conimbricenses ardeant laeti rogo
Arsere plus quam nuper accensae faces:
5 Incendiorum pectoris signum haud leue,
Videre quemuis uideo, ni uidet minus.
- Secundus: Quis non uidebit, sentiet, capiet, sciet
Quod ipse pariter intimo mentis sinu
Aut experitur tacitus aut tandem nequit:
10 Sibi imperare gestiat quin et palam
Et praesulis quin celebret aduentum sacri.
Tertius: Vnum illud audax calculo firmem meo
In urbe tota neminem prorsus fore
Qui non lapillo computet niueo die,
15 Antistitem quae rursus ereptum dedit.
- Primus: Quam tristis olim mersit hanc urbem dolor
Ad curiam cum raptus Hispanam fuit,
Tam coetus hodie motus ex animo salit,
Cum nos ouile pastor agnoscit suum.
- Secundus 200 quas amoris ille uibrabat faces!
Cum ciuitas e domibus exsiliens suis
Ad alteram se fluminis ripam tulit,
Vt inde tantum pignus afferret domum.
Tertius: Quo quisquis animum poterat exponens modo,
25 Et ille qualis pastor et qualis pater.
[v°] Laetas amica fronte suscipiens oues,
Se ridibundum filiis cunctis dabat.
Secundus Quam clarus inter nobiles ibat uiros,
Vmbraculum hinc et inde portantes manu!
30 Tunc nostra blande corda furatum puto.
- Tertius: Quas non rapinas ageret animorum sibi
Facies sereno proxima refulgens pilo?
Primus: Frigere quodnam pectus aut quae mens queat,
Cum frontis ignes siderum in morem duo,
35 Quodcumque flammis obuium rapiant suis?
Secundus: Magnetis haud sic trahitur impulsu chalybs.

Non sic aristae sucini amplexus petunt,
Quantum benigno praesulis uisu solet
Vel infimus uel quilibet summus capi.

Tertius: 40 Posthac nihil sinistrum et infaustum, nihil
Conimbrica hoc auspice timendum cogitet.

Nam, si futuri prouidus uates fuit,
Hesterna cui nos obuios egit dies,
Felicetabit pastor hic felix gregem.

Primus: 45 Quae uos ab illo oracula audistis, precor,
Nisi exciderunt, auribus detis meis.

Secundus: Huius notauit nominis primum notas:

Alphonsus Furtado e Mendoça.

Deinde, uerborum ordinem ac sensum mouens,

50 Anagramma eiisdem litteris tale eruit:

O Alpha custodum ferens dona.

Tete alloquens, Alphonse, praesentem uelut,
Ad quem supremo spiritu afflatus poli,
Carmen remittit laudibus plenum tuis.

Primus: 55 Vterque uestrum dicat alternus uolo.

CARMEN HEROICVM

[144]

Tertius: "Qualis per campos desertaque rura uagatur
Amisso custode gemens et questibus implet
Grex nemorum latebras, maesta dum uoce requirit
Pastorem et sedes circum tristatur heriles

5 Pertaesus fontes et amati graminis herbam:
Talis caelestes ubi sese Alphonsus in arces
Extulit, obscuro Conimbrica mersa, iacebat
In luctu, donec simili pastore leuaret
Afflictum curis animum similique parente

10 Tristia diffusis cohiberet lumina riuis motate.

Secundus: Ergo, agite, imbriferi cacumina montes,
Ite per Herculeos choreis plaudentibus agros
Et date festiuos *concusso uertice* saltus!
En Alphonsus adest, diuini foederis arca:

15 Sistite, currentes stellato ex fonte liquores,
Sistite, Monda pater summis caput efferat undis
Et uultum longe supplex uenientis adoret.

- Ille equidem Alphonsum si non anteire priorem,
At paribus certe meritis aequare ualebit.
- 20 Ne primo auulso non pullulet aureus alter
Aut simili aut forsan radians meliore metallo.
Tertius: Alpha uelut, primum primo de sanguine semen
Clarus habet, duplici referens cognomine reges.
Si uitae morem inspicias, erit Alpha uocandus,
- 25 Vt qui se Christo geminum uirtutibus addit,
Ipse ferat Christi (quae rara est gloria) nomen.
Ecquis enim maiora tulit documenta superbos
Calcandi fastus? Ecquis tam sobrius inter
Delicias aulae uiuens compressit habenas
- 30 Vitae auriga suae? Vel quis minus aeger inani
Ambitione fuit? Meruit, non emit honores.
- Secundus: Praeterea, si fida gregis custodia laudem
Vllam habet, in reliquis tantum hic custodibus exstat,
Antestare notas quantum solet Alpha sequentes.
- 35 Insidias plenoque dolos molitur ouili
Cattus, eo uigilante, lupus; quamquam oris hiatum
Diducat malesuada fames, quamquam exserat ungues,
Irrita funduntur circum uestigia caulas.
- [v^o] Tertius: Exerrat si forte uago siluestria cursu
- 40 Per dumeta pecus nescitque ad nota reuerti
Limina et absentis querulo clamore benignam
Implorat pastoris opem, uolat ille pericli
Sollicitus reuehitque humeris stabuloque reponit.
O uigil aeterni pastor pastoris alumnae,
- 45 Non ouis ulla tibi periit data praeda lupinis
Dentibus: apposito gaudes pia pondera tergo
Excipere, *ad talos sudor* licet effluat *imos*.
- Secundus: Quid memorem? Quae dona feras, quae pascua pascat
Grex tuus? Haud quisquam melius prospexit egenis.
- 50 Saepe domum exerces, ualeat ne marcida plebem
Exercere fames. Diuina oracula talem
Pastorem exoptant, sua qui non commoda curat
Oblitusque sui, non obliuiscitur agnos.
Nec tibi necue aliis consanguinitate dextrae,
- 55 Quam sic exoneras, fluuios ut praestet Iberos,
Aurea dona uomens. Testor te, Guardia, teque

In reliquum factura fidem Conimbrica tempus.”
Tertius: Haec ore uates uerba fatidico tulit.

EPIGRAMMA

Ad praesulem uitam longissimam promerentem

- Primus: Viue diu pastor, pastorum gloria, uiue,
In quo exempla Patrum uiuere prima puto.
Qui tua prae reliquis uidet ut sapientia fulget
“Hoc Augustinus pectore uiuit”, ait.
- 5 Qui uidet imbutas caelesti nectare uoces,
“Mellita Ambrosii lingua peremmat”, ait.
Extenuata uidet qui membra, “Hieronymus istis,
Vt par est membris credere, uiuit”, ait.
Qui facta in miseros dispendia cernit egenos,
- 10 “En Magni Gregori dextera uiuit”, ait.
Quattuor in te uno uiuunt encomia Patrum,
Quattuor o utinam sit tibi uita Patrum!”

FINIS

*In aduentu illustrissimi ac reuerendissimi Domini Alphonsi Furtado a
Mendonça, Conimbricensis episcopi
Pro quinto gymnasio. Ad ingressum in palaestram*

Scholasticus:

Aduenias felix, praesul clarissime, felix
Sit quae te nobis attulit ista dies:
Fortunata dies alboque notanda lapillo,
Hospitis optati qua datur ore frui.

Annus 1616. Ver. Aestas. Autumnus. Hiems

Annus:

- Huc modo uenio toto refertus fructuum
Genere; quis ego sim forte nostis? Non quidem,
Vt arbitrator, sed scire cupitis. Annus hic
Vester ego sum, uobis dedi satis omnibus
5 Superque uictus; sentiat nemo famem.
Sed nostra maior gloria haec est, quam mihi
Nunc arrogo, quoniam Conimbricae uirum
Restituo moribus et genere non disparem
Cuicumque ueterum. Gratulamini bonum,
10 Laudate me, Conimbricenses, beneficum
Vocate. Raptus fuerat a uobis, tamen
Cum uester esset, restituo. Vester fuit
Academiae olim rector illumque lacrimis
Ab urbe cum discessit ante duodecim
15 Annos, fuistis prosecuti. Reddere
Non potuit illum praeteritus huc quilibet
Annus, sed ego solum reducere potui.
Gaudete, iuuenes, canite, ducite choreas
Totam per urbem, Lysiae namque affero
20 Heroas inter non secundum: laus mihi
Haec tota cedit. Agite, iam mea tempora
Adeste. Ver huc fronte cur maesta uenis?

Ver:

- Infelix ego Ver, mihi nam Conimbrica dudum
Auersis oculis et torua fronte miratur,
25 Et merito, quoniam illius solacia maesto
[v°] Corripui (quamuis maturo funere) patrem,
Scilicet, Alphonsum, quem latum fama per orbem
Commendat, meritis et uirtus aequat Olympo.
Sperabam mentes populi, te sanguine clarum,
30 Moribus eximium, nulli pietate secundum
Huc praesul, transferrem meis ut laeta diebus
Hospitio et miti tua te Conimbrica caelo
Exciperet, mihi terra nouos tunc prodiga flores
Praeberet possemque illos hac sternere: uerum
35 Inuidit fortuna mihi sortemque secundam
Abstulit. Vrbs odiis numquam exsaturata quiescet
Ista meis, numquam laeta me fronte uidebit.

Aestas:

- Quam frondosa tibi pulchra in conuelle parauit
Et contexta nouis umbracula uitibus aestas.
40 Mitius hic ferio summis quam in montibus: ardor
Blandius ad Mondae noster te fluminis undas
Tractaret salices inter siue inter amoeni
Tiburis antra tui, multa quod riuulus unda
Irrigat et lucus ramis frondosus opacat.
45 Tunc decuit uenisse. Meos tunc nube serena
Obtegerem soles et puluerulenta uiarum
Effuso gaudens loca tunc prius imbre rigarem.
Quam timui suprema tibi ne culmina montis
Aegitanensis feruenti sole nocerent!
50 Optabam ad sanos huius te adducere colles
Vrbis et irriguas ualles caelique serenam
Temperiem optatus si tempore, praesul, adesses!

Autumnus:

Cedite, Ver Aestasque retro, nam gaudia caelum

- Seruauit mihi tanta; retro discedite, campo
 55 Est opus. Exsulto, salio laetorque nec intus
 Cor prae laetitia nostrum exsuperante quiescit.
 Quam felix Autumnus ego, cui gloria cessit,
 Cui laus, cui tantum decus. En me laudibus urbis
 Istius ciues extollunt tempore quando
 60 Te nostro huc retuli, pater inclyte: laetus honore
 Vix tanto uocem emitto nec soluere dictis
 Optati aduentus ualeo pro munere grates.
 Mitia poma tibi possum donare, racemos
 Pendentibus filo tecti laqueraibus altis
 [146] 65 Offero nec desunt. Hic punica mala. Quid ultra?
 Persica [*]¹⁰²? Potiusne Cydonia? Quaeque libenter
 Sana tibi plenis apponam mala canistris.
 Quid tibi pollicitum uer? Flores? Sicca quis aestas?
 Vndarum riuos patulisque umbracula ramis?
 70 O promissa mihi risu excipienda: cachinnos
 Tollere ludibrio tua me praesentia frenat.
 Tempore si ueris, pater, aut aestatis adesses,
 Floribus acciperet te uer et frondibus aestas,
 Ast ego maturis nunc fructibus. Adspice quantum
 75 Veris et aestatis dono mea munera praesent.

Hiems:

- Huc glacialis hiems canis hirsuta capillis
 Accedam, tremulo quantumuis corpore, namque
 Frigora me semper comitantur inertia, nimbi,
 Nix, glacies, uenti, tonitrus, fragor atque pruinae,
 80 Sed tamen accedam, nec enim fiducia nostri
 Accessus mihi parua quidem, pater optime, nam te,
 Cum magis atque magis Iani impia mense uigerem,
 Rex hoc pro meritis ornauit honore Philippus.
 Cognita sumne tibi? Stellati in uertice montis
 85 Castello Albenti sedem uicinae parauit:
 Hic uicinus eras; atqui uicinia semper
 Grata parum tibi nostra fuit. Melioribus aruis

¹⁰² Palavra ilegível.

Maiores nunc pasce greges, quos blanda fouebo;
Et te nostra minus, pastor, iam frigora laedent.

Ver:

- 90 Expostulare nunc mihi tecum licet,
Autumne, cur adeo superbis? Cur ita
Loqueris et incedis tumidus atque afficis
Nos male tuis dictis? Meos sic despicias
Flores et aestatis folia, quae praesuli
95 Tanto bono animo nuper obtulimus? Venit
Haec praestitis mihi pro beneficiis tua
Solutio. Par ego pari referam tibi.

Autumnus:

- Quae tu modo beneficia mihi, uer, obiicis?
Ego uestra nihili nunc facio beneficia.
100 Me tu superbum dicis? Et me esse fateor
Miraris hanc, qua te alloquor, fiduciam?
[v°] Audaciam mihi et animi iactantiam
Assumo. Cur ita tibi uera displicent?

Aestas:

- Sint uera quamuis uerba, non semper tamen
105 Dicenda iudico. Sed, age, sine floribus
Atque foliis autumnus aliquando foret
Aliquid? Ita superbire tibi modo non licet,
Autumne, praestaret loqui te parcius.

Autumnus:

- Vt inuidia corrodit ac torquet animos
110 Vestros nocere non potestis, gloriam
Propter meam liuore uos scio percitos.
Mihi cedit honor istius aduentus, mihi
Fortuna, quoniam arrisit, ita maceramini.

Ver:

Tantum insolentiam pati quis erit potens?
115 Insanit autumnus, furit uecordia
Illum exagitat. Affligit audientium
lactantia superbi feritque aures nimis.

Autumnus:

Praesentia tua aliis superbum me facit,
Praesul, uideri: tanta laetitia mea est,
120 Vt iudicer et habear superbus. Ego amplius
Responsa ueri nulla et aestati dabo.
Ver latret, aestas murmuret, dicam nihil.

Aestas:

Existimas, autumnus, me contrariam
Esse tibi? Falleris. Voluntas nam mea
125 Atque animus alienus tui numquam fuit,
Sed arrogantiam tuam, qua despicias
Ea dona, quae tanto hospiti, quae praesuli
Tanto offerebamus, nimis uitupero.

Autumnus:

Mutus ego sum, patiens taceo: loquimini.

Hiems:

130 Autumnus, tibi uer inuidet; tu, obsecro, tace.
Aestas amicam se esse tibi licet asserat,
Ne crede nec etiam benignam aurem admoue.
Punctum attigisti: semper inuidia fuit
Quae ueris et aestatis animos sic coquit.

Annus:

135 Quid nectitis uestris ineptiis moras?

[147]Contentiones mittite illasue in alium
Seruate commodius diem. Nunc hospitem
Discedere uolentem beneuoli carminis
Prosequimini solito tenore uel alio
140 Quocumque metro: pollicemini dies
Bene ominatos et bonam ualetudinem
In posterum, discedat hinc ut beneuolus.

Ver:

Arridet omnibus tua haec sententia.
Ver tibi polliceor felicia tempora ueris
145 Et semper nostro tempore sanus eris.

Aestas:

Spondeo magna tibi frugum horrea plena quotannis,
Praesul, in hac oberit nec meus urbe calor.

Autumnus:

Audeo selectos fructus promittere; nostro
Tempore non morbus, quo crucieris, erit.

Hiems:

150 A te, quando aliud nequeo promittere, semper
Eiicient morbos tempora nostra procul.

Annus:

Dum non finis adest, qui iam mihi proximus instat,
Non mihi cura, salus, quam tua, maior erit.

*Ex octauo gymnasio
Praelectio*

Illuxit tandem fausta et fortunata dies illa in qua grata nobis praesentia (illustrissime Domine praesul comes, quem olim addictam studio iuuentutem summo consilio moderantem uidimus in maiori nunc fulgentem dignitatem intuemur, colimus, ueneramur), ab omnibus satis exspectata, multum diuque desiderata, si non ut par est, saltem breui aliquo temporis spatio libere potiremur. Sed, quorsum dicitis tui muneris oblitus, quorsum tua haec tendit oratio? Quid grammatico cum mitioribus musis? Quid humaniores litteras tibi, tamquam praesentes arrogas, cum potius de praeteritis agendum foret? Cauillatio tamen haec uestra pace dicam, mea est excusatio. Nam, coram tanto praesule omnia praeterita memoria dilabuntur, uno illustrissimo Domino Alphonso praesente, reliqua perpetua obliuione delentur et quodammodo oblitterantur. Illius enim iucundissima praesentia ita omnium oculos rapit, animos allicit et corda furatur ut meritissimo illustrissimum nomen a furto sortiatur.

In te, praesul illustrissime, mirifice quadrat linea illa [v^o] tunica, qua Hebraeorum pontifex utebatur cum omnium se dabat in conspectum, quippe quae ita erat artificiose intertexta ut continuis quibusdam oculorum et cordis imaginibus, undequaqua circumsepta, omnium oculos ad sese traheret et corda compilaret. Te igitur, dum praesentem intueor, statim in mentem uenit praeclarissimum illud maiorum tuorum gentilicium stemma, quod hereditario ueluti iure non sine magna maiorum tuorum decore possides, exornas, illustras. In quadripartito igitur scuto multa apparent admiratione digna, quae si lentius examinanda forent, longam postulabant orationem. Aliqua tamen attingam breuiter, ne, temporis angustiis oppressus, omnia maneant illibata. In superiori scuti parte tres deducuntur bendae, quas Lusitane dicimus *bar-ras*, totidem in inferiori: media inter utrasque rubra apparet, ceterae uiridi colore pellucendo medium scutum non tam a campo aureo, quo sternitur, quam a salutatione angelica ceruleis notis inscripta ueluti indiantibus gemmis illustratur. En gentilicium stemma, quod, si per tempus licuerit, fas erit triplici ramusculo, ut mos erat antiquis, coronare. Sertum conficiam ex palma,

103 Nome e sobrenome do autor riscados de modo a não permitir a leitura.

oliua et lauro, quae omnia quam sint apta in rem nostram, si non pro rei dignitate, saltem pro mea tenuitate, aggrediar.

Tria sunt quae illustrissimam familiam tuam, antistes praeclarissime, maxime commendant: regia sanguinis nobilitas, uirtus in bello admirabilis, optimarum artium doctrina singularis. Regium sanguinis splendorem caecus est qui non agnoscit uel tam praeclaris radiis percussus ita caecutire uidetur ut exorientis solis fulgorem non audeat fixis oculis intueri. Hic, ni temporis angustiae obstarent, multos recenserem comites, marchiones, duces, principes qui, regio illo splendore coruscantes, totum paene terrarum orbem illustrarunt; multos, qui belli uirtute praeclarissimi exstiterunt. Testor orientalem plagam, quae facinora illa ab illustrissima hac familia non ignauiter patrata numquam pro meritis narrabit. Sapientiam solum ignorabit, qui ignorauerit illustrissimos praesules, archiepiscopos, cardinales qui ex hac regia arbore, ueluti luxuriantes surculi, pullularunt. Sed, quid iuuat per alios sparsa recensere, quae in te uno felicissime connectuntur?

Nam, *quae diuisa beatos efficiunt collecta tenes*, ut de suo Stilichone cecinit Claudianus. Regium animum in gentilicii stemmatis campo aureo adumbratum, quis in te non ueneratur? lure optimo regium tibi animum et campum aureum uindicas, praesul illustrissime, seu potius, manus aureas et tornatiles, quae in pauperum miserias subleuandas, ita ubertim fusae ac deditae sunt ut nullus sit qui tuam non praedicet liberalitatem, nullus qui regiam hanc munificentiam non animaduertat, nullus qui regias has manus hyacinthis plenas non suspiciat.

Iam uero, bellicam uirtutem et animi robur in infensas hostium copias, quis non miratur? Mirabitur quidem qui attenta mentis acie tum illud iter in oppidum Buarcos contemplatus fuerit. Nostis ex iis qui adestis aliqui illustrissimum praesulem, cum rectorem ageret, non solum rectoris, sed ductoris ducisque munus eleganter praestitisse. Conimbricae delatum est Anglicanos hostes ad oppidum Buarcos appulsos. Ecce tibi rector talaria induere, non ut fugam caperet, sed ut praepeti uolatu in hostes christiani nominis infestissimos conuolaret, ac si tunc temporis comitis nomenclaturam, quam nunc habet, iam fortunate sortiretur. Hanc belli uirtutem ostendunt rubrae illae bendae in gentilicio stemmate, quae feliciori sorte illud quam Tyrrii purpura regias uestes commendant. Octo uero illae primae salutationis angelicae felicissimae litterae, non indecore in campo aureo positae, mihi uidentur [148] praedicare sapientiam tuam non simplicem, sed multiplicem multum decoris attulisse aureo regiae stirpis campo.

Nouit hanc sapientiam mira prudentia coniunctam serenissimus Hispaniarum rex Philippus, solo nomine secundus, qui te in Conimbricensi Academia rectorem

creauit, patrem imitatus filius, eiusdem nominis tertius, hinc te Madritum detulit, ubi sapientiae tuae thesaurum locupletissimum in splendorem dedisti cum esses a Consiliis catholicae maiestatis. Idem testatur Olysippo, quae te in tribunali Conscientiae non solum praesidem excepit, sed suspexit nulli secundum. Testantur admirabilem hanc sapientiam synodales illae *Constitutiones*, quas Aegitanensi episcopatu non sine magno labore elucubrasti. Sed, quid Egitanensis episcopatus? Sileat Guarda nec lacrimis prosequatur seruatum hucusque dulce pignus, nobis furto sublatum, quod longius quam par erat detinuit.

Fortunata Conimbrica, depositum obserua clarum et pretiosum, restitutum uenerare. *Fortunati nimium sua si bona norint* Conimbricenses ciues! Haec tibi, praesul clarissime, propria sedes: nimirum, regni corde, sic enim dicta Conimbrica nec te hinc patiemur abire, nisi ad regni caput, uel Hispanarum primatum occupandum seu, quod pulchrius erit, cardinalis purpura decorandum. Quae omnia quattuor illae bendae tui gentilicii stemmatis uiridi colore pellucentes et nobis bene sperare iubent et tibi, praesul illustrissime, feliciter ominari

Nobilitas, Conimbrica, Societas Iesu et uirtus hospitio excipiunt illustrissimum praesulem D. Alphonsum Furtado de Mendoga

Nobilitas ad praesulem:

O decus Hispaniae et demissum munus ab astris
Vrbis honos et gentis amor, *iustissimus* auras
Qui bibit aethereas et *seruantissimus* aequi,
Sis bonus o felixque tuis! Inuise palaestras
5 Quae tibi se totas ultro debere fatentur.

Nobilitas ad socios:

Dicamus bona uerba, genus qui ducit Olympo.
Audiet et tacita nostram bibet aure poesim.

Nobilitas Conimbricae:

Dicere ne cesses Domino Conimbrica laudes,
Quem tibi pastorem caelestia numina donant.

Conimbrica episcopo:

10 Orbis ad Herculeas aurum si mitteret arces,

Fluctibus immixtas si daret Indus opes:
Si domina augustas praeberet Roma tiaras
Offerretque graues regia celsa locos:
[vº] Rerum contemptrix, cunctis nunc dicere possem:
15 Dona abeant, tali praesule diues ero.

Nobilitas Societati Iesu:

Soluite nunc socii nomen quos signat Iesus
Empyreo meritas tanto pro praesule grates.

Societas Iesu ad praesulem:

Dum tibi sublimem dant astra benigna tiaram
Et pastoribus de grege cura subit,
20 Lysiadum proceres et regia gaudet honorem
Tam merito factis hunc tribuisse tuis.
Nos haec quod meritis sint inferiora dolemus,
Namque orbis uix te praesule dignus erat.
Te quoniam praestans ita uexit ad aethera uirtus,
25 Nil tibi ut humanum sit, nisi posse mori.
In me non tenuem fueras testatus amorem
Cum premeret natos uis inimica meos.
Te praesente aderat praesens medicina, nocentes
Cessabant et, te sospite, sospes eram.
30 Maiorem antiquis cumulas modo rebus honorem,
Artior antiquo me quoque nectit amor.
Pro quo trado meos, praesul clarissime, natos
Et natis, possem si dare plura, darem.
Oro tamen superos ut praemia digna rependant
35 Dentque tibi faustos uiuere posse dies.

Nobilitas uirtuti:

Dic quibus in terris, uirtus, quoue orbe coruscet
Alphonso similis uirtute aut sanguine praesul?

Virtus ad praesulem:

Aurea si terris superest pietatis imago
Et quam uirtutum splendor in astra uehat;
40 Si quis erit rerum qui sic moderetur habenas,
Pronus ad imperium totus ut orbis eat;
Si quisquam humanos superumque meretur honores:
Dispeream, si non hic meus hospes erit.

Virtus nobilitati:

Si meus hic praesul uirtute et sanguine praestat,
[149] 45 Nobilitas, plures cur non largiris honores?

Nobilitas ad praesulem:

Me quia tot meritis non respondere recordor,
Haec tibi, ne uidear uerba dedisse, dabo.
Pauca dedi fateor, sed spondeo multa merenti
Adueniet factis qui tribuatur honos.
50 Da, praesul, spatium tibi dum meliora requiram,
Da ueniam et factis praemia digna feres.
Sed, quid ego factis promitto ingentibus aequum
Queis non aequalis Roma nec orbis erit?
Munera pontificum et regum si addantur in unum,
55 Pontificum et regum munere maior eris.
Vix licet exiguam Lysiae cognoscimus urbem,
In qua uirtutum non documenta dares.
Regna inuidissent si te peregrina uiderent
Inuidaque obstaret ni Deus astra forent.
60 Nunc, age, et Herculeam *factis fer ad aethera* gentem.
Inserere uirtutes falceque scinde nefas.
Sic uolo, sic iubeo; dant has tibi numina sortes,
Has superum fixit Rex statuitque uices.

Conimbrica praesuli:

Fausta dies luxit pulchroque notanda lapillo
65 Qua datur augusti mihi praesulis ora tueri.

Virtus praesuli:

O si nunc uernans agros uariaret Aprilis,
Vt meus in uiolis uestigia poneret hospes!

Nobilitas praesuli:

Vos, quibus hiberni uis temporis atra pepercit,¹⁰⁴
Pargo libens: triti melius fundetis odorem.

Societas lesu praesuli:

70 Oscula si possem sacris affigere plantis,
Grandior astra poli digito tetigisse putarem.

Virtus praesuli:

Viue diu, praesul, uirtutis gloria, uiue,
Nam mea sospes erit, te sospite glori: uiue!

[v°]

Nobilitas praesuli:

Viue, meae uitae fortunata anchora, uiue,
Nobilitatis honos, splendor, lux, gratia: uiue!

Societas lesu praesuli:

Viue, decus nostrum, praesul clarissime, uiue,
Quem superi gaudent uitam protendere: uiue!

Conimbrica praesuli:

Viue, parens inopum, patriae spes unica, uiue,
Hoc patria, hoc inopes, resonant hoc sidera: uiue!

Nobilitas praesuli:

Hos, Alphonse, tibi dedimus pro tempore uersus:
Si uenias rursus multo meliora canemus.

¹⁰⁴ Ao lado: *Hic sparguntur flores.*

Bibliografia

- ALMEIDA, Manuel Lopes de (1973) – *Acordos do Cabido da Sé de Coimbra (1580-1640)*, Coimbra, edição do Arquivo Coimbrão.
- BARBOSA, Manuel José de Sousa (1995) – “Humanismo e práticas escolares: um testemunho jesuítico quinhentista (Lisboa, BN, cod. 3308)”, *Euphrosyne* 23.
- BARBOSA, Manuel José de Sousa (1996) – “Humanismo e práticas escolares: um outro testemunho jesuítico quinhentista (Coimbra, BGU, cod. 993), *Euphrosyne* 24.
- CUNHA, D. Rodrigo da (1635) – *Segunda parte da História eclesiástica dos arcebispos de Braga*, Braga, Manuel Cardoso.
- FIGUEIROA, Francisco Carneiro de (1937) – *Memórias da Universidade de Coimbra*, Coimbra, por Ordem da Universidade.
- FRANCO, António (1714) – *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Colégio do Espírito Santo de Évora*, Lisboa, na Oficina Real Deslandesiana.
- FRANCO, António (1720) – *Annus gloriosus Societatis Iesu in Lusitania*, Viena, sumptibus Joan. Mich. Christophori.
- FRANCO, António (1726) – *Synopsis Annalium Societatis Iesu*, Augsburg, sumptibus Philippi, Martini et Ioannis Veith heredum.
- FRÈCHES, Claude-Henri (1964) – *Le Théâtre néo-latin au Portugal (1550-1745)*, Paris/Lisboa, Nizet/Bertrand.
- LOURENÇO, Miguel Rodrigues (2016) – *A articulação da periferia: Macau e a Inquisição de Goa (c. 1582-c. 1650)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau e Fundação Macau.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1741-1758) – *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca (1º tomo)/Inácio Rodrigues (2º e 3º tomos)/Luís Ameno (4º tomo).
- MARTÍNEZ D’ ALÓS MONER, Andreu (2015) – *Envoys of a human God: the Jesuit mission to christian Ethiopia, 1557-1632*, Leiden/Boston, Brill.
- MIRANDA, Margarida (2009) – *Código pedagógico dos Jesuítas. Tradução de*, Lisboa, Esfera do Caos.
- O’NEILL, Charles E. (dir./coord.) (2001) – *Diccionario Historico de la Companhía de Jesus. Biográfico-temático*, Roma/Madrid, Institutum Historicum S. I./Universidad Pontificia Comillas.
- PAIVA, José Pedro (1993) – “O cerimonial da entrada dos bispos nas suas dioceses: uma encenação de poder (1741-1757)”, *Revista de História das Ideias* 15.
- PAIVA, José Pedro (2011) – “El ceremonial eclesiástico en el Portugal del siglo XVII”, *Obradoiro de Historia* 29.
- PENNEC, Hervé (2003) – *Des Jésuites au Royaume du prêtre Jean (Éthiopie): stratégies, rencontres et tentatives d’ implantation: 1465-1633*, Paris/Lisboa, Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- PINHO, Sebastião Tavares de (2005) – “Um código latino da literatura jesuítica quase desconhecido: o cod. 1963 da Livraria dos Manuscritos dos ANTT”, *Humanitas* 57.
- PINTO, António Guimarães (2020) – *Os jesuítas portugueses e a literatura novilatina (século XVI)*, Lisboa, Theya.
- RELAÇÃO (1627) – *Relação do recebimento e festas que se fizeram na Augusta cidade de Braga à entrada do ilustríssimo e reverendíssimo Senhor D. Rodrigo da Cunha, arcebispo e Senhor dela, primaz das Espanhas*, Braga, Frutuoso Lourenço de Basto.

- SANTOS HERNÁNDEZ, Ángel (2000) – *Jesuitas y Obispos. Los Jesuitas Obispos Misioneros y los Obispos Jesuitas de la extinción*, Madrid, Universidad Pontificia de Comillas de Madrid, tomo II.
- SCHÜTTE, Josef Franz (ed./coord.) (1975) – *Monumenta Historica Japponiae I. Textus catalogorum Japoniae*, Roma, apud Monumenta Historica Societatis Iesu.
- TELES, Baltasar (1660) – *História de Etiópia a Alta*, Coimbra, na oficina de Manuel Dias.

APÊNDICE 1

D. Afonso Furtado de Mendonça, reitor da Universidade de Coimbra, socorre Buarcos, atacada por piratas ingleses, à frente de um batalhão académico

D. Nicolau de Santa Maria, *Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarca Santo Agostinho*, 2ª parte, Lisboa, na oficina de João da Costa, 1668, pp. 392-393:

[392] “No sobredito ano de 1602, entraram em a vila de Buarcos uns ingleses, hereges e ladrões, que andavam roubando no mar, em ocasião que ele estava muito quieto, e lançando gente abaixo da vila, sem serem sentidos dos de terra que estavam bem descuidados de tal successo, com muitos mosqueteiros e homens de armas, e tomando todas as entradas das ruas, foram bater às portas e, acudindo os moradores às janelas, apontando neles os mosquetes, os faziam vir abrir as portas, e assi foram roubando tudo muito a seu salvo, e depois fizeram o mesmo nas igrejas, onde quebraram todas as imagens, mas, quando chegaram a nossa igreja de Santa Cruz daquela vila já não acharam tanto que roubar, pela boa diligência do padre [393] cura, que ali tinha posto o mosteiro de Santa Cruz, por nome João de Carvalho, que, logo em sentindo o que passava, se foi à igreja muito depressa, e abrindo o sacrário comungou o santíssimo sacramento e tomou a caixa em que estava com o cálix e cruz de prata da freguesia e entregando tudo em um envoltório a ua mulher, a mandou pera um lugar perto da vila, onde escaparam estas três peças de prata, e com tudo isto ainda custou depois mais de duzentos mil réis o prover de novo a igreja e ao cura fez o padre prior geral mercê do curado pera sempre.

Chegando esta nova a Coimbra, logo se ajuntaram na câmara o corregedor, juiz e vereadores da mesma cidade a tratar de acudir a Buarcos, e elegeram por mestre de campo a João da Fonseca, comendador de Malta, e por sargento-mor a João de Andrade, cavaleiro do hábito de Cristo, e a Heitor de Sá por capitão da gente de cavalo, e por capitães da infantaria e gente de pé a Cristóvão de Sá e a Bento Arrais de Mendonça, que com toda a diligência cumpriram com seus ofícios e abalaram com toda a gente que puderam ajuntar no mesmo dia dormir a Pereira, e daí ao outro dia dormir a Maiorca e daí a Tavarede, e ali fizeram alto com a mais gente que acharam de Montemor o Velho e mais lugares vizinhos, porque os ingleses, depois de roubar Buarcos, vieram também saquear a Figueira e o mosteiro dos

religiosos de S. Francisco, donde se fizeram fortes com certos reparos que fizeram com suas estâncias, donde com grossos mosquetes varejavam todos os caminhos e matavam a seu salvo os que os queriam acometer. Deste forte e do de Santa Caterina, que também tomaram, se foram ua noite com muito segredo embarcar outra vez na sua armada, sem mais perda que de quinze ou vinte homens, que, por se desordenarem, lhe mataram os nossos, e de dous moços que lhe tomaram vivos.

Era neste tempo reitor da Universidde D. Afonso Furtado de Mendouça, que determinou com os do conselho de ir em pessoa a socorrer Buarcos com todos os estudantes e privilegiados da mesma Universidade, e nomeou por capitães a António da Cunha, lente de prima de leis, e ao lente de prima de medicina, e por mestre de campo a um ilustre italiano, que estudava na mesma Universidade e tinha sido soldado, por nome Cipião Garrafa, o mais bem disposto e valente homem e mais alto de corpo de quantos andavam na Universidade; nomeou mais por capitão dos fidalgos aventureiros a um irmão do conde da Feira e um filho do comendador-mor de Cristo: os quais ajuntaram a si mais de trezentos fidalgos e nobres, todos com escopetas, couras e bandas de diversas cores, que, com duzentos que iam nas outras duas bandeiras, faziam número de quinhentos e tantos homens. Com este luzido exército abalou o reitor logo ao outro dia após o exército de Coimbra e se foi ajuntar em Tavarede.

Estava nesta ocasião o bispo-conde D. Afonso de Castel-Branco em Lávãos, aonde ajuntou muito boa gente de Soure, do Pombal, de Condeixa, da Ega e da Arredinha, e estando aparelhada toda esta gente e com grande ânimo pera passar o rio à Figueira, veio recado ao bispo que os ingreses eram embarcados e idos. Porém, ainda que esta gente e a mais que estava já em Tavarede não chegou a pelejar com o inimigo, foi de proveito pera socorrer aos pobres de Buarcos e da Figueira, que ficaram roubados, aos quais fizeram muitas esmolos e deram tudo que levavam pera seus gastos.”

APÊNDICE 2

Poema de João da Rocha

TRADUÇÃO:

Publicado entre as peças introdutórias de homenagem ao Autor do livro: *VERGEL DE SAGRADO E PROFANO SABER, semeado e cultivado pelo Padre lisboeta Francisco de Mendoça, da Companhia de Jesus, doutor em Teologia, em tempos professor catedrático de eloquência e professor de Filosofia do Colégio de Coimbra e posteriormente professor de Sagrada Escritura no de Évora. Obra póstuma. Em Lyon, à custa de Jacob Cardon, 1631. Com privilégio do rei.*

[15v]

QUEIXUME

Na morte do Padre Francisco de Mendoça

BILHETE

Sem mim ireis até aos Elísios Campos, letras minhas,
Não haveis de voltar às lusas moradas.
A alma quer ir também, as cadeias quebrando, como companhia
Ir, para, onde pelo corpo não posso, pela alma ser levado.
Para alegrias grandes te chamam os cidadãos do Céu
E ao pranto concitam ao mesmo tempo os tristes fados.
Ordena o Céu: "Daqui vos apartai, ó dores, ó lágrimas,
Que poderoso vento sobre o mar a tristeza arrojé!
Aos que aqui habitam não há suspiros que os contristem,
Ensejo não há para a água que de tristes olhos jorra.
Dos elísios rincões pra sempre se baniu a dor
E em corações tranquilos assentam só contentamentos."
Todavia, o pesar e as lágrimas negam-se a ir embora;
O pesar e as lágrimas aliam-se: o que não é novidade.
Que eu possa com palavras divulgar a oculta dor,
Palavras que um dia a dor dentro da boca encerrara.
Que escute meus queixumes aquele que governa os astros,
Se meus rogos não despreza com um ouvido hostil,
Enquanto chamo os insensíveis astros e os célicos profetas,
Enquanto a dor manda dar solta rédea às lágrimas.
Assim, pois, levou o Céu Francisco? Os áureos astros

Tomados de inveja o meu tesoiro levaram?
Assim, pois, a inclemência da cruel morte e ávida
Riquezas tão grandes vai pilhando?
Ela a minhas lágrimas não deixou refrigério algum,
Para levar para os santos do Céu todas as alegrias.

[16r] Por que razão, ó cruel, o Leão¹⁰⁵ gaulês cruéis unhas te deu,
A ti, que mereces ser estracinhada pelas unhas do hircano tigre?
Se é fama que, amansados, os leões tamanha morte choraram
E as feras da Líbia lágrimas derramaram,
Os olhos em brasa aquietaram a vingativa chama e as
Fortes cervizes abaixaram as eriçadas jubas.
Ó Libitina, mais feroz que as feras, destas aprende, peço-te,
A manter afastadas as cruéis mãos dos fúnebres flagelos.
Ó cruel, não te dobrou a eloquência da latina língua nem
As canoras cordas de uma lira de oiro?
Nem os atavios do espírito e as graças de honesto semblante,
Nem o lustre da linhagem, a incomum proibidade unido?
Ó morte impiedosa, guarda tuas empeçonhadas frechas:
Nada de maior fica já no mundo sujeito a teu capricho.
E não temo que a fama, pelo inteito mundo esparzida,
Venha a perecer vitimada por tuas setas.
Ó grande Pai, antes de mais de ti me queixo, e contra ti
É a minha queixa e a dos teus filhos teus.
Acaso tão grande enfado sentiste por Portugal que achas
Mais doce morrer entre as neves dos Alpes?
Destarte, porém, ordenou de Deus o oráculo:
Que não te daria a tumba quem o berço te dera.
E, por isso, morres, insofrido co' a tardança? É este aquele
Grande amor paterno? Esta a clara prova de teus afetos?
Apartaste-te para não voltar? Contigo, oh, contigo iremos
Todos: foi doce viver contigo, contigo é doce morrer!
E, ó pastor, se para felizes pastios partes, porque te praz
Na terra deixar uma grei que te ama?
Privados de defesas vivemos passando pelos mores riscos;
Amiúde nossos crimes incitam Deus a castigar-nos.
Quantos são os pecados medonhos e as quebras das juras a

¹⁰⁵ Alusão à cidade francesa de Lyon, onde o Padre Francisco de Mendonça inesperadamente faleceu, a 3 de junho de 1626, quando regressava de Roma à sua pátria.

Deus feitas, tantas as terríveis guerras que se desencadeiam.
Mas a ti longa vida te cabe em espaços bem melhores,
Sem conheceres as alternâncias da voltária sorte.
E enquanto nas supernas moradas a desejada vida logras,
Não te espreitam quaisquer perigos ou o imprevisto acaso.
Abaixo de teus pés vê a celeste mansão dos seres mais altos,
Vês as estreladas fortalezas do céu.
Vive, pois, vive nas elísias campinas, de nós não deslembrado.
O amor assina estas regras que escrever mandou.

*P. João da Rocha,
antigo professor catedrático de retórica, nos Colégios de Évora, Lisboa e
Coimbra*

Poema de João Rocha
ORIGINAL LATINO

*VIRIDARIVM SACRAE AC PROFANAE ERVDITIONIS, a P. Francisco de
Mendoça, Olysiponensi, Societatis IESV, doctore Theologo, olim in Conimbricensi
Academia primario eloquentiae magistro, et Philosophiae professore, postea
in Eborensi Diuinorum Oraculorum interprete, satum excultumque. Postuma
proles. Lugduni. Sumptibus Iacobi Cardon. MDCXXXI. Cum priuilegio regis.
[15v]*

QVERIMONIAE
In obitu P. Francisci de Mendoça
EPISTOLIVM

Ibis ad Elysios, sine me, mea littera campos,
Ad Lysios iterum non reditura lares.
Mens simul ire cupit, ruptis comes ire catenis,
Vt quo non possum corpore, mente ferar.
5 Caelestes te magna uocant ad gaudia ciues
Et simul ad lacrimas trsitia fata uocant.
"Ite procul, lacrimae", caelum iubet, "ite, dolores,
Tristiamque potens in mare uentus agat.
Caelicolas hic nulla premunt suspiria, maestis
10 Quae salit ex oculis, non habet unda locum.
Aeternum procul Elysiis dolor exsulat oris
Solaque tranquillo gaudia corde sedent."
Ire tamen maeror, lacrimae procul ire recusant,
Haud noua cum lacrimis foedera maeror habet.
15 Obductum liceat uerbis uulgare dolorem,
Quae quondam in primo clauserat ore dolor.
Audiat illa meas, qui temperat astra, querelas,
Si non auersa respuit aure preces,
Dum superos dumque astra uoco crudelia uates,
20 Dum iubet ad lacrimas soluere frena dolor.
Siccine Franciscum caelum tulit? Astra tulerunt
Aurea, delicias inuidiosa meas?
Siccine crudelis rapit inclementia Mortis
Atque auida ingentes depopulatur opes?
25 Illa meis lacrimis solacia nulla reliquit

Ferret ut ad superos gaudia cuncta deos.
 [16r] Cur tibi saeua dedit saeuos Leo Gallicus ungues,
 Vnguibus Hircanae dilaceranda ferae?
 Si, fama est, mites tantum ingemuisse leones
 30 Interitum et Libycas illacrimasse feras,
 Vltrices posuere ardentia lumina flammis,
 Necnon erectas fortia colla iubas.
 Disce, precor, Libitina feris truculentior ipsis
 Funeribus diras abstinuisse manus.
 35 Non te, crudelis, Latiae facundia linguae
 Flexit et auratae fila canora lyrae?
 Non animi ornamenta et honestae gaudia frontis,
 Non generis, rara cum probitate, decus?
 Conde uenenatas mors impia, conde sagittas,
 40 Maius ad arbitrium nil manet orbe tuum.
 Nec uereor totum late diffusa per orbem
 Occumbat telis fama petita tuis.
 De te, magne Parens, primum queror et mea semper
 Sit de te, natis prima querela tuis.
 45 Tantane te Lysiae ceperunt taedia ut optes
 Mollius Alpinas inter obire niues?
 Hoc tamen, hoc superum iussere oracula ut illa,
 Quae dederat uitam, non tibi fata daret.
 Deficis ergo, morae impatiens? Hic ille paternus
 50 Est amor? Haec animi pignora clara tui?
 Non rediturus abis? Tecum o, tecum ibimus omnes:
 Dulce fuit tecum uiuere, dulci mori est!
 Et si rura petis felicia, pastor, amicum
 Quid iuuat in terris deseruisse gregem?
 55 Ducimus imbelles extrema per omnia uitam,
 Saepe Deum in poenas crimina nostra uocant.
 Quot scelerum portenta et quot uiolata deorum
 lura, tot in clades horrida bella tument.
 At te longa manet spatiis melioribus aetas,
 60 Fortunae nullas experiere uices.
 Dumque agis optatum superis regionibus aeuum,
 Nulli te casus, nulla pericla manent.
 Caelestes superum sedes, stellantia caeli
 Claustra uides plantis inferiora tuis.

65

Viue ergo Elysiis, nostri non immemor, aruis:
Haec qui uerba iubet scribberre signat Amor.

*P. Ioannes da Rocha,
Quondam in Eborensi, Olysiponensi, in Conimbricensi Academia primarius
Rhetoricae professor*

Cartas de emigrantes: outra visão da emigração no distrito de Coimbra para o Brasil (1916)¹

Letters from emigrants: another view of emigration in the district of Coimbra to Brazil (1916)

MÁRIO JORGE MARTINHO DA COSTA

Professor do Agrupamento de Escolas de Marco de Canaveses

mariohistoriacosta@gmail.com

ORCID: 0000-0001-9077-471X

Artigo entregue em: 13 de julho de 2020

Artigo aprovado em: 17 de fevereiro de 2021

RESUMO

O artigo visa divulgar as cartas escritas pelos emigrantes enquanto fonte no estudo da problemática da emigração portuguesa. Na qualidade de prática comunicativa que liga o Brasil como país de chegada e o distrito de Coimbra enquanto unidade administrativa de partida, a análise de 59 cartas de 1915 e 1916 que se encontram no Arquivo da Universidade de Coimbra pensadas aos processos de passaportes revela a espantosa

¹ O presente artigo constitui uma versão aligeirada do quarto capítulo da tese de doutoramento em História intitulada *A emigração no distrito de Coimbra através dos registos de passaportes (1835-1918)*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto e defendida em 16 de janeiro de 2020. Aproveito, pois, para corrigir certos pormenores na referenciação documental e reforçar o que me pareceu outrora indispensável para um texto claro e explícito, isto é, a reprodução no original do discurso das cartas de emigrantes citadas.

visão da maneira de viver e de pensar a emigração para os seus protagonistas.

PALAVRAS-CHAVE: Emigração; distrito de Coimbra; cartas de emigrantes.

ABSTRACT

This article aims to disseminate letters written by emigrants as a source in the study of the issue of Portuguese emigration. As a communicative practice that connects Brazil as a country of arrival and the district of Coimbra as an administrative unit of departure, the analysis of 59 letters from 1915 and 1916 that are in the Archive of the University of Coimbra attached to the passport processes reveals the amazing vision of the way of living and thinking about emigration for its protagonists.

KEYWORDS: Emigration; district of Coimbra; letters from emigrants.

Introdução

No Prefácio à 1.^a edição de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, Fernand Braudel chama a atenção para a importância do espaço de âmbito geográfico na investigação *histórica ao asseverar que* “estas questões de enquadramento são as primeiras a porem-se-nos, e delas derivam todas as outras; delimitar é definir, analisar, reconstruir”². Porém, no processo de construção do conhecimento histórico, ao historiador importa que o espaço não seja apenas geográfico, mas, por exemplo, também social, para, desta forma, recuperar através dos estudos biográficos e topográficos, o papel de sujeito histórico ao nível individual ou coletivo³.

Aparentemente inócua, mas específica do processo emigratório, a carta era a representação escrita endereçada a familiares, parentes ou amigos com o propósito de os convidar ou convencer a emigrar. Além de diminuir os efeitos nocivos da saudade, permitia tomar conhecimento dos acontecimentos do frágil ecossistema deixado para trás e transmitir eco do novo mundo. Por intermédio dos seus protagonistas, vemos o desejo de reunificação familiar pela chamada das mulheres, filhos ou outros parentes, apresentado em discurso que denota baixa escolarização, mas, no qual, é possível polarizar a

² BRAUDEL, 1995: 22.

³ ALVES, 1988: 413-414.

problemática da emigração configurada em perspetiva qualitativa observada pelo ponto de vista dos protagonistas. A carta de um emigrante enquanto fonte do processo de pesquisa e construção históricas reúne um potencial

“evocativo e de fascínio de apelo excepcional, pelo simples fato de ser um documento privado e pessoal que, pelo menos virtualmente, nos transporta de improviso bem para o meio do evento emigração, permitindo-nos observar internamente alguns aspectos ou momentos, inclusive particularmente íntimos, sob o ponto de vista dos protagonistas”⁴.

1. Institucionalização e consolidação das cartas de emigrantes

Na segunda metade do século XIX, o desenvolvimento das estradas e caminhos de ferro, mas, também, dos principais portos marítimos permitiu o movimento de barcos movidos a vapor que originaram carreiras regulares entre os principais portos de Portugal com o exterior transformando o oceano Atlântico numa autoestrada, em particular com o Brasil. A par da circulação de mercadorias e passageiros, circulam as necessárias cartas de ordem, gênese das populares cartas de chamada ou cartas de emigrantes que, com visto consular, constituíam base legal no processo do reagrupamento familiar, em que mulheres casadas partiam para junto do marido, ou filhos menores partiam para junto do pai ou outros parentes⁵.

Afora as cartas de chamada ou cartas de emigrantes circulava outro tipo de correspondência trocada entre os emigrantes:

“cartas rituais (nas quais comunicam-se nascimentos, mortes, casamentos etc.), cartas informativas (nas quais transmitem-se notícias não rituais), cartas sentimentais (de amor, rompimento, de aspectos mais íntimos), cartas literárias (leitura pública, com interesses estéticos) e cartas de negócio e trabalho”⁶.

O período que abarca os séculos XIX e XX, entre a Revolução Liberal de 1820 e as duas primeiras décadas de 1900, corresponde à época por excelência da valorização da instrução pública como instrumento capaz de

⁴ CROCI, 2008: 14-15.

⁵ ALVES, 1993: 210.

⁶ THOMAS & ZNANIECKI, 1918-1920, citado em MATOS, 2017: 31.

dirimir o atraso de Portugal em relação à Europa pela formação de mão de obra capaz ao novo mundo do trabalho exigível pela revolução industrial. Perante as elevadas taxas de analfabetismo, a importância da escrita surge no âmbito do desenvolvimento do aparelho burocrático e administrativo do Estado e como fator de promoção social. Porém, no país real, a alfabetização não fazia parte das opções dos meios rurais.

Percebemos, assim, que a verdadeira idiosincrasia da alfabetização ocorre efetivada pela emigração. As famílias tinham consciência da importância da aquisição de conhecimentos de leitura, escrita e aritmética, necessários ao desempenho de atividades comerciais e fator promotor de sucesso no Brasil. Por isso, surge a necessidade de frequentar a escola e de adquirir conhecimentos em algumas matérias.

E quando esta massa de gente emigrava em busca do paraíso, havia a necessidade de manterem contacto com os familiares que ficaram em Portugal.

“As cartas são justamente o testemunho deste esforço, desta tarefa impossível: a busca constante para reconstruir, ou manter inalterado, através da escrita, aquilo que a emigração havia irremediavelmente interrompido ou modificado”⁷.

Apesar da prática das chamadas, o Brasil, apenas pelo Decreto n.º 9.081, de 3 de novembro de 1911, introduziu a obrigação da chamada para os maiores de 60 anos e os não aptos para o trabalho. Este documento deveria de demonstrar que a família estava disposta e capaz para a subsistência. Contudo, no diploma referido, o governo brasileiro legisla além do exposto e força os candidatos a obter o estatuto de emigrante a conseguir este documento. Na redação do artigo 5.º do decreto supracitado, comprometia-se a fornecer gratuitamente aos estrangeiros que pretendessem exercer a profissão de agricultores e que queiram fazer-se acompanhar da família ou chamados por familiares já com o estatuto de emigrantes no Brasil, passagens de 3.ª classe entre o porto de embarque até ao Rio de Janeiro ou outro porto brasileiro, apoio no desembarque de pessoas e bagagens com roupa, alimentação, tratamento médico e medicamentos, transporte até à estação ou porto de destino e isenção de direitos para bagagem, instrumentos agrícolas ou da sua profissão. E o artigo 18.º dava direito de preferência para o embarque nas companhias de navegação que houvessem firmado

⁷ CROCI, 2008: 17.

contratos com o Governo Federal, entre outros, com os chamados por parentes que se encontram estabelecidos no Brasil⁸.

Sobre os escritos dos emigrantes, no caso específico das populares cartas de chamada ou de emigrantes, Federico Croci diferencia dois grupos no que se refere à tipologia de documentos referentes à emigração italiana no estado de São Paulo: as cartas oficiais e as cartas privadas. As cartas oficiais são documentos redigidos em formulários nos consulados dos países interessados no estado de São Paulo. Por sua vez, as cartas privadas, são cartas manuscritas redigidas pelo familiar que se encontrava no Brasil e que o parente de partida da Itália trazia consigo como testemunho de alguém que o pudesse receber e manter⁹.

Em Portugal, pela forte influência na economia portuguesa das remessas que os emigrantes enviavam regularmente para as famílias, potenciando o crescimento e o desenvolvimento económico, mantendo, desta forma, forte ligação ao país e possibilitando o retorno, a lei portuguesa não permitia que as mulheres casadas e os filhos menores pudessem emigrar sem a autorização dos maridos e dos pais. Em torno das restrições legais, a mulher não era alvo da piedade das autoridades administrativas na concessão de passaporte. Esclarecedor a este respeito é o ofício da administração do concelho de Góis dirigido ao Governo Civil de Coimbra datado de 30 de outubro de 1896:

“Veio a esta administração uma mulher residente em um lugar desta freguesia, apresentando uma carta que afirma ter recebido do marido, que anda no Brazil, e o qual lhe diz que vá lha ter com elle e que leve em sua companhia um seu filho de 2 annos, e uma outra criança de 8 annos que aquella mulher já tinha ao tempo do casamento. A carta não é documento por onde possa provar-se a autorização do marido para a sahida da mulher e dos filhos menores, pois nem a letra pode ser do proprio, que não sabe escrever.

Nestes termos venho solicitar de V. Exa. se digne dizer-me se, apesar da falta de autorização legal do marido, posso ou devo mandar organizar o processo para a concessão de passaporte como a referida mulher deseja”¹⁰.

⁸ CROCI, 2008: 27-28; MATOS, 2012: 128.

⁹ CROCI, 2008: 25-26.

¹⁰ Arquivo da Universidade de Coimbra – Governo Civil de Coimbra, Mobilidade demográfica, Correspondência recebida (1888-1915), Caixa 135, Administração do concelho de Góis, 30 de outubro de 1896.

Por isso, nos processos de pedido de emissão de passaporte podemos encontrar a título excepcional, entre outros documentos, cartas endereçadas a elementos da família assumindo o desejo de os receber. Os interessados em se aproximarem dos seus familiares, deslocavam-se a um cartório e perante duas testemunhas reconheciam a legitimidade do signatário do documento.

Apenas com o Decreto n.º 7:427, de 30 de março de 1921, as cartas dos emigrantes como comprovativo de chamada serão substituídas por certificado emitido pelo posto consular do lugar de destino a atestar que são chamados pelos pais, mães, tutores ou irmãos do género masculino, maiores de vinte e um anos, para a companhia de quem se dirigem:

“o qual declarou, por esta bastante Carta de Chamada, autoriza a vir para a sua companhia as seguintes pessoas de sua família (...) e que o mesmo ‘chamante’ possui meios de fortuna para os sustentar (...) e tendo assinado termo de compromisso de sustento e repatriação das referidas pessoas”¹¹.

Apesar de na época as cartas dos emigrantes não desempenharem um papel na transmissão de uma imagem do fenómeno emigratório pelo registo dos laços afetivos que com dificuldade seriam exibidos publicamente, bastando na invasão do privado o olhar das entidades oficiais, a sua importância como fonte para o estudo da emigração deriva de circunstâncias várias: por nos aproximarmos sem sermos vistos e dar uma vista de olhos na geografia de família, compadrio e de vizinhança e observarmos fragmentos de histórias individuais e coletivas dos que partiram e dos que ficaram, do sonho e da esperança dos descontentes na busca de vida melhor em países que aparentemente tinham mais para oferecer; pela amplitude do texto, se encontrarem um conjunto de reflexões capazes de desfazer o carácter místico do regresso ou por se encontrarem satisfeitos com a nova situação ou pelo sentimento relacionado com o receio da condição de miséria que levavam; por tais reflexões constituírem a análise de situações concretas à agudeza do trabalho e da vida quotidiana dos emigrantes portugueses; o facto da natureza dos problemas discutidos e suscitados se revestirem de pertinência transcendente à época; o facto do ano de análise definido – 1916 – se encontrar revestido pelo primeiro conflito à escala mundial e como tal, de formas dramáticas da vida humana que encontram eco, mais ou menos explícito, no texto.

¹¹ Texto de formulário de carta de chamada, citado em SILVA, 2014: 66.

2. A identidade das cartas de emigrantes

Em que compulsar as cartas de emigrantes? As cartas podem ser localizadas entre o universo documental dos processos de pedido de passaporte.

O processo de pedido de passaporte era constituído pelo termo de identidade, no qual, confirmava-se a identidade do requerente, mencionando nome, filiação, freguesia e concelho de naturalidade, destino, abonador e testemunhas, data e assinaturas, certidão de nascimento, certidão com todos os antecedentes criminais e documento a atestar, à data da emissão, o cumprimento das obrigações militares enquanto cidadão nacional. Nalguns processos encontramos recibos de pagamento das viagens, nas candidatas a emigrante declaração a indicar o motivo ou motivos da viagem e cartas endereçadas por familiares ou amigos aos quais se pretendiam aproximar.

Deste imenso oceano de papéis, centrámos a nossa abordagem nos processos de pedido de passaporte para o Brasil no ano de 1916 localizados no universo do património arquivístico do Arquivo da Universidade de Coimbra. A opção no quadro temporal reside com a diminuição do fluxo emigratório por consequência do desenrolar da Primeira Guerra Mundial o que diminuiu a preocupação em compulsar de forma exaustiva os processos de pedido de passaporte na recolha documental e pelo reflexo da conjuntura nacional e internacional da entrada de Portugal na Grande Guerra à qual não terão ficado alheios os protagonistas deste estudo. Observámos aleatoriamente 59 cartas que podem ser consideradas de chamada. O número apresenta 58 cartas escritas por indivíduos do género masculino e 1 carta escrita por indivíduo do género feminino. O Anexo 1 apresenta a relação das cartas com a identificação da data, emissor, área de origem, destinatário e a data do pedido de passaporte.

2.1. A forma de escrita

Antes de procedermos à análise do conteúdo, iremos abordar a forma de escrita. Na investigação centrada na análise de cartas, correspondência e mensagens de portugueses localizadas no Memorial do Imigrante de São Paulo, antiga Hospedaria dos Imigrantes, no Arquivo Distrital do Porto e no Arquivo Distrital de Braga, Maria Izilda Santos de Matos observou que as cartas

“apresentam um português fonético, marcado pela oralidade, uso aleatório das maiúsculas e minúsculas, problemas ou falta de pon-

tuação, separação e/ou articulação indevida de palavras, troca de consoantes (v pelo b), expressões em desuso, o que dificulta a leitura e demonstra as dificuldades destes sujeitos históricos em manter a prática da escritura”¹².

Estas considerações são consagradas nas cartas de emigrantes da presente investigação.

A título de ilustração, apresentamos um fragmento da carta de Jorge de Souza dirigida à mulher:

“Inez hoze mesmo estou rrezolvido a altorizar atua biaje para bires para estas terras ce eu não poso mais estar so dezeija ce benhas para aminha companhia cazo ceiras vir eu te espero omais vrebe posibel eu não te espero carta esperote ati e ofilho”¹³.

Segundo a definição de Filippo Lussana, estamos perante cartas de iletrados¹⁴.

“É evidente que quem escrevia tinha bem pouca familiaridade com papel, caneta e tinteiro, por isso o exercício da escrita continuará a ser uma tarefa excessivamente trabalhosa, quase um esforço contra a natureza”¹⁵.

Realçamos, ainda, que as cartas não se apresentam datilografadas e são poucas as que possuem caligrafia de fácil compreensão.

Além da falta de tempo para exercitarem a leitura e a escrita, provocada pela absorção no exercício de atividade profissional, convém não esquecermos o nível mínimo de alfabetização destes emigrantes. Por isso, na procura em manter os laços afetivos, pois se o contacto regular não fosse mantido poderia levar ao desânimo e perda de interesse na vontade em descrever as novas

¹² MATOS, 2012: 124.

¹³ A referência documental da carta de emigrante far-se-á pelo seguinte modelo: indicação da entidade detentora da documentação = Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), o fundo em questão = Governo Civil de Coimbra relativo a Documentos de Passaportes (GCC/DP), o número de ordem da unidade de instalação (Caixa), a indicação do documento (Carta) a que se acrescenta o número do processo de pedido de passaporte e a data. AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de São Paulo, de 25 de junho de 1916, n.º 381, de 05/09/1916.

¹⁴ LUSSANA, s.d. [1913], citado em CROCI, 2008: 19.

¹⁵ CROCI, 2008: 19.

experiências de vida, é natural que os emigrantes procurem ultrapassar estes obstáculos apelando a outra pessoa que escrevesse a carta.

Voltando à escrita, as cartas dos emigrantes vêm o conteúdo enquanto autêntico confirmado por assinatura do escrevente. Contudo, a carta só assumia a característica de documento oficial, ou seja, só se tornava num dos papéis necessários para que a viagem se pudesse concretizar depois de observado o previsto na legislação. Isto é, o reconhecimento de assinatura da pessoa que escreveu. Para o efeito, a concretização acontecia num espaço livre da carta. Ou nas margens laterais, direita ou esquerda, ou na margem inferior, ou na margem superior, ou na página não escrita.

O reconhecimento era feito pelo notário. Se o notário tivesse documento no qual pudesse confirmar a autoria da assinatura ou da letra e assinatura, limitava-se a uma exposição, datada e assinada e com a assinatura do notário e anotação da data sobre as estampilhas fiscais.

Por exemplo: “Reconheço por similhaça a assignatura retro de Miguel dos Santos. Montemor o Velho, 1 de Março de 1916”¹⁶.

Quando o notário não tinha meio de reconhecer a assinatura do escrevente, pela ausência de documento capaz de confirmar a autoria, esse reconhecimento era feito com o recurso à presença de duas testemunhas de reconhecida idoneidade, devidamente identificadas pelo notário e que subscreviam através de breve declaração, datada e assinada, a veracidade da aposição do nome individual. Sobre cada estampilha fiscal, representativa da obrigação pecuniária, o notário assinava e colocava a data.

Exemplo concreto é a carta de António Marques da Cunha:

“Reconheço a assinatura desta carta por me certificarem as testemunhas que comigo assinam que é verdadeira. São Pedro d’Alva, dezoito de Fevereiro de mil novecentos e desaseis. Deste onze e meio centavos. Em testemunho da verdade”¹⁷.

Por vezes, surge o reconhecimento de letra e assinatura. A declaração é em tudo idêntica ao reconhecimento de cada assinatura, sendo apenas a referência à letra.

¹⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Santos, de 5 de outubro de 1915, n.º 214, de 02/03/1916.

¹⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio de Janeiro, sem referência à data, n.º 168, de 19/02/1916.

A carta de Álvaro Mendes expressa o exposto: “Declaramos que esta carta e escripta i assignada pelo proprio Albaro Mendes residente em Rio das Pedras da sidade do Rio de Janeiro, a quem conhecemos”¹⁸.

Na análise encetada às cartas dos emigrantes, foi possível gizar outra dinâmica. A carta escrita a pedido. Vejamos dois exemplos. No primeiro exemplo: “Reconheço a letra d’esta carta como sendo de Jose Gonçalves residente em Campinas (Brazil) que a escreveu a rogo de Manuel Gonçalves que e seu irmão”¹⁹.

No segundo exemplo, duas testemunhas declararam que a letra e assinatura não eram do próprio e que este havia solicitado o serviço de escrever a carta. As testemunhas declararam, ainda, ter conhecimento que este indivíduo mandou ir a mulher:

“Nós abaixo assinados declaramos que a presente carta foi mandada escrever por aquele que faz como seu sinatario – Raul Fernandes Lamas, casado, trabalhador, do logar do Carapinhal, freguezia de Miranda do Corvo, e hoje ausente no Brazil, e isto o declaramos porque temos conhecimento de que o mesmo Raul Fernandes Lamas mandou ir sua mulher Ana Augusta Lamas para sua companhia”²⁰.

Com efeito, no cumprimento do previsto na lei, o notário reconheceu as assinaturas das testemunhas.

Perante a situação exposta, a comparação do nome nos livros de registo de passaportes levou-nos a concluir da partida sem grau de instrução²¹. Estamos na presença de uma situação de analfabetismo declarado. O emigrante não sabe escrever, mas a necessidade de comunicar com a família obrigou ao recurso de mediador, podia ser familiar ou amigo, conhecido ou alguém que escrevia cartas para analfabetos, como gesto solidário ou em troca de determinado favor.

No quadro de certificação notarial da autoria da assinatura, quem são as testemunhas que abonavam a favor da autenticidade da assinatura do autor da carta? Não é possível, com facilidade, responder a esta pergunta.

¹⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio das Pedras, de 17 de março de 1915, n.º 88, de 28/01/1916.

¹⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Campinas, de 12 de dezembro de 1915, n.º 225, de 08/03 de 1916.

²⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Campinas, de 17 de outubro de 1916, n.º 579, de 17/11/1916.

²¹ Arquivo da Universidade de Coimbra – Governo Civil de Coimbra, Registo de passaportes, Livro 214, fl. 38, n.º 451.

Por isso, entrando no campo da conjectura, as duas testemunhas que abonavam a favor da assinatura do escrevente da carta poderiam ser ou personalidades escolhidas pelos destinatários das cartas, quem sabe os escreventes das cartas de resposta ou indivíduos que gravitavam em volta do cartório e por causa do grau de alfabetização se prontificavam para autenticar a letra e a assinatura de qualquer indivíduo, em troca de gratificação, apesar de, na maior parte dos casos nem sequer conhecerem os autores das cartas e não raras as vezes reconhecerem a autenticidade da assinatura de alguém que recorrera a outrem para a escrever²².

Na análise às cartas de emigrantes, além das dificuldades em matéria de correção linguística e a falta de domínio dos mecanismos de coesão e coerência textual, notamos a marca de analfabetismo, no provável recurso a modelo estabelecido para escrever uma carta pela expressão escrita se apresentar com alguma criatividade.

Por exemplo de cartas escritas fazendo o mais que provável uso de modelo estabelecido, serve a carta mandada escrever por Manuel Gonçalves ao irmão José Gonçalves – “Minha querida mulher do meu coração. Com muito gosto mandei lançar a mão a pena para saver da tua perfeita saude a sim como das nosas meninas”²³; e, a carta de Manoel Carvalho – “Minha querida mulher com muito gosto e alegria mandei pegar a mão a pena sómentes para saber da tua istimada e bóa saude”²⁴.

Ante os indivíduos cujo analfabetismo não é declarado, os registos de passaportes não permitem perceber se estamos diante de indivíduos cujo domínio da expressão escrita pressupõe a planificação, redação e revisão da produção textual com maior ou menor grau de dificuldade ou se a aprendizagem da escrita se resume à produção do próprio nome.

De caráter interpessoal, as cartas de emigrantes deveriam de expressar reciprocidade, ou seja, respostas à escrita. Nesse sentido, pesa a fragilidade sobre a periodicidade da correspondência por denúncia de quase completa ausência de dados.

Contudo, por vezes, transpareceram lamentos pela quebra do equilíbrio formal estabelecido. Referimos Jeremias Seco que ante a lamúria da mulher por não receber cartas dele há, pelo menos, nove meses, insinua que apesar da

²² SILVA, 2014: 65-66.

²³ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Campinas, de 12 de dezembro de 1915, n.º 225, de 08/03/1916.

²⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta sem referência ao local de origem, de 13 de março de 1916, n.º 281, de 18/04/1916.

vontade em o fazer, nunca mais recebeu cartas dela sem saber o motivo²⁵. Ou José Fernandes que através de enunciada desculpa, se justifica com a falta de oportunidade para responder às cartas da mulher sob o pretexto de mudança de lugar²⁶. Ou Adolfo Nunes Martins, para lá dos motivos que considera legitimadores em não responder a duas cartas remetidas pela mulher, importa mencionar a sucessão temporal em que as recebeu: 8 de janeiro e 24 de janeiro. É oportuno registrar que não respondeu à primeira carta por se encontrar à espera de resposta a outra carta e não respondeu à segunda carta pela dificuldade em cumprir o trajeto a pé entre o local em que se encontrava e a cidade de Campinas. Apenas quando recebeu no dia 3 de fevereiro terceira carta, que, segundo ele, lhe vai desafogar no coração paixões e saudades, decidiu responder à mulher²⁷.

Por sua vez, António Gomes Ferreira, considera que se a mulher tivesse recebido a carta enviada em novembro, já estaria perto de desembarcar²⁸. Mencionamos a evidente amargura de Manuel Gomes André no atraso na recepção de cartas, situado em 25 a 28 dias, por causa da guerra²⁹. Por último, Manuel Rodrigues Carregã expressou na carta remetida à mulher desculpas por esta se encontrar tanto tempo sem receber cartas, apoiando-se como justificativo na deslocação de África para o Brasil com o propósito de melhorar a situação financeira³⁰.

2.2. A estrutura composicional

Quanto à estrutura composicional, as cartas dos emigrantes, escritas em papel simples, em papel de carta ou em papel de carta timbrada com logótipo de empresas, possuem modelo delineado muito provavelmente recuperado da correspondência erudita e adaptado ao dizer popular³¹.

²⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Santos, de 5 de setembro de 1916, n.º 545, de 30/10/1916.

²⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Maxambomba, de 27 de agosto de 1916, n.º 502, de 16/10/1916.

²⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Campinas, de 6 de fevereiro de 1916, n.º 257, de 14/03/1916.

²⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Cândido Rodrigues, de 16 de janeiro de 1916, n.º 258, de 14/03/1916.

²⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de São Paulo, de 31 de agosto de 1916, n.º 554, de 04/11/1916.

³⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Cataguases, de 20 de janeiro de 1916, n.º 234, de 10/03/1916.

³¹ SILVA, 2014: 60.

As cartas analisadas obedecem à seguinte estrutura: identificação do local em que foi escrita e a data, a invocação, a abertura, o conteúdo e o formulário de saudação, a assinatura do remetente e o pós-escrito.

2.2.1. O local e a data

A importância da referência ao local e à data é fator de contextualização do assunto às dimensões do espaço e do tempo. O local e a data surgem, na quase totalidade das cartas, na primeira linha, alinhando o texto à direita. Não encontramos referências à realidade exposta em sete cartas.

2.2.2. A invocação

Na invocação, os destinatários identificados são familiares e amigos. Encontramos a esposa (52), a irmã (1), a mãe (1), o amigo (1), o amigo e compadre (1), o cunhado (1), o padrinho (1) e o pai (1).

As palavras utilizadas demonstram certa intimidade e emoção, quer se trate da esposa, com expressões como: “Minha querida mulher”, “Minha querida mulher do meu coração”, “Minha querida esposa” ou “Minha esposa”, aparecendo, por vezes, a simples enunciação do nome – “Albertina”, “Júlia”, “Maria” – ou o recurso ao adjetivo “Querida” antes de declarar o nome – “Querida Maria” –, de um amigo – “Sr. Manoel, saúde e felicidades”, de um amigo e compadre – “Saudações, amigo e compadre”, a um cunhado – “Cunhado e amigo” –, à mãe – “Minha mãe muito estimo” –, ao padrinho – “Padrinho muito estimo” – e ao pai – “Meu querido pai”.

2.2.3. A abertura

Na abertura observamos a formulação de discurso pragmático e interativo no qual o remetente começa por expressar votos de saúde ao destinatário para de seguida estender a outros parentes. Ao mesmo tempo manifesta o estado de saúde, o sentimento de saudade, as desculpas pela demora na resposta a uma carta ou a ausência ou a indicação de ter recebido carta. De seguida, apresentamos quatro excertos representativos do exposto.

Manoel Carvalho escreve à mulher:

“Com muito gosto e alegria mandei pegar a mão a pena sómente para saber da tua istimada e bóa saude igualmente de noça mãe i de toda a noça família que a minha a té a data de hoje é boa graças a Deus para sempre”³².

Citamos Humberto Almeida Pinto:

“Muita estima a tua saude assim como de toda a família eu felizmente bem já fas tempo que não recebo carta tua não sei o motivo porque tu deichas de escrever de serto queres faser como eu mas na te debes regular por mim porque nem sempre tenho bagar”³³.

Em Luís Quintino:

“Maria ca resebi a tua estimada carta í nella vi tudo cuanto tu me mandastes dizer u que eu mais estimei foi de tu ficares de saude a mais a minha filhinha que eu i o Antonio andamos na forma do costume”³⁴.

Por último, José Fernandes:

“Com muito praser mandei lançar a mão a penna somente para saber da tua importante e feliz saude em companhia de nössas mininas que a minha ão presente eu fico bom felismente eu Augusta peço-te desculpa por te não ter respondido as tuas cartas de vido eu mudar de lugar que eu já não istou no mesmo lugar”³⁵.

2.2.4. O conteúdo

O conteúdo é a parte mais extensa do corpo da carta. Basicamente, o escrevente apela para que um ou mais membros da família se vão reunir a

³² AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta sem referência ao local de origem, de 13 de março de 1916, n.º 281, de 18/04/1916.

³³ AUC – GCC/DP, Caixa, 683, carta de Santos, de 26 de março de 1916, n.º 350, de 06/07/1916.

³⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta do Rio de Janeiro, de 21 de julho de 1916, n.º 428, de 11/09/1916.

³⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Maxambomba, de 27 de agosto de 1916, n.º 502, de 16/10/1916.

ele. Além deste apelo, encontramos nalgumas cartas, ainda que de forma ambígua, discussões em torno do regresso, não só pela eventual aquisição de propriedade, mas, também, pelo drama de não querer regressar à aldeia, na qual a vida não era assim tão má, pela ausência do tão esperado sucesso. "(...) por enquanto não posso ir para ahí sem acabar a empreitada que tomei de café e só daqui a 4 anos é que vae finda (...)"³⁶, escreveu Manuel Simões Sérgio à mulher.

Por sua vez, José Maria Correia, fortemente condicionado pelas dificuldades que se encontrava a viver no Brasil, solicita à mulher que vá para ter com ele e leve o filho pois "só assim nós tornaremos a ver que eu a Portugal não vou máis hogue estou dezenganádo de ahí voltar mas com isso eu pouco me emcomódo"³⁷.

Ao mesmo tempo, a gestão do património a deixar na terra de origem pela alienação ou outros modos de rentabilização. Destacamos a carta de Augusto Lima. Este emigrante apresenta à mulher formas eficazes de lidar com os vários interesses. Apresentamos o seguinte excerto:

"Agora vou explicarte o que eu quero que faças, caso recebas esta carta a tempo, convem deixares procuração ao tio João da Cruz e ao meu primo José Cluna procuração sufessiente para eles poderem vender a hora que eu daqui mandar ordens para isso, porque não sabemos a que avemos de chigar. Peçote que não vendas a louça fina deixa ella encaixotada e tras uma relação das peças que deixas, assim como goardar os livros e papeis de importância que eu tenho ahí; o quadro da primeira missa dita no Brasil daras elle ao meu primo José Cluna, porque foi pedido que elle me fez ainda eu estava ahí"³⁸.

As cartas trocadas entre o emigrante e a sua família expressam as relações familiares. Havia maridos que manifestavam preocupação pela saúde dos pais: "Tens sabido dos meus paes? Vão veem de saude?"³⁹, indagou Francisco Cardoso Marques. Outros maridos reclamavam o conhecimento

³⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Santos, de 24 de agosto de 1916, n.º 513, de 19/10/1916.

³⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Roque, de 5 de setembro de 1916, n.º 542, de 27/10/1916.

³⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Luíz Pinto, de 15 de agosto de 1916, n.º 512, de 19/10/1916.

³⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Manaus, de 16 de setembro de 1916, n.º 567, de 11/11/1916.

pelo falecimento de um ente querido. É o caso de Francisco Almeida: “já tinha sabido pelos nossos vizinhos triste notícia do falecimento de minha mãe”⁴⁰. Encontramos maridos que também são filhos com escritos apaziguadores para atraírem elementos da família. Alfredo da Silva Sampaio procurou preparar a mãe para nova experiência, a mudança:

“Minha mãe que eu lhe peço para não se afligir e que trate de se ir conformando para a viagem porque também lá não fica demora mais uns meses mas também nem se Deus quiser. Deves dar a minha mãe 6 000 reis para a sepultura de minha irmã que so agora é que podem ir”⁴¹.

Determinados maridos demonstraram a existência de conflitos familiares tendo como principal mote a emigração. Consideramos José Duarte Correia: “Muito obrigado a teu pai que não quiz ser fiador pençava que eu não lhe pagava. Ainda tenho mais para te mandar se for preciso”⁴². Já outros maridos procuravam resolver conflitos conjugais dificultados pelo distanciamento. É o caso de Manuel Gomes André perante as queixas da mulher que se sentia desprezada:

“Eu sei bem, que tu, tens razão, em estares muito magoada com muitas coisas que ahi te disseram, porem, mais tarde verás, quem te merece mais confiança, se sou eu, ou se é quem te disse essas coisas. Não faças conta d’essas loucuras, e lembra-te sempre, que o teu marido, hade ser sempre aquilo que deve ser, e não velhaco como alguém te queira mostrar”⁴³.

Preocupado com boatos que pudessem desonrar a família, António da Costa declarou de forma assertiva:

“Anna determinante que não quero que o teu subrinho entre em minha casa durante toudo o tempo que voçez ahi estiverem e a

⁴⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de São Paulo, de 4 de abril de 1916, n.º 409, de 24/08/1916.

⁴¹ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de São Paulo, de 5 de outubro de 1916, n.º 580, de 18/11/1916.

⁴² AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Niterói, de 25 de junho de 1916, n.º 451, de 21/09/1916.

⁴³ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de São Paulo, de 31 de agosto de 1916, n.º 554, de 04/11/1916.

sinhora Zulmira que trate de ser maes dada ao respeito que não quero namoros ahi ella tem muito tempo a inda de namorar e de se cazar”⁴⁴.

Apesar de todos os esforços de aproximação pela exaltação das virtudes do Brasil com o propósito de convencer a pessoa chamada a aceitar a partida e, desta forma, promover a reunificação familiar, por vezes, alguns emigrantes não hesitavam em intervir junto das mulheres para que os filhos seguissem viagem quando estivessem criadas condições para evitar a hipótese de fracasso. Observamos os testemunhos de António Abrantes e José Carvalho, na devida ordem: “as piquenas é conveniente ficarem ai por enquanto entregues à avó”⁴⁵ e “já não quero que tragas nenhum filho porque a qui quanto maior é a família maior é a desgraça”⁴⁶.

Outros manifestam o perfil de crédito e confiança e as transferências de dinheiro necessárias no processo de aquisição de passaportes. Alguns maridos, por cuidado ou desconfiança perante a forma como as mulheres poderiam lidar com o dinheiro, solicitavam o recurso a intermediários com a garantia de posterior encaminhamento da quantia despendida. Neste contexto, consideramos António Marques da Cunha: “pede o dinheiro ao Sr. José Morgado que depois se manda”⁴⁷. Outros maridos manifestavam confiança na gestão do dinheiro pela mulher. O primeiro exemplo é Alfredo da Silva Sampaio que escreveu: “envio numa letra de 5 0000 mils reis fortes para tratares de tirar passaporte”⁴⁸. O segundo exemplo é António da Costa pela liberdade concedida à mulher na providência do dinheiro necessário na aquisição do passaporte e no tratamento da documentação:

“se intenderes que é maes depressa vai ter com o Antonio Jorge de Óliveira a Candoza que te empreste o dinheiro e que te emsine as voltas que ades dar para arranjares os papeis que eu lhe pago a

⁴⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Niterói, de 14 de setembro de 1916, n.º 602, de 24/11/1916.

⁴⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta do Rio de Janeiro, de 28 de setembro de 1916, n.º 585, de 21/11/1916.

⁴⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta do Rio de Janeiro, de 13 de maio de 1916, n.º 337, de 17/06/1916.

⁴⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio de Janeiro, sem referência à data, n.º 168, de 19/02/1916.

⁴⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de São Paulo, de 5 de outubro de 1916, n.º 580, de 18/11/1916.

elle logo que ca chegues eu lhe mando o dinheiro a elle logo arrangalo o mas brebe possivel"⁴⁹.

Alguns emigrantes mandavam recomendações sobre a dinâmica da viagem transatlântica e a existência de uma rede de solidariedade na partida e na chegada. De uma forma geral, os homens partiam primeiro. Por isso, quando escreviam com o propósito de atrair os familiares, vemos declaradamente nas instruções relativas à viagem, o testemunho reconhecido de quem já havia passado pela experiência. Sobre a travessia vale a pena ressaltar os testemunhos das dificuldades enfrentadas por Manoel Carvalho e José Rodrigues dos Santos. Manoel Carvalho lembrou a fome que se passava a bordo e a possibilidade de serem tomados pelo enjoo: "compre umas latas de atúm i trragam frutas que podem enjuar na biagem"⁵⁰. Por sua vez, José Rodrigues dos Santos observou a importância da qualidade dos vapores na travessia do Atlântico e a importância de uma rede de solidariedade na chegada a Lisboa nas orientações de embarque:

"Escolhe um vapor que seja bom pois mais vale dar mais alguma coisa de que vir n'algum carregueiro que demora 22 a 25 dias em cima d'agua (...) Mando-te aqui junto um cartão do Hótel de Lisboa a quem deves escrever trez ou quatro dias antes de embarcares na Mealhada afim de te esperár quando chegares a Lisboa e não te perderes por lá"⁵¹.

De Bernardo da Silva Costa consideramos os laços de solidariedade na chegada ao Brasil. Preocupado, por alguma razão, não poder esperar a mulher no porto de Santos, indicou os procedimentos a tomar:

"Quando tu chegares a Santos o desembarcar ce eu la não estiver tu tira passagem para São Paulo se tiveres de ficar alguma noite em S. Paulo não te asustes porque us donos dos ó theis emcinão tudo como cedeve faser e tiras passagem de S. Paulo"⁵².

⁴⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Niterói, de 14 de setembro de 1916, n.º 602, de 24/11/1916.

⁵⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta sem referência ao local de origem, de 13 de março de 1916, n.º 281, de 18/04/1916.

⁵¹ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de São José do Rio Pardo, de 27 de março de 1916, n.º 329, de 09/06/1916.

⁵² AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Inácio Uchôa, de 25 de janeiro de 1916, n.º 231, de 09/03/1916.

Quando falamos em redes de solidariedade que funcionam como correia de transmissão no processo emigratório, favorecendo, desta forma, a saída, devemos, obrigatoriamente, referir o envolvimento de familiares, amigos e conterrâneos. O testemunho de Manuel Ribeiro é paradigmático do papel de conterrâneos no favorecimento das saídas e, desta forma, na promoção do reforço dos laços familiares:

“mandar-me para a minha companhia a minha filha Aida que ai está em seu poder veja se me a pode mandar em companhia da Maria Ribeiro do Seixo que me disseram que ela vem para aqui”⁵³.

Outros, mais pragmáticos, não deixavam de apresentar as oscilações e a situação económica nacional e do Brasil. Desta forma, faziam prolongar o tempo para a chamada. Abílio Cortez testemunha a pouca disponibilidade financeira dos emigrantes:

“Maria do Rozario eu tencionei mandarte vir para aqui mas como esta muito caro o cambio eu fis contratado com nosso primo Antonio Maria para elle té abonar 100.000 mil reis digo seis mil reis”⁵⁴.

Manuel Gonçalves ilumina bem as dificuldades causadas pela Primeira Guerra Mundial com o agravamento dos problemas financeiros do país pelo crescimento do défice público e da dívida do Estado: “eu sei que as couzas aqi estão ruiz mas segundo se consta as cosas ahi a inda estão piores”⁵⁵.

Por vezes, emerge um estado de pobreza declarado pelo desmoronar da utopia em relação à vida e ao trabalho. Alguns emigrantes escreviam aos familiares desalentados com a situação encontrada no Brasil. Viviam desanimados e consideravam as possibilidades de progresso nulas. É os casos de Augusto da Silva Campos: “Olympia estou a trabalhar na fazenda do Snr. Dr. Samuel Saul, em Bragança como operario mas pobre”⁵⁶, e, de Miguel

⁵³ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Paulo, de 3 de junho de 1916, n.º 440, de 18/09/1916.

⁵⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta sem referência ao local de origem, sem referência à data, n.º 363, de 22/07/1916.

⁵⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Campinas, de 12 de dezembro de 1915, n.º 225, de 08/03/1916.

⁵⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Bragança, de 10 de julho de 1916, n.º 410, de 24/08/1916.

dos Santos: “vêija que eu e escusado mi matar que à minha sorte não é nenhuma o que siadé de fazer esperrasi pare ella”⁵⁷.

Outros, tranquilizavam a partida com trabalho garantido e a aquisição do tão almejado sucesso. Havia emigrantes que viam no Brasil o progresso e até descreviam os sucessos alcançados e empoleirados na tão sonhada prosperidade chamavam os familiares. É interessante observarmos António Maria Lemos: “Maria José o mais depressa que possas que as machinas já estão compradas e nos comessemos a trabalhar no dia 1 de julho pois não te demor muinto que fazes muinta falta”⁵⁸, e, António Gomes Ferreira:

“pessote que venhas o mais depressa pucivel porque eu estou atrapalhado com tanto serviço tanho a fazenda toda cheia de milho e feijão e 8 mil pés de café, já vese que para mim sozinho é muito serviso, e eu não posso estar a pagar a trabalhadores”⁵⁹.

Na carta de António Marques da Cunha vemos o desejo do marido de aproximar a mulher com a garantia de trabalho: “Cá estou em caza do Senhor Francisco Morgado e elle me disse que te perguntasse se qrias vir para caza delle a servir”⁶⁰.

Ainda nessa vontade firme de alcançar rápida projeção económica e social, Manuel Rodrigues Carregã a trocar a África pelo Brasil:

“Florência desculpa em estares tanto tempo sem carta minha foi causado pela viagem de Africa para Cataguazes, pois eu ja andava a muito tempo para fazer esta viagem, porque os negócios lá não me corriam bem e por isso resolvi a sair para o Brazil”⁶¹.

Alguns emigrantes mandavam a descrição para aquisição e transporte de bens que aparentemente não se encontram no país de destino ou são de

⁵⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Santos, de 5 de outubro de 1915, n.º 214, de 02/03/1916.

⁵⁸ AUC – GCC/ILFS/DP, Caixa 683, carta de São Paulo, de 21 de julho de 1916, n.º 362, de 22/07/1916.

⁵⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Cândido Rodrigues, de 16 de janeiro de 1916, n.º 258, de 14/03/1916.

⁶⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio de Janeiro, sem referência à data, n.º 168, de 19/02/1916.

⁶¹ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Cataguazes, de 20 de janeiro de 1916, n.º 234, de 10/03/1916.

qualidade inferior ou encontram-se encarecidos. José Fernandes instou a mulher a levar sementes de boa qualidade germinativa:

“Quando vieres trazeme a bga do loreiro mas trazeme mesturada com areia dentro de uma caixinha destas de pu traz semente de cuve glega e de cve mabia e de nabos e de tôdas as couves de ba cualidade e sementes de alfices de tôdas irvilhas e favas”⁶².

Manoel Lus Fernandes pediu para a mulher comprar roupa branca por ser mais barata: “compra lhe roupa branca com fartura porque ella aqui e muito cara”⁶³. Francisco Dias exigiu para a mulher trazer o cordão e dois anis de ouro, a mquina de p e as roupas de cama e de vestir:

“e não benhas sem o teu cordão que eu te prometi e um anel de ouro e um anel para mim que sirva no teu dedo mais grosso traz a tua machina de p que aqui são caras e tu pressisas della trz toda a roupa de vistir e de cma e não compres roupa bem comprar aqui se for periso”⁶⁴.

A emigrao ocorria em contexto familiar econmico-financeiro desfavorecido. Ora, o quadro familiar efetivamente precrio  consonante com a ida para o Brasil para a aquisio de meios capazes de rpida promoo social. E para trs deixam situao socialmente humilhante. Joaquim Oliveira Dias quando assumiu a atrao do irmão, solicitou  me modo de tornar a pobreza: “Comprelhe uns sapatos não muito caros que aqui são lhe pouco presisos e um fato que não venha a parer mal e um chapau”⁶⁵.

Por ltimo, os ecos da Primeira Guerra Mundial. Manoel Carvalho, receando o perigo da travessia do Atlntico após a oficializao da beligerncia entre a Entente e as Potncias Centrais insta a mulher e a sogra a deslocarem-se em vapor da Mala Real Holandesa pela segurana oferecida por navio pertencente a pas que não se encontrava diretamente

⁶² AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Maxambomba, de 27 de agosto de 1916, n.é 502, de 16/10/1916.

⁶³ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta da Bela Vista, de 5 de dezembro de 1915, n.é 215, de 03/031916.

⁶⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Itirapina, de 19 de setembro de 1916, n.é 551, de 02/11/1916.

⁶⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Par, de 18 de junho de 1916, n.é 389, de 11/08/1916.

envolvido no conflito: “Se vocês viérem iscolham o bapor da Mala Rial Hólandezza que é o melhor para fazer a viagem porque não anda em guerra”⁶⁶.

2.2.5. A saudação

O formulário de saudação ocupa a parte final da carta e nele encontramos um conjunto de expressões reveladoras da afetividade e da saudade não só entre os interlocutores, na quase totalidade a esposa, mas, socorrendo-se do destinatário, a ligação a outros familiares, tais como, pais, filhos, irmãos, padrinhos, sogros, tios, compadres, ou ainda, a pessoas estranhas à família, nomeadamente, amigos, vizinhos e conhecidos. De notar que a esposa é quase sempre a última a ser mencionada.

Alguns registos das palavras utilizadas pelos emigrantes para terminarem as cartas. Por exemplo, Júlio Simões Danário:

“Com isto não te masso mais da recomendações ao teu pae e mãe e irmãs e irmãos e dá vazitas ao compadre Pernas e familia e dá vazitas o compadre Ega e familia e dá vazitas a quem por mim praguntar e dá mil veijo e abraço d’os meu filho e as minhas para contigo só vista terá d’este teu marido”⁶⁷.

Em José Maria Correia:

“Por hoge é só péço-te que dez muitas lembranças a meus páes e a teu tambem e a meus e teus irmãos e conhádos e sobrinhos e a quem por mim te próguntár e tu de mim recebe muitas saudádes para ti e para nósso querido filho deste teu marido que bem te quer por muitos annos e bons”⁶⁸.

⁶⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta sem referência ao local de origem, de 13 de março de 1916, n.º 281, de 18/04/1916.

⁶⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Paulo, de 17 de agosto de 1916, n.º 500, de 16/10/1916.

⁶⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Roque, de 5 de setembro de 1916, n.º 542, de 27/10/1916.

2.2.6. O pós-escrito

O pós-escrito, sem cariz de obrigatoriedade na estrutura da carta, apresenta-se, em teoria, para registar algo relevante que o escrevente não abordou na descrição do conteúdo:

- i) a indicação para o transporte de determinados bens. José Alves instou a mulher para não esquecer a encomenda da Sara⁶⁹;
- ii) situação legal e a identificação da beneficiária da carta. Em documento privado, Augusto Francisco Germano testemunhou o formulário burocrático da emigração: “faço sientos todos que esta lerem fiquem se que esta é a minha esposa Julia Conceição Lourença ferguezia de Semide concelho de Miranda do Corvo Destrito de Coimbra”⁷⁰;
- iii) informações precisas e completas sobre a localização física do escrevente:

“Quando estiver proximo a sair fala para te tirassem a minha direção mas bem tirada que não tenha erro i trala cenpre contigo que ela ahi vai bem explicada Bernardo da Silva Costa Estado de S. Paulo Linha de Araraquara Estação de Ignacio Uchôa”⁷¹;

- iv) o desejo de reunião familiar. José Maria Teixeira demonstrou o sentimento de saudade pela mulher ao escrever: “Espero que venhas o mais breve possivel”⁷². Por sua vez, Francisco Cardoso Marques delegou na mulher o sonho de aproximar o filho: “Se entenderes que deves trazer o nosso filho José traz”⁷³;
- v) famílias separadas e o desejo de bem-estar. As palavras de Adolfo Nunes Martins explicitam que a ausência de correspondência regular numa família marcado pela emigração não é desculpa para a indiferença nas questões familiares: “Eu estou empregado com uma filha do João

⁶⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 680, carta de São Paulo, de 22 de novembro de 1915, n.º 16, de 07/01/1916.

⁷⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta de Santos, de 13 de dezembro de 1915, n.º 101, de 02/02/1916.

⁷¹ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Inácio Uchôa, de 25 de janeiro de 1916, n.º 231, de 09/03/1916.

⁷² AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Niterói, de 8 de março de 1915, n.º 253, de 13/03/1916.

⁷³ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Manaus, de 16 de setembro de 1916, n.º 567, de 11/11/1916.

- Lopes do Franco ela ouviu dizer que a mãe d'ela que tinha morido ela me pediu para eu te dizer para mandares dizer se e verdade"⁷⁴;
- vi) as remessas e os ecos da Primeira Guerra Mundial. Luís Quintino apresentou o envio dos recursos para os familiares que permaneceram em Portugal e percebeu-se o interesse em conhecer as aventuras e desventuras dos parentes deixados num continente em guerra: "mandame dizer si aresebestes 10/000 reis i alguma cousa da guerra"⁷⁵;
- vii) o papel da família no processo emigratório e a despedida a Portugal. António Simões Aniceto ressaltou o papel dos recursos financeiros no processo emigratório. Ou seja, a possibilidade de parte do dinheiro remetido para a família ser utilizado para os parentes que pretendiam atingir o Brasil: "Dis a Meo Pai par te acompanhar a Lisboa e pagalhe as Despezas que elle fizer e Dis a Deos a Portugal por 10-15 Anos"⁷⁶.

3. O outro lado das cartas de emigrantes. Algumas considerações

As cartas de emigrantes permitem analisar, por vezes, e contra todas as expectativas, pormenores de acontecimentos quotidianos absolutamente banais. Neste sentido, partindo da família se encontrar no centro da reflexão, tentamos desmontá-la e analisar alguns dos aspetos das relações familiares do contexto em que se desenvolvem. Não são apenas exemplos, mas, nas linhas que se seguem, isto significa, porém, que a vida familiar não surge desligada da vida religiosa e de funções educativas e de assistência.

3.1. O agrupamento de cartas

Nas cartas de emigrantes em estudo ou por economia de tempo na recolha, transporte e distribuição de correspondência ou pela crítica situação financeira do escrevente ou por desconhecimento do endereço postal do destinatário, observamos o agrupamento de cartas noutras cartas. Se estamos perante indivíduos que não pertencem ao núcleo familiar, mas são detentores de perfil

⁷⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Campinas, de 6 de fevereiro de 1916, n.º 257, de 14/03/1916.

⁷⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta do Rio de Janeiro, de 21 de julho de 1916, n.º 428, de 11/09/1916.

⁷⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Paulo, de 23 de agosto de 1916, n.º 467, de 23/09/1916.

de crédito capaz de abonar a viagem de partida, é dado a conhecer no conteúdo da carta que esta surge acompanhada de outra missiva com destinatário e propósito próprio. Como exemplo, temos na carta de Abílio Cortez, endereçada à esposa, Maria do Rosário, a indicação de outra carta destinada a Luiz Augusto Leite para que este possa abonar a viagem da esposa⁷⁷.

Se se trata de elemento pertencente à família, as palavras que lhe são dirigidas podem encontrar-se no conteúdo da carta ou em espaço disponível depois da assinatura. Na carta de Bento Nunes da Silva remetida à esposa Maria do Rosário encontramos umas palavras dirigidas ao primo Alípio dos Santos para que este auxilie Maria do Rosário a tratar da documentação necessária para a viagem, dê ajuda na obtenção de alguns bens solicitados e a acompanhe a Lisboa. Além do quadro apresentado, coloca ao corrente do primo, para que este possa receber o dinheiro no Banco, o erro no nome executado pela instituição bancária no Brasil⁷⁸.

3.2. As relações familiares

Nas palavras endereçadas a elementos da família nuclear, encontramos em algumas cartas a precariedade das relações familiares. Na carta que José Maria Correia escreveu à mulher Maria da Conceição Cruz para na companhia do filho se reunirem a ele, o escrevente dirige algumas palavras ao filho para que este solicite ao avô paterno pequena esmola, não para si, mas, para ajuda no pagamento da viagem ou se o entender a paga da viagem. Será os bens herdados e o pai pode continuar a afirmar que não o considera filho e os irmãos podem ficar descansados que este não irá pedir herança com partilhas. Considerando-se alguém que veio ao mundo para sofrer, atravessou o Atlântico para nunca mais regressar⁷⁹.

As cartas de emigrantes escritas na quase totalidade para mulheres, exprimem a ênfase da dominação que suportava a relação entre os dois géneros na qual à mulher era reservado o papel de obediência. Apesar da mulher trabalhadora por um salário ganhar proeminência no século XIX, como agricultora, trabalhadora, fiadeira, costureira, paliteira ou criada domés-

⁷⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta sem local de origem, sem referência à data, n.º 363, de 22/07/1916.

⁷⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Colina, de 15 de julho de 1916, n.º 413, de 26/08/1916.

⁷⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Roque, de 5 de setembro de 1916, n.º 542, de 27/10/1916.

tica, contribuindo, desta forma, para o sustento da sua família, continua evidente o ganho do sustento da família reservado ao homem. Por isso, é visível no quadro da emigração familiar o homem ter seguido viagem em primeiro, e quando conseguia reunir condições para custear as despesas decorrentes da viagem, ou tomava consciência da dificuldade em adquirir meios de subsistência, procurava proteger os laços familiares convocando as mulheres, as mulheres e os filhos ou os filhos a se juntarem a ele.

Assim se explica o estilo autoritário e persuasivo inscrito em muitas cartas de emigrantes. A utilização de frases com verbos conjugados no modo imperativo, afirmativo ou negativo, sublinha a análise: arrenda, vende, dispõe, vem, compra, traz, pede, não esqueças, não deixes.

Nesse sentido, está presente no discurso dos escreventes a defesa do estatuto de total submissão da mulher? Consideramos estar perante a conformidade. A aceitação dos papéis atribuídos pela sociedade ao homem e à mulher. Sem dúvida, os escreventes são provenientes de país de atividade agrícola e de educação deficiente e em cuja sociedade se encontra interiorizado o arquétipo de inferioridade da mulher sucessivas vezes reafirmado pela religião inspirada em discursos provenientes de uma época. Por isso, é digna de nota a aceitação, não por completa, da paridade na tomada de decisão da mulher em assumir o dinamismo de se aproximar dos maridos. Manifesta, ainda, apesar da incansável alusão ao que devem fazer, a polidez de espírito no qual podemos ler nas entrelinhas da arte de amar, manifestações de ternura e de bondade.

A carta de José Alves escrita à mulher, Maria da Conceição, revela singular compreensão. Apesar de exprimir a vontade pela aproximação da mulher, dá-lhe liberdade para continuar em Portugal, caso seja esta a vontade⁸⁰.

Também não poderíamos deixar de sublinhar as palavras de José Rodrigues. Numa carta de qualidade humana excepcional, testemunho raro sobre a tragédia da morte do filho, é lugar para os afetos e a compreensão:

“a noca fraca sorte por nos morrer o noço menino mas que ade agente fazer açorte assim permitiu olha Maria não dezanimes porico confortate e distrai porque nos tãobém abemos de morrer tu faz porte esquecer que eu tão bém faço o mesmo. (...) Se te axas com forcas para bires beim”⁸¹.

⁸⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 680, carta de São Paulo, de 22 de novembro de 1915, n.º 16, de 07/01/1916.

⁸¹ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Santos, de 4 de julho de 1916, n.º 396, de 18/08/1916.

Por fim, registamos as confissões de amor traduzidas por:

- i) José Maria Teixeira – “E tu recebe saudades sem fim deste teu marido que a vida te deseja por longos annos e felizes são os votos deste que é e será sempre o mesmo teu marido”⁸²;
- ii) António Gomes Ferreira – “recebe deste teu marido milhares de beijos e abraços”⁸³;
- iii) Augusto da Silva Campos – “Dá muitos beijos e abraços nos nossos filhos, e para ti só a vista terão fim. Deste que é teu marido do coração”⁸⁴.

Paralelamente, apontamos o fraco relacionamento entre o pai e os filhos. Precocemente separados, o pai é figura longínqua, enquanto a mãe, sempre presente, assegura a influência na educação dos filhos. As cartas de emigrantes atestam que quando os recursos familiares não permitiam que acompanhassem a mãe na aproximação ao marido, outros elementos da família substituem os progenitores ausentes. Tendo em ordem as situações operadas: a avó⁸⁵ e a avó paterna⁸⁶.

Com efeito, importa recordar que muitas partidas surgiram impelidas pela esperança de melhorar a sorte, de encontrar trabalho e ganho. E muitas vezes, quando as condições para ultrapassar o limiar da miséria não estavam reunidas, torna-se preferível não chamar os filhos para os ver desesperados e condenados a ganhar salários de fome e a viverem numa relação de precariedade habitacional e familiar.

Um esclarecimento. A presença de referências à relação com a habitação é insignificante. Com efeito, a relação casa-família aparece referenciada em duas cartas no revelar de situações em que os maridos informam a mulher de terem casa preparada para as receber. “Eu já tenho a casa feita quando

⁸² AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Niterói, de 8 de março de 1915, n.º 253, de 13/03/1916.

⁸³ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Cândido Rodrigues, de 16 de janeiro de 1916, n.º 258, de 14/03/1916.

⁸⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Bragança, de 10 de julho de 1916, n.º 410, de 24/08/1916.

⁸⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta do Rio de Janeiro, de 28 de setembro de 1916, n.º 585, de 21/11/1916.

⁸⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta do Rio de Janeiro, de 13 de maio de 1916, n.º 337, de 17/06/1916.

tu vieres”, escreveu Joaquim dos Santos⁸⁷ ou “já tenho casa alugada”, testemunhou Antônio Simões Aniceto⁸⁸. Perante os casos evocados, desconhecemos se estamos, verdadeiramente, perante uma casa ou outro local habitado e a forma de ocupação, a área útil e o número de divisões, os materiais utilizados na construção e a existência de sistema de esgotos e água canalizada e quais os encargos financeiros devido à aquisição ou arrendamento.

Retomando os laços familiares. Por isso, quando o contexto financeiro permitia, o pai procurava aproximar a mulher e os filhos. Através do escrito nas cartas de emigrantes, consideramos o referenciado em 37 situações.

Um conjunto de cartas de emigrantes revela outras situações. Em primeiro lugar, a aquisição de meios de subsistência ousa que o pai faça o esforço por aproximar os filhos. Manoel Luiz Fernandes escreve à esposa para que envie o filho Laurentino o mais breve possível dada a falta que faz para o desempenho de atividades devidamente delineadas⁸⁹. Outra situação. Manoel de Oliveira Pinhal, preocupado pelo afastamento não permitir o acompanhamento da educação das filhas Maria e Deolinda, manifesta ao amigo e compadre, Manoel da Costa Alegria, a possibilidade de o acompanharem para o Brasil⁹⁰. Devemos sublinhar a pressão exercida por José Policarpo da Costa, também conhecido por José da Costa, para a mulher enviar o filho Nuno com o propósito de ajudar na resolução de problemas financeiros⁹¹. Por fim, o testemunho de José Dias de Almeida. A ida ao Brasil do filho José não se apresenta como possibilidade de obter riqueza material, mas a oportunidade de fugir ao estado de pobreza em que vive a família⁹².

Os pais emigraram e quando conseguiram alcançar a tão desejada estabilidade financeira fazem o esforço de aproximar os filhos que ficaram sob a batuta de outros elementos da família. A carta que Manuel Ribeiro escreveu ao pai Adelino Domingues Cainé, a pedir o envio da filha Aida na

⁸⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Inácio Uchôa, de 8 de julho de 1916, n.º 498, de 16/10/1916.

⁸⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Paulo, de 23 de agosto de 1916, n.º 467, de 23/09/1916.

⁸⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta da Bela Vista, de 5 de dezembro de 1915, n.º 215, de 03/03/1916.

⁹⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Uberaba, de 10 de junho de 1916, n.º 405, de 21/08/1916.

⁹¹ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta do Rio de Janeiro, de 14 de agosto de 1916, n.º 449, de 20/09/1916.

⁹² AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Manaus, de 17 de setembro de 1916, n.º 593, de 22/11/1916.

companhia de uma mulher do concelho que se prepara para partir⁹³. Ou a carta de Adelino Rodrigues Alves a seu cunhado José d'Almeida atesta a solicitação do envio do filho para junto dos pais com instruções precisas do *modus operandi*⁹⁴.

Por vezes, outras figuras masculinas substituem o pai na saída, porventura falecido. Observamos Joaquim Oliveira Dias a assumir o dinamismo de atração ao convocar por intermédio da mãe, o irmão António⁹⁵.

3.3. A religião, a saúde e a educação

Mas que dizer da religiosidade dos emigrantes? No Portugal abrangido pelo catolicismo, aos olhos do Homem, o diabo era o grande inimigo. Por isso, a fé em Deus era moldada de tenra idade. Havia que ser bom cristão. Para tal, enquanto crianças frequentam a catequese para adquirirem certo número de preceitos, definidos pela Igreja. Movidos pelo amor a Deus, impõe-se participar na santa Missa cada domingo e nas festas de preceito, receber a sagrada Comunhão, ao menos pela Páscoa, e abster-se de praticar pecados. Quando não acontece, a Igreja determina diligente exame de consciência.

É esta a espiritualidade que marcou os homens e mulheres a quem coube emigrar. Praticavam a oração? Veneravam santos e acreditavam nos milagres? Na vida quotidiana debatiam-se anjos e demónios? Celebravam determinadas festas litúrgicas – como o Natal e a Páscoa? E em que circunstâncias? Promoviam as festas religiosas e romarias que pudessem decorrer nos concelhos de origem? Não há dúvida que as respostas a estas perguntas não as encontramos nas cartas de emigrantes.

Tudo isto não significa, porém, que o sentimento de religiosidade seja completamente desligado da vida do emigrante. Em geral, as cartas de emigrantes reproduzem fórmulas de tratamento onde estados emocionais de devoção estão presentes. Evidentemente, as palavras nas cartas, não são indicadores por si só do seu grau de vínculo religioso, apesar de exprimirem o agradecimento a Deus pela saúde, esse bem precioso do ser humano, e que Ele a faça brotar nos entes queridos:

⁹³ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de São Paulo, de 3 de junho de 1916, n.º 440, de 18/09/1916.

⁹⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Monte Redondo, de 5 de setembro de 1915, n.º 244, de 11/03/1916.

⁹⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Pará, de 18 de junho de 1916, n.º 389, de 11/08/1916.

- i) carta de Domingos Serrano – “Muito estimo que esta carta te vá encromtrar de saude mais as noças filhas que eu vo vem graças a Deus.”⁹⁶;
- ii) carta de Manoel Borges Miranda – “Muito estimo que continuem de saude que eu vou bom graças a Deus”⁹⁷;
- iii) carta de Álvaro Mendes – “Eu fico bôm graças a Deus para sempre”⁹⁸.

As cartas de emigrantes também dão forma à doença. As linhas escritas por Francisco Antunes não definem a doença da qual padece nem ilustram as causas. No entanto, o modo como este emigrante interpretou o seu estado de saúde, certifica-o a procurar ajuda junto da mulher, Maria da Glória Prata, ao considerar a sua deslocação com a maior brevidade possível⁹⁹.

As questões educativas estiveram presentes nas cartas de emigrantes. Na realidade, a crença ilimitada nas potencialidades da escola como modo de preparação para a vida futura no mundo exterior. Preocupado pelo destino que a filha Albertina seguiria e manifestando a perceção que a debilidade da alfabetização em relação aos emigrantes representava a reduzida possibilidade de mobilidade social, assistimos nas palavras de José Carvalho à mudança significativa desta visão. Manifesta a ideia elevada acerca das responsabilidades do pai na formação da futura mulher por insistir que fique por Portugal e aprenda a ler e a escrever e desenvolva competências para costurar¹⁰⁰.

Própria dos estratos sociais mais baixos, este modelo de educação baseada na necessidade futura de desempenhar uma profissão permitia a aquisição das competências necessárias ao desempenho de atividade profissional e maneira de sustentar-se e à família caso ficassem desamparadas por morte do pai ou marido. Observamos, ainda, José Dias de Almeida. Ao querer a aproximação do filho José, lamenta à mulher a hipótese de sair para o Brasil sem que fizesse o segundo exame¹⁰¹.

⁹⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Santos, de 10 de abril de 1916, n.º 316, de 20/05/1916.

⁹⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 680, carta de Guimarães, de 25 de outubro de 1915, n.º 11, de 04/01/1916.

⁹⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio das Pedras, de 17 de março de 1915, n.º 88, de 28/01/1916.

⁹⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio Claro, de 8 de dezembro de 1915, n.º 39, de 15/01/1916.

¹⁰⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta do Rio de Janeiro, de 13 de maio de 1916, n.º 337, de 17/06/1916.

¹⁰¹ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Manaus, de 17 de setembro de 1916, n.º 593, de 22/11/1916.

3.4. A dinâmica das viagens

Quanto ao retorno, as cartas de emigrantes não revelam a intenção do regresso definitivo e não permitem desenvolver a ideia de os objetivos traçados terem sido atingidos ou se foram reformulados passando pelo alargamento da permanência na terra de chegada e quem sabe a fixação definitiva de residência.

Observamos que as cartas de emigrantes expressam a ideia que o retorno se apresenta como objetivo sem o significado da partida pela chamada formal feita a elementos da família.

Neste sentido, é interessante analisar a liberdade concedida pelo marido para a sua mulher administrar os bens. Assim sendo, a autorização para se desfazer dos bens, deixa transmitir o desejo de não querer regressar à terra. Pelo contrário, o consentimento de venda parcial de bens e a solicitação de familiares para administrarem a parte sobrança ou a administração total indicia a possibilidade do regresso. Em alguns casos, a opção de venda de parte dos bens surge como forma de conseguir o dinheiro necessário ao pagamento da viagem. Estão nesta linha as cartas de José Fernandes e Manoel Augusto Moreira. Para José Fernandes, a ausência de capacidade financeira para custear a viagem da mulher, leva a escrever-lhe pedindo que disponha dos terrenos de cultivo e dos terrenos ocupados com floresta pelo melhor preço e o dinheiro que faltar deve pedir emprestado. Comunica, também, que desistiu da ideia de comprar determinadas courelas na terra natal e que a mulher deve entregar aos donos as terras arrendadas¹⁰². Manoel Augusto Moreira ao pedir que a mulher vá na companhia do filho recomenda que deixe tudo arrendado a alguém que não seja preguiçoso¹⁰³.

No seguimento do exposto, visionamos mecanismos possibilitadores da viagem. Se pequenos proprietários agrícolas podiam contar com bens para financiar os seus projetos de emigração, de saída e quem sabe de retorno, outros tinham a preocupação de recorrer a fontes de financiamento.

Por vezes, o pagamento da viagem era efetuado pelos familiares no local de destino ou pela família no ponto de origem. Se a viagem havia sido paga por familiares do concelho de naturalidade, os primeiros salários eram destinados ao pagamento do empréstimo. José Dias mandou letra de 3.500 réis para o padrinho tratar da documentação necessária para que a mulher e as

¹⁰² AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Maxambomba, de 27 de agosto de 1916, n.º 502, de 16/10/1916.

¹⁰³ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta da Vila Americana, de 20 de junho de 1916, n.º 364, de 22/07/1916.

filhas pudessem ir para o Rio de Janeiro e pediu que adiantasse a quantia em falta que depois pagava o empréstimo¹⁰⁴. António José Caetano Santos, por não possuir os meios financeiros para a mulher ir para o Brasil, insiste para que junto do pai dele, peça a quantia necessária para custear a viagem¹⁰⁵.

Às vezes, na preparação da viagem podia surgir o apoio direto de vizinhos, amigos ou abonadores ligados a uma rede de recrutamento de emigrantes. Por isso, a devolução da importância utilizada no processo de obtenção de passaportes tornava-se na principal e única meta do emigrante. António Marques da Cunha insta a mulher a pedir o dinheiro necessário ao processo de preparação da viagem a José Morgado com a garantia de devolução da quantia emprestada¹⁰⁶. Não nos é possível identificar se a personalidade referida era agente do sistema, quer se apresente como aliciador, engajador ou fiador. Noutra caso, a mais que provável situação financeira crítica e o desejo da presença da mulher levou António Carvalho a pedir com insistência a arranjar fiador¹⁰⁷.

Se tivermos presente a ideia que são mulheres que partem ou filhos menores que as acompanham, o apoio da família podia surgir no encargo de tratar da passagem pela dificuldade de virem a desenvencilhar-se da burocracia agravada pelos baixos índices de alfabetização. Mediante pagamento, Jorge de Souza pede à mulher para se deslocar a casa do tio para tratar dos papéis¹⁰⁸ ou *pro bono*, Raul Fernandes Lamas solicita que a mulher peça ajuda ao pai para lhe tratar da passagem¹⁰⁹.

Porém, a situação de Abílio Cortez¹¹⁰ é interessante por apresentar o cenário de atuação para a obtenção do passaporte baseado em três grupos: um centrado na família, outro em elemento estranho à família e o terceiro, no agente de emigração. No primeiro grupo, vemos a atuação de familiares quando comunica à mulher o recurso ao crédito junto do primo António Maria

104 AUC – GCC/DP, Caixa 680, carta do Rio de Janeiro, de 17 de outubro de 1915, n.º 15, de 06/01/1916.

105 AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Santos, de 17 de janeiro de 1916, n.º 220, de 04/03/1916.

106 AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio de Janeiro, sem referência à data, n.º 168, de 19/02/1916.

107 AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Santos, de 20 de janeiro de 1916, n.º 218, de 04/03/1916.

108 AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de São Paulo, de 25 de junho de 1916, n.º 381, de 05/08/1916.

109 AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Campinas, de 17 de outubro de 1916, n.º 579, de 17/11/1916.

110 AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta sem referência ao local, sem referência à data, n.º 363, de 22/07/1916.

em 6 000 réis. Depois, informa a mulher que segue outra carta e que a deve levar a Luiz Augusto Leite para que este lhe possa dar o dinheiro necessário para a viagem. Por último, pede que se desloque ao escritório da agência de António Fernandes na Rua do Corvo, em Coimbra, para tratar da passagem.

Eram poucos os que podiam custear a viagem da mulher e dos filhos. É os casos de Bernardo da Silva Costa que enviou letra de 100 000 réis para custear as despesas da mulher¹¹¹, de Raul Fernandes Lamas que cambiou 100 000 réis para a mulher tratar da passagem¹¹² e de Alfredo da Silva Sampaio que enviou letra de 50 000 réis para a mulher tratar da passagem¹¹³. Curiosa é a atitude de Adelino Rodrigues Alves e de Manoel Raposeiro. O primeiro, requereu ao cunhado e amigo, abono ao filho José Martins Alves com a promessa de lhe mandar o dinheiro necessário com a maior brevidade¹¹⁴. O segundo, sem justificação, precisou à mulher para pedir o dinheiro necessário para ir e só quando se encontrar no Brasil, tratava de pagar¹¹⁵. Neste caso, como em outras situações, não é revelada a situação financeira de quem está a fazer o esforço para aproximar a família. Por isso, é de equacionar a possibilidade da viagem estar a ser custeada por quem o contratou para trabalhar e até o valor custeado estar pago, seja efetuado o desconto no salário.

Através da análise das cartas de emigrantes não nos é possível aclarar o papel dos agentes de emigração no processo emigratório. Ou seja, em que estendiam a atividade e como atuavam. Sabemos da sua importância como intermediários no tratamento da documentação para cumprir os requisitos exigidos para ser autorizada a saída.

Contudo, muitos emigrantes valiam-se de outros intermediários para os ajudar a emigrar. Manoel do Nascimento ao tomar conhecimento da intenção de Manoel Pinheiro emigrar na companhia da mulher, escreveu a rogar-lhe para ajudar a mulher a tratar da documentação necessária para sair do país e que a acompanhe na viagem¹¹⁶.

¹¹¹ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Inácio Uchôa, de 25 de janeiro de 1916, n.º 231, de 09/03/1916.

¹¹² AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Campinas, de 17 de outubro de 1916, n.º 579, de 17/11/1916.

¹¹³ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de São Paulo, de 5 de outubro de 1916, n.º 580, de 18/11/1916.

¹¹⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Monte Redondo, de 5 de setembro de 1915, n.º 244, de 11/03/1916.

¹¹⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta da Ilha Grande de Paraná, sem referência à data, n.º 260, de 16/03/1916.

¹¹⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Jaboticabal, de 7 de julho de 1916, n.º 464, de 23/09/1916.

Além do caso de Abílio Cortez, referida anteriormente, e considerando as cartas de emigrantes analisadas, encontramos na carta de António Gomes Ferreira a informação em que a mulher, ao embarcar no porto de Leixões, teria previamente de se deslocar 15 dias antes da partida ao escritório da agência no Porto para levantar o bilhete¹¹⁷ ou na carta de Joaquim Oliveira Dias que solicitou à mãe a aquisição de passagem para o irmão António de Oliveira numa agência da província por serem vendidas a preços mais convidativos¹¹⁸.

Quanto ao transporte de emigrantes, na carta dirigida à mulher, Joaquim Rodrigues pede que embarque no vapor *Garôna* com destino a Novo Horizonte¹¹⁹. Este indivíduo não apresenta elementos clarificadores da abordagem anunciada.

Após o embarque e a instalação a bordo, o emigrante enfrentava a primeira etapa rumo ao desconhecido, a travessia do Atlântico. As referências diretas à viagem fazem alusão à possibilidade de ocorrerem enjoos ou sentir fome e aos lucros ilícitos provenientes do roubo. A sensibilidade de alguns escreventes para estes problemas do aparelho digestivo, procurando antecipar surpresas ou momentos menos felizes que pudessem ocorrer, aconselham os familiares a levar géneros alimentares: café, açúcar, pão, maçãs, laranjas, limões, peros, linguiça, azeitonas, cebolas, latas de atum e carne da bexiga. Sobre o desejo de alcançar riqueza fácil pela conquista de bens alheios, é exemplar o testemunho de Francisco Dias, em que aconselhou a mulher a transportar o cordão de ouro junto dos seios e a não andar sozinha no vapor para evitar ser roubada pelos homens do mar¹²⁰.

Perante homens e mulheres habituados a trabalhar, como foi passado a bordo o tempo livre? Estariam condenados a penosa ociosidade? Que distrações existiam a bordo? As cartas de emigrantes compulsadas não permitem responder a estas perguntas.

No entanto, como facilmente se compreenderá, apesar das dificuldades surgidas na travessia do Atlântico, a vida a bordo destes emigrantes deverá ter sido pautada pelo ânimo de quem busca vida nova, pela confiança de quem pensa mudar radicalmente a vida, pela ambição de quem pretendia vencer a pobreza, prosperar, enriquecer e regressar à terra natal abastado.

¹¹⁷ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta de Cândido Rodrigues, de 16 de janeiro de 1916, n.º 258, de 14/03/1916.

¹¹⁸ AUC – GCC/DP, Caixa 683, carta de Pará, de 18 de junho de 1916, n.º 389, de 11/08/1916.

¹¹⁹ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Novo Horizonte, de 10 de julho de 1916, n.º 473, de 03/10/1916.

¹²⁰ AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Itirapina, de 19 de setembro de 1916, n.º 551, de 02/11/1916.

Ao mesmo tempo, júbilo por reencontrarem os familiares e lágrimas pelo que deixaram e que provavelmente não tornarão a ver.

Nas cartas de emigrantes assumiu um significado especial o transporte de bens. Além de força de trabalho, os emigrantes transportavam os já referidos bens suscetíveis de satisfazerem determinada necessidade a bordo, roupas de cama, íntimas, camisas e camisolas, sementes de plantas classificadas de vigorosas pela qualidade de produtividade e joias em metal nobre. Destacamos o cordão e consideramos anéis e brincos. Encontramos a saudade de reencontrar o sabor tradicional dos alimentos da terra pela solicitação de queijo da serra da Estrela e de enchidos, o pedido de talheres – facas, garfos e colheres – e louças para a cozinha. A solicitação do revólver é o que se afasta do habitual.

Quanto ao desembarque, a imagem veiculada pelas cartas de emigrantes é escassa e centra-se em recomendações, provavelmente, baseadas na experiência de chegar a país desconhecido. As referências ao cumprimento das formalidades legais ou à inspeção sanitária são inexistentes.

As recomendações deixam ver a existência de uma rede social de solidariedade entre familiares, amigos ou conhecidos quando é pedido que escrevam atempadamente a informar da data da chegada do vapor para que possam esperá-los.

Em certos casos, porém, a impossibilidade de os esperar apresenta a importância das redes sociais de solidariedade na formação destes fluxos emigratórios. O caso de Teresa da Conceição, mulher de Bernardo da Silva Costa, apresentado neste capítulo, ilustra este padrão de comportamento.

A corrente emigratória, como vimos no capítulo anterior, era constituída, maioritariamente, por homens jovens. Por vezes, também viajavam famílias, mulheres sozinhas ou com os filhos ou outros elementos da família que se iam aproximar dos seus familiares. As cartas de emigrantes compulsadas mostram a preocupação de alguns destes emigrantes ao se esforçarem por aproximar outros elementos da família que estes viajassem acompanhados. É os casos de Manoel Luiz Fernandes¹²¹ e de José Dias de Almeida¹²² que solicitaram às mulheres para indagar se vai alguém de confiança que possa acompanhar os filhos, do pedido de Manuel Ribeiro, atrás referido, para o pai Adelino Domingues Cainé enviar a filha Aida pela Maria Ribeiro

¹²¹ AUC – GCC/DP, Caixa 682, carta da Bela Vista, de 5 de dezembro de 1915, n.º 215, de 03/03/1916.

¹²² AUC – GCC/DP, Caixa 685, carta de Manaus, de 17 de setembro de 1916, n.º 593, de 22/11/1916.

do Seixo e de Maria da Conceição a atrair a irmã, Carmina da Conceição, para que acompanhe a Patrícia do Lúcio também Patrícia de Jesus¹²³.

No que toca às mulheres, encontrámos maridos extremosos que pedem para não viajarem sozinhas, fazendo-se acompanhar de familiares que estão num projeto de reemigração ou por familiares ou amigos. Álvaro Mendes pede à mulher para acompanhar o cunhado Fonseca que regressa em janeiro ou fevereiro após breve retorno à terra natal¹²⁴. João da Maia Aveiro insta a mulher a procurar companhia para a viagem e diz que é preferível esperar mais uns dias se tiver pessoa de confiança que a acompanhe a vir sozinha¹²⁵. Manuel Gomes age da mesma maneira¹²⁶. O esforço de aproximação ao marido deve ser feito se encontrar boa companhia para a viagem. Pediu que confirmasse a partida de Manuel Carpinteiro e a possibilidade de o acompanhar.

Considerações finais

Os estudos que têm por temática a emigração portuguesa para o Brasil constituem uma fonte inesgotável de reflexões influenciadas por distintos percursos metodológicos.

Nesta perspetiva, a correspondência trocada entre o emigrante e os familiares ou amigos que permaneciam na terra de origem e que funcionava como documento de autorização para emigrar permite incursões substantivas no estudo dos movimentos emigratórios.

Nesse sentido, a descrição de acontecimentos mínimos, entrecruzam-se em dados e informações com claro valor factual para a investigação da temática que importa identificar e, se possível, interpretar.

A ênfase colocada na presente análise fornece outra imagem do fluxo emigratório. Assim, as cartas de emigrantes que excepcionalmente podiam integrar os processos de pedidos de passaporte e são parte dos fundos do Arquivo da Universidade de Coimbra permitem captar fragmentos de histórias contados com as palavras dos próprios protagonistas. Das preo-

¹²³ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Santos, de 27 de julho de 1916, n.º 440, de 18/09/1916.

¹²⁴ AUC – GCC/DP, Caixa 681, carta do Rio das Pedras, de 17 de março de 1915, n.º 88, de 28/01/1916.

¹²⁵ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Santos, de 11 de julho de 1916, n.º 420, de 02/09/1916.

¹²⁶ AUC – GCC/DP, Caixa 684, carta de Castro, de 24 de julho de 1916, n.º 496, de 14/10/1916.

cupações e emoções de homens e mulheres, das suas aspirações e projetos de vida, dos planos de retorno e processos de rutura psicológica com o local de origem resultou um quadro de investigação em que no tecido reflexivo a exemplificação com fragmentos de cartas procura evidenciar a relevância desta fonte para o estudo concreto da emigração. Desta forma, o quadro construído torna mais viva a leitura do movimento emigratório.

A esfera familiar está no centro da reflexão em torno da qual se articula a emigração. As cartas permitem traçar as relações familiares entre o homem que por tradição emigra e a família nuclear ou simples, constituído pela mulher e filhos e numa perspetiva funcional, outras relações de parentesco e de vizinhança. A esta abordagem está ligada a alteração da estrutura afetiva pela gestão da saudade e a explicitação do papel da mulher na forma como são apresentadas ferramentas para avaliar e controlar adequadamente os bens patrimoniais ou tratar da sua alienação ou na gestão do dinheiro necessário para a aquisição de passaporte. Neste sentido, importa sustentar que o texto ilustra que nem sempre os laços de família eram felizes e os conflitos familiares recorrentes. Entrevemos nalgumas cartas conflitos conjugais dificultados pelo distanciamento e em que por vezes pairava a dor da infidelidade ou por conflitos familiares provocados pela ausência de apoio para a emigração. Por sua vez, no reagrupamento familiar, concebido pela existência de um plano emigratório individual, em que primeiro ocorreu a saída de um elemento do núcleo e só quando criadas as condições de instalação, se assiste à partida de outros membros da família, por vezes, os emigrantes que não dispõem de meios económicos ou proteção familiar revelam outro aspeto, não menos relevante, adiar a companhia da restante família.

Outros aspetos das vivências dos emigrantes são revelados pelas cartas. O reconhecimento dos benefícios da instrução, as transferências de moeda, a preparação da viagem com a memória coletiva da perigosidade da navegação e o emergir dos perigos da atividade marítima durante a Primeira Guerra Mundial e a mobilização de familiares nesse projeto, tanto na área de partida, como na de chegada, pela construção de uma arquitetura de redes de solidariedade.

Concluindo, as cartas de emigrantes são uma fonte repleta de informações que demonstram a coexistência do universo privado e único dos emigrantes do distrito de Coimbra no Brasil e da respetiva realidade temporal. E, por consequência, também um maior conhecimento sobre a história da emigração portuguesa.

ANEXO 1 – Relação das cartas de emigrantes

Data	Emissor	Área de origem	Destinatário	Pedido de passaporte
08-03-1915	José Maria Teixeira	Niterói	Esposa	13-03-1916
17-03-1915	Álvaro Mendes	Rio das Pedras	Esposa	28-01-1916
05-09-1915	Adelino Rodrigues Alves	Monte Redondo	Cunhado	11-03-1916
05-10-1915	Miguel dos Santos	Santos	Esposa	02-03-1916
10-10-1915	José Dias	Rio de Janeiro	Padrinho	06-01-1916
25-10-1915	Manoel Borges Miranda	Guimarães	Esposa	04-01-1916
22-11-1915	José Alves	São Paulo	Esposa	07-01-1916
05-12-1915	Manoel Luiz Fernandes	Bela Vista	Esposa	03-03-1916
08-12-1915	Francisco Antunes	Rio Claro	Esposa	15-01-1916
12-12-1915	Manuel Gonçalves	Campinas	Esposa	08-03-1916
13-12-1915	Augusto Francisco Germano	Santos	Esposa	02-02-1916
16-01-1916	António Gomes Ferreira	Cândido Rodrigues	Esposa	14-03-1916
17-01-1916	António José Caetano Santos	Santos	Esposa	04-03-1916
20-01-1916	António Carvalho	Santos	Esposa	04-03-1916
20-01-1916	Manuel Rodrigues Carregã	Cataguases	Esposa	10-03-1916
25-01-1916	Bernardo da Silva Costa	Inácio Uchôa	Esposa	09-03-1916
06-02-1916	Adolfo Nunes Martins	Campinas	Esposa	14-03-1916
13-03-1916	Manoel Carvalho	Não refere	Esposa	18-04-1916
26-03-1916	Humberto Almeida Pinto	Santos	Esposa	06-07-1916
27-03-1916	José Rodrigues dos Santos	São José do Rio Pardo	Esposa	09-06-1916
04-04-1916	Francisco Almeida	São Paulo	Esposa	24-08-1916
10-04-1916	Domingos Serrano	Santos	Esposa	20-05-1916
13-05-1916	José Carvalho	Rio de Janeiro	Esposa	17-06-1916
03-06-1916	Manuel Ribeiro	São Paulo	Pai	18-09-1916

10-06-1916	Manoel de Oliveira Pinhal	Uberaba	Amigo e Compadre	21-08-1916
18-06-1916	Joaquim Oliveira Dias	Pará	Mãe	11-08-1916
20-06-1916	Manoel Augusto Moreira	Vila Americana	Esposa	22-07-1916
25-06-1916	José Duarte Correia	Niterói	Esposa	21-09-1916
25-06-1916	Jorge de Souza	São Paulo	Esposa	05-08-1916
04-07-1916	José Rodrigues	Santos	Esposa	18-08-1916
07-07-1916	Manoel do Nascimento	Jaboticabal	Amigo	23-09-1916
08-07-1916	Joaquim dos santos	Inácio Uchoa	Esposa	16-10-1916
10-07-1916	Augusto da Silva Campos	Bragança	Esposa	24-08-1916
10-07-1916	Joaquim Rodrigues	Novo Horizonte	Esposa	03-10-1916
11-07-1916	João da Maia Aveiro	Santos	Esposa	02-09-1916
15-07-1916	Bento Nunes da Silva	Colina	Esposa	26-08-1916
21-07-1916	António Maria Lemos	São Paulo	Esposa	22-07-1916
21-07-1916	Luís Quintino	Rio de Janeiro	Esposa	11-09-1916
24-07-1916	Manuel Gomes	Castro	Esposa	14-10-1916
27-07-1916	Maria da Conceição	Santos	Irmã	08-09-1916
14-08-1916	José da Costa ou José Policarpo da Costa	Rio de Janeiro	Esposa	20-09-1916
15-08-1916	Augusto Lima	Luiz Pinto	Esposa	19-10-1916
17-08-1916	Júlio Simões Danário	São Paulo	Esposa	16-10-1916
23-08-1916	António Simões Aniceto	São Paulo	Esposa	23-09-1916
24-08-1916	Manuel Simões Sérgio	Santos	Esposa	19-10-1916
27-08-1916	José Fernandes	Maxambomba	Esposa	16- 10-1916
31-08-1916	Manuel Gomes André	São Paulo	Esposa	04-11-1916
05-09-1916	Jeremias Seco	Santos	Esposa	30-10-1916
05-09-1916	José Maria Correia	São Roque	Esposa	27-10-1916
14-09-1916	António da Costa	Niterói	Esposa	24-11-1916
16-09-1916	Francisco Cardoso Marques	Manaus	Esposa	11-11-1916
17-09-1916	José Dias de Almeida	Manaus	Esposa	22-11-1916
19-09-1916	Francisco Dias	Itirapina	Esposa	02-11-1916

28-09-1916	António Abrantes	Rio de Janeiro	Esposa	21-11-1916
05-10-1916	Alfredo da Silva Sampaio	São Paulo	Esposa	18-11-1916
17-10-1916	Raul Fernandes Lamas	Campinas	Esposa	17-11-1916
Não refere	António Marques da Cunha	Rio de Janeiro	Esposa	19-02-1916
Não refere	Manoel Raposeiro	Ilha Grande de Paraná	Esposa	16-03-1916
Não refere	Abílio Cortez	Não refere	Esposa	22-07-1916

Fonte: AUC – GCC/DP, 1916: Caixas 680 a 685.

Fontes manuscritas

1. Arquivo da Universidade de Coimbra

1.1. Fundo do Governo Civil de Coimbra

1.1.1. Mobilidade demográfica

Correspondência recebida, 1888-1915: Caixa 135.

Registo de Passaportes, 1835-1918: Livro 214.

Documentos de Passaportes, 1916: Caixas 680 a 685.

Bibliografia citada e consultada

ALVES, Jorge Fernandes (1988) – Operários para França e Inglaterra (1914-1918): experiências da emigração portuguesa intra-europeia. *Revista da Faculdade de Letras: História*, vol. 5, p. 317-336.

ALVES, Jorge Fernandes (1993) – *Os Brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: Universidade do Porto (tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentada à Universidade do Porto).

ALVES, Jorge Fernandes (2007) – *Brasil, terra de esperanças – utopia e realidade na emigração portuguesa*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições.

ALVES, Jorge Fernandes (2013) – Políticas e práticas de emigração em Portugal na Primeira República (1910-1926). *Revista Porto*, vol. 2, n.º 3, p. 17-38.

BRAUDEL, Fernand (1995) – *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, vol. 1 (2.ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda.

- COSTA, Mário Jorge Martinho da (2019) – *A emigração no distrito de Coimbra através dos registos de passaportes (1835-1918)*. Porto: Universidade do Porto (tese de doutoramento em História apresentada à Universidade do Porto).
- CROCI, Federico (2008) – O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. *Locus: Revista de História*, vol. 14, n.º 2, p. 13-39.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1978) – L'emigration portugaise (XVe-XXe siècles). Une constante structural et les réponses aux changements du monde. *Revista de História Económica Social*, n.º 1, p. 5-32.
- LEITE, Joaquim da Costa (1991) – O transporte de emigrantes: da vela ao vapor na rota do Brasil, 1851-1914. *Análise Social*, vol. XXVI (3.º-4.º) (n.º 112-113), p. 741-752.
- LEITE, Joaquim da Costa (1996) – Os negócios da emigração (1855-1914). *Análise Social*, vol. XXXI (2.º-3.º) (n.º 136-137), p. 381-396.
- MATOS, Maria Izilda Santos de (2012) – Mobilidades e escritos: mensagens trocadas (São Paulo – Portugal 1890-1950). *História: Questões & Debates*, vol. 56 (jan./jun.), p. 113-136.
- MATOS, Maria Izilda Santos de (2013) – Na espera da mala postal: cartas, correspondências e mensagens trocadas entre portugueses (São Paulo – Portugal – 1890-1950). *Convergência Lusíada*, n.º 29, p. 7-21.
- MATOS, Maria Izilda Santos de (2017) – “Podes vir que aqui estou a tua espera”: a viagem e a mala do e/ímigrante na literatura epistolar de portugueses em São Paulo (1890 e 1930). In: MENEZES, Lená Medeiros de, SOUSA, Fernando de (orgs.) – *Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico - múltiplos olhares sobre a e/migração*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, p. 27-42.
- MONTEIRO, Paulo Filipe (1985) – *Terra que já foi terra: análise sociológica de nove lugares agro-pastoris da Serra da Lousã*. Lisboa: Edições Salamandra.
- MONTEIRO, Paulo Filipe (1994) – *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta Editora.
- PEREIRA, Miriam Halpern (1981) – *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*. Porto: A Regra do Jogo.
- PEREIRA, Miriam Halpern (2013) – A Primeira República e a política de emigração. *Revista IHGB*, vol. 459, p. 77-90.
- PIMENTEL, Soraia Cristina da Silva (2014) – *Emigrar em tempos de guerra: a emigração do distrito de Coimbra entre 1914-1918*. Coimbra: Universidade de Coimbra (dissertação de mestrado em História, na área de especialização em Época Contemporânea apresentada à Universidade de Coimbra). Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/27427> (acedido em 04/06/2020).
- RODRIGUES, Henrique Fernandes (2010) – Imagens da emigração oitocentista na correspondência enviada ao Brasil. *Cadernos de História*, vol. 11, n.º 15, p. 94-138.
- RODRIGUES, Henrique Fernandes (2017) – Emigração do Alto Minho e a saudade nas escritas familiares de oitocentos. *CEM/cultura, espaço e memória*, n.º 8, p. 373-389.
- SERRÃO, Joel (1976) – *Testemunhos sobre a emigração portuguesa – Antologia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SERRÃO, Joel (1982) – *Emigração portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SILVA, Brasilina Pereira da (2014) – *Cartas de chamada. A dimensão familiar da emigração*. Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/cartas-de-chamada-a-dimensao-familiar-da-emigracao> (acedido em 06/02/2019).

Recensões críticas

DURAN, M. R. da C. (Org.). (2012) – *Triunfos da Eloquência: Sermões reunidos e comentados: 1656 a 1864*. Niterói: Editora da UFF, 173 p.

por CARLOS GUARDADO DA SILVA
Professor Auxiliar com Agregação
Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa
carlosguardado@campus.ul.pt
ORCID: 0000-0003-1490-8709

Tema de escassos estudos de fôlego maior, a parenética (= oratória sacra) e os sermões têm conhecido poucos cultores que lhe dediquem investigação continuada e, quando possível, novas perspectivas de análise. Entenda-se a parenética como os sermões pregados de natureza pastoral, catequética e apologética, que visavam, através de uma mensagem de salvação, ensinar e persuadir, pela palavra e pelo gesto, os ouvintes, enquanto os sermões, propriamente ditos, incluem “os subgéneros encomiástico (panegírico e oração fúnebre), de precatório (prece), eucarístico (a ação de graças) e gratulatório (regozijo)” (Marques, 2001, p. 471).

Ousando cometer alguma injustiça involuntária, relembremos, a título de exceção e relativamente às últimas quatro décadas, os nomes e os títulos de João Francisco Marques (*A parenética portuguesa e a dominação filipina*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986; *A parenética portuguesa e a Restauração: 1640-1668*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.), Roberto Acízelo de Souza (*O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999), Federico Palomo (*Fazer dos campos escolas excelentes: os Jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal: 1551-1630*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003) e a editora do livro em análise, Maria Renata da Cruz Duran (*Retórica e eloquência no Rio de Janeiro: 1759-1834*. 2009. Tese de Doutoramento; *Ecoss do Púlpito: a oratória sagrada no tempo de D. João VI*. São Paulo: UNESP, 2010), que os tornam autores de referência obrigatória neste campo científico.

A estes títulos junta-se *Triunfos da eloquência: sermões reunidos e comentados: 1656 a 1864* (2012), obra organizada por Maria Renata da Cruz Duran, com uma plêiade de autores, de Portugal e do Brasil, que têm igual-

mente dedicado a sua atenção aos estudos da parenética e da sermonística. Cada um dos autores selecionou um sermão de oratória sagrada, aqui publicado, dedicando-lhe um estudo, que o antecede.

O primeiro estudo é de Isabel M. R. Drumond Braga, “Eloquência, cativo e glorificação: o sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do resgate geral de cativos de 1655”, precisamente sobre a temática dos cativos, assunto a que a autora tem dedicado atenção em diversos estudos. Para tal, parte da breve apresentação do estado da arte, situando os estudos de parenética no tempo, no espaço e em termos de temática. Neste aspeto em particular, identifica os sermões como fontes privilegiadas para o estudo das resistências e consolidações políticas, por exemplo, no contexto da afirmação da independência portuguesa no período da Restauração, bem como no período da Guerra Peninsular, face à ofensiva napoleónica; também, enquanto instrumentos de propaganda e de combate às heresias, de disciplinamento moral e de evangelização das populações, ou com objetivos encomiásticos, tendo por alvo os santos e a Virgem, e pregados em atos festivos, quer por ocasião de festas religiosas, quer em eventos comemorativos associados à família real.

De seguida, oferece ao leitor o contexto do cativo, que implicava a redução de um indivíduo à condição de cativo por motivos religiosos da qual poderia sair mediante o pagamento de um resgate, de modo a compreender-se o objetivo da pregação do sermão em análise, bem como a melhor interpretar o processo de exortação dos fiéis à piedade popular e à glorificação da Ordem Trinitária, que tinha por missão o resgate dos cristãos cativos. O estudo termina com a publicação do *Sermão que pregou o padre doutor frei José de Santa Maria, lente de prima de teologia no convento da Santíssima Trindade de Lisboa, na solene procissão do resgate geral, que se celebrou em 23 de dezembro de 1655 [...]*, em Lisboa. Aqui se entende, como é relevado por Isabel Drumond Braga, o caráter assistencial do sermão, assim como a articulação da pregação da palavra com a procissão, em que se apresentavam os cativos durante a celebração pública, exortando os fiéis para a dádiva de esmolas.

O segundo estudo, “António de Sá”, é assinado por Gilson José dos Santos e José Américo Miranda, tendo por centro, precisamente, uma leitura crítica da vida (e da obra) do padre jesuíta António de Sá (1617-1768), “pregador evangélico modelar” contemporâneo, amigo e discípulo do padre de António Vieira. Estes e o padre Eusébio de Matos seriam decisivos para a afirmação do sermão como género literário na América portuguesa em meados do século XVII. A António de Sá dedicara Gilson José Santos a sua

dissertação de mestrado em Estudos Literários – Literatura Brasileira, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte), em 2006, *Sermão do Dia de Cinza, do padre Antônio de Sá: edição e estudo crítico*, sob a orientação de José Américo Miranda. O estudo termina com a edição anotada, por este, do *Sermão do Dia de Cinza*, o mais célebre dos sermões que Antônio de Sá pregou ao longo da sua vida, editado pela primeira vez em 1669. Não é, porém, a análise do sermão pregado na Capela Real, em Lisboa, no período da Quaresma, em que “o orador procura persuadir o monarca português e a sua corte ao temor de Deus e à piedade” (Santos, 2008, p. 144) em virtude do reconhecimento da mortalidade do homem. A sua análise, em termos da estrutura correlativa, foi efetuada em outro local, referido acima, e replicada em 2008.

O estudo seguinte, “Quando Deus era brasileiro: os sermões do tempo do Rei”, é de Roberto de Oliveira Brandão, que também publicou *A oratória no Brasil* (Editora Verbo, 1999), tendo por foco o *Sermão de ação de graças que na igreja de S. Pedro da Corte de Rio de Janeiro, pelo restabelecimento da saúde de Sua Magestade Imperial, pregou o p. M. Pregador Imperial F. Francisco de S. Paio* [c. 1822], no período de transferência da família real portuguesa para o Brasil, após 1808. O autor parte de uma breve caracterização do lugar do sermão na literatura brasileira e do contexto histórico, que evidenciava tensões, destacando-se a da afirmação da política colonialista dos portugueses face às aspirações independentistas dos brasileiros. Pois a presença de D. João VI no Rio de Janeiro e a consequente modernização da cidade, dotando-a de organismos da administração pública e de serviços culturais, favoreceu a criação de condições e expectativas de autonomia para o Brasil. O sermão em análise, feito em ação de graças pelo restabelecimento da saúde do Príncipe Regente, em quem a maior parte dos brasileiros depositava a esperança de independência, assume um objetivo eminentemente político. Questão de relevância, quando se reconhece em frei Sampaio o papel de conselheiro do príncipe regente e, por esta via, a influência que teria mais tarde no aconselhamento do monarca D. Pedro no processo independentista. A esse propósito, lembra Roberto de Oliveira Brandão, a frei Sampaio se deve a redação do “Manifesto do Povo do Rio de Janeiro, de 29 de dezembro de 1821, em nome do Clube da Resistência, que resultou no “Dia do Fico”, de 9 de janeiro de 1822. Neste dia, tendo já D. João VI regressado a Portugal, em 26 de abril de 1821, o príncipe regente D. Pedro declarou que não cumpriria as ordens das Cortes portuguesas, que exigiam o seu regresso a Portugal, tendo permanecido no Brasil. Deste modo, o assunto do sermão adquire relevân-

cia, uma vez que o estado de saúde do príncipe poderia colocar em causa essa esperança de uma independência anunciada, assim como evidencia objetivos não só de índole espiritual, mas também política presentes nos sermões e, neste caso particular, de frei Sampaio, um elemento empenhado no processo de independência do Brasil.

O quarto estudo, “Como persuadir um imperador? As instruções de frei Francisco do Monte Alverne para D. Pedro”, é de Maria Renata da Cruz Duran. Sendo o pregador um espelho, quer do príncipe, quer da população, a autora parte da contextualização do ensino da retórica para os oradores sagrados, remontando ao século XVIII e, de modo particular, ao período pombalino, para oferecer-nos as bases para o entendimento da publicação *O verdadeiro pregador do século XVIII*, em 1789, cuja autoria se desconhece. Aqui emerge um novo modelo, que negava o tipo de sermão pregado nas centúrias anteriores, que se opunha à retórica jesuíta, em sintonia com a reforma de ensino, e de modo particular a ocorrida na Universidade de Coimbra, em 1772, na sequência da expulsão dos jesuítas em Portugal, em 1759. Todavia, as novas ordens religiosas – franciscanos, dominicanos, oratorianos e beneditinos -, que passaram a ocupar os púlpitos, também não possuíam a erudição necessária, que se exigia a um pregador, isto é, a quem “falava pelo e para o rei” (p. 90). Neste contexto, a retórica afirmara-se no quotidiano fluminense a partir de 1808, sendo valorizada a figura do pregador, de que é testemunho a nomeação de 15 pregadores reais, quando o Príncipe Regente e a família real chegaram ao Brasil. Reconhecia-se o seu papel missionário, mas também instrutivo crucial na formação da opinião pública, como defendera Francisco de Monte Alverne (Rio de Janeiro, 1783 – Niterói, 1858), um exemplo notável de pregador de então. Por isso mesmo, o estudo termina com a publicação do *Segundo panegírico de São Pedro de Alcântara pregado na Capela Imperial, no dia 19 de outubro de 1854*, por frei Francisco de Monte Alverne, o mais célebre pregador no tempo de D. João VI no Brasil, um texto encomiástico a São Pedro de Alcântara, nomeado padroeiro do Brasil, em 1826. Antes, porém, oferece-nos uma síntese biobibliográfica de Monte Alverne, tendo por base as *Obras Oratórias* (Rio de Janeiro, Garnier, 1856, 1858, respetivamente tomos 1 e 2), figura através da qual é perceptível observar, enquanto se revitalizavam muitas paróquias fluminenses, o papel dos pregadores no levantamento do trono no Brasil.

O último estudo, “Sermonística e a introdução do protestantismo no Brasil no século XIX: Ashbel Green Simonton”, é de João Leonel, em que seleciona e publica *Tudo está cumprido. Sermão sobre a paixão de nosso*

Senhor Jesus Cristo, do fundador da Igreja Presbiteriana no Brasil, o pastor e missionário norte-americano Ashbel Green Simonton. João Leonel começa por efetuar um breve esboço biográfico de Ashbel Green Simonton (1833-1867), um cristão presbiteriano devoto, situando-o no contexto dos Estados Unidos da América de meados de oitocentos, em que se encontrava em desenvolvimento a doutrina do “Destino Manifesto”, isto é, a “crença de que a nação americana estava destinada por Deus a expandir sua influência por todo o continente, da costa pacífica à atlântica, para propagar os princípios da liberdade e da verdadeira religião” (p. 126). Ainda que a expressão tenha sido cunhada apenas em 1845, o seu conteúdo estava bem arraigado na população americana, sendo essencial para a compreensão das aquisições de partes do território, maioritariamente ocupadas por populações de origem católica, que vêm a fazer parte do país e que se encontravam até então sob domínio de outros países como França, Espanha, México e Reino Unido, bem como a explicar o movimento missionário para o exterior. Depois, debruça-se sobre a formação dos pastores presbiterianos, em que é destacada a Homilética, isto é, a arte da eloquência do púlpito, imprescindível para a composição dos sermões, assim como para a sua pregação. Por fim, efetua uma breve referência à introdução do protestantismo no Brasil, que remonta ao século XVI, por intermédio dos huguenotes franceses no Rio de Janeiro, seguindo-se no Nordeste, no século XVII, por via dos holandeses reformados. Também, encontrava-se introduzido o protestantismo inglês no Brasil, sobretudo depois do Tratado de 1810 com Inglaterra, que concedia liberdade religiosa aos estrangeiros e permitira o surgimento de capelanias estrangeiras nos grandes centros urbanos, quando, em 12 de agosto de 1859, Ashbel Green Simonton chegou ao Rio de Janeiro, tendo conseguido organizar a primeira igreja presbiteriana em território brasileiro, naquela cidade, em 1862. Aqui pregaria a maior parte dos seus sermões, que evidenciam o seu caráter doutrinário e evangelizador, como o que aqui se publica.

Em suma, estamos perante uma obra que reúne cinco notáveis estudos, produzidos por seis autores, do Brasil e de Portugal, com formações que abrangem a História e os Estudos Literários, permitindo uma interpretação interdisciplinar. Por sua vez, os sermões escolhidos são representativos do papel e do valor – catequético, moral, cultural, educativo, social e político - da parenética e da sermonística dos dois territórios – Portugal e Brasil -, entre 1656 e 1864. Estudos que testemunham, portanto, distintos *Triunfos da Eloquência*, explicando-se, deste modo, a pertinência e a oportunidade do título da obra. Enfim, razões suficientes para a sua leitura.

Referências Bibliográficas

- MARQUES, J. F. (2001) – «Oratória sacra ou parenética». In: AZEVEDO, Carlos Moreira de, (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, Universidade Católica Portuguesa, P-V, p. 470-510.
- SANTOS, G. J. (2008) – Sermão do Dia de Cinza, do padre Antônio de Sá (Rio de Janeiro, 1620-1678): um caso de estrutura correlativa. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [S. l.], v. 28(40) (dez. 2008), p. 125-144. <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6559>.

BAUC VOL. XXXIV, N.º 1

NOTA DE APRESENTAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PESQUISA ARQUIVÍSTICA

O arquivo de Marie-Louise Bastin: descrição do acervo
Anabela Costa; Líliliana Isabel Esteves Gomes; Ana Luísa Santos

ESTUDOS

Um olhar sobre o cartório medieval da câmara de Elvas (com transcrição integral do livro de receitas e despesas municipal de 1432-33)
Joana Sequeira; Sérgio Ferreira

Literatura Novilatina na Recepção ao Novo Bispo de Coimbra
D. Afonso Furtado de Mendonça no Colégio dos Jesuítas
António Guimarães Pinto

Cartas de emigrantes:
outra visão da emigração no distrito de Coimbra para o Brasil (1916)
Mário Jorge Martinho da Costa

RECENSÕES CRÍTICAS

DURAN, M. R. da C. (Org.). (2012) – Triunfos da Eloquência:
Sermões reunidos e comentados: 1656 a 1864. Niterói: Editora da UFF, 173 p.
Carlos Guardado da Silva

ISSN

0872-5632
2182-7974

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA

Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra
Arquivo da Universidade de Coimbra
Rua de S. Pedro, 2, 3000-370 Coimbra, Portugal
URL: <http://www.uc.pt/auc>